UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRO REITORIA DE GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO (MESTRADO) EM HISTÓRIA

Paulo Roberto Carneiro Pontes

A construção da harmonia: O Socialista da Província do Rio de Janeiro (1845) e o conceito de socialismo na década de 1840.

Niterói

2019

PAULO ROBERTO CARNEIRO PONTES

LINHA DE PESQUISA: POLÍTICA, MOVIMENTOS SOCIAIS E MEMÓRIA.

A Construção da Harmonia: O Socialista da Província do Rio de Janeiro (1845) e o conceito de Socialismo no Rio de Janeiro na década de 1840.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Calazans Falcon

NITERÓI

2019

CIP - Catalogação na Publicação

P814

Pontes, Paulo Roberto Carneiro
A construção da harmonia: o Socialista da Província do Rio de Janeiro (1845) e o conceito de socialismo na década de 1840 / Paulo Roberto Carneiro Pontes. -- Niterói, RJ, 2019.
x, 1-219p.
[Numeração da publicação: [i] –x, 1-219]
Referências: P. 210-219.

Orientador: PhD Francisco José Calazans Falcon
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, 2019.

1. Socialismo - História – 1840-1845. 2. Periódico 3. Rio de Janeiro (RJ). I. TÍTULO.

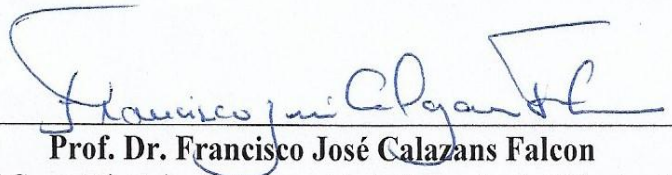
CDD 981.91053

Elaborado pela Biblioteca Rachel de Queiroz, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Sirléia Rodrigues de Mattos - CRB-7/5230.

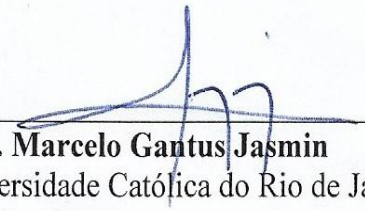
PAULO ROBERTO CARNEIRO PONTES

"A CONSTRUÇÃO DA HARMONIA: O SOCIALISTA DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO E O CONCEITO DE SOCIALISMO NA DÉCADA DE 1840"

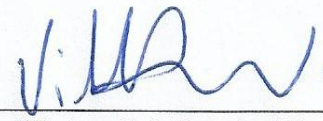
Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 11 de novembro de 2019 pela banca examinadora, composta pelos professores:



Prof. Dr. Francisco José Calazans Falcon
Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof. Dr. Marcelo Gantus Jasmin
Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)



Prof. Dr. Vivian Cristina da Silva Zampa
Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

Dedicatória

Dedicada a todos os que se colocam à esquerda no espectro político

Epígrafe

“A Fourier pelo triumpho de sua doutrina de caridade, de amor e de harmonia!”
“O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro”, 22 de setembro de 1845.

RESUMO

A presente dissertação visa compreender o conceito de socialismo no jornal "O Socialista da Província do Rio de Janeiro" através da sua relação com a imprensa da época e com os escritos socialistas de seu tempo. A análise do conceito é feita tanto pelas ideias que surgiam nos meios intelectuais, mas também através da sua percepção e anotação nos dicionários históricos e etimológicos que se propõem a traçar as origens e transformações históricas de significados atribuídos a esse conceito. Outro ponto de investigação desta análise se dá através da busca minuciosa dos significados atribuídos ao conceito como foi evocado nos jornais do Rio de Janeiro na década de 1840. Nesta dissertação é abordada a especificidade do conceito de "socialismo" e sua relação com a sociedade brasileira, assim como a inserção deste periódico na esfera pública da corte imperial brasileira que nesse momento recebia um grupo de imigrantes franceses envolvidos com uma das primeiras experiências de colonização socialista, o falanstério do Saí, em Santa Catarina.

Palavras Chave: História dos conceitos, Socialismo, Imprensa, Brasil Imperial, Positivismo, Ecletismo

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the concept of socialism in the newspaper "The Socialist of the Province of Rio de Janeiro" through its relationship with the press of the time and the socialist writings of its time. The analysis of the concept is made both by the ideas that arose in the intellectual media, but also through their perception and annotation in the historical and etymological dictionaries that propose to trace the historical origins and transformations of meanings attributed to this concept. Another point of investigation of this analysis is through the thorough search of the meanings attributed to the concept as evoked in the newspapers of Rio de Janeiro in the 1840s. This dissertation addresses the specificity of the concept of "socialism" and its relationship with Brazilian society, as well as the insertion of this journal in the public sphere of the Brazilian imperial court, which at that time received a group of French immigrants involved with one of the first experiences of socialist colonization, the Saí phalanx in Santa Catarina.

Keywords: History of the concepts, Socialism, Press, Imperial Brazil, Positivism, Eclecticism

Sumário:

INTRODUÇÃO.....p.1

CAPÍTULO I – AMBIENTANDO UMA IDEIA – O contexto em que surge *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro.*

1.1 Um panorama político do Brasil e da Província do Rio de Janeiro na década de 1840.....p.11
1.2 As origens do socialismo Conceituações gerais p.20
1.3 Síntese das ideias de Fourier, Saint Simon e de seus seguidores.....p.30
1.4 Os primórdios da implantação do socialismo no Brasil e no Rio de Janeiro: A Experiência do Saí. Mure e os colonos da *Union Industrielle*.....p.45

CAPÍTULO II - DIVULGANDO UMA IDEIA a imprensa fluminense e os artigos socialistas em jornais do Rio de Janeiro na década de 1840.

2.1 A Imprensa no início do 2º Reinado: a década de 1840 .....p.57
2.2 O "socialismo" na imprensa do Rio de Janeiro nos anos de 1840-44.....p.70
2.3 O conceito de "ciência social" no discurso de publicações socialistas do Rio de Janeiro. (1844).....p.78
2.4 - Análise do conceito de "Progresso" nas páginas de *O Globo* (1844).....p.87

CAPÍTULO III – Uma análise das ideias do jornal "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" a partir do conceito de "horizonte de expectativas" de Reinhart Koselleck. p.....96

3.1 A História do conceito de "socialismo": uma visão da lexicografia. p.102
3.2 O conceito de "socialismo" no "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro". p.110

3.3 Temas fundamentais ao “socialismo” do “Socialista da Provincia do Rio de Janeiro”. p.124
3.3.1 A Educação no Brasil e a “didática jacotista” p124
3.3.2 A O projeto social da homeopatia: a medicina gratuita e ao alcance de todos.....p.137
3.3.3 O Conceito de “economia social” no “Socialista da Província do Rio de Janeiro” e nos demais jornais da década de 1840.....p.160
3.4 Temas complementares ao conceito de socialismo: os artigos com temáticas do “socialismo” no “Socialista da província do Rio de Janeiro”. p.173
3.4.1 A questão do trabalho: organização e o direito. Os novos significados para o conceito de “trabalho” sob a ótica socialista. p.173
3.4.2 O artigo “Política social” e o socialismo internacional: A união dos povos do continente americano e a soberania do continente frente à Europa. p.180
3.5 o Socialismo e seus contrários: conceitos e contra-conceitos. p.185
3.5.1 – O “socialismo” contra o “liberalismo” p.185
3.5.2 - O “Socialismo” contra o “Comunismo”: a divergência conceitual na imprensa do Rio de Janeiro(1840-47) p.197

Considerações Finais p.206

Fontes.....p.210

Bibliografia p.212

INTRODUÇÃO

Inicialmente cabe registrar os motivos pelas quais escolhi realizar o presente trabalho. Sua concepção partiu da observação da falta de estudos mais aprofundados sobre o jornal "O Socialista da Província do Rio de Janeiro", sobre sua relevância no cenário de seu tempo e seu conteúdo. É consenso entre pesquisadores do socialismo que o surgimento de um periódico com este nome na década de 1840 é algo que parece, um tanto precoce e distante da realidade política brasileira, tanto na sua formação intelectual, quanto no aspecto econômico e social.

As questões que se apresentam seriam: como brasileiros se apossaram do termo "Socialismo" para idealizarem e realizarem suas práticas políticas? Como surge um grupo de pessoas que se intitulam socialistas em uma sociedade escravista, monarquista e que não vivenciava uma realidade capitalista tão intensa como se operava na Europa? Compreender esse conceito se operando nesse ambiente foi um dos impulsionadores da futura investigação.

Nenhum comentário crítico se encontra sobre esse jornal na maioria dos grandes manuais da História da Imprensa Brasileira[1]. Apenas nos livros que tratam da produção jornalística em Niterói e alguns dedicados à Imprensa social no Brasil, que em geral tratam de publicações posteriores e apenas citaram o jornal "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" sem análises mais aprofundadas. Porém, ainda que haja uma lacuna acerca desse periódico nesses manuais, recentemente ele ganhou espaço sendo citado em alguns trabalhos acadêmicos com os de Ivone Gallo, Adalmir Leonildo e Fania Fridman[2] entre outros que questionaram o conteúdo político desse jornal e dos legados que deixaram alguns escritores que divulgavam as ideias socialistas aqui no Brasil ao longo da década de 40 do século XIX. Esses trabalhos serão levados em consideração e servirão de base ao longo do desenvolvimento das análises. A tese de Ivone Gallo[3] que tenta assimilar as colaborações do chamado "socialismo utópico" nas práticas políticas realizadas na década de 40 do século XIX no Brasil é o de maior relevância para despertar as

[1]VIANNA, Helio - *Contribuição para a história da Imprensa brasileira (1812-1869).* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945; SODRÉ, Nelson Werneck de, *Historia da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Martins Fontes, 1983. (3ª ed.); BAHIA, Juarez, *Jornal: História e Técnica, a História da Imprensa Brasileira.* São Paulo: Ática, 1990. Entre os que citam o Socialista da Provincia do Rio de Janeiro pode se incluir: RODRIGUES, Edgard – *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*, Florianópolis: Ed. Insular, 1997 e LINHARES - *Contribuição a História das lutas operárias no Brasil*. São Paulo: Alfa e Omega, 1977.
TINOCO, Godofredo - *Imprensa Fluminense*. Rio de Janeiro: liv. São José, 1965

[2]FRIDMAN , Fania - *Socialismo Romantico e a cidade do Rio de Janeiro*. ENANPUR, São Paulo, 2017. GALLO - *A aurora do socialismo: Fourierismo e o Falanstério do Saí(1839-1850)* tese de doutorado, Unicamp, Campinas, 2002. LEONILDO, Adalmir - História do socialismo utópico no Brasil. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, vol. VIII, ano 4, n.º 2, dezembro de 2009.

[3]GALLO, Ivone *op. cit*. 2002.

principais questões que pretendo trazer a tona para debate nesta dissertação. Os estudos acerca da militância socialista[4] que se operou nas páginas de outros periódicos brasileiros também servirão de norte para iniciar e desenvolver a pesquisa.

Outro trabalho acadêmico que me inspirou a realizar essa dissertação foi o trabalho de Tiago Adão Lara[5], que tratou das raízes cristãs do pensamento de Antônio Pedro de Figueiredo. O livro do historiador paranaense tratou de fontes similares às que pretendo utilizar, em um período muito próximo: a década de 1840. Esse livro se propõe a compreender um idealizador do socialismo na província de Pernambuco, um importante reduto intelectual e de movimentação de um ideário político pertinente às formas como se pensava essa política na Europa e nos centros mais cosmopolitas brasileiros, onde circulavam as ideias dos letrados de meados do século XIX.

Outro item que pode ser considerado um dos pontos de partida da análise é a leitura do livro *O Socialismo* do General Abreu Lima. Essa obra já se tornou referencia desse Socialismo à brasileira que associa as ideias socialistas com os ideais cristãos entre outras práticas que não fazem parte de um cânone que nos dias de hoje é diretamente associado ao conceito de socialismo. De fato, neste trabalho pretende-se desenvolvernão apenas as ligações religiosas que esses escritos têm com o socialismo, mas descobrir a relação com a nascente ciência social, que se expressou de diversas maneiras sob o conceito de "socialismo" desde os primórdios de seu surgimento e sua expanção. No geral seria praticamente impossível dissociar completamente o pensamento socialista brasileiro do cristianismo. Porém, a busca pelas demais influências, de filósofos socialistas são o foco principal do que se pretende discorrer nesta dissertação.

Também posso apontar como um dos motivadores para a pesquisa, que será voltada para o estudo de conceitos políticos divulgados em jornais do período imperial, a monografia que apresentei para a aquisição do grau de bacharel em História, que teve uma temática similar. Pesquisei o conceito de "anarquia" na década de 30 do século XIX, e como ela se reproduziu no jornal "O Anarchista Fluminense", periódico que circulou na mesma cidade que "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" em Niterói, dez anos antes (1835). A partir dessa pesquisa que realizei, me enveredei pelos caminhos dos estudos de História da Imprensa, e da análise da retórica política, e dos conceitos políticos trabalhando com esses mesmos objetos e perspectivas de análise em projetos diversos durante a graduação e depois dela. Tendo por continuidade essa linha de estudos que abracei, no presente estudo pretendo desenvolver uma análise sobre o discurso de outro periódico fluminense que, uma década depois, no ano de 1845 também chama a

[4]PENNA, Lincoln de Abreu - *Imprensa e política no Brasil: a militância política do proletariado*. Rio de Janeiro, e-papers, 2007.
[5]LARA, Tiago Adão - *As raízes cristãs do pensamento de Antônio Pedro de Figueiredo*. Londrina, Ed. UEL 2001.

atenção pela escolha de um conceito cuja utilização se fez de maneira bastante precoce e peculiar no Brasil.

A meta desse trabalho é analisar o conceito de "Socialismo" que eles se apropriaram e quais os projetos que encampavam em seus escritos. Esse é o problema que será analisado.

Tendo em vista ser o periodico uma fonte textual com o objetivo de ser difundido e ter o ideário divulgado, podemos levar em consideração a proposta do texto político publicado em jornais que seria de funcionar como um ato de fala com a proposta de atingir um grande número de pessoas. As ideias políticas estariam sendo postas para serem consumidas, para serem decodificadas por mentes que absorveriam essas ideias de modo a identificar reconhecimentos em arcabouços já compreendidos e assimilados outrora. Reconhecimento e transformação poderiam ser as ações de um leitor desse tipo de conceito, lançado por via de um escrito de fácil aquisição. A possibilidade de ter o discurso político lido reconhecido e posteriormente encampá-lo e novamente divulga-lo se faz uma progressão onde se agregam valores que se somam mentalmente ao receptor destas ideias que será único. A ressignificação da recepção a divulgação posterior a terceiros gera um emaranhado de linguagens e de significâncias a quais pretendo me debruçar com o intuito de realizar uma História Intelectual dos conceitos.

Seguindo essa perspectiva de análise, podemos levar em consideração duas grandes abordagens para o estudo das ideias e dos conceitos políticos: a chamada Escola de Cambridge, ou enfoque "collingwoodiano" (com destaque para Quentin Skinner e John Pocock)[6] e a *Begriffsgeschichte* (História conceitual alemã), cujo principal nome é Reinhart Koselleck.

O presente trabalho se proporá a tarefa sugerida por Koselleck. Segundo a análise deste autor, cada conceito seria sempre concomitantemente "fator" e "indicador", ou seja, cada conceito não seria apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico, ele é também diretamente indicativo de algo que se situa para além da língua pois ao se formular um conceito pode-se pensar a realidade histórica e conceber a constituição daquilo que ele quer remeter-se a partir de um "fato" linguístico pensando-se uma realidade concreta.[7] Há que se preocupar com a relação entre conceito e conteúdo mas não apenas se resumindo a linguagem, a Hermenêutica.

Para realizar o desdobramento desse procedimento exige-se, segundo a análise de Koselleck a contextualização dos termos em unidades maiores num conjunto de textos como livros, panfletos, manifestos, cartas e outros jornais. "Todo conceito está imbricado em um

[6]FALCON, Francisco – "História das ideias" in: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997 p. 113.
[7]KOSELLECK – "Sobre a prática da História dos conceitos". *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5 n.10, 1992. p. 136

emaranhado de perguntas e respostas, textos/contextos".[8] Sendo assim, a escolha de uma determinada palavra, de um determinado conceito para expressar alguma realidade concreta é feita a partir de uma seleção que priorizaria a escolha de uma palavra sobre outras também disponíveis numa mesma língua. "A História dos conceitos pode ser pensada a partir de um procedimento metodológico que poderíamos chamar de seleção daquilo que diz respeito a um conceito e daquilo que não diz respeito".[9]

Na análise de Koselleck há um destaque de suma importância para a análise dos conceitos. A questão da "diacronia" e da "sincronia" A "sincronia" teria a ver com a utilização de um conceito em um mesmo tempo histórico. Já a "diacronia" seria uma proposta de análise em tempos históricos diferenciados, o que envolveria análises diferenciadas para o conceito que se pretende estudar.

O estudo proposto analisará o conceito em um tempo específico também considerado "sincrônico" segundo a perspectiva da "Diacronia" e da "Sincronia". Mais do que sondar quando e como estariam inseridos os conceitos, a análise do caráter único que cada intelectual dará a ele será sempre algo a se considerar na História intelectual de Koselleck. Este ponto que Koselleck coloca em destaque para esse tipo de análise propõe que "todo conceito só pode enquanto tal ser pensado, falado e expressado uma única vez". "O que significa que sua formulação teórico abstrata relaciona-se a uma situação concreta que é única"[10].

No caso do "Socialista da Província do Rio de Janeiro", esse apontamento de Koselleck se faz importantíssimo, pois na presente pesquisa há muitos condicionantes para a geração de um pensamento político peculiar, frente à realidade do meio circulante: Niterói bem próxima da capital do Brasil, a Corte Imperial, e a sua formação escravocrata fruto de um processo colonial. Diante das preposições, apresentam-se as seguintes problemáticas: Como o conceito de Socialismo se expressaria aqui no Rio de Janeiro, na década de 40 do século XIX? Quem seriam as pessoas que evocaram o termo e a quem desejavam eles dirigir essa palavra, divulgar esse discurso que se associa a esse conceito? Neste caso a análise dos artigos que o jornal apresenta, seriam de suma importância para balizar o conceito por meio daquilo que ele poderia representar para os que o liam. Quais seriam as seleções dos temas elencados dentro do conceito?

O socialismo, conceito que será estudado, pode ser considerado um tipo de "conceito de movimento" [11], um tipo específico de conceito que já traz na sua grafia, sua terminação, um

[8]KOSELLECK *idem* Página 137
[9]*Idem* p. 137
[10]*Idem* p. 138
[11] KOSELLECK, Reinhart – *Futuro passado: uma semântica histórica dos conceitos*. Rio de Janeiro, 2008 p. 102-103

apontamento para o futuro, para algo que possa vir a se tornar real. Esses conceitos seriam os que surgem depois de uma "época de crise", como foi o caso da Revolução Francesa. Segundo a análise de Koselleck, esses "ismos", ao serem criados, possuíam pouco ou nenhum conteúdo de experiência, ou seja, estavam muito mais no "horizonte de expectativas" do que no "espaço da experiência". Segundo ele: "os conceitos terminados em "ismo" surgem como conceitos de grupamento e de dinâmica para ordenar e mobilizar massas estruturalmente desarticuladas" (a exemplo dos conceitos de liberalismo, socialismo, e conservadorismo) e ainda "uma análise histórica dos respectivos conceitos deve remeter não só a história da língua, mas também a dados da história social, pois toda semântica se relaciona a conteúdos que ultrapassam a dimensão linguística."

Sendo assim, Koselleck complementa "a diferença temporal entre todas as formas de governo até então conhecidos e a futura constituição, parte do esperado e desejado, foi posto sob um conceito que influi diretamente no acontecer político." E finaliza afirmando que "do ponto de vista da história social, trata-se de expressões que reagem ao desafio de uma sociedade em via de transformação técnica e industrial"[12]. Essas expressões dariam ordenamento às massas, sob novas orientações, novos "lemas" para conduzir à sociedade industrial, rompendo com os valores e interesses da sociedade estamental e dos seus interesses, bem como diagnósticos científicos e políticos. Koselleck conclui então que "desde então, o conjunto do campo linguístico sociopolítico é levado pela tensão progressivamente aberta entre experiência e expectativa".

Nesse sentido Koselleck constata que as expectativas, quanto mais vão se tornando práticas mais vão gerando novas experiências e novas expectativas em torno dos conceitos. Vão deixando de ser apenas expectativas e vão se recriando em novos sentidos.

Nesta dissertação serão feitas algumas análises sobre o conceito de "socialismo", seguindo-se algumas frentes. Não apenas com foco nos artigos do jornal, mas também sobre como se situava a sua consolidação nos dicionários. Este capítulo terá uma análise do conceito não apenas referindo-se aos textos do jornal em questão e comparando-o com outras publicações do mesmo período, mas também tomando as fontes lexicais: os dicionários históricos e etimológicos, que demonstram a diversidade que pode ser agregada ao conceito. Essas expressões são fruto de experiências e expectativas que se cristalizaram nos dicionários, dando forma ao conceito ao longo do tempo. Os dicionários teriam uma grande importância para a tarefa diacrônica de análise do conceito. Nesse sentido, Koselleck afirma que: "a análise sincrônica é complementada pela

[12] *Idem*, p. 326

diacronia a redefinição científica de significados lexicais anteriores é um dos mandamentos básicos dos estudos diacrônicos."[13]

Conforme as orientações metodológicas de Koselleck, "as categorias experiência e expectativas enquanto categorias históricas equivalem a espaço ou a tempo "indicam a condição humana universal" A História pode ser percebida de duas maneiras, ela pode se composta "a partir da esperança e da recordação." Assim Koselleck chega à tese da "experiência e expectativa", como as duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas "entrelaçam passado e futuro". São adequadas também para tentar descobrir o tempo histórico pois, "enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político"[14].

Koselleck ainda lembra que "cronologicamente toda experiência salta por cima dos temas, ela não cria uma contiguidade no sentido de uma elaboração aditiva do passado."[15]

Sendo assim, tanto expectativa como a experiência não seriam opostos, mas sim, "indicariam maneiras desiguais de ser e da tensão que daí resulta pode ser deduzido algo como tempo histórico". Segundo ele, "uma não pode ser transformada diretamente na outra. Mesmo que esse resultado seja formulado como proposição irrefutável da experiência, dele não podem ser deduzidas expectativas rigorosas." Na conclusão sobre o conteúdo das experiências, Koselleck ressalta que há que se ter cuidado com o fato de que "o espaço de experiência anterior nunca chega a determinar o horizonte de expectativa"[16]. Mas, igualmente importante seria lembrar que: "a experiência não pode ser reunida sem uma expectativa retroativa".

Para realizar tal análise, é de suma importância a compreensão dos pensadores socialistas, aos quais poderíamos conceber como os originários, que escreveram suas teses e seus discursos políticos sobre o que consideravam "Socialismo". Para isso o trabalho deverá considerar a História do pensamento socialista, os textos que trazem significâncias ao socialismo mais aproximadas das que os textos do "Socialista da Província do Rio de Janeiro" produziram.

Nessa busca pela História do pensamento socialista deve levar-se em consideração, de uma forma geral os três principais pensadores do socialismo, Owen, Saint Simon e Fourier e perceber a relação que os textos a serem estudados tem com o que se podia ter como um senso comum de cada escola do pensamento socialista. No caso do presente estudo, a análise deverá ser conduzida para compreensão dos discípulos diretos desses três "pais fundadores" do socialismo enquanto proposta de um tipo de "ciência social" ou filosofia socialista.

[13] KOSELLECK, *Idem* p. 104
[14] KOSELLECK, Reinhart – *Futuro Passado* p. 307-308.
[15] Idem, p. 311
[16] Idem, 312-3

Alguns dos discípulos de Fourier, Saint Simon e Owen mantinham-se escrevendo em paralelo aos autores do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro". A busca por esses contemporâneos se dará neste estudo. As fontes que dialogavam diretamente com o *Socialista* seriam não apenas os jornais da época, mas também escritos e ensaios que foram publicados sincronicamente e dialogicamente, com o intuito de buscar aproximações e distanciamentos da política socialista que o jornal propagava. Sendo assim, talvez a "Diacronia" não seja tão distante dos pensadores originais. De fato os discípulos são bastante contemporâneos dos intelectuais que no Brasil escreveram o Socialista da Provincia do Rio de Janeiro.

O discurso lexográfico também não ficará de fora na presente análise. Os dicionários de época contribuíram para uma expectativa acerca dos significados que eram utilizados ao tempo do jornal. Conceitos ingleses e franceses assim como algumas apropriações sondáveis através de registros de dicionários de política serão necessários para avaliar a respectiva significância dada ao conceito de "Socialismo" no Brasil. Especialmente os conceitos observados em dicionários franceses serão cruciais para o estudo dos discursos políticos que serão abordados na análise. Trata-se de uma situação característica do uso pragmático da língua: "é uma situação única e neste sentido também, irrepetível.". Porém tudo é compreensível a partir da semântica. Ela é repetível Tratam-se de estruturas linguísticas que se repetem e sua repetição é necessária.

> A semântica é assim imprescindível para a comunicação linguística e para o uso pragmático da língua. É ainda imprescindível para que se possa fazer política, exercer influência social, exercer poder político, fazer revolução, enfim tudo aquilo que se possa imaginar como atos sociais e históricos. Todos esses usos pragmáticos articulados a uma língua, ou que pela língua são iniciados, vivem na verdade de uma semântica que é pré-existente e nos é dada. Dificilmente posso pressupor que uma situação revolucionária haja possibilidade de formulação de conceitos absolutamente novos em termos de semântica.[17]

A Imprensa adquire importância como objeto historiográfico no campo da história política quando é considerada a especificidade do político, em sua dinâmica singular, e as relações de mediação entre sociedade e o Estado. Trata-se de romper com as determinações absolutas de estruturas, materiais ou mentais, do economicismo às formas mais sedimentadas das mentalidades sobre o político. Deve ser destacada, assim, a relativa autonomia do politico e do papel dos

[17]KOSELLECK, *Idem,* p.141

agentes sociais, sejam indivíduos ou grupos, na construção do Estado[18], em especial na forma de construção de conceitos políticos que orientam o processo – fazendo, pois com que o político, seja a um só tempo, uma dimensão específica, justificando-se como objeto de análise, e um espaço de relação entre outras dimensões do social.[19]

Na medida em que são valorizadas as mediações entre sociedade e Estado e se entender que os conceitos, como formas de consciência, compõem a vida política, será apreçada também a imprensa. Nesse contexto, a imprensa, sobretudo a periódica, é um importante meio de construção de culturas políticas específicas, ou seja, empiricamente observáveis e de interesse historiográfico. A imprensa periódica é, portanto, meio de criação de uma cultura política, da difusão de um "sistema de referências" que alcança estratos mais diversos da sociedade, transformando a filosofia política num conjunto de conceitos compreensíveis por um contingente mais expresstivo da sociedade. Dessa forma, "a cultura política aparece, em suas diversas manifestações, como a linguagem comum simplificada"[20] A imprensa, assim, é meio privilegiado da pedagogia política em busca da hegemonia[21].

As ideias socialistas se expandem e são apropriadas pelos agentes políticos diversos de maneiras bem ramificadas e bem peculiares de acordo com as localidades geográficas e com o histórico do desenvolvimento do pensamento político em cada região. Buscar uma característica que seja particular ao caso fluminense foi um dos pontos a se atingir com essa pesquisa. Mas, de fato, compreender as formas como ele se liga ao cristianismo e à igreja católica, aos ideais iluministas e demais escolas filosóficas, assim como às leituras feitas por uma sociedade escravista e com uma orientação bastante diferente daquelas sociedades capitalistas que estavam se consolidando como potências, se faz de suma importância. Uma reflexão que se faz imperiosa portanto é a desse novo modo de pensar o trabalho, o trabalhador, e as relações sociais que se configuravam nessa sociedade peculiar, brasileira, desprovida de um desenvolvimento capitalista naquele momento.

Para melhor compreender o lugar social ocupado pelos jornais em Niterói e na côrte, parto das premissas estabelecidas por Jürgen Habermas em *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*[22]. A categoria esfera pública pressupõe a existência de seu diretamente oposto, a esfera privada, o que não significa uma

[18]RÉMOND, Renè - Do político. *In Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996 páginas 444-445.
[19]ROSANVALLON, Pierre – "Por uma história conceitual do político". *Revista Brasileira de História*, v. 15, n.30, 1995.
[20]BERNSTEIN, Os partidos. *in*: RÉMOND – *op. cit.*1996 p. 88
[21]GRAMSCI, Antonio – *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002, v.1 p. 399
[22]HABERMAS, Jürgen - *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

separação intransponível entre essas duas esferas. Pelo contrário, Habermas aponta para a constante tensão entre as delimitações de cada uma dessas esferas, de barreiras maleáveis que se estabelecem de acordo com diferentes conjunturas.

Entendendo a esfera pública na sociedade burguesa como "esfera de exercício de poder", Habermas interpreta sua estabilização nessas sociedades como parte necessária da dissociação entre Estado e sociedade. É a partir disso que se estabelece um espaço em que os indivíduos, que de maneira coletiva compõem o público, vão atuar, no intuito de impor as suas opiniões. A esfera pública é onde os indivíduos interferem em defesa do bem público, ou mesmo de seus interesses privados.

Nesse sentido, o papel da imprensa como privilegiado espaço de trocas mútuas entre as aspirações privadas e o bem coletivo é latente. Seu desenvolvimento ocorre paralelamente ao crescimento das cidades: a imprensa é o meio pelo qual os que integram essas sociedades urbanas agem frente ao poder público exercido pelo Estado.

Eram dois os principais meios de atuação na esfera pública: as associações de ajuda mútua organizadas por afinidades políticas, culturais ou religiosas, e a imprensa escrita. Tratando das práticas pelas quais as associações e a imprensa atuavam no debate público.

Para a realidade brasileira, a generalização feita é válida, ainda que o debate empreendido na tribuna também tenha tido bastante influência na esfera pública. A tribuna influía de duas maneiras: direta, através das mudanças efetivadas na legislação do país e suas implicações práticas na vida das pessoas e indireta, associada à imprensa. Nesta última, as resoluções governamentais são questionadas publicamente antes da tomada formal de decisões, o que pode significar, em última análise, uma participação efetiva nos resultados políticos advindos do Estado.

Também partindo da mesma categoria, Marcello Otávio N. de C. Basile em sua dissertação de mestrado, *Anarquistas, Rusguentos e Demagogos: os liberais exaltados e a formação da esfera pública na Corte Imperial (1829 – 1834)*[23], contribui para se pensar o debate político inserido na concepção de esfera pública. Nesse trabalho, Basile demonstra como a atuação dos liberais exaltados - grupo que conseguiu maior visibilidade a partir da crise política que culminou com o fim do governo de D. Pedro I e que atuou até a promulgação do ato adicional de 1834 – modelou a esfera pública naquele momento. Primeiramente ampliando suas margens com críticas ferozes aos modelos políticos estabelecidos no país, esse grupo político chegou a propor medidas como a república, o federalismo e a separação entre o Estado e a Igreja. Posteriormente, perdem força e as

[23]BASILE, Marcello Otávio N. de C. *Anarquistas, Rusguentos e Demagogos: os liberais exaltados e a formação da esfera pública na Corte Imperial (1829 – 1834).* Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: Programa de pós-graduação em História Social – UFRJ, 2000.

margens da esfera pública encolhem novamente, com a queda considerável no número de periódicos em circulação e no número de associações políticas.

Na atual proposta ocorrerá algo semelhante às referências citadas, combinando-se métodos de estudo dos conceitos, sua relação com a história social e a difusão de ideias por meio da imprensa.

CAPÍTULO I – AMBIENTANDO UMA IDEIA – O contexto em que surge "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro".

1.1 Um panorama político do Brasil e da Província do Rio de Janeiro na década de 1840.

A década de 1840 inicia um novo momento para todo o Império do Brasil. D. Pedro II é aclamado Imperador e segue-se a tarefa de manter o Império unido e de gerir essa nação que não contava nem 20 anos de independente. A turbulência do período Regencial já não existia mais com exceções para o Rio Grande do Sul e o Pará que ainda mantinham-se com conflitos fruto das revoltas iniciadas nesse período anterior a antecipação da maioridade de D. Pedro II. Tal movimentação política, todavia, não produzia agitações expressivas que pudessem ameaçar o governo central. E isso se pode aferir tanto relativamente a movimentos políticos, como nas práticas mais particulares, no que tange ao debate intelectual de artigos publicados nos jornais e na atuação das demais sociedades que lutavam por seus anseios políticos e discutiam, doutrinavam e disputavam suas visões de mundo.

Esse trajeto político seguido após a maioridade teve inicio com um tipo de "reação" ao processo instaurado após a abdicação de Pedro I, o governo dos Regentes. A maior característica das regências Trina e da Una, de Diogo Feijó foi a de construir liberdades e enfraquecer a autoridade do Governo Central. As ideias liberais vingam, mas, na prática não se operou nenhuma mudança extrema. De maneira bastante moderada, com preponderância do grupo que tinha por objetivo uma espécie de conciliação entre os extremos (liberais exaltados e Conservadores ou também chamados "Caramurus"), os "liberais moderados" se tornam a principal facção presente nas decisões do governo.

De 1831 até 1837 essa foi a tônica que deu corpo aos rumos da politica no período regencial. Após o ano de 1835, com o Haitianismo[24] há um grande fortalecimento do aparato

[24]O "Levante Malê" teve como característica singular dentre as revoltas do período regência, ter sido uma revolta com liderança escrava. Esta revolta de 1835 seria última revolta do primeiro dos dois grandes grupos de revoltas ocorridas desde 1831 até 1848, cuja principal conseqüência foi a profusão do "Haitianismo." O termo "Haitianismo", que é uma referência à Revolução ocorrida no Haiti em 1804, foi largamente empregado para denominar o grande medo de que ocorressem novas revoltas escravas, gerado após o

repressor, uma retração da esfera pública[25]. As sociedades e também a quantidade de periódicos políticos sendo publicados diminui, mas ainda segue-se uma política liberalizante e favorecedora das liberdades provinciais, municipais e individuais. No caso das províncias e da forma como foram deixadas seguir seus rumos de maneira mais autônoma também houve um movimento de contenção dessas liberdades após o ano de 1835 e em especial 1837.

A entrada de Araújo Lima na Regência do país pode ser considerada a primeira vitória do movimento de "Regresso". Sua entrada no poder ocorreu após a renúncia do Padre Diogo Feijó que estava desgastado entre o meio político pelo isolamento na Câmara dos deputados e até mesmo com o meio eclesiástico porque ele havia recusado o título de bispo de Mariana e também por acusações de quebra do celibato. A substituição de Feijó por Araújo Lima foi algo arquitetado para levar a cabo o projeto de retorno da centralização, e da recuperação do sentido de *natural defensor da sociedade*[26].

A cada dia a política daqueles que defendiam o "Regresso" (cujo antagonismo seria o "Progresso", projeto que buscava um direcionamento liberal na sociedade), ia sendo posta em prática. A legislatura de 1837 compôs um número significativo de regressistas, algo que favoreceu bastante as aspirações desse grupo na assembleia para reformar a política do país alijando o projeto liberal que vigorava desde 1831. O objetivo seria "frear o carro da revolução" para restaurar a ordem e promover o progresso material do país.

Entre as reformas regressistas, podemos destacar: a lei de interpretação do Ato adicional de 1834. Esta nova interpretação posta em prática a partir do ano de 1841 teve por finalidade prática retirar o poder das assembleias provinciais, de decidir sobre empregos públicos, e legislar sobre assuntos de polícia, tendo como resultado a redução da descentralização administrativa, retirando essas liberdades em detrimento a centralização das decisões nas mãos de D. Pedro II[27]. Os progressistas surgem como uma nova configuração dos *liberais exaltados* e parte dos *liberais moderados*.

Muitos historiadores tentaram dar uma composição social específica de cada uma dessas vertentes da política brasileira. Sendo assim, defendiam haver uma posição política que se

---

"Levante Malê". As autoridades se preocuparam em conter as possibilidades de revoltas. Suas ações para tal fim permeavam desde a formação de uma onda de boatos em todo o Império de que novas "Rusgas" estariam sendo planejadas pelos escravos, até a adoção de leis que prevenissem essas possíveis Revoltas. O motivo principal seria convencer a população de que a repressão era realmente necessária. Para maiores detalhes deste levante ver: SILVA, Eduardo, e REIS, João José Reis, *Negociação e Conflito – A Resistência Negra no Brasil Escravista.* São Paulo: Companhia das letras, 1999.

[25]Ver BASILE, Marcello O. N. – *Anarquistas, Rusguentos e Demagogos: os liberais exaltados no período regencial (1831-35).* Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ, 2000.

[26]BASILE, Marcelo Otavo Neri – "O Império brasileiro: panorama político" in LINHARES, Maria Yedda (org.) – *História Geral do Brasil* 9ª edição – Rio de Janeiro: Elesevier 11ª impressão. p. 236-7

[27]*Idem* p. 237-8

operasse em uma classe social específica. Cada uma dessas análises tratava de inserir em cada partido uma formação social estagnada, estanque e fruto de visões simplificadas.

Segundo o estudo de José Murilo de Carvalho acerca da composição social dos partidos políticos do o período Imperial[28] poderia se dizer que, em "os conflitos partidários eram irrelevantes por não passarem de conflitos dentro de uma mesma classe dominante, fosse essa de senhores de escravo, senhores feudais ou burgueses"[29]. Escravos, camponeses e operários não entravam no jogo político. Nessa análise a percepção seria de que a dominação era tão intensa que os conflitos giravam apenas entre os dominantes, grupo esse que era muito heterogêneo e que envolvia uma variedade enorme de interesses num país de grandes dimensões e com realidades diferentes em cada província.

A questão da manutenção da ordem nas províncias que ainda estavam convulsionadas com revoltas emergidas durante o período Regencial parece ter sido o principal motivo para uma coalisão entre "Regresso" e "Progresso". A nova configuração "partidária" formada após a posse de D. Pedro II e que já se ensaiara desde 1837, unira-se no sentido de adiantar a posse do Imperador D. Pedro II para iniciar o segundo reinado. Após alguns projetos serem discutidos na Assembleia, o Senado Brasileiro resolve levar a cabo e vence a proposta dos progressistas de dar posse a D. Pedro II imediatamente após a vitória no pleito do Senado. Em 23 de julho de 1840, D. Pedro II toma posse. O primeiro gabinete, o "gabinete da maioridade" é formado já no dia seguinte com a liderança dos liberais. As eleições para a legislatura do ano de 1841 foi muito conturbada e favoreceu os liberais, por meio de muitas fraudes e confusões geradas fruto da aplicação dessas práticas fraudulentas no pleito. Mas, ainda assim, foi apenas o início de um novo momento da política brasileira em que haveria a oscilação das facções Liberais e Conservadoras [30] no poder.

Considera-se a principal obra do Regresso a aprovação da Reforma do Código de processo Criminal (1832), que estabelecia uma rígida hierarquia de cargos e funções, centralizando a estrutura administrativa, judiciária e policial. Com essa reforma, todo o judiciário ficaria subordinado à centralização nas mãos do Imperador, por vias do ministro da justiça, o principal nomeador dos cargos do judiciário em diversos níveis da hierarquia judicial. Ainda assim, os juízes de paz seriam a única autoridade eleita pelas localidades. Mas, sua atribuição tornara-se reduzida e com menor importância conferida sendo, a partir dessa reforma do Código um rol de

[28]CARVALHO, José Murilo de – "A composição social dos partidos políticos imperiais." - *Cadernos DCP* (Departamento de Ciência Política). Belo Horizonte, 1974. p. 7
[29]*Idem*. p.29
[30]BASILE, *Ibidem,* p. 239

atribuições mais referentes a atitudes de manutenção da ordem local através de uma repressão a atividades como o meretrício, a formação de quilombos entre outras ações de repressão social.[31]

A reativação do conselho de estado também favoreceu a centralização nessa fase com sua instauração a 23 de novembro de 1841 o Conselho de Estado tinha a incumbência de opinar em todas as oportunidades em que a coroa se propusesse exercer qualquer das atribuições do Poder Moderador. Nesse mesmo ano, a lei de 3 de dezembro de 1841, decretava a reforma do Código do Processo Criminal, que como já acontecera com a lei interpretativa de 1840, esvaziava a autoridade judicial, agora em âmbito municipal.

Após tomar essas duas medidas centralizadoras, seguiu-se pela medida do Poder Moderador dissolvendo a Câmara dos deputados de maioria liberal eleita em 1840 (eleições do cacete), a pedido dos conservadores. A identificação do Partido Conservador com o restabelecimento da Autoridade e da Ordem em todo o Império forçava, malgrado, a identificação do Partido Liberal com a defesa da liberdade. Resultaram daí as revoltas liberais[32].

Segundo Ilmar Mattos os componentes do Partido Liberal de Minas Gerais e de São Paulo, porém, não se revoltavam apenas contra o Partido Conservador, que articulava a política do Regresso. Eles revoltavam-se também contra a denominada "facção Áulica", que acusavam de dominar e influenciar o jovem Imperador. Os principais elementos da facção áulica eram Aureliano de Sousa Coutinho e Paulo Barbosa da Silva, mordomo da casa Imperial, em cuja casa, às margens do rio Joana, realizava reuniões de cunho político. Seria o governo de Pedro II e Paulo I como diziam alguns políticos da época. Ao clube da Joana é atribuída a queda do ministério conservador em 1844, provocando o retorno dos liberais ao governo[33].

A despeito da Revolta de grupos liberais ocorrida no ano de 1842, por uma parte da elite liberal que se desentendeu com os "Regressistas", houve uma relação bem amigável entre essas duas fações ou ao menos consensual entre as políticas adotadas por esses. Os gabinetes que se sucederam durante o "quinquênio liberal" de 1844 a 1848, não se empenharam em derrubar as reformas centralizadoras do "Regresso", parecendo admitir a necessidade das práticas regressistas para a manutenção da ordem[34].

Os liberais que ocuparam o governo de 1844 a 1848, através dos sucessivos gabinetes, tiveram como principais medidas a adoção do protecionismo alfandegário, em substituição ao livre-cambismo adotado por ocasião do reconhecimento da independência (Tarifa Alves Branco de

[31] *Ibidem* p. 240
[32] Revoltas Liberais é como chama-se uma sequência de eventos ocorridos em São Paulo e Minas Gerais no ano de 1842 e também a Praieira, ocorrida em Pernambuco. Vere ENGEL, Magali Gouveia Verbete "Revoltas Liberais" in VAIFAS, Ronaldo (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial*.
[33] MATTOS, Ilmar Rohloff de – *História do Brasil*. Rio de Janeiro, Campus, 1970 p. 127
[34] *Ibidem* p. 242

1844) e a reforma eleitoral de 1846, que passava a calcular o censo eleitoral na base metálica, e desta forma elevando-o, o que diminuía o número de eleitores. Em 1847, foi criado o cargo de presidente do conselho de ministros, o que facilitaria a prática parlamentarista, sendo seu primeiro ocupante Manuel Alves Branco[35].

A adoção do protecionismo alfandegário, a reforma eleitoral e a própria instituição do cargo de presidente do Gabinete iam ao encontro dos interesses do Regresso. "Nada tão parecido com um conservador, como um liberal no poder", dizia o ditado na época do 2º reinado.

A frase: "nada mais conservador que um liberal no poder" representaria uma nova forma de conceber a política por parte dos liberais. A análise de Ilmar Rohloff de Mattos ele utiliza um trecho de um político liberal, Bernardo Pereira de Vasconcelos para ilustrar o que representaria para os liberais esse reforço do Estado, reforço da autoridade centralizada: representaria a própria liberdade almejada por aqueles que a buscavam desde o período da Independência, aqueles que eram os liberais. Segundo o discurso de Bernardo Pereira de Vasconcelos, os princípios democráticos propiciavam a desorganização e a anarquia, que comprometiam a liberdade. "Para subsistir, a liberdade necessitava da autoridade, para garantir e expandir os seus interesses, o governo da casa precisava do governo do Estado pra manter sua posição privilegiada e hierarquicamente superior".[36] O conceito de "Casa" sendo antagonista direto da "rua" representaria a Elite ou a "Boa Sociedade". Apegando-se ao Estado, desejando-o cada vez mais forte, defenderia seus interesses, com o regresso às medidas centralizadoras anteriores a todo o avanço liberal.

No geral, a grande relevância para esse período em que D. Pedro II se tornará o governante que mais tempo geriu o país, também seria o período em que se constituíram todos os mecanismos do Brasil pós-independência desde que teve sua autonomia conquistada da sua metrópole. Nesse período, o do 2º Reinado, se "desenharia" o Brasil que conhecemos hoje. Como percebido na análise de Caio Prado Júnior, depois de acalmadas todas as lutas políticas e sociais que vinham acontecendo desde o período da independência, no período do segundo reinado seria a transição entre o colonial e o contemporâneo[37].

Ao observar as instituições políticas brasileiras do período colonial, percebe-se o quanto ela não conseguiu fugir da sua origem, estando sob a égide a qual foi criada, a égide do regime absoluto. Neste período, as câmaras, cuja importância só se operaria de fato no início da colônia,

[35]Manuel Alves Branco
[36]MATTOS, Ilmar Rohloff de; GONÇALVES, Maria Almeida – *O Império da Boa Sociedade: a consolidação do estado imperial brasileiro*. São Paulo, Atual, 1991. p. 44
[37]PRADO JUNIOR, Caio – *Evolução política do Brasil: e outros estudos.* São Paulo: Companha das letras, 2012. p. 209

desaparecem com a Independência quando passa a um regime parlamentar. Este regime manteve-se ao longo do Império e conferiu mais representatividade às classes dominantes, possuidoras de terras.

O Imperador D. Pedro II manteve-se um tanto a parte da direção política e administrativa do país, dando considerável autonomia daqueles que se ocupavam de seus cargos. Em geral D. Pedro II preocupou-se mais com as nomeações dos cargos sendo a forma de preocupar-se com a integridade desses que ele escolhia a dedo desde o ministério até o mais humilde posto. D. Pedro II ficou conhecido pela "sua probidade moral elevada". [38]

Os parlamentares brasileiros se espelhavam nos europeus, mas mantinham-se um tanto aprisionados no modelo constituído aqui com a bagagem histórica de ter sido colônia e de ter sua fundação na centralização das decisões colaborou para a lentidão das transformações desse sistema.

As velhas ordenações do reino de Portugal se mantiveram como as leis civis vigentes em todo o período imperial. O código civil brasileiro apenas surge após a república. O código do processo civil de 1832 e o código comercial de 1850 seriam os grandes avanços que o império brasileiro vai desenvolver no aspecto jurídico de rompimento com as leis que também vigiam no período colonial. No 2º reinado é que se prepariam os espíritos para o Estado laicizar-se[39].

A Província do Rio de Janeiro

Desde a década de 1820 as relações que se davam entre a cidade do Rio de Janeiro e a província do Rio de Janeiro ganhavam novas proporções algo que se consumou em 1834 com a criação da administração independente da Província fluminense desligando-se da Corte nesses termos administrativos. Isso foi concretizado pelo ato adicional de 12 de agosto de 1834 que, entre muitas mudanças previa a criação dessa província como parte de um processo liberalizante de concessão de autonomia das províncias em relação ao Império do Brasil no período regencial. A Corte necessitava uma administração mais dedicada as suas causas. No ano de 1835 há uma

[38] *Idem*, p. 214
[39] *Idem*, p. 218.

eleição para decidirem qual seria a capital da nova província e Niterói vence as eleições, vitória essa que se deu sobre a cidade de Itaboraí, recém elevada de vila à cidade (1833) e que teve como parte da coalisão a concessão do cargo de primeiro Presidente de Província, ao Joaquim José Rodrigues Torres, o Visconde de Itaboraí.

A província do Rio de Janeiro crescia bastante ao longo desse período, as décadas de 1820-30, através de movimentos migratórios vindos de Minas Gerais e São Paulo. Nesse processo, a região sudoeste da província fluminense se tornou a mais importante área agrícola da Província do Rio de Janeiro proporcionando a fundação de diversos municípios nessas décadas como Vassouras (1833) Valença (1823) e Paraíba do Sul (1833).

Nesse mesmo período, acontecem duas transferências de municípios de grande peso econômico que encorparam a província do Rio de Janeiro pouco antes do ato adicional de 1834. Transfere-se Parati de São Paulo para o Rio de Janeiro e transferem-se Campos e São João da Barra, ambas da província do Espírito Santo, para a província do Rio de Janeiro.

Quanto a Campos, pode-se dizer que seu papel foi preponderante para a economia em dois aspectos: no aspecto exportador e no que se refere ao açúcar que se tornou tão tradicional desde os tempos coloniais assim como para outras atividades que seriam as economias que atendiam ao abastecimento interno da Província e faria divisas vendendo para as demais áreas do Império. Mas, a importância de sua transferência para o Rio de Janeiro em 1832 se dá mais por conta da relevância que teria na construção de uma identidade provincial. Niterói que se torna a capital fluminense possuía maior identidade com a Corte e não com o resto da província. Isso fazia de Campos, informalmente, um tipo de cidade que se considerava de grande influência, uma espécie de segunda capital fluminense. Pensava-se que a administração fluminense deveria ser assumida por uma identidade provincial gerada ou coordenada a partir de um nível propriamente regional[40].

Esse dilema teria dado tom a dinâmicas políticas que se desenvolveram nessa província. Vários cargos de alto escalão seriam providos por membros de famílias da região que ganhou muito prestígio nesse período.

Outra região que constantemente foi ganhando espaço no jogo político foi a região do sul fluminense a região que iniciou o empreendimento cafeeiro, a região que se estendia desde Resende, Angra dos Reis e Mangaratiba até Parati. Nessa região, a construçãod e estradas que faziam o serviço das tropas ganhou importância não apenas no aspecto econômico como no aspecto do prestígio das famílias que cediam suas terras para a construção de estradas que nesse tempo eram tão relevantes para a estrutura de exportação, e mais ainda para a distribuição de

[40]GOUVÊA, Maria de Fátima – *O Império das províncias: Rio de Janeiro, 1822-1889.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 32-33

mercadorias que serviriam para abastecer a região da corte que tinha grande demanda de bens diversos provenientes de lá.

Dadas essas condições, um grupo político liderou o processo de organização política, e administrativa na província: Paulino Soares de Souza, Joaquim José Rodrigues Torres, ocuparam o cargo de presidente da província de forma consecutiva pelos 5 anos seguintes a formação da província e moldariam o cenário político que o governo provincial operaria até o fim da monarquia.[41]

Ambos eram provenientes de famílias ligadas a setores açucareiros e compartilharam um conjunto de políticas estratégicas. Um deles concerne à criação e desenvolvimento de escolas e liceus para a Província, sendo parte de suas preocupações fundamentais.

No senso de 1840, Campos liderava em termos de número de pessoas, sendo a cidade mais populosa da Província. Nenhuma das do recôncavo da Guanabara a ultrapassava em termos econômicos, de geração de divisas pra a Província.

Os principais órgãos da administração fluminense foram criados na década de 1840.

Durante as revoltas liberais do ano de 1842 alguns fazendeiros do sul fluminense aderiram e tiveram que ser reprimidos por forças convocadas da própria província fluminense algo que causou um certo constrangimento naquele momento, como o caso que aconteceu com Joaquim de Souza Breves.

A partir da década de 1840 a província ganha novas concentrações populacionais e novos municípios, mas na área centro-leste.

A cidade de Niterói, capital fluminense.

Quanto à administração da Província do Rio de Janeiro no período a ser estudado, ela estava nas mãos de Honório Hermeto Carneiro Leão (posteriormente, Marquês do Paraná), nomeado o 4° Presidente da Província do Rio de Janeiro, em 1841. Em 12 de outubro do mesmo ano foi nomeado vice-presidente da Província Brás Carneiro Nogueira da Costa e Gama (Marquês de Baependi), que ocupou interinamente a presidência antes da nomeação de Carneiro Leão. Em 7 de janeiro de 1845 tomaram posse os novos vereadores: Manoel de Frias Vasconcelos (Presidente

[41] *Idem*, p. 42

da Câmara); Ladislau da Silva Brandão; Manoel Ferreira Goularte; Alexandre Moreira de Souza Requião; Pedro Antônio Gomes; Padre Marcelino Pinto Ribeiro Duarte e Francisco Corrêa Garcia.

Ao longo da década de 1840 a cidade estava vivendo um grande crescimento, fruto da sua elevação a capital em 1835 e das necessidades que o ritmo e o estilo de vida de um logradouro com tal atribuição demandavam. Foi quando se operou o Plano Geral de urbanização para a cidade nova (Ingá e Icaraí), e em 1847 inaugurou-se nas ruas do centro da cidade a iluminação a gás. [42]

Lista dos Presidentes da Província do Rio de Janeiro (1840-1848):

1840 Manuel José de Souza França Honório

1841 Hermeto Carneiro Leão (Marquês do Paraná)

1843 João Caldas Viana

1844 Aureliano de Souza de Oliveira Coutinho (Visconde de Sepetiba), Luís Pedreira do Couto Ferraz

1848 Manuel de Jesus Valdefaro.

[42]CAMPOS, Maristela Chicharo de - *O Governo da Cidade: elites locais e urbanização em Niterói (1835-1890*). Niterói, RJ: Tese de Doutoramento apresentada ao programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2004.

1.2 As origens do socialismo. Conceituações gerais.

A busca pelas origens do socialismo deve iniciar-se com a compreensão de alguns aspectos da natureza humana e do seu reflexo no convívio social. Diversos momentos históricos vividos em sociedades alheias e distantes em contextos históricos devem ser observados para dar inicio a compreensão do socialismo. Alguns grupos sociais criaram sociabilidades que não se embasavam em ambições particulares e na exploração do homem pelo homem. Isso se deu em momentos diferentes e em espaços geográficos diversos. A busca estaria primeiramente em algumas sociedades que se desenvolveram sem ter como motivadores a ambição e por consequência os males dela: a ganância e a desigualdade.

A ganância humana pode ser pensada como uma das primordiais características que tornam uma sociedade desigual socialmente porque dela gera-se os agravantes da separação de classes e da estratificação social. E somente se pode dizer que se ganha algo quando algo pode ser adquirido próprio a um ente, propriedade de alguém que para ter necessitou conquistar de outrem, ou por vias de esforços subvalorizados de outrem. A "sede" de conquistas poderia ser um dos significados do termo ganância e do que desse sentimento, dessa atitude poderia gerar: a desigualdade social.

Viver de maneira comunitária e totalmente igualitária seria algo praticado pela humanidade em um "estágio" bastante primitivo no que tange a criação de instituições. Vários estudos apontam que a mudança da conduta dos modos de viver em comum para os modos individuais teria sido: o advento da propriedade e da divisão da sociedade em classes[43].

E, no sentido de corrigir essas desigualdades provenientes da ganância, da ambição, da exploração e do egoísmo é que surge uma série de "lutas sociais". Na busca pela compreensão das diversas "lutas sociais" ao longo da História e de seu papel na formulação de um ideal socialista, uma das maiores referências seria o livro de Max Beer: "História do socialismo e das lutas sociais".[44] Neste livro o autor, em uma primeira parte, traz à tona a percepção de algumas tentativas de corrigir os males da desigualdade social desde a antiguidade afirmando que essa percepção de mudança social para ajustar as desigualdades sociais, ocorrendo na Palestina, Grécia, Roma e em aspectos do

[43]MARQUES, Aguinaldo N. – *Origens e trajetórias do socialismo* – Editora BVZ, São Paulo, 1995. p. 7
[44]BEER, Max – *História do socialismo e das lutas sociais* – Rio de Janeiro, Editora Calvino, 1944.

Cristianismo primitivo. Igualmente é feito o trabalho de compilar lutas sociais durante a idade média e a idade moderna até que se chegue à contemporaneidade com suas peculiaridades e já sob os paradigmas que compõem o socialismo como conhecido hoje em dia.

Ainda versando sobre a antiguidade Beer também destaca a obra de Platão: "A República" em que se faz uma das primeiras considerações sobre um tipo de reforma social, com objetivos tanto de reduzir os males gerados pela desigualdade, mas também para tentar se criar um tipo de organização social que fosse pensada e arquitetada para ser conduzida de maneira a buscar-se um tipo de perfeccionismo, uma sociedade ideal, na busca por o melhoramentos no trato das relações sociais. Esta certamente seria uma das primeiras "utopias", uma das primeiras formulações de uma sociedade mais justa.

Na sequência Beer versa sobre as lutas sociais ocorridas ao fim do período medieval e nos tempos modernos, do século XVI ao XVIII. Incluiria a Jacquerrie, algumas insurreições camponesas na Inglaterra, o movimento Hussita ou Taborista na Boêmia, o movimento Ciompi em Florença, as insurreições sociais na Alemanha, as quais se incluiriam o Humanismo e o Anabatismo.

Depois, Max Beer destaca o que chamou de "a era das utopias", tendo em vista a utopia inglesa de Tomas Morus e a italiana de Campanella. Elas teriam sido primordiais no que se poderia considerar um racha nessa forma de se pensar as lutas sociais porque ela ultrapassa as revoltas espontâneas e tenta teorizar engenhosamente, fazer formulações teóricas sobre a sociedade que se vive e que se quer que exista.

Outro ponto que é tido como um grande destaque para sondar algumas raízes do socialismo estariam no que Beer identificou como a "crítica social" na França, algo que toma corpo com Meslier, Morelly e Mably. Em um mesmo contexto surgiriam também os críticos burgueses: Rousseau, Necker, Linguet, Brissot. Estes teriam um papel essencial como pensadores de uma espécie de antecessor do ideal de socialismo fruto dos questionamentos do século XVIII, tal qual se consolidará no século XIX.

Esses críticos sociais franceses e os críticos burgueses elencados por Beer são de grande relevância para a compreensão de alguns itens que irão compor os escritos dos primeiros grandes socialistas como Fourier e Saint-simon que elaboraram seus escritos poucas décadas após estes críticos da incipiente sociedade burguesa.

No livro "Os socialismos utópicos" de Petitfils outro grande estudioso dos socialismos utópicos o autor elabora uma subdivisão para dividir os primórdios dos socialismos utópicos. Ele identifica como precursores os utopistas como Morus e

Campanella e subdivide o momento seguinte da construção de novas "utopias" sendo com o seguinte esquema: Utopias retrógradas as de Rousseau, Mably e Restif de la Bretone; a utopia pela lei, de Morelly e as utopias anárquicas, de Dom Deschamps e William Godwin.[45]

Meslier era um anticlerical encarniçado que atacava a monarquia, o absolutismo, o militarismo, mas tinha por característica, defender a posse comum das terras por exemplo. Defendia que os habitantes das vilas vivessem em comunidade, como membros de uma mesma família, manter a paz e auxiliarem-se mutuamente.[46] A desigualdade seria uma violação do direito natural em que todos nascem iguais.

Morelly, por exemplo, teve grande papel na formulação das ideias comunistas propriamente (tema que ainda será abordado) e traz a questão das leis da natureza, que seria a condição para o ser humano se harmonizar com o mundo. A ideia de um estado forte que propusesse o bem estar-geral, sem que haja propriedade e os abusos dela esteve presente em sua obra.

Mably dedicou seus escritos aos economistas que defendiam a propriedade privada como uma instituição natural. Queria que todas as riquezas fossem depositadas em armazéns públicos e afirmava que as tarefas da sociedade deveriam ser organizadas de maneira igualitária. Defendia uma educação em que fosse suprimido o egoísmo dos indivíduos e reformar a sociedade nesse sentido favorecendo a restrição das heranças, reduzindo impostos dos trabalhadores e aumentar o dos mais ricos. No geral, essa defesa da diminuição das diferenças hierárquicas seria um dos principais pontos de suas ideias.

Os críticos burgueses da França (Rousseau, Linguet, Necker e Brissot) desenvolveram a crítica à propriedade privada e a defesa do direito natural. Rousseau também tenta aproximar o trabalho do prazer e condena toda a inatividade seja dos despossuídos de trabalho ou dos ociosos nobres. Linguet, ainda que tenha sido conservador percebe como a sociedade burguesa corrompe a liberdade natural do ser humano, questionando a condição escrava e proletária, traçando algumas reflexões sobre a proximidade entre elas. Necker, afirmava que a ordem gerada pelas leis eram meramente para proteção daqueles que eram proprietários sendo as leis a defesa dos direitos dos ricos.

No prefácio de seu livro, Beer lembra muito bem de um embate que se operaria nas considerações dos socialistas utópicos frente à escola dos idealistas alemães. Segundo ele, os utópicos condenavam as instituições da sociedade por ser contrárias à natureza humana.

[45]PETITFILS – *Os Socialismos utópicos*. São Paulo, Círculo do livro, 1977.
[46]BEER, 2006 p. 339

A argumentação contra essas instituições seria porque elas prevaricavam no sentido de levar em consideração essa natureza. Igualmente, os anti-comunistas se utilizavam deste mesmo argumento, pregando que as ideias socialistas e comunistas seriam contrárias a natureza humana. O Socialismo científico de Marx iria romper com isso, uma vez que separa da condição humana e de suas instituições. Para esses filósofos a História é que teria uma regra, leis que a movimentavam para além da questão da natureza humana. Busca a causa da evolução histórica fora da "natureza humana."[47]

Mas, traçar este panorama das lutas sociais ao longo da História serve apenas de prelúdio para o estudo do socialismo, na busca pelo que seria uma "essência" do socialismo. Essa tarefa também passa pela reflexão da Sociologia e da Filosofia não apenas histórica.

Na busca por mais referências e visões de diversas disciplinas sobre o tema, a enciclopédia de sociologia[48] admite que as origens do socialismo seriam difíceis de ser encontradas Nela segue-se o mesmo caminho que Beer fez considerando-se que historiadores da "história intelectual" teriam traçado suas origens em variadas fontes desde as utopias religiosas do velho testamento, os princípios da lei mosaica, o anti-individualismo dos segmentos radicais que emergiram da revolução francesa e da publicação do manifesto comunista, o que demonstra a amplitude do termo "socialismo" levando-se em consideração sua utilização em diversas épocas. Essa tarefa de dar historicidade ao termo "socialismo" de acordo com uma visão do discurso dos léxicos será feita no próximo item deste capítulo.

Mesmo sendo tão difícil encontrar as origens do termo socialismo, admite-se que foi iniciado seu uso, por volta de 1830 o conceito foi largamente usado pela Europa e seguiu seu caminho cruzando o atlântico para a América e as demais partidas do mundo. No início dos anos 1920, um país (União Soviética) utilizava o termo socialismo para designar o principal princípio de sue sistema de organização, ironicamente, nesse mesmo momento mais de 260 definições desse termo estavam disponíveis na literatura científica social[49].

Mas, de fato apesar da importância de não se ignorar as origens das "lutas sociais", é de grande relevância iniciar essa discussão considerando-se as ideias dos utopistas. Eles

[47]BEER, Max – *História do socialismo e das lutas sociais* – Rio de Janeiro, Editora Calvino, 1944. p. 15-17
[48]SZELÉNYY, Sonja verbete "Socialismo" *in*: *Encyclopedia of Sociology* Edgard F. Borgatta, editor in chief, Marie L. Borgatta, managing editor. Mac Millan publishing company, 1992
[49]GRIFFITHS, *D. F. – What is socialism? A Symposium* –London: Richards, 1924 *Apud in Encyclopedy of sociology* p. 1857

pensaram o socialismo como uma sociedade criada com uma visão romântica e idealista, mas que ainda que não fossem realizados os seus propósitos, poderiam servir como ideais de sociabilidade, como uma meta a se cumprir para combater os males do capitalismo. O conteúdo específico dessa visão, de certo, variava de autor para autor socialista. Dois temas centrais perpassam suas propostas e uniam a todos.[50] O primeiro desses princípios essenciais seria a ideia de "comunidade".

E, tendo como base o ideal comunitário, destaca-se uma peculiaridade presente entre os utopistas primordiais: de Fourier a Cabet, passando por Owen e Saint-Simon, todos os teóricos utopistas idealizavam uma nova ordem social, organizada em pequenas comunidades. Na maioria dos planos de socialismo essa visão foi idealizada em organizações de base agrárias ainda que algumas como a de Saint Simon, demandassem desenvolvimento industrial. Em ambos os casos, no entanto, era admitido que estas comunidades seriam baseadas no companheirismo, harmonia e no altruísmo – virtudes que os teóricos utópicos tinham como certas de que seriam as soluções para os problemas sociais gerados pelo individualismo burguês.

A autora do verbete ainda destaca um segundo elemento que seria a "nostalgia pelo passado" Esse sentimento seria o segundo tema comum no pensamento utópico socialista. Frequentemente esse tema da nostalgia aparecia em romances socialistas e constantemente assumia uma dessas formas. Em algumas versões os personagens principais são levados à felicidade e bom contentamento de seus tempos de infância enquanto em outros eles residem na idade média ou contam histórias sob o pano de fundo de um passado menos distante. Mesmo com uma grande variedade de seus conteúdos as mensagens que eles queriam passar, as ideias que gostariam de convencer seus interlocutores seriam mais ou menos as mesmas.

Na transição do capitalismo industrial a humanidade teria abandonado a "era de ouro" da harmonia social e cria-se uma ordem social fragmentada e competitiva que seria incapaz de prover a totalidade das satisfações de nossas necessidades humanas[51].

---

[50]SZELÉNYY, Sonja- *op.cit.* p.1857

[51]Entre as referências da autora encontra-se os seguintes livros: *LAIDER, Harry W. "History of socialism". New York , Crowell, 1968; LICHTHEIM, George – "The history of socialism" New York: Praeger, 1969; GRAY, Alexander "The Socialist tradition: Moses to Lenin. London: Longmans, 1963.*
SWEEZY, Paul M. "Socialism" in Tom Bottomore, ed. A dictionary of Marxist thought. Cambridge, Mass.: Harvard University press. 1983; NUTI, Domenico Mario "Socialism on Earth" Cambridge Journal of Economics 5 (December): 391-403 1981; BELL, Daniel – Socialism in David L. Stills, ed.International Encyclopedia of the social sciences vol. 14 New York: Mac Millan and Free Press.
1968; KOLAKOWSKI, Leszek – Main currents of Marxism, 3vols. P. S. Falla, trans. Oxford University Press 1978); GRIFFITHS, D. F. – What is socialism? A Symposium –London: Richards, 1924; CABET, Etienne – History and constitution of the Icarian Community, Thomas Teakle, trans. New York: AMS Press.of Socialist

Com o foco numa abordagem mais específica, as conclusões sobre as essências do conceito de socialismo demonstram outras nuances e outros apontamentos para a compreensão dessa ideia. Na "Enciclopédia de Filosofia" organizada por Paul Edwards, destaca-se o conteúdo do socialismo como parte de um tipo de luta social engendrada especificamente no contexto da dupla revolução (francesa e industrial), o socialismo seria fruto das rupturas proporcionadas pelo espírito das revoluções Francesa e Industrial e suas imbricações nas mentalidades, naquilo que se transformou em outro tipo de sociedade, com relações pessoais profundamente alteradas, frente ao que se vivia anteriormente a essa revolução. A sociedade burguesa seria a que proporcionou as condições e, seria então a que deu condições para a fundação do socialismo moderno. As lutas sociais se convertem em um outro tipo de luta, a partir de outras formas de opressão e poder, reconfigurados na sociedade capitalista e burguesa.

Também é admitida que com essa nova realidade fruto da mentalidade burguesa é que busca-se uma grande diversidade de saídas e de possibilidades de renovação social. É nesse cenário que surgem os socialistas e seus adeptos e seguidores, certos de que há uma outra forma de se viver essa sociedade, seja rompendo-se com seus paradigmas e criando novos, que respondessem ao paradigma burguês ou, pelo lado inverso, que seria o de retomar os paradigmas anteriores da revolução. Outro ponto importante para se atingir esse objetivo seria aplicar-se um tipo de utopia que teria por proposta reconstruir as relações humanas. Essas novas propostas se referem a novas regras para a sociedade, nova educação, em geral pautadas na consciência individual e rompendo com algumas formas tradicionais da sociedade que prezariam por rituais, por estigmas e "ethos" incorruptíveis e insubstituíveis. Às utopias socialistas não haveria uma outra opção além da transformação das bases e de se respeitar alguns princípios sociais que conduziriam os comportamentos a uma realidade mais ideal que a que se vive.

A "sementeira" do socialismo estaria na revolução francesa mas não poderia ser descartado o papel dos pensadores revolucionários franceses que os precederam: Voltaire, Rousseau, e os enciclopedistas.[52] Rousseau não era propriamente socialista mas de seu pensamento pioneiro, por vezes não tão claro e inconsistente, socialistas delinearam as ideias de "o homem nasce livre mas onde quer que se encontra acorrentado", de uma

1975; MORRIS, William – News from Nowhere, London Routledge and Kegan Paul, 1970; FOURIER, Charles – Harmonian man: Selected writtings of Charles Fourier, Mark Poster, ed.; ed. Susan Hanson, trans garden city. 1964.

[52]COLE, Margareth – verbete Socialism *in*: Edwards, Paul (Editor in Chief) - *The Encyclopedia of Philosophy.* Mc Millan Publishing Co. Inc and the free press. New York – collier Macmillan publishers London.

vontade geral para que se faça o aperfeiçoamento social, da importância da educação, e uma série de outros elementos que colaboraram para os fundamentos do socialismo.

Segundo Edwards, foi sob inspiração da mesma atitude dos enciclopedistas é que esses primeiros socialistas teriam questionado todas as instituições sob a luz da razão e da justiça, e assim como "Graccus" Babeuf demandando igualdade para os oprimidos e pela buscar isso por vias de "conspiradores" contrários aos paradigmas da sociedade, que se difere deles com um novo elemento: tentando criar uma nova sociedade por vias de uma revolução. A conspiração dos iguais seria o primeiro ensaio deste novo tipo de socialismo que teria como base não apenas as alterações de posturas por parte das pessoas mas pela tomada do poder por parte do proletariado, criando um novo tipo de paradigma que colocaria o proletariado na condição de detentor do poder e senhor dos destinos de uma sociedade.

O socialista utópico Owen, propriamente, não seria revolucionário e atribui-se muito de seu trabalho a leitura de Political Justice, livro de William Godwin. Owen concebia uma sociedade consistida em pequenas comunidades autogeridas, cooperativas estabelecidas pelo consentimento livre e racional de todos os membros.

Em seguida, o verbete do dicionário de filosofia vai desenvolver quais seriam os princípios fundamentais do socialismo. O primeiro princípio do Socialismo seria a crítica da sociedade existente (burguesa). A primeira das crenças fundamentais dos socialistas seria a de que o sistema existente que rege essa sociedade burguesa e suas instituições deveriam ser condenadas por serem injustas e fomentarem um estado de degeneração moral entre a sociedade. Nesse sentido haveria vários nichos dessa crítica, cada um para uma das instituições que se deteriora com o advento do capitalismo e das relações burguesas. As instituições "condenadas" em textos e falas de intelectuais socialistas variam vez a outra de lugar para outro de acordo com as circunstâncias aos quais estes escritos surgem. As maiores tensões identificadas por eles seriam consubstanciadas na propriedade das terras, na indústria, nas fábricas, nas Igrejas, nas leis ou governo político ou numa combinação desses elementos. Tudo dependeria de qual tipo de opressão se vive em cada um dos momentos e locais, e para cada uma das classes e categorias da nova sociedade burguesa.

Essa condenação pode estar associada com valores da religião, como nos casos das diversas formas de "socialismo cristão", ou pode positivamente repudiar esses valores de inspiração religiosa, como Marx fez. Em ambos os casos, a ênfase estaria na injustiça. A frase de Pierre Joseph Proudhon: "a propriedade é um roubo" expressaria essa condenação

de maneira mais consciente. Muitos movimentos socialistas como o de Saint-Simon nos anos de 1830 atacavam o sistema existente pela ineficiência econômica e social mas essa crítica era menos fundamental. Socialistas como Fourier na França e Wiliam Morris na Inglaterra davam mais ênfase na liberdade, felicidade, e beleza do que na riqueza material.

Buscar uma sociedade nova e melhor que a existente, segundo o artigo do referido dicionário de Filosofia, seria o segundo fundamento do Socialismo. A crença de que pode ser criada uma forma diferente de sociedade e novas formas de instituições, baseadas em valores morais, seria primordial para a compreensão da essência do socialismo. Essas novas formas que dariam os caminhos, as tendências para melhorar a humanidade em lugar de corrompê-la, como fariam as instituições do mundo burguês.

As mudanças sociais da ordem burguesa seriam a base da sua crítica. Considera-se como o "turning point" das lutas sociais tal qual operavam antes e depois da Revolução, a conspiração dos iguais liderada por Graccus Babeuf seria um tipo de fronteira entre o socialismo primitivo e o moderno. Mas esse crédito se dá também pelo fato de Babeuf estar se propondo a uma revolta com o objetivo de tomar o poder e colocar em prática um tipo de estado socialista com liderança operária. Essa colaboração foi primordial para a ressignificação das lutas sociais em um tipo específico de transformação das bases sociais. E não apenas das suas cúpulas, o que se opera por exemplo nas revoluções burguesas.[53] Nesse sentido, pode-se levar em consideração a questão do lucro e a relação entre o dinheiro e a mercadoria. Quando a finalidade é o lucro, o que entra em jogo seria a lei moral. Torna-se imoralmente gananciosa a relação humana o que, paralelamente gera uma condição de constante desordem social e instabilidade fruto do desequilíbrio que é gerado por essa condição de perda de valores morais por causa do lucro.[54]

As utopias geradas sob o paradigma industrial da sociedade burguesa

Na busca por uma conceituação mais apurada acerca do que seriam essas utopias criadas sob o paradigma da sociedade burguesa, o Livro de Martin Buber discorre sobre os socialismos nomeados utópicos traz uma ideia de que esses socialismos seriam por essência metas ideais mais do que propostas facilmente concretizáveis. Buber resume essas

[53]MACKENZIE, Norman – *Breve História do socialismo*. – (...) p. 24-25
[54]SOUZA, Galvão de Souza – *Capitalismo, socialismo e comunismo*. p. 22

ideias em expressões como: "o que deve ser", "imagens de desejos inconscientes", "sonhos", num elo que ligaria o super pessoal com a alma. Mas em suma, esse "anseio daquilo que é justo, que se experimenta na visão religiosa ou filosófica como revelação ou ideia e que, por sua essência não pode realizar no individuo, mas só na comunidade humana"[55].

Seria então no momento do iluminismo que se desapossa a escatologia religiosa das utopias. A era industrial com novos antagonismos sociais proporcionaram uma nova relação com a utopia. O sentido técnico que se deu ao mundo abrangeu também a sociedade gerando uma série de planejamentos políticos e culturais no intuito de se traçar uma ordem correta para a sociedade[56].

Tentando dar conta de um tipo de caracterização para os primeiros socialistas utópicos, Buber divide-os em pares, sendo eles: Saint-Simon e Fourier, Owen e Proudhon, Kropotkin e Landauer. Essa divisão seria para identificar um racha entre a primeira fase do socialismo utópico que seria os que vivenciaram os princípios do capitalismo, e os demais, teriam vivenciado o apogeu do capitalismo[57].

Os franceses Fourier e Saint-Simon fariam parte desse primeiro momento sendo que o diferencial entre Fourier e Saint-simon estaria na forma como eles buscavam as essências de suas teses. Fourier teria sua essência no século XVIII e Saint-Simon no século XIX.

Fourier buscava compreender os mecanismos da unidade social, acreditava haver descoberto o "segredo da associação", vendo nele "o segredo da união de interesses". Paralelamente, por volta de 1820, Saint-Simon dava forma definitiva ao seu "sistema industrial". Esses novos sistemas eram contra o legado da Revolução Francesa, que rejeitava o direito de associação e proibia o sindicato. Fourier se opôs a esse legado porque, com a destruição da hierarquia das antigas corporações, surgiu o princípio anárquico da livre concorrência, que foi o grande fornecedor das bases dos monopólios comerciais que aparecem em todos os ramos da sociedade.

O que Fourier propõe para se opor a esse princípio seria a formação de unidades sociais comunais baseadas na relação de produção e consumo. Isso significa reformar a comuna rural. Essa ideia teria sido inspirada na experiência de Owen de criação de uma comunidade, a comunidade de Lanmark. Fourier não chegou a ver nenhum de seus

[55]BUBER, Martin – *Os socialismos utópicos* 1971. p. 18
[56]BUBER, *op. Cit.* p. 19
[57]*Idem,* p. 27-28

projetos realizados, nenhuma das tentativas de cria-se essas unidades sociais que ele propunha. Somente a associação livre e espontânea poderia resolver o problema da organização da nova ordem, da ordem em que só individualismos se combinariam espontaneamente no coletivismo.

Sendo assim ele divide o que chamou de "evolução emancipadora da sociedade" que perpassaria por dois momentos, o que transformou escravos em servos, o segundo momento de servos a assalariados e a terceira evolução emancipadora da História transformaria os trabalhadores em associados, suprimindo o proletariado.

Mas, para esse trabalho, não caberia um aprofundamento das teorias sociais de todos os teóricos. O foco em Fourier e Saint-Simon assim como seus discípulos se dará para compreensão do socialismo que chega ao Brasil cuja base é quase que essencialmente francesa.

1.3 Síntese das ideias de Charles Fourier, Saint Simon e seus seguidores.

François-Marie Charles Fourier (1772-1837) nasceu em Besançon numa família de classe media e perdeu a maioria de suas posses durante a revolução francesa. Teve que ganhar a vida trabalhando em escritório e como viajante de comércio.

Elaborou suas ideias de maneira independente sem influência de nenhum outro autor partindo de uma análise da natureza humana e de todas as paixões que afetam a felicidade humana. Muito se diz que a única fonte de inspiração para Fourier seria nos escritos de um autor chamado L`Ange que tinha um Projeto de associação agrícola em 1793 e que buscava uma saída para o que ele identificava como uma incoerência que se operaria na coordenação social.

Comparando-se a Colombo, Copérnico e Newton[58] o que estes haviam realizado ao mundo material ele dizia que havia feito de mesma grandeza acerca do conhecimento das leis do mundo orgânico e social. Ele se colocava como aquele que conseguiu desvendar os segredos da criação divina. E revelador do que seria a coisa mais importante da humanidade sua teoria das leis sociais. Dava por findas todas as leis políticas e morais, sendo sua teoria a que conseguiria recria-las dissipando-as das trevas. A teoria da harmonia universal estaria contras as ciências as quais chamava de "duvidosas".[59]

Seu tema fundamental foi que a organização social adequada não deveria desviar-se dos desejos humanos, mas encontrar formas de satisfazer os desejos de maneira que surja a Harmonia no lugar da discórdia. Ele contrariava os demais autores que consideravam a organização social uma oposição entre razão e as paixões, algo que obrigasse os seres humanos a serem bons contra suas vontades. Sustentava que a natureza humana seria imutável ao longo das eras. Sendo assim ele criticava as teorias de Robert Owen e Willian Godwin, pois estes dois filósofos pensavam que o meio em que as pessoas vivem moldaria o caráter. E não que a Fourier não se importasse com o meio em que as pessoas vivem, ao contrário, para ele isso seria muito caro a um modelo de sociedade ideal, mas o problema, segundo sua visão seria que o meio social deveria se adequar a natureza humana como ela é e não com a intenção de transforma-la em algo diferente.

[58] A ideia de se comparar a Newton surge com a comparação entre o mecanismo que Newton desenvolve para explicar o movimento dos planetas e a sua teoria social. O mecanismo que moveria tanto os planetas como a sociedade seria a "atração". SALIBA, Elias Thomé – *As utopias Romanticas*. – São Paulo, Estação liberdade; 1991p. 45

[59] BEER, p. 529

Seu primeiro livro foi a "Teoria dos quatro movimentos" foi publicado em 1808 e foi seguido por uma série de outros nos quais repetiu o desenvolvimento das mesmas ideias e as desenvolveu gerando um conjunto de terminologias que se introduziram no vocabulário socialista. Entre alguns dos últimos livros estão "A associação doméstica agrícola" que depois foi intitulada "A Unidade universal" (1822), "O Novo mundo industrial e Societário" (1829) e "A Falsa indústria" (1835-6).

As mudanças de terminologia foram muitas. Em seus primeiros escritos chamava seu sistema geral de "Harmonia", às vezes de "Harmonismo", as vezes "associação" outras de "Estado societário" e outras de "solidariedade". Depois ele utilizou os termos: "Unidade universal", "uniteísmo", e às vezes "coletivismo". A forma intermediária a isso ele chamou de "garantismo" e às vezes de "socientismo" e também aplicava o termo "mutualismo". Para suas comunidades ele empregava "Falange" ou "Falanstério" referindo-se o primeiro ao grupamento humano e o segundo ao local onde se situaria esse grupo. O termo "Série" seria para identificar um grupo de trabalhadores associados em uma tarefa comum.[60]

Aos discípulos de Fourier se chamavam "Falangistas", "Fourieristas", "escola societária", "humanistas", "*Humaniens*", "*Unistes*", "Associativistas", "*Seristes*", "Sériosphistes". Na Inglaterra chamou-se o Fourierismo de "sistema social", de "universalismo", "humanização", "falansterianismo" e "solidariedade". Nos Estados Unidos da América com frequência, "unitismo", "serialização", mas a palavra mais utilizada seria Phalanx, Coletivismo, mutualismo. Associação e Harmonia foram as que se utilizaram mais largamente.

Até cerca de 1820, Fourier tinha conseguido poucos adeptos. Ao longo da década de 1820 foi ganhando partidários de suas ideias e iniciou-se o debate com os sansimonianos. Após 1830 é que há um acréscimo no número de Fourieristas e sansimonianos e os embates entre eles. A querela entre eles foi grande nessa década e Fourier acusava Saint-Simon de tê-lo copiado e os sansimonianos replicavam dizendo que as ideias de Fourier não possuíam ideais de progresso nem científicos[61].

A forma como Fourier colocava a questão da transformação social era baseada na transformação do indivíduo a partir da busca pela felicidade. Cada indivíduo deveria contar com um ambiente agradável e condições que não fossem extenuantes no trabalho. As sociedades e famílias deveriam viver de modo que satisfizessem suas inclinações e naturezas[62].

[60]COLE, p. 77
[61]COLE, p. 78
[62]COLE, *Historia del pensamento socialista* p.59

Segundo Beer, a Teoria dos quatro movimentos seria a obra prima, precursora e moldadora de toda a sua obra futura[63].Sua doutrinas consistiam em: 1º, os instintos e as paixões humanas são sempre bons: se pudessem expandir-se livremente conduziriam as pessoas à felicidade. Tudo se resume, pois, em encontrar boas instituições sociais, isto é, capazes de permitir essa liberdade de expansão necessária; 2º, o comércio é maléfico, moral e materialmente, porque corrompe as disposições naturais do homem. Ele seria a perversão total do regime capitalista, que levará à ruina se não for a tempo substituído pela cooperação e pela associação; 3º o casamento seria uma hipocrisia, porque sempre determinaria a escravização da mulher, e por isso deve ser substituído pela união livre; 4º, a civilização, etapa atual da História da Humanidade, contém males de todas as qualidades. Ela, no entanto, gera as forças necessárias para elevar a Humanidade à fase de associação e de harmonia, na qual os instintos humanos terão a liberdade necessária, e criarão a riqueza a alegria e a paz[64].

Fourier não era entusiasta das transformações geradas pelas tecnologias e pela mecanização e centralização de sua forma. Acreditava nas sociedades pequenas como ideais para satisfazer as necessidades do ser humano. Entre seus adeptos havia muitas pessoas hostis ao desenvolvimento da indústria e pensava que para resolver o problema da propriedade não haveria necessidade de se destruir a herança que segundo ele seria algo natural e profundamente arraigado na natureza do ser humano.

Para Fourier a existência Humana estava muito ocupada gastando suas energias em fabricar e fazer coisas em vez de contribuir a sua felicidade. Fourier se indignava com o gasto de trabalho gerado pela competição, sobretudo no tocante a distribuição (processo esse que ele conhecia mais por conta de sua profissão) e queria que a humanidade abdicasse de todo processo complicado de compras e vendas e desejava que fosse empregada uma nova maneira de produzir e consumir que fosse com métodos mais simples e que gerasse felicidade aos envolvidos. Todos deveriam viver: uma vida agradável e ter prazer nas tarefas da vida[65].

Condenava o luxo e a ostentação assim como a obsolescência programada dos produtos industriais. Desejava que as coisas fossem bem feitas para durar bastante e não houvesse a constante preocupação em manter-se produzindo artefatos industriais, pois manter-se nesse paradigma significaria o desperdício do esforço humano e atendia a lógica dos fabricantes e donos destas empresas que mantinham essa demanda constante para manter-se em um grau de superioridade por meio do lucro excessivo.

[63]BEER, Max *op. cit* p.526
[64]BEER, p. 528
[65]COLE, p.70

Aparte as considerações sobre a indústria, Fourier considerava a agricultura a principal ocupação do ser humano. Ela deveria ser praticada em pequenos terrenos e não em grandes colheitas. O mesmo pensava sobre as atividades dos pastos e granjas. O foco estaria na sustentabilidade dos núcleos de população sem ter a necessidade de se associar, sendo auto-suficientes.

Pode-se considerar como um dos pontos mais marcantes da obra de Fourier a questão do trabalho e sua relação com o prazer. Nenhum trabalhador deveria ter apenas uma ocupação, mas empregos distintos. Dentro de cada jornada de trabalho os membros da comunidade fariam coisas diferentes de modo que não houvesse monotonia e cansaço sobre uma atividade específica. Cada um escolheria a área que deseja trabalhar incorporando-se voluntariamente nos grupos de trabalho que Fourier intitulava "séries". A variedade dos trabalhos corresponderia a variedade dos desejos humanos.[66]

A forma como Fourier idealiza a educação estaria de acordo com esses princípios que ele queria ver postos em prática nas relações trabalhistas. Sendo assim, para ele as crianças deveriam seguir suas inclinações e deveriam aprender diversos ofícios, unindo-se aos mais velhos para o aprendizado.

De maneira muito metódica, Fourier acreditava ter descoberto as leis da distribuição das inclinações vocacionais do ser humano. Haveria que se inventar uma organização social que respeitasse essa lei. Essa sociedade proposta por ele deveria nem ser tão grande, mas nem tão pequena. Considerava um número entre 1600 e 1800 pessoas como um número ideal de pessoas reunidas num espaço de aproximadamente uns 500 acres de terra. Segundo ele esse número seria o adequado para distribuir os trabalhadores entre as diferentes tarefas e ofícios, assim como seria o necessário para evitar pessoas incompatíveis nos modos de vida evitando conflitos nas relações diárias.

Essas comunidades idealizadas por Fourier se chamavam "*phalanstères*" ou "falanstérios" que vinham da palavra grega Falange "phalanx". As pessoas habitariam um grande edifício comum ou grupos de edifícios que propusessem serviços comuns incluindo creches onde as crianças poderiam ser atendidas comumente. Cada família teria seu apartamento e seria livre para se ocupar utilizando restaurantes e casas públicas. Muitas vezes, esses prédios, essas unidades sociais eram chamadas de "a comum".

Essa ideia de casas públicas admitia apartamentos diferentes cada qual com a exigência individual. Fourier não se preocupava com a desigualdade. Para ele deveria se pagar mais aos que

[66]COLE, p. 71-2

trabalhassem mais e tivessem capacidade e responsabilidade de assumir cargos de gerência. Admitia que pudesse haver um ganho por meio de capital investido e esperava que cada um se tornasse acionista das atividades do falanstério, mas dentro de certos limites, evitando a acumulação excessiva e abusiva.

Fourier chega a descrever as proporções de capitais que deveriam ser destinados para cada setor da sociedade. Após ser assegurado o mínimo a cada pessoa, Fourier propunha um tipo de divisão de dividendos ao restante que fosse gerado pela comunidade. Assim, ele dividia nas categorias de Capital-trabalho-talento toda a cadeia produtiva. As proporções da distribuição de renda que ele propõe seriam de 5/12 para os trabalhadores, 4/12 para os capitalistas e 3/12 para o talento (que seriam as tarefas relacionadas a criatividade) . E aos que seriam trabalhadores, os que realizavam os serviços mais difíceis, penosos e desagradáveis seriam mais bem pagos do que aqueles, por exemplo, que se ocupavam de produzir artigos de luxo.

A proposta de criação dos falanstérios não contaria com nenhum tipo de iniciativa pública dos governos países que resolvessem adotar esse tipo de associação. Essas associações ocorreriam pela ação voluntária daqueles que desejassem este estilo de vida. Fourier, constantemente apelou para alguns capitalistas que investissem em seu projeto, mas não obteve sucesso. Somente depois de sua morte é que iniciam algumas experiências do falanstério nos Estados Unidos, Rússia Romênia, Espanha e Brasil[67].

Outro ponto que deve ser levado em consideração para a compreensão de Fourier seria no tocante a questão da desigualdade social. Para ele, seria saudável que ela existisse. Combatia a desigualdade extrema, mas declarava que a as rendas deveriam variar. A variedade proposta nas rendas do capital, fez com que o sistema de Fourier fosse mais igualitário do que parece a primeira vista. Ele não aceitava a igualdade completa e alegava que seria contraria a natureza humana e as pessoas teriam uma vontade natural de ser recompensadas proporcionalmente ao seu trabalho e contrariar isso seria injusto.

No geral, as propostas de Fourier são pautadas não apenas na vontade de se respeitar a natureza humana tal qual ele observava. Também seria necessária por em prática para manter-se de acordo como a vontade de Deus. Este teria gerado a humanidade com suas paixões e inclinações e, portanto caberia ao filósofo social, estudar essas diferenças e ponderá-las na sociedade de maneira que tudo se harmonize. Fourier acreditava que a vontade divina animaria a natureza e os desejos humanos deveriam ser canalizados para essa harmonização. Deus teria criado a Humanidade para uma ordem social sendo essa uma "vontade divina".

[67]COLE, p. 74-5 No texto original de Cole não é citada a experiência ocorrida no Falanstério do Saí em Santa Catarina.

Fourier deu uma grande colaboração para o socialismo, o cooperativismo e os problemas do trabalho e demais estímulos necessários às relações humanas. Desejava criar uma lei social de atração, como ele mesmo chamava. "A teoria da associação fundada numa lei psicológica que tentava utilizar as paixões humanas para o bem da humanidade e não as reprimindo em prol da civilização"[68]. Para isso não seria necessário mudar o ser humano, mas o seu meio e nesse sentido é que deveriam seguir os princípios da associação.

Outro ponto essencial para Fourier seria de que não houvesse revoluções para se atingir os fins a que propunha. Não competiria aos estados e nem a nenhum corpo político fazer essas transformações. Ele acreditava num tipo de federação dos falanstérios coordenados por um "omniarca" uma espécie de líder mundial.

Em resumo, Fourier tinha por base a questão do prazer e a necessidade de se adaptar as instituições sociais aos desejos humanos. Cada paixão aplicada em dados meios sociais seria essencial e complementar para o desenvolvimento humano. A vida seria mais facilmente vivida se fosse permitido satisfazer seus desejos naturais e não se esforçar para viver de forma artificial em nome de uma pretensa razão. Especialmente a aplicação deste princípio a Organização do trabalho é de muito maior importância.

Como diz um dos seus críticos, a importância atribuída por Fourier ao estudo das inclinações e aptidões individuais com o fim de dar a cada uma seu lugar adequado no mecanismo econômico – ou social- assemelha-se muito às ideias modernas de indagação e orientação profissional de temperamentos e aptidões. "Igualmente a preocupação de Fourier com a necessidade dos indivíduos se exprimirem é intensamente moderna: mais moderna que a repressão da pessoa humana no socialismo marxista"[69].

Fourier idealiza que os trabalhos deveriam ser divididos voluntariamente em grupos de "series" de trabalhadores entre os quais se despertaria o esforço, a emulação para bem realizar a sua tarefa. Fourier também desejava que as mulheres pudessem escolher seus trabalhos com a mesma liberdade que os homens. Na ordem de Fourier, essa igualdade seria completa.

Mantendo-se com a concepção de natureza do século XVII e XVIII, percebe os fenômenos de acordo com leis mecânicas, dividiu em quatro movimentos: O Social, o animal, o orgânico e o material. *Na vida social os instintos e as paixões ocultam a lei do movimento*[70]. O destino humano estaria na "atração apaixonada" com a completa satisfação de nossos mais nobres desejos. Reprimir os desejos seria algo nocivo. Os instintos levam aos destinos sociais

[68] *Idem,* p.75
[69] FREYRE, Gilberto – *Um engenheiro francês no Brasil*. São Paulo, José Olympio editora; 1940 p.174
[70] BEER, p. 529

Fourier admitia que a humanidade deveria passar por algumas fases até que se chegasse ao socialismo ou, como ele chamava "Socientismo" Dando sequência a explicação das fases que seriam passadas até chegar-se ao socialismo, dizia ele que depois da civilização virá, portanto, uma sexta fase, à qual Fourier denomina o "garantismo" – que seria um período de transição entre o individualismo e o socialismo, sétima e última fase da Humanidade; e Fourier aliás, em vez de socialismo emprega o nome de "socientismo" para designar esta sétima fase, que levará os seres humanos à mais completa harmonia e à felicidade. Os homens viverão em falanstérios, isto é , em grandes edifícios administrados dentro das normas cooperativistas. Trabalharão também de acordo com normas cooperativistas em grupos de 1600 a 1800 pessoas (isto é um número de indivíduos igual ao dobro de 800 ou um pouco mais para que nele se realize da melhor maneira a combinação de caracteres). Nessa sociedade o amor à variedade e a concentração de forças terão completa liberdade de movimento.

Com um arcabouço de ideias bem peculiar, Fourier ganha muitos adeptos de seus pensamentos em especial na década de 1840, a década seguinte a que ele morre. As interpretações do quer se chamou de "Fourierismo" são muitas. No próximo item, serão tratadas essas correntes ideológicas que se inspiraram na obra de Fourier, tarefa necessária para compreender especificidades do socialismo divulgado no Brasil.

O Fourierismo

O Fourierismo, ao longo da década de 1840 começou a ser estudado em outros países europeus que não a França a exemplo da Alemanha, onde se desenvolve uma espécie de variante do novo pensamento social francês e na Inglaterra onde as ideias de Fourier tiveram que enfrentar a rivalidade com as doutrinas de Owen, ainda que entre elas haja muitas semelhanças, muito pontos de contato. Owen também era acusado de plagiar a obra de Fourier, pois suas ideias haviam sido publicadas posteriormente as de Fourier. O ponto principal de rivalidade entre owenistas e fourieristas seria a questão da natureza humana. Fourier insistia na imutabilidade e na criação de meios adequados para as pessoas. Os owenistas, pelo contrário, queriam saber um meio de se modificar a natureza humana.

Owen pensava mais nas habilidades inatas dos seres humanos e Fourier achava que na natureza humana estava inclusa uma diversidade de inclinações e desejos. Enquanto Fourier acentuava a importância de se fazer agradável o trabalho, adaptando-o as "diversões" naturais do homem, Owen entendia que se o ser humano trabalhasse bem e feliz dando um sentido moral para o trabalho por ser este de interesse comum, e valioso a todos[71]. Quanto à criação das crianças Owen e Fourier desejavam que fossem educados em bons hábitos e atitudes sociais, mas acreditava que não apenas o interesse geral da comunidade fosse o que os guiasse suas ações mas a atitude espontânea sendo demandados pelos próprios desejos e pelo bem da sociedade. Este aspecto da doutrina de Fourier atraiu aos libertários como Kropotkin e William Morris.

Como um dos expoentes das vozes do Fourierismo pode-se destacar o surgimento na Inglaterra do periódico "The Morining Star" editado por Hugh Doherty em 1840. Este periódico seria o principal responsável pela divulgação do Fourierismo na Inglaterra. Doherty compilou parte da obra de Fourier em um livro chamado "As paixões da alma humana" como um tipo de resumo da obra de Fourier.

Já nos Estados Unidos o Fourierismo também foi amplamente propagado e possuiu muitos adeptos ao longo do século XIX em especial neste momento da década de 1840. O representante mais influente do fourierismo foi Albert Brisbane (1809 – 1890) que introduziu o fourierismo nos EUA e depois, por volta do ano de 1837 publicou o livro *Social Destiny of Man* em 1840 e se uniu a Horace Greeley que tinha um jornal intitulado *New York Tribune* com quem juntamente fundou algumas colônias de inspiração fourierista nos EUA[72].

Anteriormente houve a Brook Farm Comunity, fundada na Nova Inglaterra que se assemelhava a proposta e Fourier. Essa colônia não deu certo por que os recrutados a trabalhar lá eram intelectuais avessos ao trabalho manual. A colônia *La Phalanx* foi uma das que mais vingou durando até 1856.

Na França o discípulo mais importante de Fourier seria Victor-Prosper Considérant (1801-1893). Suas principais obras são *La Destinée sociale* (1834)*, Manifeste de l`École Sociétaire,* (1841)*; Le Socialisme devant le vieux monde* 1848. Ele redigia os periódicos: *Le Phalanstère* e *La Phalange,* nos quais publicou-se uns dos principais artigos fourieristas. Em suas primeiras obras, Considérant defendia uma abstenção completa da política pois as antigas sociedades políticas desapareceriam em breve e seriam substituídas por novas associações comunais fundadas com base voluntaria.[73] Mais tarde Considérant abandonou essa atitude e

[71]COLE p.79
[72]COLE, p. 70
[73]*Idem*, p. 80

começou a pedir para os partidos democratas que substituíssem o ponto de vista "político" pelo "social".

Em 1848 Considérant elege-se membro da Assembleia Nacional e tomou parte na comissão de trabalho de Luxemburgo presidida por Louis Blanc. Depois da derrota da revolução na França retorna aos Estados Unidos, convidado por Brisbane e tratou de fundar no Texas uma colônia falansteriana. Esta fracassaria em 1854.

Mais tarde as ideias de Considérant sofreram modificações, abandonando a hostilidade que ele tinha frente à questão industrial e científica tentando realizar uma variante do fourierismo que poderia conciliar-se com o desenvolvimento do conhecimento científico[74].

Há uma vasta literatura falansteriana na mesma medida em que projetos fourieristas empregados na França e em outros países. Aqui tentará se fazer uma síntese que nos permita uma ideia mais precisa das transformações do fourierismo e o entrelaçamento de suas ramificações, suas diferentes adaptações e recriações[75]. Alguns de seus contemporâneos tiveram interesse nas ideias de Fourier. Seus principais discípulos foram Clarisse Vigoreux, filha de um fundidor, considerada a primeira mulher a divulgar as ideias falansterianas, Claude Juste Murion, o primeiro discípulo que criaria a revista *L`Impartial*, o Deputado Alexandre Baudet-Dulary, Abel Transon, o Juiz Godet, Gréa, o Dr. Bonard.

Um tipo de Fourierismo: o "Socialismo Cristão"

Considerando-se uma grande quantidade de discípulos de Fourier há um em especial que deve ser destacado dos demais. Esse seria Victor Considérant, ex-aluno da politécnica, capitão de engenharia, que abandonou a carreira militar em 1831 para dedicar-se a divulgação da "ciência societária"[76]. A ele se deve a conversão de novos adeptos ao fourierismo de vários ex alunos da politécnica ou de oficiais, "roubados" à escola sansimoniana de Prosper Enfantin: Raucourt, Perdonnet e sobretudo Jules Lechevalier. Em junho de 1832, Considérant funda, com este último,

[74]Sobre Victor Considérant Ver: H. Bougin – Considérant (1909) e M. Dommanget – Victor Considérant 1895; Victor Considérant – Destineé sociale - Libraire Phalanstérienne. Paris – 1847, Dedicace au Roi.
[75]O interessante levantamento de Henri Desroche em: DESROCHE, Henri, - *La société festive Du fouriérisme écrit au fouriérisme pratique,* Le Seuil, 1975. Constitui uma primeira abordagem desse trabalho. PETITFILLS p. 107
[76]Segundo o levantamento de PETITFILLS, *op. cit*. p. 108

Le Phalanstère que muda de nome em setembro *La Réforme Industrielle*. Em 1836, assume a direção de um novo jornal fourierista, *La Phalange*, e em 1843 cria um periódico diário, *La Démocratie Pacifique*, se manteria atuante até 1851. Considérant trabalhou muito para a difusão da doutrina e a organização de uma escola de pensamento falansteriana. Foi um tipo bem atuante na causa de tentar converter as pessoas e de tentar manter-se como um discípulo fiel a Fourier. De 1835 a 1844, mandou publicar os três volumes do seu *Destinée sociale*, e depois, em 1847, os *Principes du socialisme*; *manifeste de la democratize au XIXe siécle*. Sua obra de mais divulgada foi a intitulada *Exposition abrégée du système phalansterién de Fourier* (1845) que teve sete edições em quatro anos.

Considera-se que Victor Considerán teria dado um tipo de ressignificação a Fourier tentando dar mais clareza as seus pensamentos. Considerán teria acentuado a orientação socialista do fourierismo, aperfeiçoando a análise e a crítica do capitalismo. Suas ideias de organização da produção não estavam distantes do sansimonismo. Insistiu principalmente na transição pacífica para o socialismo associacionista e cooperativo. Pouco lhe importava a maneira pela qual a ordem harmoniosa seria edificada, desde que não fosse através das penúrias de uma revolução.

Considerán tinha um conservadorismo político demonstrado por exemplo na elogiosa dedicatória do primeiro tomo de seu *Destinée sociale*, que dirigiu a Luís Felipe, denominando-o "chefe de governo, de primeiro proprietário de França, o mais interessado na ordem, na prosperidade pública e particular, na felicidade dos indivíduos e das nações". O apego ao modo de vida ao pré-revolucionário seria parte do repúdio à ordem burguesa.

A obra de Victor Considérant à frente do grupo considerado "ortodoxo" é hoje bem conhecida como uma tendência parisiense e doutrinária do fourierismo que continuou depois dele, com o Bulletin du Mouvement Social, em seguida com o jornal La Rénovation (1888-1922). Desses grupos, também se geram outros grupos dissidentes que seriam incontáveis.

Os círculos provinciais de Besançon, Lyon, Tolouse, Bordeaux queriam livrar-se das discussões que consideravam inúteis e concentrar-se exclusivamente à propaganda doutrinária. Tinham todos, um mesmo objetivo: colocar em prática, mesmo que de forma parcial, esse maravilhoso laboratório social que era o falanstério. A análise detalhada da imprensa dissidente, *La Correspondence Harmonienne, Le Noveau Monde, jornal populaire, La Correspondance Phalanstérienne, La Correspondance des Disciples de la Science Social,* mostraria sem dúvida o traço de um utopismo mais vivo e mais preocupado com a prática que o delineado nos textos um

tanto convencionais e dogmáticos da "ortodoxia"[77]. Muitos consideravam as diversidades da dissidência como um tipo de traição a Fourier por fugirem de maneira direta do texto original.

Um breve histórico dessas experiências pode ser feito. Desde 1832 surgiram algumas experiências como no caso da empreendida pelo deputado Baudet-Dulary que comprou quinhentos hectares de charnecas e terras arenosas em Condé-sur-Vesgre, na floresta de Rambouillet, mas não consegue, por falta de recursos, fundar uma colônia societária. Ao longo dos anos de 1834 a 1838 Michel Derion implanta, em Lyon, *Le comerce Veridique et Social*. Acreditando estar colocando em prática o fourierismo, descobre as virtudes da cooperativa de consumo. No ano de 1838, o marceneiro Andron e o imigrante polonês Czynski fundam uma "padaria verídica", sob forma cooperativa, na *Rue des Amandiers*, em Ménilmontant. De 1841 a 1844, duzentos leitores do *Noveau monde industrielle* tentaram organizar a colônia societária de Cîteaux, em Côte-d`or. Outros viajam para o Brasil para fundar a *Union industrielle* do Saí, outros ainda dirigem-se a África para criar a União Agrícola de Saint-Denisen-Sig (Argélia)[78]

Mas, o que deve se fixar como um foco para o presente estudo estaria no que Petitfills nomeou de "uma mutação religiosa".[79]Ao encontro do utopismo com a população pobre e com a democracia, devemos acrescentar um terceiro encontro – com o cristianismo. Até então os utopistas do século XIX, apesar de se inspirarem em temas místicos e messiânicos, demostravam-se muito resguardado, ou mesmo contrários, ao cristianismo, que quase todos queriam substituir por um "novo cristianismo", de caráter panteísta. O quadro modifica-se, porém, a partir de 1840-1848.

Surge algo que foi muito bem esmiuçado por Jean Baptiste Duroselle estudioso do que ficou conhecido como "catolicismo social". Jean-Baptiste Duroselle, em sua importante tese sobre o catolicismo social, insistiu na osmose que se produziu então na França entre o fourierismo e o

---

[77]PETITFILLS, p. 109

[78]A moda do fourierismo chega também ao estrangeiro, onde tentativas de implantação de falanstérios ou de fazendas societárias foram feitas, sem maior êxito Na Espanha Joaquín Abreu contribuíra para a difusão da doutrina, Manuel Salgario Veloy tenta montar uma colônia fourierista em Tempul, próximo de Jerez. Na Romênia, Teodoro Diamant funda um falanstério agrícola na província de Scâeni. Na Inglaterra Hugh Doherty com o semanário *London Phalanx* sem perder de vista o Owenismo (Fourier critica as colônias de Owen por não associarem as paixões e a indústria por séries contrastadas, e diria "esse veneno político de associação"). Em 1845, na Rússia Petracheviski, Kharikov, acharumov, Jatchin inseriram estudos fourieristas dos quais participavam Dostoiévski.

Na Rússia o socialismo se associava ao ateísmo e ao comunismo igualitário, nos EUA a cosmogonia panteísta e neocristã de Fourier era exaltada pela corrente mística e teosófica das doutrinas de Swedenborg. Devemos a Albert Brisbane, um americano entusiasmado por ter encontrado na França o fascinante teórico da atração passional, a difusão além Atlântico de sua doutrina. De 1840 a 1860, conhecem-se cerca de quarenta tentativas de falanstério que em geral tiveram existências efêmeras a mais célebre foi a de Brook Farm na Nova Inglaterra por um grupo de transcendentalistas, que haviam adotado o fourierismo em 1845.

Entre essas experiências fourieristas pode-se incluir a experiência do Falanstério do Saí que contou com a participação massiva de leitores e colaboradores do jornal *Noveau monde industralle*. Duzentos leitores desse jornal vêm para o Brasil pra fundar a união industrial do Saí ver: PETITFILLS, *op. Cit*. p. 110-111.

[79]PETITFILLS, p. 119

catolicismo, duas doutrinas cujos pressupostos filosóficos pareciam, de início, totalmente inconciliáveis. Foi tão extraordinário esse fenômeno, diz ele, que "*la democracie pacifique*" se torna, mais popular do que "*L`Univers*" ou mesmo "*Le Correspondant*", a publicação mais interessante para se consultar e estudar o catolicismo social em um momento bem peculiar, momento em que suas ideias estavam com grandes adeptos, momento em que uma parte considerável das pessoas que se inclinavam ao socialismo começaram a ter atenção nessa "mutação" do fourierismo. Isso teria acontecido principalmente entre os anos de 1843 e 1851.

Um grande expoente desse "catolicismo social" ou "socialismo cristão" seria Abel Transon, um dos primeiros companheiros de Fourier. Ele teria reencontrado a fé sem renegar, porém, as ideias de organização social de seu mestre. "Quando se é falansteriano não se pode deixar de ser católico" dirá ele. O Dr. De Bonnard, autor de uma obra sobre *L`organisation du travail* (1845), partilha quase que das mesmas convicções, o que também se observa em Victor Hennequin, Louis Rousseau[80], Victor Calland[81]. Quanto a Désiré Leverdant, membro ativo da escola societária, autor de um plano de colonização para ser operado em Madagascar, ele proclama-se firmemente "católico falansteriano" forma que foi se popularizando por todos os lugares em que pessoas aderiam a esse tipo de ideia.

Houve um caso muito específico protagonizado por um bretão chamado Hippolyte de La Morvonnais que tentou fundar em 1848 no vale do Arguenon, uma "comuna cristã" espécie de falanstério religioso, onde a "virtude" substituiria a "paixão" como princípio de associação.

Nesse momento, para muitos, o socialismo seria *apenas a colocação em prática dos princípios evangélicos, o "verdadeiro cristianismo", ou, a "república de Deus".*[82]

Segundo o estudo de Petitfills, nesse mesmo período Assistia-se a afloração de obras que celebram essa ligação entre socialismo e cristianismo gerando-se romances e peças tais como "o proletário de Nazaré", o "carpinteiro Jesus" o "Jesus Sans Cullote", o "pai do socialismo" Um livro chamado *L`évangile du peuple (1840),* de Alphonse Esquiros, ilustra bem essa corrente mais apegada aos sentimentalismos que combinavam religião e política. Esse chamado por Petitfills de "populismo cristão" encontrava-se vivo sucesso entre a população operária e artesã da França, que, apesar das agitações religiosas nascidas com a Revolução, não fora ainda afetada pela onda

[80]Em sua Croisade du XIXe siécle, Louis Rousseau propunha a criação de uma tribo cristã, espécie de falanstério agrícola que reuniria de mil e duzentas a mil e trezentas pessoas, em dois mil a dois mil e quinhentos hectares de terras cultiváveis. Um conselho de fundação reunir-se, com esse objetivo em 1842, mas não chegou a concretizar esse projeto grandioso.

[81]O arquiteto Victor Calland queria reformar a sociedade pela educação. Em 1846, dirigiu a Luis Felipe um projeto de criação de três mil " palácios sociais" que permitiram abrigar, educar e fornecer trabalho a três milhões de pessoas.

[82]PETITFILS p. 120

de descristianização. Nesses círculos, pelo contrário, o ateísmo e o anticlericalismo são diretamente considerados atributos da burguesia capitalista.

Saint Simon e os sansimonianos

Entre os idealizadores do socialismo utópico francês, Saint-Simon, ainda que tenha uma grande importância e relevância deixou poucos discípulos, bem menos que Fourier. Em geral, seus seguidores foram pessoas de camadas abastadas. Teve muitos adeptos entre uma nova geração de socialistas que desde 1821 começava a fundar associações secretas que se comunicavam com os Carbonari na Italia. Eram estudiosos da Revolução Francesa, das teorias sociais inglesas e aprendiam táticas de conspiração com os Carbonari, tornando-se grandes entusiastas de suas ideias.[83]

Entre essa geração de jovens pode-se destacar Saint-Amand Bazard (1791-1832), e J. Buchez (1796-1832) que mais tarde iria consagrar-se a propaganda a favor do estabelecimento de cooperativas de produção. Bazard inicia sua militância sansimonista em 1825 sendo influenciado pelo livro que Buonaroti escreve sobre Babeuf. Outro destaque entre os sansimonianos seriam as atuações de B. P. Enfantin (1794-1864), e Fernado de Lesseps um dos entusiastas da abertura do canal de Suez e que conseguiu ver sua ideia realizada.

Expondo a doutrina sansimoniana, Bazard organizava conferências para torna-las vulgares. Entre elas destaca-se a ideia de que na História da humanidade, haveria momentos específicos, de ruptura e cisão de paradigmas que poderiam ser percebidos através de alguns indícios observando-se que aos períodos orgânicos sucederiam períodos críticos, e reciprocamente, ou seja: entre períodos de hegemonia de pensamento haveriam períodos de ruptura com o antigo pensamento que gerariam momentos confusos, híbridos em que a realidade necessitaria se readaptar para seguir o novo rumo. Sendo assim, o período em que viviam estes intelectuais, sendo logo posterior a dupla Revolução (Francesa e Industrial) que era vista por Saint-simon como fruto da Reforma de Lutero, seria uma espécie de "período crítico", ao qual deveria encontrar o caminho para superá-lo rumo a uma nova era, um novo período orgânico. "A missão de Saint-Simon teria sido preparar este advento. Esta missão, formulada no Novo Cristianismo; teria como resultado a terminação do período crítico iniciado por Lutero"[84].

[83]BEER, 1944 p. 540
[84]*Idem*, p.541-2

Estes períodos críticos e orgânicos seriam caracterizados pela associação e o antagonismo. Os antagonismos seriam transitórios e secundários enquanto a Associação seria o esforço principal da humanidade, a lei fundamental da História. Estas lutas e antagonismos fariam surgir um organismo superior sob o domínio de uma fé única, com uma unidade intelectual. A Humanidade tenderia para a "unidade universal".

Esse antagonismo seria provocado pela violência que seria fruto da exploração do homem pelo homem, mas essa violência ficaria cada vez mais fraca perante as mudanças observadas socialmente como no caso da escravidão da antiguidade ao operariado contemporâneo. O operário moderno seria politicamente livre e a ele apenas faltaria libertar-se economicamente.

No quesito propriedade os sansimonianos acreditavam que ela era um fenômeno social e não poderia ser abolida. Eram contrários a heranças sendo que estas deveriam ser entregues ao Estado para toda a nação e não para a família. Cada capacidade seria recompensada pelas próprias realizações. O Estado cuidaria de tudo e seria governado pelos mais capazes em cada atividade humana, com escolas para boa formação desses. O Estado regraria a vida econômica para suprimir tanto a ociosidade como o excesso de trabalho, a pobreza e a exploração do homem pelo homem, e instaurar um novo período orgânico a era da "harmonia social".[85]

Assim como os fourieristas, sansimonianos não cogitavam entre seus meios propostos para atingir o socialismo, um tipo de revolução. Antes, pensavam que tudo ocorreria em um prazo longo em que toda a transformação se daria de maneira mais lenta, através de uma grande renovação moral e educativa. Nesse estado associado, a religião estaria em primeiro lugar, depois os sábios e depois os industriais. Segundo ele: *o entusiasmo moral e religioso, a razão lúcida e disciplinada e a boa técnica industrial libertarão a Humanidade.*[86]

Essas conferências de Bazard influenciaram intelectuais e artistas, mas por pouco tempo pois logo Enfantim rompe com Bazard e Rodrigues aderindo as ideias de Fourier quanto à emancipação da mulher, e introduz o amor livre ao sansimonismo sendo que a maior parte dos sansimonianos se opôs a isso. O sansimonismo influenciou o movimento revolucionário de 1830-1848.

Henri de Saint Simon quando escreve a obra *Noveau Christianisme*, considera-se convencido que realiza "uma missão divina, chamado os povos e os reis ao verdadeiro espírito do Cristianismo". Ao fim de 1829, nasce a "religião sansimoniana". Enfantin e Bazard são eleitos pais supremos. A igreja influencia muitos jovens que iniciam suas pregações em algumas cidades francesas: Lyon, Tolouse, Montpelier, Marselha, Brest criando igrejas nessas localidades. O

[85]BEER, 1944 p. 543
[86]*Idem* p. 545

sansimonismo torna-se um tipo de "seita-religiosa" contando como adeptos: Henri Fournel, Michel Chevalier, Jean Reynaud, Philippe Buchez, Pierre Leroux entre outros.

Funda-se o colégio sansimoniano sob direção de Michel Chevalier e o jornal "*Le globe*" torna-se o órgão doutrinário da nova igreja no momento do apogeu do movimento. Mas o autoritarismo de Enfantin e suas ideias consideradas extravagantes colaboraram com a dissidência do movimento. Bazard, Leroux. Buchez, Transon, Carnot Reynaud, Olinde Rodrigues afastam-se de Enfantin que queria ser chamado de "pontífice da Nova Jerusalém"[87].

Esta ciência sansimoniana substituiria a religião, pois a humanidade obteria por si as maneiras de solucionar seus problemas, com uma ciência que gozaria de uma exatidão e precisão, tal qual a matemática, percebendo as circunstâncias e a prevendo os resultados das ações da sociedade.

A passagem de Saint Simon da ação para a filosofia liga-se com a sua desilusão com o processo revolucionário e por esse motivo acreditava no imperativo de refundar o conhecimento, uma espécie de revolução científica para realizar uma revolução social, sem que se tenha que empregar de meios revolucionários. Para os contrastes da sociedade o caminho para realizar a fraternidade universal estaria em um "Novo Cristianismo" cuja missão fosse a da "melhoria o mais rápido possível da sorte da classe mais pobre"[88].

A sua filosofia inovadora atraía a juventude ávida de mudanças na sociedade em que viviam e um grupo passou a divulgar a doutrina de Saint Simon pela imprensa e a publicar novos estudos inspirados em Saint-Simon. Outro ponto importante para compreender a relação dos Sansimoneanos estraria na sua prática, na forma como tentaram por em prática suas ideias. Na análise de Ivone Gallo[89] Ela demonstra como que os sansimonianos tentavam ligar o seu saber de intelectuais com os operários em um tipo de conhecimento compartilhado que daria vida para além das ideias que eram elaboradas pelos intelectuais dando-se a devida função prática nas mãos dos operários.

A propaganda que faziam tentava uma aproximação com os operários a partir de algumas relações de caridade com o objetivo de "plantar a palavra de Saint-Simon" e o impulso de emancipação. Suas ações com o operariado variava entre ajuda material, remédios e palavras de

[87] PETITFILS, Jean Christian – op. Cit. p. 67-8.
[88] SAINT-SIMON. (1966). *Nouveau christianisme: dialogues entre un conservateur et un novateur. In: Oeuvres de Claude-Henri de Saint-Simon* vol. XXIII Paris, Anthopos. Apud in: GALLO - Intelectuales y socialistas o la ciencia al servicio del arte de vivir –Revista Historia y espacio vol. 9 nº 40 2013
[89] GALLO, *Idem*

incentivo e consolo, auxílio vindo ainda das mãos de membros da classe oponente, algo que gerava um pouco de desconfiança por parte dos operários[90].

Os sansimonianos sofriam também, com a concorrência do grupo dos católicos leigos ao redor de Ozanam que, assim como os sansimonianos, mantinham uma postura de "apóstolos" voltada para ações de caridade nos bairros operários. Eles passaram a exigir dos católicos um posicionamento menos beneficente e mais politizado. Construía-se assim entre esses grupos proletários, que tinham também suas sociabilidades sansimonianos e uma nova identidade. Essa união se consubstanciou na absorção da ideia de que um dos principais caminhos a serem seguidos para a transformação social estaria na questão da educação. Nesse momento, na França, surgem movimentos operários que lutam nesse sentido pela criação de bibliotecas públicas, universidades populares e círculos de leituras adaptados ao operariado, passo de grande importância para impulsionar o movimento operário e sua propaganda via imprensa.

Desse encontro populariza-se o método pedagógico de Jacotot que elaborou um método de autodidatismo dirigido principalmente para a classe mais pobre, algo que era bastante revolucionário, pois Jacotot dispensava a apreciação de mestres. Ele viria como uma alternativa ao sistema público de ensino, de base autoritária visando à instrução emancipadora do povo.

[90] GALLO, *Idem*, p. 9

1.4 Os primórdios da implantação do Socialismo no Brasil e no Rio de Janeiro: a Experiência do Saí. Dr. Mure e os colonos da *Union Industrielle*

Para iniciar este tópico, há que se levar em consideração uma espécie de primórdios da utilização desta ideia em terras brasileiras. Vamireh Chacon, importante estudioso do socialismo em diversas épocas faz um traçado histórico de momentos em que as lutas sociais estiveram presentes sem necessariamente se ligarem ao ideal mais concreto do socialismo.

Chacon destaca as reivindicações nativistas em favor da Independência brasileira relacionando-os com aspectos igualitaristas. A Conspiração dos alfaiates que ocorre na Bahia em 1798 reivindicava mais do que a liberdade, mas também a igualdade econômica. No movimento insurrecional que ocorre em Pernambuco no ano de 1817, identifica que havia igualitários rousseaunianos atribuindo esta alcunha ao padre João Ribeiro, Domingos José Martins e Cabugá.

O autor da referida obra inclui também uma espécie de "Pré-história" do Socialismo no Brasil identificando a organização social dos Guaranis nas missões jesuíticas do sul do Brasil, Argentina e Paraguai como um tipo de experiência Socialista. Algo que também é identificado por historiadores estrangeiros que tentaram sondar sociedades que praticavam atitudes semelhantes às pregadas pelos socialistas utópicos.

Descreve então como o mais pioneiro dos socialismos laicos no Brasil o que acontece em Pernambuco na década de 1840 em especial o início da Revista "O progresso" que circula em Recife após o ano de 1846. Para Chacon não haveria surpresa no fato de ter vindo da França esta influência inicial, pois observa-se que em muitos outros países ocorreu o mesmo, como no caso dos autores César Nogueira e Victor Sá em Portugal, onde um apresenta a marcha do Sindicalismo na direção do socialismo e o outro a crise do liberalismo também lá desembocando nas ideias socialistas.

Ainda que Chacon trouxesse as informações sobre esses artigos, havia também no Rio de Janeiro, diversas publicações sem assinatura, mencionando o tema. O caso pernambucano, no entanto, é o mais comentado e o que tem maior bibliografia produzida a seu respeito. O que pode justificar a ênfase dada a esse evento.

Chacon destaca a importância dos intelectuais franceses sobre os ingleses, sendo os franceses igualitários jacobinos e socialistas. Os ingleses teriam seu socialismo muito pontual nas

ações de Owen e de Hodgskin, sem poder rivalizar na profusão de ideias.[91] Complementando essa busca pelos primórdios do socialismo aqui no Brasil, identifica que essas ideias chegam aqui pela via da veneração aos intelectuais franceses, sobrepondo-se aos ingleses acerca desse tema. É na francofilia do fim do século XVIII e do século XIX que surge a matriz intelectual de reacionários e progressistas, sendo quase um monopólio intelectual.[92]

E por fim o que consolida a absorção do socialismo no Brasil se observa por meio da influência da "primavera dos povos" no ano de 1848 em Paris. A difusão dos fatos e a divulgação em maior escala dos debates suscitados pelos acontecidos de 1848 é que seria o início da profusão dos ideais socialistas e comunistas aqui no Brasil já com mais maturidade e precisão dos conceitos e das influências intelectuais que se destacariam modelando o pensamento socialista que se desenvolverá no país.

Chacon ignora a experiência socialista ocorrida no Saí, em Santa Catarina e as implicações desse movimento na imprensa carioca, sendo essa imprensa um dos maiores divulgadores desses ideais sociais e uma grande propagandista das ideias socialistas em diversos artigos publicados ao longo do início da década de 1840.

Assim como o livro "a história das ideias socialistas no Brasil", Chacon vai se debruçar mais acentuadamente sobre o caso de Pernambuco e toda a movimentação socialista que acontece na década de 1840, Gilberto Freyre, no livro: "um engenheiro francês no Brasil" traz a tona a história de dois engenheiros Franceses Vauthier e Milet. Segundo Gilberto Freyre, Vauthier poderia ser incluído entre os pioneiros do positivismo no Brasil. Sendo um positivismo francês de teor humanista e científico característico dos socialismos franceses Quem se escandalizar com a relação positivismo-socialismo, lembrando-se da aversão de Teixeira Mendes aos movimentos socialistas e anarquistas brasileiros, saiba que Pierre Laffitte, heterodoxo discípulo de Comte afirmou em prefácio a um livro de Antônio Gomes d`Azevedo Sampaio, que o Positivismo seria o socialismo genuíno. Socialismo representado pela incorporação do proletariado a sociedade moderna, numa superação das lutas de classe repudiadas por Comte. Positivismo e Socialismo, emergindo como *experiências científicas, e por vezes cientificistas nos seus excessos, num país dominado por latifundiários e bacharéis, onde só por exceção àqueles pioneiros médicos e engenheiros e matemáticos fizeram ouvir as vozes.*[93]

[91]CHACON, Vamireh – "*História das idéias socialistas no Brasil*" UFC; Foraleza; Civilização Brasileira, Rio de Janeiro; 1981. P. 17
[92]CHACON, *op. cit*. P.18
[93]CHACON, *op. cit*. P. 149-150

Uma bibliografia sobre o "socialismo" presente no Brasil (1840-1847):

Neste item, cabe compreender o que era lido sobre o socialismo ao longo da década de 1840 aqui no Brasil. Percebe-se por meio de alguns anúncios de jornais da época que apresentavam os livros socialistas que a maioria era o que se pode chamar de uma leitura "Falansteriana". O Sistema de Fourier ganhou muita notoriedade e um espaço muito grande nas prateleiras dos escritos sobre Filosofia, e primeiras aspirações sobre as "ciências sociais".

Como citado no item anterior o engenheiro Vauthier foi autor de dois documentos publicados no Brasil: o diário de sua estada e uma série de quatro cartas sobre o País. Ademais, participara de discussões contundentes em revistas europeias tais como *Phalange*, *Democratie Socialiste*[94].

Nos jornais da década de 1840, constantemente se encontrava anunciado livros que tratavam de História e Filosofia. O livro *docrtine sociale* de Bonnin mantinha-se a venda desde 1841 nas lojas de Garnier na rua do Ouvidor. Lia-se o anúncio dessas obras estrangeiras vendidas nas livrarias do Rio de Janeiro. No jornal a "Gazeta dos tribunaes – dos juízos e factos judiciaes do foro e da jurisprudência" em 3 de junho de 1845[95], também foi anunciada esta obra.

A familiaridade com essas ideias cada vez mais era percebida pelo que era lido acerca dos temas socialistas nesse período. Era fácil encontrar esses livros aqui pelo Brasil E isso pode ser percebido pela lista de livros à venda na casa de Manuel Figueroa de Farias, um editor do Recife em 12 de março de 1845[96]Seriam eles: *Almanak Phalanstérién: $320*; *Les enfants au Phalanstere:* $ 240; *Débacle de la Politique:* 1$000; *Notions de la Science Sociale:* 1$000; *Petit cours de Politique et d`Economie sociale:* $240; *De La Politique Nouvelle* $ 100; *Trois Discours:* 2$000; *Colonisation de Madagascar*: 1$5000; *Vie de Charles Fourier*: 2$5000; *Examen et Dé fense du Sisteme de Fourier*: 1$500; *Des Caisses d`Espagne*: $500; *Exposition abregée du sistéme de Fourier:* $300; *Le Sept avril*: $100. No Rio de Janeiro, no ano de 1844 o jornal apenas de anúncios chamado de "o Grátis" anunciava: "Existe no prelo um resumo circunstanciado de toda a doutrina de C. Fourier; este Socialista se torna recomendado a todos os homens de estado, e em geral a todas as classes: o preço de subscripção he de 1$000 rs[97]."

[94]*QUINTAS, op. Cit p.155*
[95] *Gazeta dos tribunaes – dos juízos e factos judiciaes do foro e da jurisprudência*. 3 de junho de 1845, na edição número 233
[96]VAUTHIER – *op. Cit*. p. 200
[97] *O Grátis*, 26 de novembro de 1844. P. 4

O livro de Reybaud, citado entre os livros que trouxeram pela primeira vez o termo "socialista" o "*estudes sur les Reformateurs modernes, ou socialistes modernes*" era vendido aqui no Brasil. O tomo 1o continha estudos sobre as obras de: Saint-Simon, Charles Fourier, Robert Owen; era vendido na versão da 4ª edição aumentada de uma bibliografia dos principais socialistas clássicos. O tomo 2º, também anunciado continha artigos com títulos como: "a sociedade e o socialismo", "os cartistas", "os utilitários", "os humanitários", "das leis do trabalho", entre outros títulos. Esse anúncio apareceu no jornal Gazeta dos tribunais, no Rio de Janeiro ao ano de 1845.

Outro estudioso do socialismo que se divulgava no Brasil na década de 1840 seria: Amaro Quintas, autor que faz uma associação do espírito evocado pelos socialistas cristãos, que inspiravam se na generosidade e solidariedade como um dos fundadores do "espírito de 1848". Espirito esse classificado como "ideologias de 1840" aflorados na revolução de fevereiro de 1848, na França. Esse espírito representaria uma das mais altas expressões de idealismo e de generosidade[98].

A análise sobre a revolução de 1848 tem por base esse espírito que se movimenta desde 1840, o que depois seria chamado de espírito *quarent huitard*. Esse dominou na gênese e no desenvolvimento da revolução que seriam o idealismo, generosidade, o sentimento de solidariedade humana, o amor pela liberdade, os traços marcantes do *quarante huitard*, daquele espirito a dominar na França com a revolução de fevereiro, que, como verdadeira primavera dos povos, foi repercutir em locais bastante distintos do mundo, numa época, numa fase, em que os homens se achavam em crise "porque denunciava a triste e irrefutável presença da miséria E essa triste e apavorante presença vai tornar-se constante aos olhos e angustiados do mundo que aí surge. Os males não são mais políticos, mas sim, sociais"[99].

Pode-se considerar então que há um espírito temporal que paira sobre essas ideias que eram debatidas no Brasil. Levando-se em consideração as leituras que eram encomendadas por Vauthier no ano de 1845, pode-se ter uma noção do que era lido no Brasil neste tempo. No diário de Vauthier, é mencionado o *Socialista da Provincia do Rio de Janeiro* lido por pernambucanos.

O manifesto do partido comunista de Karl Marx teria sido influenciado diretamente por Victor Considérant. O "manifesto da democracia pacífica", escrito meses antes, no ano de 1847 foi um dos estudos cujas reflexões já estavam se preocupando em dar mais foco ao trabalhador em si na construção do socialismo. A questão da "exploração do Homem pelo homem" são expressões

[98]CUVILLIER, Armand – *Hommes et ideologies* Apud in: QUINTAS, Amaro – *"*O Espírito *Quarent Huitard* e a Revolução Praieira. O sentido social da Revolução Praieira. *P. 68-70*
[99]*Idem*, p. 70

que aparecem no manifesto de Considérant e que vão fazer parte do corpo das ideias desenvolvidas por Considérant.[100]

A obra de Fourier mantinha-se a que mais influenciava os pensadores da sociedade brasileira e era vista como a mais consistente das propostas de reconstrução da sociedade. Entre alguns elementos teóricos que constantemente apareciam como pontos primordiais para serem assimilados pela sociedade seriam: a "ciência social", o "associacionismo", a "organização do trabalho", a "propriedade privada".

A Experiência do Saí. Dr. Mure e os colonos da *Union Industrielle*

A colônia do Saí fundada no Sul do Brasil deve ser um ponto de partida para compreender especificamente aqueles que empreenderam a divulgação do Socialismo em jornais no Rio de Janeiro. Seria praticamente impossível dissociar a divulgação que teve o socialismo aqui no Brasil no início da década de 1840 da experiência do Falanstério do Saí. Parte dos colonos egressos do Saí são os que fundam jornais de inspiração socialista ou publicam artigos para divulgação desse ideal por aqui.

A publicação de alguns artigos sobre o socialismo nos jornais do Brasil, muitas vezes extraindo-se artigos de jornais franceses ou em correspondências internacionais vindas da França, dá-se como resposta à fundação da colônia do Saí. Todo esse afã literário é dado paralelamente ao empreendimento de Mure que antes mesmo de iniciar-se conta com uma propaganda intensa, com divulgação de artigos sobre a proposta de Mure. Isso aconteceu de maneira periódica nos anos de 1840-42, momento em que se iniciara e se consolidara a colonização proposta e posta em prática no Saí. Ao longo dos anos de 1840 essa produção de artigos se intensifica. A análise destes artigos será feita no próximo capítulo. Antes mesmo de se tornar real sua tentativa de aplicação em terras brasileiras, o Dr Mure, o principal idealizador e líder dessa empreitada iniciou a escrita de uma série de artigos que geraram uma propaganda muito intensa na imprensa carioca, em especial no *Jornal do Commercio*, que nesse momento era dirigido pelo francês Picot, um simpatizante do socialismo.

[100]FRIEDBERG – *Influence de Charles Fourier sur le mouvement social contemporain em France*, Paris: Marcel Giard, 1926, p. 42 *Apud* in GALLO, Ivone – A aurora do Socialismo. *op cit*.

A chegada dos franceses e sua aceitação por parte de D. Pedro II e do governo brasileiro estavam diretamente ligadas ao projeto de iniciar novas formas de trabalho empregando pessoas que não fossem escravas para colonizar o Brasil e produzir gêneros diversos nessas terras. A ideia de colonizar o Brasil com europeus estava sendo construída nesse momento. As propostas começavam a ser debatidas em jornais desde o início de 1840. A questão da escravidão e de seu fim dado como iminente seriam base da escrita desses artigos.

Alguns pesquisadores já trouxeram informações sobre esse momento vivido no Brasil. Há dois trabalhos que são as referências maiores para a compreensão do que houve na colônia do Saí: o livro de Raquel Santiago: "Fourier: utopia e esperança na península do Saí" (1995) e a tese de doutorado de Ivonne Gallo, "A aurora do socialismo no Brasil"(2002). Estes trabalhos servirão de norte para compreensão do que se passou desde a fundação até a extinção total dessa colônia. Nestes textos foram utilizadas as fontes selecionadas a partir do arquivo do instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, mais alguns documentos que se encontram na Biblioteca Nacional: as publicações nos jornais da época sobre o projeto, implantação e andamento da experiência colonial, os documentos oficiais do Governo Imperial e do Governo Provincial, os depoimentos dos franceses registrados, e algumas poucas obras escritas sobre o tema. Eles serão os guias para esta breve análise do ocorrido no Saí.

Também há uma série de artigos acadêmicos, produzidos por pesquisadores de diversas universidades e de diversos campos do saber dando uma colaboração de diversas ciências para o tema. Trabalhos que contaram um pouco sobre essa experiência e que aqui também serão mencionados para tentar esclarecer um pouco do que foi essa experiência.

O socialismo que chega ao Brasil veio inicialmente com dois grandes mentores; Dr. Mure que chega em 1840 em terras brasileiras para negociar diretamente com o Imperador a implementação de sua empreitada que vinha carregada de promessas e Derrion que chega em 14 de dezembro de 1841, apenas três dias após Mure ter acertado o contrato com o governo imperial.

Dr. Mure, o principal idealizador e divulgador do socialismo no Brasil chegou na embarcação Havre, no dia 21de novembro de 1840. Sua chegada foi anunciada entre os nomes dos que vinham desta embarcação que atracou no Rio de Janeiro.[101] Conhecido por ser um difusor do método de Jacotot[102] o anúncio o apresentava como "um membro da Sociedade de Emancipação

[101] *Jornal do Commercio*, 22 de novembro de 1840. p.1

[102] O método do Ensino Universal, tal como sistematizado por Jacotot, prevê que todo homem é capaz de instruir a si mesmo, bastando para isso que se *emancipe intelectualmente*. Emancipar-se significa entender que há em todas as pessoas uma *igualdade de inteligências*, além de acreditar que toda e qualquer produção

Intelectual de Paris, testemunha dos últimos momentos de Jacotot, e encarregado da sagrada missão de difundir este método, deseja entrar em contato com os amigos da educação universal que estão no Rio".[103] Nesta apresentação coloca-se a relevância do desejo que Mure tinha quanto a propagação dos princípios panecásticos.

Mure veio com sua Mulher Arabelle Cretiat, sua sobrinha Camille Lallemant e uma criada, Caroline Devoe. Eles partiram para Santa Catarina no dia 18 de dezembro de 1840.[104]No dia 22 de dezembro de 1840, no "Jornal do Commercio", foi noticiada a conversa que Mure teve com o Imperador Pedro II para que ele aprovasse o projeto da colônia do Saí.

Mure nasceu em Lyon na França, a 4 de maio de 1809. Dedicou-se a cultura dos tecidos, vocação de sua cidade natal. Participa ativamente da "revolta dos canuts" (1831) uma revolta dos operários da seda que tentavam transformar as condições sociais em que viviam. Derrion, que também vem ao Brasil e torna-se uma das lideranças dos colonos socialistas também participou dessa revolta, de maneira até mais ativa que Mure como será tratado mais adiante.

Segundo Gallo, Mure adere ao movimento sansimoniano desde que Enfantim leva essa ideia a Lyon no ano de 1830. Não sabe se ao certo se Mure rompe com os sansimonianos ainda antes ou já depois da Revolta dos Canuts mas Mure rompe com os sansimonianos por dois motivos: Problema de Hierarquia e a Situação das mulheres. Esses eram frequentemente motivos de cisão entre sansimonianos e fourieristas[105]e ele pertenceria à ala dissidente, inspirada no espiritualismo do século XIX.

Outro destaque da biografia de Mure seria a sua relação com a homeopatia. Ele foi um grande estudioso e experimentador desse novo tipo de medicina que tinha inspirações bem diferenciadas dos galenistas e halopatas. Para Mure a homeopatia seria um dos fatores de libertação do ser humano, em busca de uma libertação total do intelecto humano. Nesse sentido, a relação de Mure com a homeopatia transcendia uma visão científica acerca dos métodos de curar doenças. Ele se inspirava em dois médicos que consideravam a Homeopatia um tipo de revolução científica, uma prática revolucionária. Esse médicos seriam Paul Curie e Láon Simon ambos médicos e socialistas assim como Mure. Ao formar cidadãos comuns na arte de curar, Mure acreditava contribuir para uma real emancipação do povo. Uma atitude situada para além da política, mas também no ambiente da ciência. Igualmente pode-se atribuir esses valores a sua

---

artística/intelectual humana pode ser compreendida por qualquer pessoa, sem a necessidade de explicações para além de seu próprio conteúdo.

[103] *Jornal do commercio*, 2 e 3 de dezembro de 1840. p.3

[104] *Jornal do Commercio* 19 de dezembro de 1840; p.4

[105] GALLO, *op. Cit*. p. 85

militância jornalística que dava o real sentido da imprensa, divulgar ideias úteis e caras a humanidade em busca do progresso humano.[106]

A "política de saúde preventiva" seria algo como o ponto de contato na "Harmonia universal" a atração descrita por Fourier e a lei dos semelhantes de Hanemman. A homeopatia seria a "medicina verdadeira", vista e empregada como uma ciência exata.

Mure passou um tempo na Itália, na cidade de Palermo onde difundia os dois ao mesmo tempo: fourierismo e homeopatia. Ele tinha o objetivo de dar uma nova cara para a homeopatia, separando-a da imagem de subversão da medicina, mas ligando-a a Harmonia[107]. Ele escrevia o jornal "*Làtrazzione*" difundindo Fourier, ele intitulava seu jornal de jornal de ciência social. E escrevia bastante sobre "magnetismo" um tema que teria pontos de contato entre as principais ideias que defendia: fourierismo e homeopatia.

Quanto ao pensamento socialistas de Mure, havia uma peculiaridade. Ele não pode ser considerado somente fourierista. Associava-se bastante às ideias de Swedenborg[108] e o "swederborguismo" uma corrente de ideias que associou a seu arcabouço ideológico. Mure correspondia-se com Le Bois des Guays, um "chefe de culto" em Saint Armand, assim como com a Mme. Dalibert, autora da "*Nouvelle Jerusalem et du phalanstere*" e Hugh Doherty, outro Swedenborguista.

Mure e Dailebert queriam unir os "novo-jerusalemitas", nome dado aos inclinados às ideias de Swedenborg com as dos fourieristas. Já o Bois de Guays tentava separar os movimentos "jerusalemitas" e "fourieristas".

Mure participou ativamente do movimento de propagar e divulgar a proposta de criação do primeiro falanstério. Arthur Bonnard elaborou uma campanha muito boa nesse sentido tentando transformar a ideia de construção de um falanstério em algo mais do que a divulgação de um tipo de experimento cientifico. Ao tentar propagandear a concepção de um falanstério queria que o conteúdo da propaganda fosse para além de um tipo de difusão de informações, mas queria que as pessoas exercitassem sua imaginação quanto a proposta atingindo seus corações na possibilidade de vê-lo realizado. Ele criou uma propaganda para o socialismo de caráter universal e popular.[109] Nesse sentido, promove-se o grande baile falansteriano. Esse baile teve como parte do comitê

[106]GALLO, *op. Cit*, p. 100-101
[107]*Idem,* p. 102-4
[108] Swedenborg nasceu em 1688 na suécia, e viveu na Inglaterra até a sua morte em 1772. Foi um filósofo e místico que se dedicou a teologia e o espiritualismo. Em seus estudos, sugeria a criação de uma nova Jerusalém restaurando as ideias de fé e caridade próprias do primeiro cristianismo. Seus seguidores foram chamados de swedenborguistas e seus escritos são regularmente consultados pelo espiritismo.
[109]*Idem*, p. 105-7

organizador: Derrion, Jamain, Ruffinel, Le clerc, Mure e Mme. Dailbert. Neste baile, Mure distribuíra panfletos divulgando suas ideias.

Entre os países que Mure cogitou realizar o falanstério estariam: França, o Egito e o Brasil. Havia questões a se levar em conta para a escolha da locação do falanstério. Segurança e um relativo isolamento fizeram com que a decisão pendesse para o Brasil, país que poderia conferir essas condições tendo uma vasta região com possibilidade de realizar uma colônia salubre e desprovida de influências adversas e eventuais ataques armados.

Mas o que foi decisivo para a aceitação do governo brasileiro a investir nessa empreitada socialista foi a recomendação de Manuel de Araújo Porto alegre (barão de Santo Angelo) e Silvestre Pinheiro Ferreira, um filósofo e intelectual renomado que se tornara amigo de Mure, e que intercede em favor da instalação do Falanstério aqui no Brasil. Silvestre Pinheiro Ferreira escreve um livro intitulado: "Projecto de associação para o melhoramento das classes industriosas", questionando problemas caros à ocupação e exploração das terras do Brasil, assim como as atividades para desenvolvê-las nos mais diversos ramos que possui.

No geral, alguns dos defensores de novas políticas para a colonização do Brasil entendiam que toda a América deveria atrair imigrantes, novos colonos e iniciar um processo de intensificação da mecanização da agricultura e estimular a integração nacional investindo em máquinas a vapor. A grande promessa seria atrativa também para o Imperador que se tornaria o mais venturoso de todos sendo o pioneiro das grandes novidades da ciência social.

Ao iniciar a colonização no Saí, surge uma série de problemas. A divergência entre Mure e Derion gerou alguns episódios de conflito entre eles e parte dos colonos resolveu ter Mure como líder e a outra parte, Derion. Houve problemas entre eles acerca de valores que receberiam do governo, quanto à utilização das ferramentas e quanto ao destino principal da colônia, que poderia ser investida com base mais agrária ou industrial. Funda-se então duas colônias a do Saí e a do Palmital ambas mais ou menos na mesma região de São Francisco do Sul em Santa Catarina.

Depois que abandona a colônia, já em 1843 Mure vai para o Rio de Janeiro fazer algo que já estava bem acostumado: divulgar o fourierismo e a homeopatia.

Mure torna-se mais militante de homeopatia do que do socialismo e une-se a Vicente José Lisboa, para criar a escola homeopática, o Instituto Hanemanniano. Mure buscava manter-se o mais fiel possível dentro dos princípios Hahnemanneanos, almejando manter-se de maneira mais pura possível. Ele rompe com um de seus parceiros na divulgação da homeopatia, o Duque estrada por coisas como o fato de Mure fomentar a utilização da Homeopatia entre pessoas leigas na ciência, divulgando à amplamente entre a população pobre do Rio de Janeiro.

Nesse mesmo momento em que Mure está pelo Rio de Janeiro é que conhece ele João Vicente Martins, seu maior parceiro nas empreitadas socialistas e de divulgação da homeopatia.

Uma das empresas de Mure na homeopatia foi muito bem sucedida naquilo que propunha. O seguro de vida "prosperidade" dedicado a manter a saúde dos escravos sendo um tipo de plano de saúde para os escravos. A companhia prosperidade teria reduzido de 10% para 2 a 3% a taxa de mortalidade de escravos.[110]Esse tema será retomado no capítulo 4.

Para Mure, o lema "amai-vos uns aos outros" seria o suficiente para aniquilar o materialismo. Para ele as revoluções de nada servem no sentido de transformar a sociedade. Qualquer mudança que se desejasse ver operada na sociedade jamais aconteceria em um meio que se não fosse uma mudança no plano intelectual, sem o desenvolvimento do intelecto daqueles consortes ao socialismo. Uma revolução no intelecto que levaria a uma revolução moral. Como ele diria: é preciso que lutemos contra a nossa organização social pois, está fundada numa falsa ciência" e podemos iniciar esta demolição quando reconhecermos que há outras formas legítimas e desenvolvidas das instituições.

Mure tinha por "sistema de ideologias" as ideias de Fourier e Swedenborg, ciência com base material. Buscava um tipo de ciência com base material, na experiência, domínio do espírito sobre o físico "Somente ao ultrapassar as barreiras do preconceito da indústria destruidora da ciência da modernidade conquista-se felicidade fundamental igualdade de condições é melhor e verdadeira organização social." [111].

Mure também era um entusiasta das ciências. Segundo ele, um mundo tecnológico estaria entre sua visão utópica. E o progresso seria toda a criação do intelecto livre, independência do ser humano, e a ciência ajudaria na relação com a natureza.

Mure provavelmente não se encontrou com Victor Considerant, pois ele encontrava-se ligado ao movimento dissidente "Union Harmonienne"

Michel Marie Derrion: a segunda liderança.

Derrion assim como Mure estava ligado á produção e comércio da seda, uma das principais atividades da cidade de Lyon. Assim como Mure, notabilizou-se pela luta operária, pelo desenvolvimento de luta de classes tal qual se operaria naquela cidade. Participante da "Guerra

[110]GALLO*, Idem*, p. 119
[111]*Idem*, p. 128-130

dos Canuts" o movimento de reivindicação dos operários da seda em Lyon, contava com larga experiência na militância e na publicação de periódicos divulgadores de ideias socialistas.

Para termos comparativos, Ivonne Gallo em sua análise cita que a importância do movimento de Lyon seria similar ao operado em Manchester, elaborando a seguinte relação entre as cidades inglesas e francesas: Londres-Paris, Lyon-Manchester, Liverpool-Saint Ethienne.

Juntamente com Riviére Cadet, fez parte de um movimento republicano tomando a frente desse movimento junto com Riviére Cadet. Converte-se ao fourierismo

Derrion pertencia a *Union Industrielle*, uma sociedade que se reunia com a finalidade de reunir adeptos do socialismo com algumas afinidades. Ele teria vindo da vindo da sociedade intitulada *Unionn Harmonnienne*. Na base do movimento dissidente estava o grupo de Lyon, na sua maior parte formado por discípulos chegados ao fourierismo diretamente do sansimonismo e, em muitos casos, mantendo-se entre as duas doutrinas e seus respectivos grupos uma transição, isto é, aderiram ao fourierismo sem abandonar o sansimonismo[112].

Derrion tinha uma perspectiva de que a indústria fosse organizada de acordo com o comércio, ou seja, com a demanda que os produtos teriam. Estava mais de acordo com um tipo de mutualismo do que o "garantismo" de Charles Fourier.

[112] *Idem* p. 59

CAPÍTULO II - DIVULGANDO UMA IDEIA a imprensa fluminense e os artigos socialistas em jornais do Rio de Janeiro na década de 1840.

2.1 A Imprensa no início do 2º Reinado: a década de 1840

O segundo reinado é o período em que há um crescimento urbano contínuo e esse desenvolvimento das cidades favorece o surgimento de uma grande pluralidade de periódicos, com funções diversas e atendendo a demandas que apenas a estes meios se fazem necessária. Nesse sentido, desenvolveu-se uma imprensa informativa, e um tipo de imprensa bairrista. Com o tempo vão surgir repórteres e aumenta se as tiragens assim como a venda de avulsos.[113] O Brasil ao longo de todo o período do reinado de D. Pedro II vai se integrando com os padrões ocidentais e com o tempo algumas temáticas ligadas à organização do trabalho e de temas sociais passam a compor os textos das edições de periódicos no Brasil e em maior profusão no Rio de Janeiro que nesse tempo competia em quantidade e variedade apenas com algumas cidades como Recife e Salvador, sendo essas três as mais dinâmicas no que se refere a empreitadas jornalísticas. Um dos destaques dessa Imprensa que tem por objetivo mostrar temáticas que dialoguem com um Brasil que investia num novo estilo de vida seria o *Almanaque Laemert* (1843-1952) como ficou popularmente conhecido[114].

No quesito empresa gráfica, pode-se perceber que havia um grande número de publicações que eram impressas em tipografias de terceiros. No ano de 1840, a proporção de títulos diferentes para o número de gráficas seria de quatro para um. A principal empresa era a do *Jornal do Commercio*, jornal que gozava de incontestável superioridade em seu tempo. Seja no quesito tiragem, ou no maquinário utilizado (desde 1836 já tinham o primeiro prelo mecânico do hemisfério sul) o *Jornal do Commercio* permaneceu sendo o que mais capital tinha investido e maior número de pessoas trabalhando diretamente na impressão deste órgão diário. Ocupando o segundo e terceiro estariam as empresas gráficas do jornal "O Mercantil" e da "Imprensa nacional". No ano de 1845 especificamente, havia 18 estabelecimentos gráficos operantes no Rio de Janeiro com um número de pessoas envolvidas em empreendimentos gráficos estimados em

[113]IPANEMA- Marcello de - A Imprensa do 2º reinado. *In* RIHGB vol. 31;. 1977 p. 226
[114]IPANEMA, *Idem* p. 228

aproximadamente 300 a 400 pessoas, sendo um total de 10% impressores 30% entregadores e 40% de compositores.

A empresa jornalística não operava apenas na frente empresarial, publicando títulos com outras finalidades. As publicações sem finalidade empresarial compunham uma maioria de número de títulos e uma diversidade muito grande, pois se reuniam pessoas de diversos grupos, sejam eles políticos ou de associações e sociedades que reuniam esforços para manter-se imprimindo suas folhas. As publicações jornalísticas surgiam de qualquer grupo articulado que quisesse se expressar ou divulgar seus trabalhos e suas ideias. Em geral, se observava grupos de estudantes, amantes das letras das artes e das ciências[115].

Para que uma publicação se sustentasse era necessário manter-se financeiramente o que se dava por meio de publicidade e de vendas. As vendas ocorriam por meio de assinaturas e de vendas avulsas em livrarias. O número de assinaturas permanecia como a principal forma de arrecadação de fundos para que se mantivesse uma folha. Em 1846, de acordo com o anuário político[116] O "Jornal do Commercio" contava com 4000 assinaturas situando-se a frente do Mercantil que contava com 2700 e o diário do Rio de Janeiro possuindo pouco mais que a metade de seu rival contando a época 2200 assinantes. Marcello Ipanema calcula que a tiragem máxima de periódicos para o ano de 1845, conforme os dados do Anuário estatístico já citado, o número de 15.000 exemplares. Este número, proporcionalmente a população da cidade do Rio de Janeiro, que era de 26.000 pessoas dava uma proporção de 1 periódico para cada 17 pessoas habitante da cidade do Rio de Janeiro. Em maioria estas publicações eram geradas no formato de 54cmX35cm.

Nesse período, no geral, a Imprensa não vivia conflitos significativos. Apenas havia algumas querelas particulares publicadas tanto em periódicos de grande circulação como naqueles que eram efêmeros e de pouca tiragem, representantes de grupos sociais minoritários. Ainda assim, cabe ressaltar que a partir de 1841 os crimes da Imprensa seriam levados a alçada policial e não a judicial. Desde 3 de dezembro de 1841 as contravenções cometidas pela Imprensa eram tratados como caso de policia[117].

A chamada "Imprensa especializada" em geral durava muito pouco. Segundo Marcelo Ipanema isto se dava por causa da falta de interessados numa mesma folha por um longo espaço de tempo. Geralmente essa imprensa publicava artigos científicos. Letras, humanidades, direito, história, agronomia, ciências médicas e biológicas, eram temas recorrentes evocados pelos redatores de periódicos da "Imprensa especializada".

[115]Idem p. 232
[116]*Anuário Político Histórico estatístico do Brazil para o ano de 1846*
[117]IPANEMA, Idem p. 242

Sobre uma imprensa política na década de 1840

Na década de 1840 o jornalismo estritamente político declinou sensivelmente tanto na corte como nas províncias nessa fase dos primeiros anos após a consolidação da maioridade de D. Pedro II[118] O que representava a coroação de D. Pedro II seria um dos fatores dessa retração na profusão de textos políticos. Como surgiu uma aura de estabilidade, os propósitos políticos discutidos via imprensa retraem-se e inicia-se uma nova fase do noticiário brasileiro. A difusão de periódicos tendia a divulgar propostas mais afinadas com o Republicanismo e o Liberalismo. Havia também afinidade com atitudes mais exaltadas e longos debates que por vezes terminavam em mera troca de xingamentos e declarações de ódio entre os leitores das folhas que circulavam na corte e na capital fluminense.

A Imprensa política do segundo Reinado tendia a representar a polarização política que se operou no país após as regências dando a tônica principal do debate político. Comumente, em cada província havia órgãos que representavam cada uma das duas facções: liberais e conservadores. Muitas vezes, havia mais de um jornal que defendia as causas de parlamentares atuantes e presentes nas câmaras Brasil a fora.[119]

Um dos maiores representantes dos conservadores seria o periódico: *Sentinela da Monarquia*. Surgido no fim do período regencial o *Sentinela da Monarquia*, escrito por Bernardo Pereira de Vasconcellos, periódico este que durou de 1840 a 1847.

Representando os liberais havia um importante órgão que seria *O Farol Constitucional (1842)* que depois passa a se chamar apenas de *O Farol (1843)* e que depois se torna *O Mercantil* (1844). Tinha como redatores J. F. Alves Branco Moniz Barreto, José Maria da Silva Paranhos (futuro Visconde do Rio Branco), o Cônego José Antonio Marinho, Sales Tôrres Homem entre outros. Outro órgão liberal foi *O Novo Tempo* que teve a atuação de Aureliano Coutinho o Visconde de Sepetiba.

Um tipo de publicação que também se retraiu nesse período foram os periódicos republicanas. Ainda que fosse mais alinhado com a política de Liberais, o jornal defensor da implantação do sistema Republicano no Brasil, o jornal *O Repúblico* nesse início do governo de D. Pedro II já não existia mais. A publicação perdurou até 1837, início do Regresso brasileiro, e apenas é retomada no ano de 1853. Para esse período não foi identificado nenhum jornal

[118]SODRÉ, Nelson Werneck de – *História da Imprensa no Brasil* – Martins Fontes 1983. Página 185
[119]VIANA, Helio – "Um século e meio de imprensa carioca" *RIHGB*, vol 271 p.275-290, 1966. p. 283.

estritamente republicano. A imprensa republicana passa por momentos de "altos e baixos" e a década de 1840 representa um desses momentos em que estava retraída a imprensa republicana.

Como parte de um panorama das publicações políticas mais lidas e comentadas nessa época pode-se destacar o jornal "O Brazil: vestra res agitur" dirigido por Justiniano José da Rocha e Firmino Rodrigues Silva[120] Este jornal destaca-se pela sua atuação publicando artigos mais teóricos que necessariamente práticos[121]. Baseados em notícias, fatos e ocorrências, gerava ideias fruto dessas noticias, ideias para solucionar os problemas que estas geravam aos leitores delas. Debater temas polêmicos relacionados a política e a novidades da ciência política eram recorrentes nessa publicação, que abrigava uma série de artigos estrangeiros que aportavam aqui no Brasil. Tinha um tanto de pioneirismo nos temas abordados pelo jornal "O Brazil". Mantinha-se debatendo os ideais do socialismo e do comunismo, sendo um dos mais interessantes jornais políticos de seu tempo. Mas, sua ação nesse sentido não se estende muito e torna as causas socialistas apenas em poucas ocasiões, seja através de artigos nacionais ou de artigos replicados de folhas estrangeiras, em especial francesas.

Mas, se há uma retração nas publicações políticas propriamente, surgem outras publicações, com outras temáticas que para compreender seu papel na Imprensa do Rio de Janeiro desse período há que se sondar um apanhado geral delas e tentar compreender em que nicho se encontravam os jornais que publicavam artigos socialistas.

As publicações chamadas de "informativas", como bem ressaltou Marcello Ipanema, são um dos filões da imprensa desta época. "O Museu universal das famílias" (1837-1844) seria um exemplo deste tipo de publicação mais ideológica e de observação do que acontecia no mundo político dos países da Europa.

Na primeira metade dividida de acordo com Marcello Ipanema, a imprensa seria:

> Superioridade numérica de títulos políticos sobre títulos informativos, percentuais baixíssimos de duração ode periódicos; índices insignificantes de folhas especializadas; tamanho predominantemente pequeno dos periódicos; investimentos publicitários pouco expressivos; número insignificantes de empresas gráficas; volume pequeno de assinantes das folhas; início da venda avulsa; menor volume de informação; utilização da tecnologia gutemberguiana[122]

[120]SODRÉ – *Idem* p. 182
[121]IPANEMA, *Idem* p. 252
[122]IPANEMA, *Idem* p. 257

Especificamente para o caso da Imprensa no Rio de Janeiro a presente análise irá contemplar em alguns estudos sobre ela feitos poucos anos depois e estudos que se propõem a descrever panoramas da Imprensa nesta época. Algumas obras que se propuseram a trazer dados estatísticos e informações relevantes para perceber se o jornal *Socialista da Província do Rio de Janeiro* estava só em sua tarefa, sondar os possíveis interlocutores desta folha, sejam críticos ou apoiadores, e o cenário editorial que era vislumbrado no Rio de Janeiro na década de 1840 mais especificamente em 1845.

Para estas análise serão cruzados os dados dos catálogos de periódicos da Biblioteca Nacional, tanto o "antigo" quanto o da hemeroteca digital, pois a totalidade dos periódico somente pode ser observada mediante esta comparação entre esses catálogos que diferem entre si. Mas, não apenas esses catálogos contemplam a totalidade dos periódicos publicados no Rio de Janeiro para esta época. Há alguns que encontram se em alguns livros que em seu tempo se propunham a aglutinar todas as obras que circularam nesse período na imprensa periódica carioca e fluminense. Um exemplo disso seria o Anuário Político Histórico estatístico do Brazil[123] e o Catálogo de Periódicos de Niterói. No ano de 1845 foram criados os seguintes periódicos: *A Minerva Brasileira, A Mulher do Simplicio (poético), A Nova Minerva, A Tribuna, Annaes de Medicina (mensal), Archivo Romantico (literário), Auxiliador da Industria Nacional, Brado do Amazonas, O Brazil, Charlatão (1846), Courrier Brésilien, Diario do Rio, Gazeta dos tribunaes., Governista provinciano (1846), Jardim Romantico (literário), Jornal do Commercio, O Charivari (1845) , O Daguerreotypo, O Íris (publica artigos socialistas em 1848), O Mercantil, O Português Recopilador, O Social (já existia em 1845 segundo as publicações de O Mercantil), O Zephiro (1845), Ostentor Brazileiro (com estampas), Ramalhete das Damas (musical e poetico), Revista Trimensal do Instituto Histórico, Sentinella da Monarchia, Tempo.*

O Anuário Político, Histórico e estatístico do Brasil reconhecia categorias para dividir os tipos de periódicos. Havia os "literários e científicos", sendo eles: *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Annaes de Medicina (mensal), Gazeta dos tribunaes, Ostentor Brazileiro (com estampas), Auxiliador da Industria Nacional, Ramalhete das Damas (musical e poetico), Jardim Romantico (literário), Archivo Romantico (literário), A Mulher do Simplicio (poetico), O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, O Governista Provinciano.*

Havia também a categoria de Noticiadores e comerciais, e, como ele define: "acidentalmente" políticos. Seriam eles: *Jornal do Commercio, Mercantil, Diario do Rio, Courrier Brésili*en. Já os periódicos considerados estritamente políticos seriam: *Sentinella da Monarchia,*

[123] *Anuário Político Histórico estatístico do Brazil para o ano de 1846*

Brazil, Social, Tempo, Brado do Amazonas. Dentre esses, destaca por cidade os de Niterói que seriam: *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro e O Governista Provincia*no. Estes dados foram compilados também considerando o "Catálogo de Periódicos de Niterói".[124]

Somando-se as informações conclui-se que havia 28 periódicos que circulavam no ano de 1845. Ao menos essas seriam as publicações de maior relevância que puderam ser computadas pelo autor sendo que há a possibilidade de haver periódicos que circularam sem que estivesse na contabilidade do autor do anuário histórico da cidade do Rio de Janeiro. Cabe registrar que essas publicações citadas pelo autor do anuário, surgiram em momentos diferentes do mesmo ano ou simplesmente atravessando este ano e mantendo-se ao longo de outros anos, alguns tão efêmeros que terminavam suas publicações em um mesmo ano.

Mas essa tarefa serve somente para termos estatísticos, ou para sondar se a publicação em questão, o "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro", estaria acompanhado de outras publicações com a mesma função de divulgação ideológica, formando-se assim um cenário expressivo de publicações socialistas. Havia no ano de 1845 o jornal "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" que se tornou a publicação mais relevante sobre o socialismo junto com "o Globo", de 1844 (e que persistiria em algumas edições durante o ano de 1845 sem ter exemplares nas coleções de periódicos). Depois que o jornal "O Globo" deixa de existir, é que o "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" assume esse lugar de destaque sendo, a principal voz do ideal socialista, ainda que o jornal não fosse estritamente sobre temáticas socialistas.

"O socialista da província do Rio de janeiro" surgiu como parte de uma empreitada antiga e contínua do tipógrafo Manuel Gaspar de Siqueira Rego, que mantinha publicações com diversos títulos, e objetivos semelhantes, sendo o porta-voz das falas da Assembleia Provincial do Rio de Janeiro, desde que criada em 1834, tendo sua primeira sessão ao ano de 1835. A Empresa de Manuel Gaspar de Siqueira Rego está diretamente ligada ao advento da criação da Província do Rio de Janeiro, uma das deliberações do Ato adicional de 1834[125].

Mas, cabe aqui um tanto de atenção com as publicações do ano de 1844. Os periódicos que circularam ao ano de 1844 nos dão boas pistas de que já se iniciava um grupo de publicações na imprensa que teria o intuito de propagandear as ideias socialistas. Para compreender melhor a análise dos textos do *Socialista da Província do Rio de Janeiro*, textos que divulgavam o socialismo na imprensa do Rio de Janeiro iniciam-se neste ano. Uma breve análise desses periódicos deve ser essencial para compreender o papel e o espaço que ocupava o "Socialista da

[124]IPANEMA, Marcello de & Cybelle de – *Catálogo de periódicos de Niterói*. Rio de Janeiro, Instituto de comunicação Ipanema, 1988. p. 43 e 44.
[125]SOUZA, Antonio José Soares e – *Da Vila real da Praia Grande À Imperial Cidade de Niterói* – op. Cit.p. 375.

Provincia do Rio de Janeiro". Porém, não basta conhecer em que circunstancias surge ou a que tipo de filão pertencia a folha em questão. Há que se perseguir as raízes desta folha e do pensamento socialista que se divulgava em jornais para compreender melhor o papel dela perante o cenário editorial. Uma das obras que é de suma relevância para a compreensão do cenário de periódicos desses anos, a obra de Moreira de Azevedo, que escreve na revista do Instituto histórico brasileiro.

Os periódicos publicados em 1844 foram: *O Novo tempo, (1844 a 1845) Nacional, Conservador, Domingueiro, Filho da Joanna, Gazeta Universal – instrutiva politica e comercial, Tribuna, Tribuno do Povo, Belchior Politico, Portuguez Recopilador, Lanterna Mágica, de 1844 a 1845, Archivo Medico Brasileiro. A Borboleta – Periódico Miscelanico, O Echo do Rio: jornal politico e literário, o grátis – jornal de anúncios e declarações*. Moreira de Azevedo não inclui em sua lista o jornal "*O Globo*" que aparentemente teve apenas uma única edição que saiu à luz em 13 de outubro de 1844.

Inserido nas temáticas cientificas, a medicina também figurava entre os temas que eram postos a discussão nos periódicos típicos desse momento. Havia alguns que se dedicavam exclusivamente a temas médicos. Entre as polêmicas levantadas, no que se refere à querela entre a alopatia e a homeopatia manteve-se presente ao longo dos anos 1840, mas em especial nos anos de 1845-47, momento em que a atuação de Mure, João Vicente Martins e seus companheiros de medicina estavam propagandeando essa outra medicina aqui no Rio de Janeiro.

Em suma, o que havia de mais interessante e característico na imprensa desse tempo seriam os jornais filosóficos, industriais, científicos e literários, temas que em geral estampavam os subtítulos desses periódicos. Era um momento de exaltação das conquistas científicas e de difusão dos adventos fruto do conhecimento e da experimentação, assim como das especulações sobre resultados e possíveis resultados de experimentos científicos.

Alguns destes jornais, ainda que não apareçam nas referências da História da Imprensa, são os mais relevantes para a compreensão do teor dos artigos socialistas que eram publicados aqui no Rio de Janeiro nesse período.

Sobre uma imprensa científica e romântica

O que predominava na Imprensa nesse momento seriam publicações dedicadas aos novos feitos científicos da humanidade. E no quesito literário, vigoravam publicações que compunham o

Romantismo, estilo de época que entrou em voga compondo um dos espíritos desse tempo, remetendo a busca por um lugar mais agradável, por uma sociedade onde a perfeição pudesse ser atingida, extirpando-se as dores da humanidade. O somatório dessas duas propostas, pelo que se observa nas publicações do tempo, estavam com grande demanda.

Há uma publicação de Hélio Lopes, chamada "A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas "Minerva Brasiliense" (1843-1845) e "Guanabara" (1849-1856)[126] A análise do periódico "O Guanabara" não será necessária pois foge ao recorte cronológico aqui proposto.

Minerva Brasiliense (1843-1845) e a Nova Minerva (1845-6).

A revista Minerva brasiliense apresentava-se como jornal de ciências, letras e artes, publicado por uma associação de literatos com o primeiro número sai ao público a 1º de novembro de 1843 pela tipografia de J. E. S. Cabral, com oficina à Rua do Hospício, nº 66 no Rio de Janeiro. É a segunda do mesmo nome e a primeira de importância pois houve uma outra folha intitulada "minerva brasiliense" na Bahia nos anos de 1821.[127] A Minerva brasiliense foi uma revista bimensal: saía no dia 1º e 15 de cada mês, comportando três volumes de doze números cada, constituindo-se, portanto, a sua coleção completa de trinta e um números. Durou por espaço de 1 ano e oito meses. Quando iniciou o segundo ano de publicação, portanto o terceiro volume trocou de editor e passou a ser imprensa na Tipografia Austral, Beco de Bragança nº 15.

A folha teve como fundador e primeiro redator-chefe Francisco de Sales Torres-Homem. Torres-Homem já travara algumas lutas políticas em "O Maiorista" (1841-1842), tendo como ferrenho adversário Justiniano José da Rocha que o combatia pelas colunas de "O Brasil". E acabava Torres-Homem de voltar de Portugal, donde tinha sido deportado com alguns companheiros. A criação do Minerva Brasiliense tornou-se pequena pausa em sua tumultuada vida política. Depois de um ano na redação abandona a revista passando-a para Santiago Nunes Ribeiro.

[126]LOPES, Helio - *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)*. São Paulo: conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.
[127]SODRÉ, Nelson Werneck de, - *op. cit* p. 51

Fizeram parte do corpo da revista artigos dos mais renomados cientistas da Astronomia, medicina, botânica, geologia, zoologia. Também lia-se pequenas histórias sobre personalidades da época. Este seria o primeiro jornal literário-científico surgido depois da maioridade de Pedro II.

O artigo introdutório da revista, de autoria de Torres-Homem, intitulado "Progresso do século atual", vale como um manifesto-programa da publicação. O autor discorre sobre avanços alcançados em diversos ramos do saber humano nas primeiras décadas do século XIX. Fala da história natural, da medicina, da química e da física, da política e da moral, da filosofia – psicologia: "nos domínios da ciência da alma". – do cristianismo e das letras. Fazendo um balanço dos progressos da humanidade naquele século. Torres Homem se questiona até onde iria o aperfeiçoamento da humanidade[128].

Quando no segundo ano da revista (15 de novembro de 1844) a redação passa para a responsabilidade de Santiago Nunes Ribeiro, como redator-chefe, novo levantamento se faz da situação sociocultural do mundo e, em especial do Brasil: volta-se a falar do decrescimento da fé religiosa, dos caminhos da filosofia abertos pelo livre-exame luterano (racionalismo) do progresso do jornalismo mais político e menos literário, das ciências refugiando-se em publicações especializadas; e do renascimento do gosto literário com a subida de Pedro II ao trono, apaziguadas as paixões políticas[129].

A Nova minerva teve seu primeiro número em dezembro de 1845, cinco meses depois do desaparecimento da *Minerva Brasiliense*. Apresentou-se como periódico dedicado também às ciências, às artes, e à literatura e aos costumes. Pretendia-se ser semanal, compondo-se cada número de 16 a 20 páginas. Seu escritório ficava à Rua São José, no 8 e o custo não passava de 1$000 réis[130].As intenções do jornal estão manifestas no artigo de apresentação: onde explanava que das três publicações mais importantes e extensas, que compunham o cenário científico da época: a "Revista trimensal do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil", a "Revista nacional e estrangeira" e a "Minerva Brasiliense", esta última já não continua mais. Concebida e realizada por uma sociedade de jovens literatos, "amantes da glória da sua pátria", acabara no fim do terceiro ano de sua existência. A nova Minerva, então viria para encher o vazio que havia sido deixado por esta publicação e o objeto principal da Nova minerva seria dar continuidade a essa empreitada. O prospecto inicial dizia que esperava-se atingir os mesmos objetivos: "com a experiência

[128]LOPES, Helio – *op. Cit*. P. 33
[129]*Idem* p. 35
[130]*Idem*, p. 40

que deixam os resultados e com a nobre divisa de amor ao país e ao progresso das luzes."[131]

Mesmo com boas intenções, a publicação de Valdez e Palacios não durou mais do que 6 meses e a publicação morre em maio de 1846.

Independente de ter sido efêmera, a publicação em questão colaborou como uma das principais publicações que trariam reflexões de ordem filosófica e histórica sobre as sociedades humanas. Neste momento, os debates acerca de sistemas econômicos e demais temas acessórios foram amplamente debatidos. Questões sobre o embate entre "espiritualismo" e "materialismo". A exemplo disso há um artigo interessante que podia ser incluído dentro da renovação do espírito religioso, que o Romantismo trazia em seu bojo, faz-se o necessário paralelo entre Lamartine e Byron, representante o primeiro da linha espiritualista e o segundo materialista[132].

O jornal ao tratar de temas religiosos, trazia informações sobre a novidade que seria a criação de uma igreja protestante no Brasil, uma igreja de inspiração batista. Esta defesa do espiritualismo manifesta-se nitidamente em dois artigos de teor filosófico: o primeiro é de M. M. de Carvalho sobre "A filosofia no Brasil" Defendendo a reação eclético-espiritualista de Larominguière e de Victor Cousin. O autor lamenta que os princípios de Locke e Condillac ainda não tenham encontrado no Brasil quem os refutasse. O segundo artigo é de Santiago Nunes Ribeiro, publicado em três partes. Faz exaltação de Cousin, condenando as teorias de Condillac[133].

Entre os temas relevantes, dessa publicação, pode se incluir alguns como na lista abaixo. Estes temas em geral são temas que eram caros ao debate socialista no Brasil e serão retomados no próximo capítulo, onde será feita a análise mais profunda dos textos. Esses temas seriam acerca da educação, das condições das classes mais baixas, da expectativa em torno da criação de colônias agrícolas, entre outros que se propunham a discutir a economia política, e as relações que o governo brasileiro deveria ter para torna-se uma nação grandiosa. Temas que eram caros a economia política, a organização do trabalho e aos destinos que deveriam ser tomados pelas autoridades brasileiras eram todos muito caros a Minerva brasiliense. Versando sobre política, economia, filosofia e história os textos da Minerva brasiliense eram de grande riqueza e debatidos por intelectuais brasileiros dos mais "antenados" com o que se debatia na Europa, com o que se debatia nas

[131] *Nova minerva*, 1º de dezembro de 1845.
[132] LOPES, Helio – *op. Cit*. p.96
[133] *Idem* p. 97

academias mais respeitadas. Entre eles estavam: Silvestre Pinheiro Ferreira e o Visconde de Cayru. Já entre os estrangeiros, há alguns escritos do Dr. Mure e de um belga que tentava iniciar uma colônia aqui no Brasil, o Van Lede.

Um dos conceitos que era largamente debatido e que será retomado no capítulo 3 seria o de "Economia social".

Segue abaixo, a lista de artigos mais expressivos da "Minerva brasiliense" para a presente pesquisa:

> *Página 267:*
>
> *Minerva Brasiliense n. 12 de 15 de abril de 1844 12.2.6.2*
> *Filosofia UM VELHO – "Será a educação necessária ou vantajosa às classes inferiores?" – AS classes inferiores merecem e precisam receber instrução. É um sofisma a necessidade de mantê-las na ignorância para que não larguem o trabalho do campo pp. 372-3*
>
> *Página 275:*
>
> *História edição 15.2.5.1*
> *AGUIAR, F. P. de S. – "Colonização" – S. Torres-Homem, antes de transcrever a carta de F. P. S. Aguiar ao Dr. Maia, faz considerações importantes sobre a necessidade de se promover a colonização estrangeira no Brasil tendo em vista a próxima crise pela cessação do tráfico. O mal da escravidão sob vários aspectos: na própria agricultura pelo desinteresse do escravo em melhorar os métodos de trabalho; na vida familiar, pelo seu mau exemplo; na vida social, pela criação de hábitos maus do individuo. O autor da carta fala da possibilidade de se enviar colonos ao Brasil desde que criem circunstâncias favoráveis à sua integração nomeio novo. Há, na Europa, muita gente com vontade de emigrar. Sobretudo, engenheiros seriam de máxima utilidade para o Brasil. No fim do artigo figura o nome de J. A. Cordeiro. Parece ter sido engano da redação.*
>
> *15.2.6 Filosofia*
> *15.2.6.1 ROLLIN – "Ciências morais e politicas. O gosto da sólida glória e da verdadeira grandeza" – Dr. Maia traduziu o trecho, extraindo-o do "Traité des éstudes" de Rollin. O autor, embora reconhecendo as lições das Escrituras suficientes para dirigir os jovens na apreciação de justos valores, principia por tirá-las do paganismo e da História a fim de mostrar que na riqueza não se baseia a felicidade do homem. Pp 153-4*
> *15.2.6.2 – Educação primária – O Artigo começa distinguindo as faculdades da criança. Fala das várias teorias e procura aplica-las à educação. Discute o melhor método de ensino. Criação de um instituto para professores. Não acredita muito na viabilidade. Pp. 459-62.*
>
> *Página 284:*
>
> *19.2.5 História*
> *19.2.5.1 FERREIRA, Silvestre Pinheiro – "Economia social. Colonização" – N. R. querendo falar sobre a colonização transcreve trecho do livro de Silvestre Pinheiro Ferreira: "Indicações de utilidade pública oferecidas às assembleias legislativas do Imperio do Brasil e do Reino de Portugal. O que leva N. R. à transcrição é a chegada de colonos estrangeiros na Província do Rio de Janeiro pp. 571-5*

Página 286:

20.2.5 História
20.2.5.1 LEDE, C Van – "Economia Social. Breve exposição da companhia Belgo-brasileira de colonização" – Razões da emigração; vantagens que o brasil oferece, especialmente Santa Catarina, à emigração nórdica; trabalho de que se encarregará a companhia, sua experiência como administrará; os membros do conselho geral pp. 603-9

Página 288:

21.2.6 Filosofia
21.2.6.1 ROLLIN – Ciências morais e políticas. Sobre o gosto da sólida riqueza e da verdadeira glória. Continua a tradução do Dr. Lapa fez do Traite des études, de Rollin. Série de exemplos de grandes homens que desprezaram a riqueza ou dela se aproveitaram em beneficio dos mais necessitados. (Houve mudança no título Cfr. 15.2.1 pp. 638-40.
21.2.6.2 S. N. R – "Concurso à cadeira de filosofia" – Continuação do número anterior. Ataque à filosofia de Condillac e defesa do ecletismo de Cousin. Pp. 642-7

Página 289:

21.7.7 Economia
21.7.7.1 "Economia social" Projeto do regulamento da Companhia Belgo-brasileira de colonização" pp.635-8

Página 292:

23.7.7.1 CAIRU, Visconde de "Considerações sobre as doutrinas econômicas de M. João Batista Say" continuação do número anterior. O Artigo opõe-se ao principio do privilegio perpetuo dos livros aos autores e seus herdeiros porque obstaria ao progresso das ciências e até seria contra os entendidos interesses puramente mundanos dos próprios autores. Pp. 699-703
23.7.7.2 "Economia social" – O Artigo defende a necessidade de emigração para o Brasil. Estabelece paralelo entre o Brasil e os Estados Unidos e mostra quanto esta nação já se vai avantajando às nações europeias como a Inglaterra e a França. O artigo está dividido nos títulos seguintes: II. Interesse e dever de animar a emigração e favorecer a colonização; III. Porque fica o Brasil estacionário; IV Emigração para os Estados Unidos e aumento de população.

Página 293:

24.2.5 História
24.2.5.2 LEDE, Van – Economia Social Sobre emigração
24.7.7.1 Cairu, Visconde – Economia política considerações sobre Say
25.2.5.2 HILL – Ciências politicas e morais. Comércio. Tráfico da escravatura: cenas terríveis a bordo de uma presa. É possível a extinção do tráfico? – Tradução parcial do opúsculo "Cinquenta dias a bordo de um navio negreiro, publicado em Londres por M. Hill, capelão da fragata Cleópatra. A revista
28.7.7.1 e 29.7.7CAIRU – Ciências politicas e morais

Página 304:

30.2.5.2 MURE – "Colonisação" – O A. Dirige-se ao redator para refutar a assertiva do Dr. Le Masson quanto ao sistema de colonização do Saí que, se falhou no seu caráter industrial, não foi por defeito do Dr. Mure, autor da reclamação, mas porque o governo brasileiro não cumpriu com a parte devida e prometida. pp. 157-9.

Página 307:

31.7.7 Economia
31.7.7.1 CAIRU, Visconde de – Ciências políticas e morais. Economia política. Considerações sobre doutrinas econômicas de M. João Batista Say – Continuação do número 9. Fala do trabalho social do intelectual. Quanto ao mercado das ideias diz: (...) "Deve-se ter livro como um produto ou fruto de uma Seara, que como a floresta, só dá em colheita depois de muitos anos de plantada cujo fundo est´pa radicado no dono; mas o que dele se extrai, uma vez que o mandou ao mercado, já não é seu, recebendo o respectivo preço" pp. 16[134]

[134] LOPES, *Idem* p. 267;275; 284; 286; 288; 289; 292; 304 e 307.

2.2 O socialismo na imprensa do Rio de Janeiro na década de 1840 (1840-47)

Nesta parte da dissertação pretende-se compreender o fenômeno das publicações socialistas que apareceram na imprensa do Rio de Janeiro ao longo dos anos iniciais da década de 1840. Aqui importante é sondar quais eram esses artigos e em que folhas elas surgiam assim como qual o papel que elas tinham nessa imprensa periódica, quais as temáticas que elas abordavam e, que tipo de impacto elas tiveram sobre o público leitor desse período.

Periódicos já citados como "O Brazil", "A nova minerva"; "O Museu Universal das famílias brasileiras" eram alguns dos principais divulgadores desses ideais. Isto se dava por serem noticiosos e trazerem reportagens sobre acontecimentos e novas disposições politicas debatidas na Europa, com seus aspectos filosóficos, sempre funcionando com um tipo de conteúdo didático para além do aspecto noticioso e que descrevia a situação política, as possibilidades destas novas perspectivas para a população europeia, descrevendo os principais idealizadores e ideólogos assim como seus papéis perante a sociedade em que viviam.

O mais importante nesse item é compreender as publicações sobre o socialismo anteriores ao jornal "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" veiculadas na imprensa fluminense.

Fazendo um levantamento geral da hemeroteca digital da Biblioteca nacional, percebe-se que o termo "socialismo" aumenta a sua frequência em publicações a partir de 1845 em especial a partir de 1848, ano esse que pode ser considerado um marco tanto na profusão do vocábulo "socialista" e "socialismo", quanto de termos como "comunismo" e "republica". Isso se deu por conta da revolução parisiense de 1848 e todas as implicações dela, sendo vastamente debatidas na imprensa brasileira e fluminense e, por consequência vastamente discutida pelos interessados em política e nas inovações no trato das "ciências" que se propunham a repensar as sociedades como um todo ou em casos particulares. Muito críticos, alguns artigos apresentavam grandes contrapontos para as teses que se divulgavam. Comumente lia-se sobre o fourierismo aqueles que buscavam informações sobre ciências e novidades da Europa.

No caso específico da imprensa brasileira, cronologicamente, o primeiro artigo em que é mencionada a palavra "Socialista" aparece na década anterior. É um caso único na década de 1830. Em um artigo do jornal *"*Correio Official *–In medio posita virtus"*. No dia 8 de maio de 1835, sob o titulo de "Sociabilidade. Desejo de ser util a nossos semelhantes". O autor do artigo utiliza-se da palavra "socialismo" para tentar explicar uma visão filosófica acerca das questões da moral.

Nesse artigo o autor inicia-se fazendo uma apologia a Pufendorff. Descreve o pensamento de Pufendorff com a máxima de que o ser humano não seria um: "ente moral senão porque ente social, que não podendo seus deveres cumprir-se, nem mesmo existir senão na sociedade, se derivam todos de um só, daquele que prescreve o conservar, melhorar e aformosear a vida social"[135].

A frase de Puffendorff "trabalha quanto está em teu poder em procurar e manter o bem da sociedade humana em geral". Segundo o autor do artigo, essa sábia doutrina teria feito designar como "socialista" aos discípulos de Pufendorff[136].

Esta proximidade com o termo socialista, referindo-se ao pensamento de Puffendorf, seria fruto de uma associação do trabalho dele com o as ideias de Rousseau. Os pontos de contato entre as obras desses autores foram tema do artigo de Luiz Felipe Neto Sahd. Segundo Sahd: "Pufendorff operaria um compromisso explícito entre Hobbes e a lei natural tradicional". De Hobbes, ele retém a doutrina individualista do contrato social no tocante ao direito de governar; mas rejeita categoricamente a doutrina da soberania hobbesiana, em proveito de um código laico da lei natural, algo exposto em detalhes em seus livros. De acordo com o argumento de Pufendorf, na sua origem todo ser humano vivia num "estado de natureza" em que seriam livres, iguais, e sem governo. Por conseguinte, todo governo provém de um contrato social, como pregava Hobbes. Como exposto no artigo de Sahd: "embora os homens sejam naturalmente apolíticos, eles não são naturalmente egoístas, mas, ao contrário, sociais e sociáveis. Desde então, seu estado natural é um estado social e pacífico, em que podiam aplicar e aplicavam a lei natural tal como a descobriu sua razão."

Nesse sentido, pensar como Puffendorf idealizava a questão moral associando-a ao convívio social, era entende-la como um tipo de socialismo. E nesse caso ligando-se ao sentido do socialismo como o construído no século XVIII, especialmente após a popularização do Contrato social de Rousseau, algo visto no capítulo 2 desta dissertação. Mas, é importante frisar que neste momento, ainda que não fosse encontrado o vocábulo socialista nem socialismo nos jornais desta época, nesse período, já havia um grande número de publicações que alcunhavam de socialista, textos provindos de diversos autores que utilizavam este conceito em seus discursos e publicações periódicas.

[135]Correio Official – *In Medio posita virtus*, 8 de maio de 1835 p. 4
[136]Como bem explicitado no artigo de: SAHD, Luiz felipe Neto – "O contrato social em Pufendorf". - *Revista. Filosófica Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 143-163, jan./jun. 2009.

O Termo “Socialismo” utilizado como conceito para discutir as ideias de pensadores que ficaram conhecidos como socialistas “utópicos” aparece pela primeira vez na década de 1840. Em um artigo do jornal “O Despertador: Diario Commercial, Politico Scientifico e Litterario”. O artigo que se propõe a descrever os socialistas modernos no jornal: do dia 29 de setembro de 1840, a edição número 776 tratava do artigo: “Socialismo de Robert Owen. – Cartistas de Inglaterra. – Estado moral das cidades manufactureiras. – Theoria social de Charles Fourier”.

O noticiário sobre a colônia do Saí e a campanha socialista no “Jornal do Commercio”.

A grande a profusão de artigos que lidam sobre o socialismo e os demais temas adjacentes começou após a intenção de Mure de fundar uma colônia Fourierista aqui no Brasil e, a partir daí, abriu-se o debate para o Socialismo no Brasil, para se explicar o que seria isso, como seriam suas perspectivas. O tipo de colônia que se estava para se implantar aqui, explicações sobre quem seria Charles Fourier e Saint Simon; popularizar suas obras e suas ideias, tudo isso fazia parte de um tipo de “campanha” que foi feita no “Jornal do Commercio” em prol do convencimento de que deveriam ser realizadas colônias socialistas tais quais a que seria implementada no Saí, em Santa Catarina. Paralelamente a campanha do “Jornal do Commercio” começa a surgir artigos com essa mesma finalidade na imprensa, especialmente na imprensa científica e romântica e em alguns jornais políticos literários e científicos.

O primeiro artigo dessa campanha do *Jornal do Commercio* publicou-se no dia 17 de dezembro de 1840. O artigo é muito bem elaborado e apresenta bons argumentos quanto a futura colonização. Escrito por Mure, tem como objetivo não apenas propagandear as ideias socialistas, mas preocupa-se em demonstrar como essa ideia poderia ser posta em prática no Brasil.

Com assinaturas de Mure e Derrion, os artigos iniciam-se apresentando as ideias que queriam ver implantadas e depois seguem o noticiário sobre o que já estava se passando na colônia do Saí. Parte da estratégia de convencimento seria de demonstrar às autoridades do Império as vantagens de se realizar tal empreitada. O imperador D. Pedro II constantemente era citado nessa tática de convencimento atribuindo-se a seu futuro investimento um lugar de pioneiro e venturoso entre os governantes. A promessa de criação de máquinas a vapor também foi um dos pontos que

constantemente estes artigos se utilizavam para chamar a atenção do sucesso que poderia ser colhido mediante a aceitação do projeto.

Segue abaixo a lista de artigos que foram divulgados no "Jornal do Commercio":

1840

17 de dezembro de 1840 – Colonização
22 de dezembro de 1840 - colonisação
24 de dezembro de 1840 o artigo de Derrion intitulado "Colonisação industrial" e o outro "Colonia Societária".

1841

27 de março de 1841 "Colonisação Industrial" assina Dr. Mure
1º de abril – Colonização – Organisação industrial (1º artigo) 1841
3 de abril de 1841 - Colonisação
05 de abril de 1841 – Comunicado – Colonisação – Organização Indusdtrial (2º artigo)
9 e 10 de abril 1841 – Colonisação
6 de junho de 1841 - Colonisação
23 de abril 1841 – Correspondencias - Colonisação Industrial
27 de novembro de 1841 – MISCELLANEA - A comunidade das mulheres
28 de novembro de 1841 – Nota do English Chronicle – Colonisação Paris,
29 de novembro de 1841 – Colonisação Industrial
21 de dezembro de 1841 – Colonisação industrial (Sobre a chegada dos colonos e a apresentação ao imperador)
24 dezembro 1841 – Colonisação industrial e Colonia Societária

1842

20 de fevereiro de 1842 – Noticias industriais – Revolução agrícola
17 de julho de 1842 – Ministerio do Imperio "Colonia Industrial do Sahy"

1843

31 de agosto de 1843 p. 1 – Noticias industriais - Revolução agrícola.

Artigos sobre socialismo publicados na imprensa fluminense nos anos de 1840-44.

Neste período, pode se perceber que as publicações sobre o Socialismo na Imprensa se tornam artigos de correspondentes do exterior e também, textos sobre a colonização que se iniciara no Brasil.

Um artigo intitulado "Vista d`olhos sobre os partidos em França" foi bastante divulgado, ganhando espaço em alguns periódicos desse mesmo ano. Publicado pelo "Diário do Rio de Janeiro" no dia 31 de março de 1842 e no dia 2 de abril deste mesmo ano, no jornal "Sentinella da Monarchia: periódico noticioso e litterario". O referido artigo descreve muito bem o que se passava na França e como se configuravam as tendências partidárias nesse período, observando-se a movimentação nas assembleias e nos demais espaços públicos da França. Nota-se que o Socialismo e também o Comunismo já faziam parte do vocabulário político e referente aos diferenciais ideológicos entre eles apresentando um bom panorama dos nomes e dos periódicos que circulavam como vozes desses intelectuais.

Em 1842, no dia 20 de agosto, o jornal "Museo Universal: Jornal das Familias Brazileiras*"* faz uma grande explanação sobre Charles Fourier, em uma Biografia que saiu numa coluna chamada: estudos bibliográficos e apresenta Carlos Fourier. Descreve toda a saga de Fourier e sua militância socialista que se dava através de seus escritos e de seus encontros com personalidades contemporâneas. Há também um extenso comentário sobre os aspectos relativos a relações matrimoniais, objeto da obra de Fourier. Essa apresentação das ideias de Fourier que foram escritas no "Novo mundo amoroso" não estavam, nesse artigo sendo documentadas, mas, apresentando-se como algo extravagante.

"A Borboleta" e "O Globo" (1844)

Há, no entanto um marco no que tange a publicações de artigos socialistas na década de 1840. O ano de 1844 torna-se um ano muito especial para o socialismo no Brasil. Com o Surgimento de dois periódicos *A Borboleta – Periodico miscelanico*, e *O Globo - Jornal Philosophico, Litterario, Industrial e Scientifico* o debate sobre o tema ganha corpo e o tema é tratado para além da descrição jornalística.

O nome do periódico *a borboleta*: evoca um dos pontos da teoria de Charles Fourier, aquele que trata das paixões humanas escondidas nos corações. As três paixões seriam: *papillone* (borboleta) tende a satisfação de todas as paixões, *caballiste* cria a emulação entre os diversos grupos para que rivalizem entre si e *composite* que de todas as paixões seria a mais romântica a mais irrefletida é a que resulta de muitos prazeres da alma ou dos sentidos provados simultaneamente[137]

Tendo sua primeira edição no dia 15 de agosto de 1844, "A borboleta" era publicada quatro vezes por mês na Typographia de J. E. S. Cabral, situada na Rua do Hospicio n. 66 subscrevia-se a 600 rs. mensaes, 2$000 rs. por timestre, e 4$000rs. por 6 mezes, nas casas do Sr. A. F. Guimarães rua do Sabão no 26, e Sabatier, Ouvidor no 31. Sua epígrafe era: "Util, bella, e agradavel, a Borboleta ha de ser, Os leitores verão, Si *olhos* tiverem para vêr."

Mas o jornal *A Borboleta* não chega a ser totalmente dedicado ao socialismo. Sua leitura era de uma grande leveza e os artigos de uma suavidade enorme. Era no geral um jornal dedicado a poesia, aos romances, e às belas artes como um todo. Era uma folha de entretenimento. Até mesmo o único artigo que tratava de socialismo o artigo intitulado "Sciencias sociaes" foi um artigo escrito em uma narrativa de romance, com proposta de contar uma história e de envolver o público leitor com essa história, assemelhando-se a um folhetim. E nela o apelo dramático e a leveza da leitura funcionam como um grande divulgador da teoria de Fourier através de uma simplicidade e comoção que conduziam os leitores aos aspectos mais lúdicos do que Fourier escreveu.

Curiosamente o autor do artigo inicial, a "carta de intenções" do jornal a Borboleta foi o mesmo que publicou o artigo inicial de *O Globo - Jornal Philosophico, Litterario, Industrial e Scientifico*, o primeiro periódico totalmente dedicado ao socialismo publicado no Brasil. Seu nome era VALE.

Tendo a sua primeira edição datada do dia 13 de outubro de 1844, o jornal "O Globo: Jornal Philosophico, Litterario, Industrial e Scientifico", foi o primeiro periódico brasileiro a compor seu conteúdo integralmente com ideias socialistas. Nada se encontra sobre esse jornal na maioria dos grandes manuais da História da Imprensa Brasileira que trataram da Imprensa na década de 1840. Porém, ainda que haja uma lacuna acerca desse periódico nesses manuais, recentemente ele ganhou espaço sendo citado em alguns

[137]ABREU E LIMA - *O Socialismo op. Cit.* Capítulo sobre Fourier p. 90 e 91

trabalhos acadêmicos com os de Ivone Gallo, Adalmir Leonildo e Fania Fridman[138] entre outros que questionaram o conteúdo político desse jornal e dos legados que deixaram alguns escritores que divulgavam as ideias socialistas aqui no Brasil ao longo da década de 40 do século XIX.

Algo que também não pode ser deixado de lado nesta análise, é o próprio nome "O Globo", que remete diretamente ao jornal *Le Globe,* uma gazeta que defendia as ideias de Saint-Simon e que circulava na França durante os anos de 1820 e 30. De fato nessa edição de *O Globo* havia uma série de artigos socialistas, de diversas "escolas", fruto de diversos pensadores sendo publicados e debatidos. Na Imprensa brasileira anteriormente ao lançamento de *O Globo*, surge um grande número de publicações de artigos socialistas, em maioria declaradamente "Fourieristas" (a "escola" mais expressiva adotada e discutida aqui no Brasil).

Os idealizadores e consumidores desse jornal eram os franceses que estavam no Rio de Janeiro, egressos da colônia do Saí. Com o fim da colônia, muitos desses socialistas mudam-se para o Rio de Janeiro e iniciam sua propaganda e sua sociabilidade que se dava na Botica Homeopática, situada na Rua São José número 59, no centro do Rio de Janeiro. No mesmo "Jornal do Commercio" há anúncios desses que se intitulavam os "Societários" divulgando ideais socialistas, promovendo alguns banquetes para arrecadar rendas para os necessitados, e comemorando nascimento e morte de Charles Fourier, seu grande patrono. O dia do Lançamento de *O Globo* foi exatamente em um dos dias dessas comemorações. No dia 13 de outubro de 1844 houve uma dessas reuniões[139]. Mesmo iniciando sua primeira edição com um aspecto bem entusiasmante, propondo-se a manter publicações quatro vezes por semana, *O Globo* não seria mais publicado no ano de 1844.[140], Percebe-se a continuidade que foi dada a esse periódico em anúncio publicado no *Jornal do Commercio* do dia 18 de junho de 1845 o jornal que desejava ter a alcunha de: "Crônica do progresso social" *O Globo* era anunciado como publicação em folha dupla que sairia todos os meses e conteria no primeiro ano a exposição do sistema de Fourier do qual cada assinante receberia uma cópia separada, para mais difundir as ideias do grande socialista francês. Subscrevia-se nas casas dos Srs. Crémiére e Passos, por 5$ ao ano. Este mesmo

[138]Ver: FRIDMAN , Fania - *Socialismo Romântico e a cidade do Rio de Janeiro*. ENANPUR, São Paulo, 2017; GALLO - *A aurora do socialismo: Fourierismo e o Falanstério do Saí* tese de doutorado, Unicamp, Campinas, 2002; e LEONILDO, Adalmir - História do socialismo utópico no Brasil. Revista Eletrônica Cadernos de História, vol. VIII, ano 4, n.º 2, dezembro de 2009.
[139]*Jornal do Commercio*, 13/10/1844, p.4
[140]A informação consta no *Anuário Político Histórico e Estatístico do Brazil 1846* Rio de Janeiro, Firmin Didot, 1846. Página 383.

anúncio também é publicado nos dias 9 e 24 de julho, 6 de agosto dando a entender que houve algumas publicações de *O Globo* em versão menor do que a da estreia mas ao que indica houve 3 edições, todas em 1845, além desta única que encontra-se na Biblioteca Nacional.

Após estas edições, os editores de "O Globo" limitaram sua atuação a artigos publicados no jornal "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro", órgão que deu continuidade a proposta editorial de *O Globo* por vias de uma coluna com o mesmo título que o jornal publicado em 1844.

Entre os artigos que se publicam nesse jornal há um que se destaca pelo título, similar ao artigo publicado na Borboleta. O artigo "Sciencia Social" propõe-se a explanar um tema que seria muito caro ao ideal de construção de uma sociedade mais justa.

Sendo assim, no próximo item, será feita uma comparação das duas publicações para , através delas e de outras publicações contemporâneas, compreender-se a noção do que seria o conceito de "ciência social".

2.3 O conceito de "ciência social" no discurso de publicações socialistas do Rio de Janeiro (1844).

Hoje em dia a expressão "ciências sociais" remete de maneira bem ampla a um conjunto de estudos que tem como objetivo a compreensão de diversos aspectos da vida social e individual do ser humano. No entanto este termo foi cunhado anteriormente às utilizações atuais e com outras finalidades passando por uma série de modificações até que chegue ao significado amplo que hoje possui. Ao se deparar com este termo recorrentemente evocado em jornais da década de 1840, surge a pergunta do que ele de fato significaria e qual o contexto em que ele aparece e que intenção havia ao se proferir este termo. Nesse item serão analisados especialmente dois artigos que abordaram o termo "ciência social" e "ciências sociais" já no título, e fazendo a devida descrição do termo: um no jornal "A Borboleta" e o outro no jornal "O Globo".

O aspecto mais marcante dessa aparição na Imprensa fluminense seria referente ao fato de que havia um grupo de franceses que viviam no Rio de Janeiro e que tinham por missão de suas estadias aqui, propagar as ideias de socialistas franceses, em especial Fourier. Tudo isso acontece no bojo da primeira experiência de fundação de uma colônia socialista, a colônia do Saí (1841-47) em Santa Catarina, evento este que já provocou inúmeros debates tanto por via de artigos acadêmicos como por via de pesquisas mais apuradas como o caso da tese de doutorado de Ivonne Gallo que descreve em detalhes muitos aspectos sociais e políticos dessa experiência. Igualmente o fez de maneira apurada o livro de Raquel Santiago que se debruçou sobre arquivos locais de Santa Catarina e reconstruiu muitos aspectos desta experiência.[141] Estudos esses que se mantém como os mais completos acerca desse experimento e o que ela representou em seu tempo, revelando detalhes sobre essa experiência tanto em aspectos da História Social como da História intelectual e política.

A tarefa de análise desses artigos se propõe como uma etapa para o estudo mais amplo sobre o conceito de "socialismo" e a respeito de termos correlatos criados a partir de

[141]Para maiores informações ver: GALLO, Ivone Cecília – "*A aurora do Socialismo: fourierismo e o falanstério do Saí (1839-1850)* Tese de Doutorado Unicamp Campinas 2002." e S. THIAGO, Raquel – *Fourier: Utopia e esperança na Península do Saí.* Florianópolis: Edufsc, 1995.

combinações com o radical "Social", utilizado como linguagem política, de um ideário político específico em um momento muito pontual: o ano de 1844.

Para o presente estudo será levado em conta a análise de Koselleck, em que cada conceito seria sempre concomitantemente "fato" e "indicador", ou seja, cada conceito não seria apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico, ele seria também diretamente indicativo de algo que se situa para além da língua pois ao se formular um conceito pode-se pensar a realidade histórica e conceber a constituição daquilo que ele quer remeter-se a partir de um "fato" linguístico pensando-se uma realidade concreta.[142]

A natureza do conceito de "ciência social"

Para esta tarefa de compreender as transformações do termo ao longo da História, pode-se ter como ponto de partida primeiramente algumas transformações do termo "Ciência" e do termo "Social", algo que deve ser observado com o mesmo rigor que a expressão que une os dois termos em um terceiro: "ciência social". Para esta tarefa há que se observar alguns dicionários Históricos e etimológicos que sondam as mudanças dos termos em especial na língua francesa, língua mãe dos ideólogos do socialismo que escrevem nessa década, em especial os que vieram ao Brasil e proferiam suas ideias em artigos nos jornais brasileiros e do Rio de Janeiro.

No "dicionário histórico"[143] de Alain Rey, apresenta-se um pequeno panorama da trajetória do termo "ciência" vai agregando valores diferenciados ao longo dos séculos e amalgamando outros sentidos na composição de novas expressões. Nele encontramos para a palavra ciência um significado mais recorrente ao período das transformações que se operam na Europa, que tenta dar conta da transformação nas mentalidades do início do século XVIII. Nesse momento, a "Ciência" torna-se considerada *o conhecimento exato, universal e verificável expresso pelas leis*; E, a partir desse valor atribuído à palavra é que criam-se as expressões que vão dar significados mais amplos e diversificados, agregando-se outros radicais para a composição do termo composto. Isso se observaria por exemplo à "ciência filosófica", "ciências divinas" (1721) ciências morais (1750). No século XIX

[142]KOSELLECK, Reinhart – "Sobre a prática da História dos conceitos". *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5 n.10, 1992. P. 136
[143]REY, Alain – *Dictionnaire Historique de la langue Française* Verbete "Science"

Várias expressões complementam o aumento da precisão na definição do conceito de ciências: positivas, dedutivas ou passíveis de serem controladas experimentalmente, até que parte da ciência pura oposta às ciências aplicadas (1873). E, apenas no século XX *as ciências humanas adotam uma nova abordagem, próxima das ciências sociais que corresponde à ciência da qual o objeto é o homem na sociedade*[144].

Esse novo significado para o termo ciência, no século XIX acompanha a ideia de que este século seria o século de progresso, um momento em que as ciências se desenvolvem na mesma velocidade em que se desenvolvem novas necessidades humanas as novas técnicas, novos produtos industriais e as novas necessidades de uma sociedade que se mantém com uma eterna mudança, em geral na busca por melhores formas de se construir, de se fabricar algo, em que tudo era pensado sob uma ótica de "otimização" de construção de novos mecanismos para uma vida melhor.

Progredir seria algo mais do que necessário, algo imperioso em todas as áreas e, no quesito sociedade, organização da sociedade não seria diferente. Aqui, instaura-se o paradigma do progresso aliado a necessidade de reavaliar os paradigmas sociais e tentar chegar a uma "verdadeira" forma de se viver em sociedade. Uma busca por um perfeccionismo que pudesse dar conta das demandas de uma sociedade pensada, racionalmente e que aproveitasse o máximo de cada um e de cada conjunto.

Essa ideia de "progresso" tinha dois desenvolvimentos, dois vieses de um mesmo termo. Havia uma via mais ligada ao iluminismo, ligado a uma ideia de *perfectibilidade humana realizável no mundo dos homens*[145] sendo um tipo de progresso material que pode ser observado com momentos de retrocesso e avanço ao longo de diversas épocas históricas. Já o conceito idealista romântico apregoava um *processo necessário do universo realizado por um espiritual, contínuo e sem possibilidade de retrocesso.*[146] Ciência e progresso estariam muito interligados conceitualmente.

Para o vocábulo "social", o dicionário de Alain Rey traz os diversos momentos dessa transformação do termo e identifica algumas mudanças cruciais. O termo "social" se aplicaria por volta de 1557 ao que é relativo à sociedade, ao que lhe pertence; de onde a vida social "vida em sociedade" (1683). O emprego da palavra é desenvolvido no século XVIII e então usado por volta de 1740 ao falar do que é *peculiar à vida humana em seu aspecto coletivo, a partir do qual contrato, pacto e tratado social que se chama (1761)*

[144]REY, Alain –idem
[145]SAFFO, Testoni Binetti – Verbete "Progresso" in: BOBBIO, MATEUCCI PASQUINO, *Dicionário de Política*. 12ª ed. Unb, Brasilia 2004.
[146]SAFFO*, Idem*

uma convenção tácita que regula organização da sociedade humana. O conceito e a expressão "contrato social", difundidos por Rousseau, desempenharam um papel fundamental na evolução das ideias políticas antes e durante a Revolução Francesa. O termo então passaria a significar "quem estuda a sociedade", por exemplo, na cunhagem do termo composto "ciência social" que já teria seu aparecimento por volta do ano de 1801, depois evolui para o "estudo dos seres sociais", das ciências sociais (1908), considerado do ponto de vista de grupos estruturados de indivíduos ou pessoas e por isso o surgimento do termo ciências humanas[147].

Daí o autor evolui a análise da palavra "social" e demonstra como ela agrega outros significados, aglutinando-se com outras palavras e compondo outros significados sendo relativos aos paradigmas da sociedade industrial e a estratificação social que ela gera como a relação patrão empregado. Nesse sentido, Alain Rey data termos como: "fatos", ou "fenômenos" sociais que seriam utilizados por volta de 1830, referindo-se àqueles que resultam das relações entre os membros de um grupo ou em tudo que a sociedade forma. – O termo ganharia especialização em torno de 1830, qualificando o que é relativo às relações entre as classes da sociedade, então oposta à política e, por outro lado, econômica. A palavra "social" na década de 1830 aparece em expressões como a "questão social" relativa a relações entre trabalhadores e empregadores (1834), "movimento social" termo que surge para nomear a escola "falansteriana" de Charles Fourier; e avança para termos como "revolução social", "república social" já surgindo no contexto das revoltas e revoluções que se dão em Paris no marcante ano de 1848, conhecido como primavera dos povos.

Segundo Alain Rey o termo "social" é usado em particular após 1844 ao falar da distribuição dos indivíduos na sociedade, do ponto de vista da divisão do trabalho e seus efeitos e daí também surgiria o termo "classe social" atestado no século XX.

O Conceito de "Ciência Social" nos jornais da década de 1840

No período que compreende o início da década de 1840, na maioria dos periódicos que registravam a ocorrência do termo "ciência social" e "ciências sociais" utilizava-se

[147]REY, *op. Cit*.

muito o termo “ciências sociais” para designar alguns pontos do direito e de sua aplicação na sociedade. “Ciências sociais e jurídicas” era como se chamava o curso de direito oferecido em diversas faculdades pelo Brasil. Mas, nos discursos dos jornais da época, era recorrente ser utilizado o termo ciência social para se remeter a habilidade política de alguns membros do executivo e legislativo brasileiro. Como alguns exemplos temos o jornal “O Brasil vestra res agitur” de 5 de dezembro de 1840[148] em que surge num debate entre deputados e assim o termo aparece “como conhecer as leis e a política”.

Há, no entanto, alguns significados que divergem bastante desses e que cria-se significados quase que únicos mas que colaboram para a compreensão de como se operava o entendimento e uso do termo ciência social, de maneira bem mais ampla e diversa. Em “O Maiorista” de 24 de fevereiro de 1842[149], em um artigo "o governo e os brasileiros" identifica “sciencia social” como os deveres do súdito obedecendo a autoridade. Em “O Brasil vestra res agitur” de 14 de dezembro de 1843[150] aparece o seguinte trecho: *Fazer que cada cidadão de uma nação possa produzir o que consomme, e que viva contente da remuneração de seu trabalho, tal é, quanto a nós, o verdadeiro objecto das sciencias sociaes, a que chamam economia politica, ou como melhor convier.*

Mas, entre todos os significados citados, há outro que vai se destacar e se popularizar ao longo da década e dos anos seguintes ao de 1844. A associação com o conceito de “socialismo” ocorre pela primeira vez no “Jornal do Commercio”, em artigo escrito por Dr. Mure em 17 de dezembro de 1840. Esse texto figura como um dos primeiros de uma série que teria a função de explicar o que seria a proposta da colônia societária idealizada por Dr. Mure aqui no Brasil. O Termo “Sciencia Social” surge então apresentado como uma ciência que estaria bastante adiantada na Europa e destaca que o teor dessa ciência deveria comportar a condição de convívio social humano lembrando da forma, como na França, se organizavam os trabalhadores em torno de uma previdência para amenizar as incertezas do mercado de trabalho e uma forma de se organizar financiamentos de estudos dos trabalhadores, enfim, cooperativar-se de diversas maneiras estaria ligado ao conceito de “ciência social”.

Outra ocorrência que associa o termo “ciência social” ao socialismo se dá no periódico “Museo Universal: Jornal das familias brazileiras”[151] do dia 20 de agosto de 1842 quando é publicada uma biografia de Fourier, surge o termo para indicar o

[148] *O Brasil vestra res agitur* de 5 de dezembro de 1840 p. 1
[149] *O Maiorista* de 24 de fevereiro de 1842
[150] *O Brasil vestra res agitur* de 14 de dezembro de 1843. p. 1
[151] Museo Universal: Jornal das familias brazileiras do dia 20 de agosto de 1842 p.1

"Fourierismo". Aparece "ciência social" como uma ciência que estaria sendo explorada e haveriam vários colaboradores para o seu desenvolvimento "*(...) o numero de phalansterianos, dos quaes Justo Murion era o nucleo, augmentou, em cujos esforços devião mais tarde contribuir poderosamente para a vulgarisação da sciencia social*[152].

"Ciência social" e "ciências sociais": duas perspectivas de um "socialismo".

Tendo aqui delimitado um pouco das formas como a expressão aparece nos jornais do Rio de Janeiro na década de 1840, resta saber o que significariam essas expressões como título de dois artigos publicados em dois jornais diferentes. Um deles é o periódico "A Borboleta" e o outro o periódico "O Globo" Ambos os periódicos, fazem parte de um grupo de periódicos que podem ser considerados "românticos", e científicos, publicações típicas do início da década de 1840, que davam corpo a um tipo de publicação que entrou em voga nesse período contendo uma grande diversidade de artigos com preocupações em mostrar os avanços da ciência e o "progresso" que se operava no século XIX[153]. Nesse sentido, publicavam avanços de todos os tipos de ciência e a ciência social não ficaria de fora. Pode-se citar a obra de Helio Lopes[154] que discorre sobre a imprensa científica. Em sua obra Helio estuda os temas principais que uma imprensa considerada romântica e científica e identifica artigos com essas temáticas.

Logo no início do artigo "Sciencias Sociaes" do periódico "A Borboleta", artigo esse que é publicado em três partes, nos dias 25 de agosto; 5 e 15 de setembro de 1844, apresenta-se o primeiro ponto do artigo que remete a importância que é dada para que se corrijam os males da sociedade e o quanto que os que mantem o poder não se dedicam nem mesmo a apreciar as teorias sociais que surgiam para combater os males da sociedade capitalista. Quanto aos males que devem ser combatidos foram elencados: a fome a pobreza e a falta de trabalho de 7/8 da população (esse é um dado que valeria para a França), a existência do homem-máquina – renuncia a vida, as amizades, escravo de todos

[152]*O Brazil,* 22 de janeiro de 1842 p.1
[153]Conforme a análise de Nelson Werneck de Sodré, que identifica que nesse período as publicações tendiam a debater esses assuntos. SODRÉ, Nelson Werneck – *História da Imprensa no Brasil*. p.183
[154]LOPES, Helio - *A divisão das águas A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)* São Paulo, Editora Ceach 1978.

os seus movimentos, assim como a burguesia que é chamada de vampira pela exploração que pratica a seu bel prazer.

Para esse artigo, a sociedade reformada deveria ser feita de acordo com o "trabalho atrativo" fruto das paixões e afinidades dos indivíduos. Isso se daria num empreendimento chamado de "comum" – Aqui enfatiza-se que o trabalho deveria ser organizado sob as atrações entre as pessoas e realizado de maneira afetiva. As mudanças seriam estritamente sociais e não se cogita-se reformas políticas. Somente nela é que se poderia combater a concorrência, mentira, inveja ódio. A base da comum modelo seria tal qual a teoria de Fourier: o Falanstério criado com base na lei de atração. Os pontos principais seriam: sem casa individuais. Apenas um único palácio, única cozinha, celeiro, fim do trabalho monótono sem salário, com associação. Trabalhar com o coração/ paixão, tudo resolvido com a atração e com o jogo das paixões harmonizadas/ entusiasmo/ economia de recursos. O mundo todo seria conquistado pela unidade e pela compreensão e aplicação do tratado de associação de Fourier.

A crítica se estende sobre a valorização das profissões bacharéis e destaca que a liberdade seria maior entre aqueles que são artistas e agricultores. "costumes, trabalho e liberdade" seriam as bases da felicidade do povo.

Outro aspecto que o artigo de "*A Borboleta*" frisa para essa transformação social seria a não violência, a não revolução, chamando os revolucionários de falsos profetas e dizendo que estes apenas *odeiam a riqueza e não combatem a miséria*. Destaca que as novas gerações são revolucionárias e a antiga não. Os socialistas que escreveram sua obra com base no início da sociedade industrial se difeririam daqueles que fazem com o capitalismo já enraizado e desenvolvido. Neste sentido, o principal para se atingir a sociedade ideal seria reformar pela base e não pela cúpula, alterar os paradigmas sociais sem ter importância o aspecto político como foco nas transformações da sociedade.[155]

Já em "O Globo" o foco é outro, o título, por exemplo, aparece no singular: "ciência social", e o artigo inicia-se afirmando que dentre aqueles que se ocupam da "organização do trabalho", o mais resistente à criticas e de maior credibilidade, completude e num todo seria Charles Fourier que já estaria sendo largamente estudado e admirado nos Estados Unidos, França e Alemanha e apresentou os jornais que lá circulavam com muito sucesso entre o publico. O objetivo de propagandear a suas ideias no Brasil, e no que chamou de novas terras da América, espaço mais favorável. As experiências nos Estados

[155]"*A Borboleta*", 5 de setembro de 1844 p. 2

Unidos são mostradas inicia-se fazendo uma ressalva quanto aos aspectos que estes autores consideravam imoral na teoria de Fourier convidando as pessoas a seguirem apenas o que tange a "organização do trabalho".

A proposta que defende inicia-se apresentando o grande inimigo que gerou os males aos quais querem combater: a Revolução francesa e seus desdobramentos, sendo chamada de acontecimento desgraçado que retardou os progressos reais da indústria e da sociabilidade humana. O autor faz uma ode aos monarcas esclarecidos, em especial Filangieri acreditando que reformas na Europa encontram obstáculos nas instituições de muitos séculos e afirma que terras novas da América seriam as melhores para a utopia, a exemplo dos que nesse momento já contava com mais de 10 companhias "falansterianas" e a colônia que ainda contava com alguns dissidentes, a colônia do Saí.

No final do artigo, revela um outro conceito que define bem esse tipo de socialismo: "cesse o império da charlatania entremos na senda do positivismo se quisermos marchar a par das ideias do século". Este termo "positivismo é uma das chaves para fazer essa leitura da retórica deste periódico pois no dicionário francês de Alain Rey, a questão de "Cientificamente Reorganizar a sociedade" é o desejo original e o objetivo final do fundador do positivismo[156] Aqui a ideia de "Positivismo" condensaria toda a carga desse tipo de ciência social.

Conclui-se que havia uma disputa do que seria a verdadeira ciência social. Claramente, cada um dos jornais tenta mostrar uma forma de se chegar nessa proposta, com ênfases diferentes. O jornal A Borboleta trazia uma visão mais idealista de um Fourierismo puro, bem embasado nos aspectos da atração humana e da associação que Fourier define em seus livros. Já o jornal O Globo, de influência sansimoniana e positivista seleciona aspectos da sociedade para se alterar como a volta a paradigmas pré-revolucionários, mas mantem-se com um foco num progresso cientificista que não seria tão caro aos fourieristas, mais preocupados com aspectos psicológicos e do convívio social em si.

No geral, pode-se concluir que a Ciência Social tal qual queria ser aplicada no Brasil, tinha um tanto de Fourierismo e Positivismo, Coletivismo, Garantismo e esses conceitos se fundiam no termo maior que seria o "socialismo", termo abrangente que sempre levava a uma reconstrução do termo "Ciência Social" ou a ciência socialista.

[156]RAYNAUD, Philippe et RIALS, Stéphane – *Dictionnaire de philosophie politique* – troisième edition complete Quadrige, PUF, Paris, 1996

"A ciência social, seria um conceito aliado à filosofia, economia, política, educação, muitos aspectos que temos hoje como ciências humanas, ciência para solucionar os problemas da humanidade e do convívio humano que indicavam e apontavam para um tipo de uma "organização do trabalho" e uma "organização social", tidos como "verdadeiros" [157].

Em suma, a ideia de um tipo de ciência que assumiria as questões da sociedade estava posta mas poderia ser refutada, reformulada e refeita bem como qualquer afirmação científica. O "cientificismo social" e o "socialismo científico[158]", que Karl Marx reivindica para si, talvez tenha uma mesma origem de uma inquietação frente às questões levantadas por aqueles que querem reestruturar a sociedade tão afetada pelos paradigmas do capitalismo.

Uma nova questão fica latente frente essa análise acerca da "ciência social": Qual seria o conceito de progresso para os socialistas que escrevem "o Globo"?

[157]GALLO, p.59
[158] MARX & ENGELS – Manifesto do partido comunista. Martin Claaret, São Paulo; 2002.

2.4 - Análise do conceito de "Progresso" nas páginas de *O Globo* (1844).

Fica então a questão mais específica: o que propunham os redatores de "O Globo" para o Brasil? Qual era o seu discurso? O que desejavam pôr em prática. A metodologia desenvolvida pela escola alemã de pensamento político apresenta a linguagem como sincronizada com a sociedade, o conceitual político apresenta-se em sincronia com a sociedade que o produziu, apontando a necessidade de estudos voltados para a História social para a compreensão terminológica do ideário político[159].

Para esse tipo de metodologia de análise proposta, podemos levar em consideração o prospecto inicial de "O Globo" que poderia ser um tipo de "carta de intenções" tal qual tipicamente os periódicos políticos desse período histórico apresentavam. O que Isabel Lustosa denominou como: "Carta de intenções"[160] seria , em geral, o primeiro e principal artigo, aquele que tinha a função de trazer à tona, em resumo, o que seria discutido ao longo das publicações que se seguiriam, além das propostas centrais que estas folhas defenderiam. Esses artigos eram a essência de seus periódicos.

No caso de "O Globo", há o prospecto da primeira página que se intitula "LEDE" e uma espécie de continuação desse prospecto, um artigo chamado "O GLOBO' que aparece no fim da publicação em questão e que também servirá para a análise desta "carta de intenções". Qual seria a palavra de ordem que este periódico queria apresentar para sustentar seu discurso, suas ideias e convencer o público a seguir suas orientações políticas?

As intenções do jornal "O Globo".

O autor do primeiro artigo intitulado "LEDE" permanece desconhecido, pois não assinou com o nome completo, apenas a palavra "VALE". Ele inicia sua análise referindo-se à "grandeza das nações" e este feito sendo um fenômeno alcançado através das ideias e de sua respectiva aplicação nas práticas política de cada país. O Brasil não estaria inscrito no rol das grandes nações por ter seu desenvolvimento "em desarmonia entre princípios que presidem a seus destinos, e as

[159]RICHTER, Melvin - 1996, p.4
[160]LUSTOSA, Isabel – *Insultos impressos* 2008, p.30

aplicações praticas tentadas pelos seus estadistas".[161] O autor defende que as ideias materializam-se em atitudes, comportamentos e formas de viver, ou maneiras de se interpretar a vida. Nesse sentido, descreve que esse grande mal que estaria assolando toda a América, seria fruto do "método de indução, consequência fatal da reforma de Lutero; que, tendo desolado a Europa com a Revolução Francesa, continua ainda a produzir mil males deste lado do Atlântico onde vai abalando as crenças, opiniões, instituições, em uma palavra, todos os bens da sociedade".[162]. Já nesse primeiro fragmento fica claro qual o paradigma que causava tantos males ao Brasil: o liberalismo, individualismo todos ligados ao capitalismo por via do protestantismo. Aqui percebe-se que o autor do artigo identifica em uma mesma linhagem ideológica todos os conceitos acima.

O norte da política brasileira estava alinhando-se à perspectiva liberal e vinha se submetendo cada vez mais a esse paradigma desde a independência, mas, no que se consideraria "progresso" opera-se uma contradição. Esse progresso não é acompanhado por um "progresso moral" da sociedade. Uma análise similar a essa feita pelo jornal O Globo foi feita em um ensaio escrito por Abreu e Lima, notório pensador socialista brasileiro do século XIX, no Livro O Socialismo, de 1852 e impresso em 1855. Nele, o autor reúne embasamentos em filósofos como Fenelon, Price[163], Dugald Stewart e M. I Matter para discutir o "progresso político e o progresso moral". Para Abreu e Lima nessa linha de progresso liberal a emancipação da consciência e da razão foi abusiva "engendrando a abstração da consciência e dos destinos imortais dos homens"[164]. Para estes autores a moral seria invariável independente da religião, a política e a filosofia. Já para Abreu e Lima, a religião seria inseparável da moral. Por isso, assim como o autor de "O Globo", a política e as leis que não seguissem preceitos da religião católica conduziriam à desgraça da nação brasileira.

Ambos os autores se referem aos sistemas que antecederam ao liberalismo, a economia medieval e pré-capitalista que operavam com outras lógicas sendo o papel do trabalho e a sua organização bastante distintos dos da sociedade capitalista. A produção era restrita ao consumo. Os trabalhadores estavam organizados em corporações que regulamentavam a produção e o comércio. Eram artífices especializados, conhecedores de seu ofício sem os excessos da indústria moderna[165].

[161]O Globo, 13 de outubro de 1844 p.1
[162]O Globo, *idem*
[163]Richard Price (1723-1791) foi um filósofo, ministro da igreja dissidente britânica. Em 1758 Price publica *Review of the Principal Questions in Morals*. Seus escritos provocaram um grande impacto na sociedade moralista e conservadora inglesa da época, pois propunham uma ampla revisão liberal das principais questões morais da época em uma Inglaterra conservadora e em transição para o Capitalismo Industrial.
[164]ABREU e LIMA, - *O Socialismo* – Paz e Terra; 1979, p.133.
[165]SOUZA, 1965, p.19

O objetivo do lucro introduzido pelo capitalismo foi criando a mentalidade do "homem econômico" moderno e do patrimônio lucrativo. Na economia pré-capitalista o esquema "MERCADORIA-DINHEIRO-MERCADORIA" o trabalhador produzia algo e com o dinheiro comprava outra coisa. Com o sistema capitalista os termos se inverteram: "DINHEIRO-MERCADORIA-DINHEIRO". O capital inicial serve para produzir algo cuja venda vai gerar um lucro que permita o aumento do capital. Este espírito de lucro torna-se um espírito de ganância realizada de maneira desmedida e a atividade econômica não se subordina mais a lei moral. O espírito individualista torna o capitalismo iníquo pela sua origem, desproporcionado pelas suas aplicações concretas, nocivo pelos seus efeitos, transformando-se por sua vez as classes superiores correspondentes em fator de desordem social mais do que elemento de conservação e progresso[166].

Percebe-se que no Brasil há uma tradição cultural distinta, que pode ser chamada de ibérica, alheia ao iluminismo libertário, à ênfase nos direitos naturais , à liberdade individual. "Essa tradição insistia nos aspectos comunitários da vida religiosa e política, insistia na supremacia do todo sobre as partes, da cooperação sobre a competição e o conflito da hierarquia sobre a igualdade"[167].

Dando sequência a essa diferenciação de projetos e mentalidades defendidos no artigo, há um trecho emblemático por valorizar a condição da tecnologia como aspecto de total relevância para o "progresso" de uma nação: "No nosso entender Watt[168] que deu a máquina a vapor à Inglaterra, prestou mais serviço ao seu país que Mirabeau ou Lafayette prestaram á França"[169]. Nesta afirmação cita os dois pilares do progresso capitalista: o impacto das inovações técnicas e o desenvolvimento da ordem burguesa e as mudanças políticas. É nessa dissociação do paradigma capitalista entre a revolução política e a industrial que se inicia a crítica do "pensamento socialista moderno". Autores que se propuseram a tecer uma história do socialismo situam a critica ao capitalismo, feita pelos primeiros pensadores socialistas, no âmbito da conceituação política e moral. O aspecto técnico é poupado da crítica socialista. Este, por sua vez, é bastante exaltado e desejado pelos mesmos. A crítica ao capitalismo torna-se então uma crítica ao liberalismo[170].

Está aí nesse pequeno trecho traçado quais os elementos que os redatores de O Globo concordavam e quais discordavam da ordem burguesa: o "progresso" tecnológico é bem-vindo, mas o "progresso" gerador da nova condição política e social, não. Demonstra reverência ao

[166]TONIOLO, 1947 p.204 *Apud in*:
[167]CARVALHO, José Murilo de - *Cidadania: um longo caminho*. 2008, p.51
[168]James Watt (1736-1819) foi um matemático e engenheiro escocês. Construtor de instrumentos científicos, destacou-se pelos melhoramentos que introduziu no motor a vapor, que se constituíram num passo fundamental para a Revolução Industrial.
[169]"O Globo" 13/10/1844 p.2
[170]MACKENZIE, 1967, p.9

progresso industrial, mecânico e todas as maravilhas que poderiam advir dessa nova forma de se pensar a produção e o trabalho.

"O Globo" deixa bem claro em seu título que se destina à atividade industrial. Essa preocupação vem parelha ao momento econômico brasileiro, a adoção de políticas fomentadoras da indústria, a "tarifa Alves Branco" que é posta em prática nesse mesmo ano de 1844. O paradigma industrial se expandiria cada vez mais, e deveria se organizar de maneira a não cometer os mesmos erros que na Europa se operaram. Fica clara a intenção de regular de maneira aproveitável a indústria e os paradigmas de uma sociedade industrial que se formariam desse período em diante no Brasil.

O artigo "LEDE" também traz outra informação importante acerca da organização do trabalho industrial e agrícola no Brasil: o desejo de que aqui fosse um local para abrigar o proletariado que sofria com as consequências da organização do trabalho industrial na Europa. Sugere então, que o Brasil vendesse terras para serem empregadas em colônias industriais que abrigariam braços da indústria europeia. A proposta de organização da Indústria sob modelos socialistas seria uma segunda proposta desse artigo inicial de "O Globo".

Mais adiante, o artigo sugere a fundação de um banco nacional para se encarregar da venda das terras para poder pagar as dívidas e iniciar uma nova organização da agricultura, um novo plano de colonização para que a organização seja harmoniosa entre os interesses de proprietários e trabalhadores respeitando a forma como o Brasil se fundou, sua tradição moral[171]. Evitar os males sociais que a Europa estava vivenciando e prezar pela autonomia dos recursos para desenvolvimento da indústria brasileira seria o foco dessa explanação.

A questão religiosa também estaria presente nessa nova colonização que deveria se seguir no Brasil. E a busca por uma moralização geral também se esbarra na expansão e da divulgação de ideais educacionais que poderiam auxiliar na formação desse cidadão ideal que o jornal tenta promover. Segue seu discurso com a consideração de ser muito necessário o investimento em educação e propõe as diretrizes do educador Pierre Jacotot e seu método educacional, algo "para ser aplicado no seio das famílias'[172]. Jacotot trabalhou para a introdução do "método de educação universal" o qual teve muitos seguidores e críticos por conta de sua originalidade. Este método parte dos princípios seguintes: todos os homens tem igual inteligência; cada homem recebeu de Deus a faculdade de aprender sozinho; podemos ensinar o que não sabemos; tudo está em tudo. Para ele a educação teria um grande foco na e a questão da vontade, envolvida no ato de aprendizagem. Ele tece os princípios de uma educação emancipadora ou o "método de

[171] *O Globo* 13/10/1844 p.2
[172] *O Globo, idem*

emancipação intelectual". Sendo assim, Jacotot pregava que o conhecimento não é algo que somente alguns privilegiados têm direito, todos podem adquirir, deve ser divulgado a todos de todas as classes sociais.[173]

O artigo se encerra fazendo uma chamada. A chamada final do artigo é uma espécie de propaganda para atrair a colaboração com o jornal por parte de pessoas que se dedicam aos estudos da filosofia e da humanidade. Considerando suas ideias prematuras às massas, mas já conhecidas dos homens cultos do império, as ideias dos socialistas. Encerra pondo em itálico, para destaque que o anseio é ver essas ideias "generalizadas adotadas e aplicadas no Brasil"[174]. No último parágrafo do artigo, sugere que essa de sociedade ideal se concretizaria na ideia do Falanstério de Fourier.

Sintetizando alguns elementos do artigo "LEDE", o texto final intitulado "O GLOBO" esclarece a missão do jornal: A abstenção da ingerência política, tanto na luta dos partidos como nas atitudes revolucionárias, discutir questões sociais, aumentar a riqueza do país, a organização do trabalho, o cuidado com a educação moral e fecunda, tratar de descobertas mecânicas focando nas de utilidade para o dia a dia, e por fim: dedicar-se a todas as pessoas amantes do progresso em especial os fazendeiros. E segue: "como chefes de casa acharão conselhos para organizar o trabalho de suas fazendas, e meios de substituir o poder da mecânica tão necessário neste Império aos braços custosos e indóceis".[175] As máquinas seriam os auxiliadores da libertação do trabalhador. No caso brasileiro a escravidão deveria ser substituída com o auxilio do maquinário empregado na produção agrícola e manufatureira.

"O Globo" e a História do pensamento socialista.

Cabe então, neste item, tentar compreender quais leituras poderiam entusiasmar essa modalidade de socialismo ao qual os autores de "O Globo" se apropriaram para seu discurso inicial. A diversidade de ideias convergiam para compor um socialismo específico fruto da mentalidade brasileira, de um país escravista, católico e primordialmente agrícola e em fase de estruturação da sua indústria. A forma como se desenvolveu o pensamento socialista em países

[173]Joseph Jacotot (1770-1840). Pedagogo francês que contestava a Revolução Francesa e instituições de sua época, trouxe questionamentos sobre formas de educação que problematizaram a desigualdade de inteligências enfatizando a importância da construção do conhecimento, do ser sujeito de sua ação e da vontade de aprender para a emancipação intelectual.
[174]*O Globo, idem*
[175]*O Globo, idem*

com paradigmas sociais e econômicos distantes dos países que originaram essas ideias, tornou suas teorias um tanto híbridas fruto da leitura de Fourier, Saint-Simon, Owen e Cabet, assim como das obras de alguns discípulos destes que participavam ativamente na política durante as décadas de 1820 e 1830 e 1840.

Aparte os grandes patronos Charles Fourier e Henri de Saint-Simon (cuja veneração pelo primeiro é explicita), há alguns elementos de reflexão feitas pelos discípulos mais diretos desses pensadores. Entre uma série de pensadores que teriam semelhanças com os redatores desse artigo inicial de "O Globo", outras referências que podem ter colaborado para essas ideias apresentadas seriam as de Louis Blanc[176], Philippe-Joseph-Benjamin Buchez, Constantine Pecquer e de Etienne Cabet.

Sendo totalmente contra qualquer modo revolucionário, Louis Blanc pregava que a concordância e a boa vontade e solidariedade entre as classes poderiam suprimir o capitalismo[177]. Ele sustentava que as ideias fazem a História e que a elevação gradual da inteligência humana produziria as mudanças sociais que desejava. A desigualdade desapareceria à medida que a moral da sociedade convergisse para isso. Nesse sentido, as melhoras técnicas deveriam ser difundidas entre agricultores, para que apliquem as técnicas mais avançadas superando a produção a um nível em que não houvesse exploração nem escassez. O direito ao trabalho e a organização do trabalho eram suas máximas, assim como a preocupação na criação de um banco nacional para tal fim. Ele foi o criador da famosa frase "de cada um segundo a sua capacidade; a cada um segundo sua necessidade"[178]. As ideias de Blanc se assemelham às ações sugeridas para o progresso brasileiro, a serem aplicadas à política nacional no prospecto de "O Globo".

Porém há pontos em que os redatores de "O Globo" divergem com a linha de pensamento de Louis Blanc: Blanc defendia a democracia representativa e o sufrágio universal, sendo assim o Estado se tornaria um instrumento do progresso e do bem estar. Para O Globo a monarquia é o regime político mais indicado por ser referendado pela religião e manter o "progresso" dentro de uma moralidade específica, mas admite que qualquer governo que não seja tirano e opressor é bem-vindo.

O filósofo e economista francês Constantine[179] Pecqueur na sua obra fundamental: "Economia Social", de 1839 manifesta seu entusiasmo pelas conquistas da técnica moderna por ser o meio de aumentar a riqueza e a solidariedade pelo estreitamento dos meios de comunicação.

[176] Louis Blanc – Nascido em Madrid em 1811 foi um socialista atuante na França. Em 1839 publicou o livro "A organização do trabalho", regularmente utilizado como referência para os socialistas pós 1848
[177] COLE, 1953 p.172
[178] *Idem*, p. 174
[179] Nasceu em 1801 na França e foi um economista e teórico do socialismo, influente na teoria marxista. Fez parte do jornal "Le Globe" e de outros periódicos sansimonianos. Morre em 1887.

As máquinas seriam favorecedores do espírito de coletividade na utilização dos meios de produção[180]. Igualmente Saint-Simon já colocava as máquinas como as grandes libertadoras do penoso trabalho manual e que "as máquinas desempenharão o papel do trabalhador e em que o homem será libertado de toda escravidão'[181]. Constantine Pequer fazia parte de um grupo de socialistas que não desligavam o socialismo do cristianismo, nem dos valores morais: "Toda questão de socialização é de modo geral, uma questão moral e religiosa". Ele desejava uma sociedade socialista-ética, uma República Divina"[182].

Somando-se a esse "Socialismo Cristão", Philipe Buchez[183], considerado o pai do cooperativismo francês, foi Sansimoniano até 1829, quando funda a sua escola neo-católica de socialistas. Escreveu em 1839-40 o "*Essai d`um traité complet de philosophie au point de vue du catolicisme et du progrès*" em que sustenta que a moralidade do ser humano não é uma ideia inata que pertença ao reino da natureza, senão um dom da revelação divina, ao qual vem ligada a uma certeza completa, porque passa diretamente de Deus a mente humana. Deste modo trata de conciliar seu catolicismo com o progressismo, e de encontrar uma fórmula cristã para suas crenças democráticas[184].

Por fim para entendermos a escolha da metodologia de Jacotot como uma proposta que levaria a cabo a demanda imperiosa de se expandir as consciências, difundir as novas tecnologias e restaurar a moralidade, há que se compreender como Etienne Cabet[185] propunha sua sociedade ideal. Ele que foi discípulo de Jacotot, pregava uma transformação profunda nas sociedades humanas pela educação. Era totalmente avesso a qualquer forma revolucionária[186]. Em suma, o comunismo de Cabet se aproximou muito mais que o de Owen a uma comunidade completa de vida: "uniu o milenarismo de owen com as aspirações comunistas tomadas dos cristãos primitivos, do radicalismo social da Idade Média e do catolicismo do Renascimento"[187].

No texto final dessa edição de O Globo, em que foi feito um apelo ao público leitor para uma nova proposta educacional que deveria ser realizada em casa, pelos pais em núcleos familiares, há uma citação ao capítulo X do livro "Viagem à Icaria", onde se escreve que a "educação deveria ser doméstica, pelo que diz respeito à parte confiada aos pais no seio das

[180]BEER, 1944, p.591
[181]COLE, 1953 p.87
[182]BEER, *Idem*
[183] Philipe buchez nasceu em 1796 na França tendo sido teórico político e jornalista. Fez parte do grupo dos carbonários, ativistas da revolução socialista. Morre em 1865.
[184]COLE, p. 181
[185] Étienne Cabet nasceu em 1788 na França. Foi um teórico das primeiras ideias socialistas, tendo publicado o livro "Viagem a Icária" em 1840. Morre em 1856.
[186]MONTEOLIVA, 1991, p.85
[187]COLE, 1953, p.86

famílias"[188], e pública, sendo confiada aos instrutores populares em escolas nacionais. Neste mesmo livro de Cabet há indicações para a educação não apenas moral e caseira mas também para todas as atividades de trabalho, tal qual no trecho do prospecto de "O Globo".

Mas, essa proposta socialista, essa combinação de elementos antiliberais e de apelo a um retorno às sociabilidades pré-capitalistas, levou a uma reflexão distinta, bastante crítica e depreciativa das citadas acima, feita pro Karl Marx, quatro anos após o surgimento de "O Globo', em seu "Manifesto do partido Comunista". Ao discorrer acerca dos socialismos que ele observara antes de criar sua tese sobre o socialismo que chamou científico, uma das formas de socialismo que ele detecta é o Socialismo Reacionário. Ao longo do texto do manifesto descreve a "Literatura socialista e comunista" Cria um sub-tópico intitulado "Socialismo reacionário". Há também outros sub-ítens, são eles: o "socialismo feudal, socialismo pequeno-burguês e socialismo alemão ou o verdadeiro socialismo". O segundo e derradeiro sub tópico dessa análise chama-se "O Socialismo conservador ou burguês"[189].

Logo no primeiro subitem Marx tenta alertar por alguns críticos do "Progresso" que poderiam ser nada mais que arregimentadores de uma "Contra revolução burguesa" no sentido de transformar a sociedade de volta ao feudalismo apartando-se da indústria. Para Marx essa seria uma voz dos proprietários de terra tentando retomar sua supremacia perdida nos rumos do capitalismo e do processo revolucionário francês, cada vez mais se capilarizando nas formas de agir e de pensar com seus novos paradigmas políticos e sociais.

Por fim, percebe-se que se somando aos ideais socialistas franceses, fourieristas, sansimonianos, e cabetistas aos de Blanc, Buchez, e Pecquer, criou-se no discurso de O Globo uma proposta política que tentaria rever as sociabilidades no Brasil. Para tal revisão a essência da proposta seria a de conduzir os rumos do Brasil em um sentido adverso a proposta capitalista que aqui se expandia, especialmente no seu aspecto liberal. A questão da transformação dos aspectos da moral fruto do desenvolvimento do capitalismo seria um ponto central para a compreensão do significado das propostas políticas de "O Globo". A moléstia principal provocado pelo capitalismo é a que tange a moral.

A proposta educacional tão frisada pelo discurso do periódico vem embasada nessa mesma linha de raciocínio. A educação moral de base católica seria essencial para o progresso brasileiro já que o capitalismo teria origens no protestantismo. Sem esses pilares toda a nação estaria enveredando-se por caminhos que conduziriam a sua desgraça. Somando-se a essa educação moral, a proposta educacional "jacotista" teria a serventia para a ampliação do espectro do ensino

[188]CABET, 1842, *Apud in*: MONTEOLIVA, 1991. P. 85
[189]MARX & ENGELS, 2001, p.69

para dentro dos rincões do Brasil, não apenas na distância espacial, mas também no distanciamento social que se operava o acesso a educação entre os brasileiros. As virtudes que deveriam ser atingidas como fruto dessa nova proposta educacional contribuiriam para o êxito de um outro viés de progresso, uma revisão do que se conceituou como "progresso", ou seja um regresso a formas de associação pré-capitalista mas mantendo-se alinhado com as novidades do progresso tecnológico, que seria o progresso "real" ou aquele que de fato traria transformações impulsionadoras da sociedade a um estágio melhor que o presente. Ademais, a preocupação social em não cometer os mesmos erros que se observavam na aplicação do paradigma industrial na Europa deveria compor essa estrada a se seguir rumo às boas transformações. A proposta educacional visaria evitar as condutas erradas fruto da ignorância do conhecimento prático e da falta um pensamento crítico capaz de transformar os comportamentos das pessoas em prol de um bem comum, uma sociedade mais esclarecida e justa.

De maneira bem peculiar, olhando para a sociedade em que se desenvolveu esse socialismo, interpretado pelas páginas de um jornal carioca, é possível destacar a presença de particularidades dos ideários políticos socialistas que surgiram especialmente na França, país dentre os que geraram pensadores socialistas que tinham maior relação com a mentalidade católica e monarquista brasileira. Nesse sentido, ganha força o Socialismo Cristão.

O foco do "Progresso" para o primeiro jornal socialista do Brasil estaria na profusão da educação alinhada com a mentalidade fundadora do país, o catolicismo ambas unidas para a formação do tipo de cidadão capaz de aplicar os princípios cristãos na organização do trabalho agrícola e industrial, sendo crítico às atitudes do laissez-faire com foco na cooperação suplantando a competição.

Nesta análise acerca do conceito de progresso no jornal O Globo conclui-se que o "progresso social" seria o principal ponto a se levar em consideração para a composição deste conceito. Proposta de uma ciência social seria a propaganda criada pelo jornal o globo que surge num momento impar do país: a Industrialização sendo fomentada e a expectativa de criação de alternativas para a mão de obra escrava que estaria perdendo a relevância frente a eminência de seu termino. As máquinas salvariam o mundo da penúria do trabalho livre e escravo.

CAPÍTULO III – Uma análise das ideias do jornal "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" a partir do conceito de "horizonte de expectativas" de Reinhart Koselleck.

Neste capítulo será feito exclusivamente o estudo da expectativa criada pelo conceito de "socialismo" como foi evocado pelo jornal. Seguindo a ideia desenvolvida por Koselleck no livro *futuro passado* os conceitos de espaço de experiência e horizonte de expectativas se referem as experiências anteriores que determinam um processo e as perspectivas que se projetam a partir das praticas antes vivenciadas. Nesse capítulo, se usa o conceito de "horizonte de expectativas" para analisar as publicações do jornal "o Socialista do Rio de Janeiro" de 1845-1847.

O Socialista Da província do Rio de Janeiro (1845-47)

Como visto nos itens anteriores, o tema do "socialismo" teve sua publicação realizada em jornais que publicavam sobre temas científicos e literários, assim como os noticiosos que traziam correspondências do exterior sobre as novas perspectivas políticas, se ampliando frente a realidade capitalista e industrial e as experiências de cada país. O tema do socialismo também aparecia em artigos que visavam descrever os partidos políticos e as sociedades secretas na França. O jornal "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" foi o primeiro com o termo "socialista" no título de uma publicação brasileira e a ser propagado e anunciado em diversas publicações como um jornal que trataria da temática do "socialismo".

Seu editor, Manoel Gaspar Siqueira Rego, foi um famoso tipógrafo de Niterói que já atuava ha muito tempo, produzindo um noticiário local da Província do Rio de Janeiro e de sua capital, a cidade de Niterói. Pouco se sabe sobre a biografia de Manoel Gaspar Siqueira Rego. No geral, ele era aquele que respondia pela edição do conteúdo que seria publicado, agregando os outros temas que considerava interessantes a se publicar. Sabe-se que ele dispunha recursos para a

manutenção da folha, e que sua tipografia mantinha-se atuante na praça municipal de Niterói publicando periódicos e livros diversos. A atuação da tipografia perdurou pelos anos 1830-1850.

Essa categoria de tipógrafo oscilava entre o empreendedor e o redator. E, de fato Manoel Gaspar agia com essa dupla função, ainda que, como veremos mais adiante, ele não fosse o principal ideólogo dos artigos que versam sobre a "ciência socialista". É um tanto curiosa essa relação entre a escolha do termo "socialista" para nomear a folha sendo encampado por um tipógrafo, pois levando em consideração a análise de Lincoln Abreu Penna, a classe tipográfica tornou-se a primeira categoria de trabalhadores brasileiros a politizar-se nas ideias sociais constituindo primordialmente as primeiras ações voltadas para os operários. Da classe tipográfica teria surgido a primeira greve que se tem notícia aqui no Brasil. A greve dos tipógrafos de 1858[190]

Ao manipular a folha, percebe-se que ela é bipartida. Lendo-se os artigos pode-se notar que há uma grande miscelânea de temas, mas, no geral, os mesmos convergem para uma categoria de temáticas correlatas: a folha trata bastante de ações de caridade e filantropia, algo que não era tão comum de se ver em periódicos que circulavam no mesmo período que o "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro".

Haviam duas colunas que constantemente eram publicadas no "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro": a coluna "O globo" que nada mais era do que a continuação do periódico " O Globo" já analisado no capítulo 2, e a coluna "O Socialista" que era a fala de Manuel Gaspar Siqueira Rego". Mas, essas colunas dividiam o espaço com as falas da assembleia provincial que era a tarefa dos demais periódicos de Manuel Gaspar Siqueira Rego e que ocupavam em geral metade do conteúdo do periódico.

No geral a coluna "o Globo" publicava artigos relacionados ao tema da "ciência social" (conforme visto no capítulo anterior por parte de outros periódicos) seja por via de transcrições de algumas folhas de outros países que publicavam artigos socialistas, ou artigos gerados para a realidade brasileira, elaborados especialmente para o "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro". Outro tema que foi muito caro a essa coluna seria o a homeopatia[191]. Uma das intenções era divulgar o livro: "organum" de Hahnemann, o fundador da Homeopatia. Durante o ano de 1845 publicou-se sobre ambos os temas e no ano de 1846 a coluna "O globo" publicou apenas sobre homeopatia. Em 1847 já não haveria mais a coluna "O globo".

[190]PENA, Lincoln Abreu – Imprensa e politica no Brasil: a militância do proletariado Rio de Janeiro, Epapers 2007. p.20

[191] A Homeopatia é um ramo da ciência médica que propõe tratamentos não alopáticos, compostos por substâncias naturais. Durante o século XIX a Homeopatia foi associada ao socialismo por propor uma cura mais acessível a grande parte da população.

As características dos demais artigos eram referentes a ações e as atividades empreendidas pelo instituto homeopático de João Vicente Martins e do Dr. Mure, situado na Rua São José número 59 na corte imperial. O endereço movimentava uma sociabilidade de interessados em homeopatia e nos atendimentos do consultório homeopático que atendia as populações mais pobres com consultas e medicamentos gratuitos. O jornal torna-se um tipo de voz do que se passava nesse instituto e de todas as empreitadas que envolviam aquele Instituto.

Há indícios de que essa associação entre Manoel Gaspar de Siqueira Rego e os socialistas homeopatas foi uma empreitada para que ambos pudessem ter suas ideias publicadas facilitando ambas as propostas editoriais. Ao que tudo indica foi um tipo de sociedade que eles fizeram para imprimir a folha. Para os Socialistas, terem suas ideias presentes numa folha que seria lida em toda a província do Rio de Janeiro penetrando no seu interior, seria interessante. A propaganda seria bastante eficaz devido à abrangência para além da Corte Imperial, alcançando donos de fazendas do interior, um público que seria muito caro a esses socialistas e homeopatas que buscavam adeptos para fundar colônias de inspiração fourierista, em geral de base agrícola, e por em prática uma propaganda eficaz da Homeopatia que também fazia parte desse projeto social como será visto mais adiante.

Já a coluna "o socialista" de Manoel Gaspar muitas vezes mantinha o mesmo tom que os dos demais periódicos que ele publicara antes. Sendo um jornalista afamado de renome e respeito entre a sociedade niteroiense de alguma maneira também publicava seus artigos com o intuito de transformar a sociedade. Constantemente em suas publicações Manoel Gaspar traziam situações do cotidiano da cidade de Niterói, algo que torna suas folhas um grande repositório de um noticiário inédito sobre a História daqueles que habitavam Niterói, desde 1834. Questões locais assumiam muitas vezes um tom de denúncia tanto de práticas abusivas das autoridades e das instituições públicas, quanto sobre os descuidos da parte dos consortes da sociedade niteroiense.

Sabe-se que ele perdeu o apoio da Assembleia Provincial para manter-se publicando as falas dos deputados da Assembleia da província do Rio de Janeiro e as principais leis aprovadas pela mesma. Isso se deu no mês de junho de 1845 forçando Manuel Gaspar a interromper a empreitada até retoma-la, desta vez sob a forma do novo jornal "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro", com a primeira edição dada ao dia 1º de agosto de 1845.

Uma informação de grande relevância para a presente pesquisa seria a de que Manoel Gaspar praticava a caridade e dedicava-se a instrução de jovens. Ao ano de 1845, quando surge o "Socialista da província do Rio de Janeiro" ele era um dos membros da "Sociedade Amantes da Instrução", uma sociedade Filantrópica que colaborava no ensino de jovens pobres. Essa pode ter

sido uma das ligações entre Manuel Gaspar e os demais redatores que compartilhavam de visões acerca da construção de uma sociedade melhor a ser transformada pela via da educação.

Impresso na "Typographia Nictheroyense" de propriedade de M. G. de S. Rego, situada em Niterói na praça municipal n. 17. "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" publicava-se às segundas, quartas e sextas feiras; e os interessados podiam subscrever-se na mesma tipografia a 5$000 rs. por semestre, pagos adiantados. Recebiam-se artigos sobre os melhoramentos da província e de utilidade publica. Os anúncios, e as correspondências sobre objetos particulares publicavam-se ao preço de 80 réis por cada linha de 30 letras. Para os assinantes os anúncios poderiam ser feitos grátis, não sendo muito extensos e nem continuadamente. O Preço do jornal avulso era de 120 réis.[192] A divulgação desta folha em periódicos diários foi feita de maneira mais extensa durante 1845 e de maneira bem menor no ano de 1846. Como constava nos anúncio que foram publicados no "Jornal do Commercio" e no "Diário do Rio de Janeiro", o socialista era apresentado da seguinte maneira:

> O SOCIALISTA
>
> Sahio á luz este jornal impresso em Nictheroy, todas as segundas, quartas e sextas feiras: trata debaixo da rubrica
>
> O GLOBO,
>
> Todas as questões importantes a respeito do socialismo, ensino, medicina e sciencias accessorias, questões urgentes cuja educação promette um porvir de felicidades e riquezas, como ainda não se sabe apreciar; trata em segundo lugar, debaixo de outras rubricas, outras questões administrativas de interesses secundarios; mas nem de personalidades nem partidos: esta é sua divisa, e por isso admittirá todos e quaesquer artigos decentes, contra ou a favor dos actos do governo, e contra ou a favor dos costumes e praticas novas ou velhas, debaixo da expressa condição de não serem nesses artigos atacadas as pessoas, mas somente demonstrado o mal que seguir se póde de seus actos e dessas praticas, e qual deve ser o remedio de que provirá bem á provincia do Rio de Janeiro, ao imperio e á familia brazileira.
>
> Subscreve-se por 5$000 semestraes, adiantados, em Nitheroy, na typographia do Socialista, Largo de S. João n.17, e na côrte, em casa de Sr. Rabelo, Rua da Alfandega n. 5 e na botica central homeopathica, rua S. José n. 59.
>
> Varias obras importantes se vão publicar neste jornal: a primeira é o Organon, ou exposição das doutrinas homeopathicas. Os Srs assignantes por um anno serão brindados com um exemplar desta obra quando findar sua publicação; e o mesmo se fará com outras.[193]

Este anúncio foi publicado no "Jornal do Commercio" 14 vezes, nas edições 217, 226, 230, 239, 247, 254, 258, 265, 272, 281, 288, 295, 299, todas no ano de 1845. A primeira data do dia de

[192] *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro* Sexta feira, nº1. 1º de agosto de 1845.p.1
[193] *Jornal do Commercio*, 9 de agosto de 1845, Edição 214, págna 4

12 de agosto de 1845 e permanece o anúncio no "Jornal do Commercio" ao longo do ano de 1845 encerrando-se esses anúncios ao mês de outubro de 1845, ou seja, foi anunciado no "Jornal do Commercio" de agosto a outubro de 1845. Outro periódico que passa a publicar a coluna "O Globo" seria o jornal "Nova minerva" revista que era continuidade da "Minerva brasiliense", importante jornal divulgador de temáticas científicas e filosóficas. Na edição de número 308 do "Jornal do Commercio" dia 12 de novembro de 1845 há um anúncio idêntico ao do dia 12 de agosto citado acima, mas desta vez, não apenas "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" publicaria a coluna "O Globo", mas também o jornal "A Nova Minerva" que passou a realizar esse mesmo papel, conforme publicado na edição de número 315, 322, 329, 334 do "jornal do Commercio" do ano de 1845 e nas edições número 25, 34, 49 (1) de 1846, onde foram publicados anúncios idênticos.

Tentando ocupar um espaço específico na imprensa da época e atendendo à necessidade de compreensão das propostas socialistas, é que podemos perceber o lugar em que se enquadra "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro". Sua demanda ultrapassava a província do Rio de Janeiro e ele era anunciado em outras províncias do Império como Minas Gerais e Rio Grande do Sul, que nessa época ainda estava por cessar completamente as atividades da Revolução Farroupilha. Os periódicos eram: "O Imparcial" do Rio Grande do Sul que em 6 de dezembro de 1845 faz propaganda do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" mencionando a botica homeopathica e indicando que ele tratava de "socialismo" "jacotismo" e "magnetismo".

O jornal era propagandeado e requisitado para assinaturas por leitores dos jornais dessas outras províncias. Uma das províncias em que o "socialista" também era consumido com muito entusiasmo era Pernambuco, local onde também se desenvolverá nesse mesmo período uma simpatia em torno do socialismo e dos intelectuais que escreviam nesse tempo sobre o tema.

Em um registro ao ano de 1845, feito pelo engenheiro Vauthier há uma lista de pessoas às quais, fora distribuído o "Socialista", na cidade do Recife. Segundo o diário de Vauthier[194]Antonino J. de Miranda Falcão, Antonio Borges da Fonseca, D. Soares de Azevedo, Dr. J. Bento da Cunha Figueiredo, Barão da Boa Vista, Antônio Pedro de Figueiredo, Antonio Jm. De Sousa Castro, Dr. Figueira de Melo, Dr. Bandeira de Melo. Através desse registro de Vauthier, percebe-se que havia uma vasta literatura socialista que era lida. Essa literatura complementar que estava sendo consumida em paralelo também é de suma importância para situar o periódico na história das ideias socialistas aqui no Brasil

[194]VAUTHIER – *Diário íntimo do Engenheiro Vauthier (1840-1846).* Ministério da Educação e Saúde, 1940 p. 199

Mas a atuação do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" como um jornal socialista de fato permanece por muito pouco tempo. Sua colaboração nesse sentido foi de apenas alguns artigos que serão comentados e analisados mais adiante nesse capítulo. Esses artigos concentram-se no segundo semestre de 1845, sendo este o principal recorte temporal para se analisar o teor socialista da folha.

O Jornal passou por algumas alterações ao longo de sua existência. Na edição do dia 30 de outubro de 1846 há uma breve explicação de que o jornal suspenderia sua tiragem temporariamente. Também advertia aos leitores de que estava encomendada e chegando em breve, a nova máquina tipográfica com prelo de ferro tinta fina etc. Por isso foi interrompida a publicação do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" do dia 30 de outubro de 1846 até o dia 3 de fevereiro de 1847.

No prelúdio da primeira edição a retomada do Socialista, Manoel Gaspar Siqueira Rego justifica-se dizendo que o motivo de suspender a publicação foi o concerto da casa de prelos e reformas dos estabelecimentos. Também reforça que não pode se manter publicando os atos da província do Rio de janeiro na corte. Ele defendia que essa tarefa fosse realizada por uma tipografia niteroiense. A tarefa tinha sido tomada pelo *Diário do Rio de Janeiro*, folha esta que tinha fama de ser pouco lida e mais utilizada como embrulho para mercadorias vendidas em lojas. Daí seu apelido seria o "diário da manteiga" apelido pejorativo de ocorrência recorrente em publicações periódicas da Corte e Niterói.

Ao dia 10 de fevereiro de 1847 retornariam às páginas do jornal as publicações sobre a homeopatia, mas não retornaram as publicações socialistas. A partir do dia 20 de fevereiro em diante há algumas exposições sobre temas diversos como História Geografia, Matemática, Aritmética e Algebra. Temas filosóficos como "a inveja" ou históricos como "a independência do Brasil" tornam-se comuns nessas edições que mesclam alguns dos atos da câmara de deputados com esse tipo de publicação cuja vontade era de expor artigos interessantes, científicos e curiosos.

3.1 A História do conceito de socialismo: uma visão da lexicografia.

Neste item, para complementar a tarefa de compreensão do significado dos termos "Socialista" e "Socialismo", será feito um apanhado geral dos significados registrados em alguns dicionários etimológicos e históricos. Esses dicionários que se propõem a descrever uma espécie de trajetória histórica também estabelecem pontos de mudança e relacionar os usos dos termos: "socialista" e "socialismo" com obras em que estas palavras se encontrariam e suas relações com a sociedade que produziu estas mesmas obras.

Outro aspecto interessante seria sondar os diferentes locais em que surge essa palavra. Em dicionários de diversas línguas são atribuídas origens diferentes para estes dois conceitos algo que demanda uma apuração.

No caso do Brasil os termos: "socialista" e "socialismo" começam a ser utilizado com profusão justamente na década de 1840 em diante. Isso pode ser percebido através da leitura de jornais do período, porém, apenas neles. Nessa década inicia-se a utilização do termo ainda que de uma maneira relativamente escassa. Isso se dava somente em momentos muito pontuais numa literatura muito específica ligada as ciências, a filosofia e às artes. As ideias sociais que se atribuem a esta palavra ainda eram muito incipientemente discutidas ao ano de 1845. E, muitas vezes nesses escritos sobre teorias sociais não utilizavam o termo "socialista" ou "socialismo", mas apenas apresentavam as ideias que seriam relacionadas com o socialismo com artigos de grande riqueza e com demonstrações das teses dos filósofos socialistas.

Há um grande distanciamento entre a utilização deste termo na Imprensa brasileira e a sua anotação no principal dicionário da língua portuguesa produzido no Brasil durante o século XIX: o dicionário de Moraes e Silva. Este dicionário passou por algumas atualizações ao longo do século XIX e ao longo das atualizações é que muitos termos políticos vão sendo inseridos e tornando-se oficialmente parte da língua portuguesa falada no Brasil. O termo "socialista" e "socialismo" aparecem apenas na edição de 1889[195] sendo bem distante da sua anotação no principal léxico brasileiro do século XIX e a utilização e popularização na Imprensa brasileira.

Buscando um dicionário etimológico da língua portuguesa, escrito no início do século XX encontra-se a indicação da utilização do termo pela primeira vez na língua francesa sendo atribuídas duas teorias quanto a sua origem. A primeira seria a de que este termo teria sido criado

[195] SILVA, Antonio de Moraes e - *Dicionário da língua portuguesa* -edição de 1889.

por Pierre Leroux, em 1838. Isto teria se dado fruto da publicação do jornal *Le Globe*, periódico de orientação sansimoniana.

A outra tese seria de que a aparição se deu pela primeira vez, sendo atribuído pelos jornais franceses da década de 1830 e atribui a Louis Reybaud que o faz em 1835. O autor do verbete frisa que o termo fora criado para resumir em uma palavra "o sonho febril que exaltava a imaginação da classe operária superexcitada pelos inventores de sistemas oriundos" (...) "do 'Saint-simonismo', impunha-se um neologismo e o vocábulo socialista foi adotado pelos redatores operários do jornal "L`atelier" órgão dos seus interesses materiais e morais"[196]

Em seguida, o autor deste dicionário Antenor Nascentes admite a diferença entre as utilizações anteriores a 1848 e as posteriores, sendo que a profusão mais massiva do termo teria se dado a partir de 1848 e os acontecimentos na França que ressignificam a política e por consequência os termos políticos. O ano de 1848 seria o ano em que a palavra socialismo iniciou a sua trajetória de perpetuação no vocabulário político atribuindo-se uma miríade de significados dentro deste mesmo conceito de socialismo.

Para tentar apurar esses dados apresentados pelo dicionário etimológico da língua portuguesa, há que se consultar o que propõem os dicionários etimológicos e históricos da língua francesa para fazer a conferência destas informações.

O dicionário Histórico de Alain Rey propõe-se a dar conta desse verbete com muito mais informações do que este da língua portuguesa. Um ponto surpreendente ao observar os dicionários com proposta de dar uma origem ao conceito de "socialismo" trazem a tona que sua criação seria datada por volta de 1762. Esse fenômeno teria ocorrido como forma de se exprimir a qualidade daqueles partidários do contrato social de Rousseau. Essa utilização se daria com frequência na língua italiana e teria sido mais notada primeiramente no italiano do que em outras línguas. Percebe-se essa ocorrência em autores como F. Facchinei, A Buonafede e Giacomo Giuliani no livro de titulo emblemático "L'antisocialismo disputato". O rótulo de "socialisti" para designar os teóricos do direito natural, como Hugo Grotius, Pufendorf e Cumberland que tentavam explicar suas ideias de sociabilidade com base no "direito natural". Neste livro "antisocialismo confutato", Giacomo Giuliani critica Rousseau e todos aqueles que consideram o individuo livre e autônomo e com direitos anteriores, superiores a os do grupo social.

Segundo o dicionário etimológico italiano organizado por Emidio de Felice:

[196]NASCENTES, Antenor - *Dicionario etimológico da lingua portuguesa por Antenor Nascentes* (professor emérito do colégio Pedro II). Rio de Janeiro, 1955 Livraria São José, segunda tiragem da primeira edição.

> SOCIALISTA - m, a 1849 e agg., (a.1901), istico (XX sec); aderente al socialismo nel senso di fautore del contratto sociale del Rousseau, dal 1765. Prima indicativa discepolo della scuolla di Grotius. Vedi precedente.
>
> SOCIALISTÒIDE m. "quase socialista" sec XX
>
> SOCIALIZZARE a 1803 (G. Giuliani) -atóre, atrice - azione (XX sec) mettere soto il regime collectivo., socialista; rendere sociale. Socialiser Fr. (a. Grivel; ing dal 1828[197]

Seguindo essa linha de associar "socialismo" com "contratualismo", encontra-se na enciclopédia de italiano admite-se uma utilização mais antiga ainda da palavra socialista sendo utilizada no século XVII pelos seguidores de Hugo Grotius definiram o primeiro contrato do "pactum societatis" como "socialistas". [198]

Mas, não era apenas no italiano que o termo "socialista" desenvolve-se de modo a relacionar-se com o Contrato social de Rousseau. Essa informação encontra-se também em um dicionário etimológico da língua espanhola. Nele aprece um caminho diferente da palavra, dando o crédito para a origem latina do radical "social" e discorrendo sobre uma peculiaridade a possibilidade de significar "Aliado": "*Socio, deriv. de sociedad [Berceo], de societas, atis, íd.; societario. Social [Acad. ya 1817], do latim "socialis","sociable" "social'", "aliado"', tomado por conducto del fr. "*social", popularizado neste idioma (francês) pelo Contrato Social de Rousseau (1761). Ao final, quando explica-se os demais variantes desse radical "social" ao citar os termos: sociologia, sociológico, sociólogo há a frase: *Socialista - aparece em todas as línguas europeias cerca de 1830, com seu sentido atual. antes se achava já em 1765, no sentido de ßpartidário do contrato social de Rousseau.*Na definição citada o registro teria sido dado no dicionário da língua italiana de Migliorini, intitulado *"Cos`e un Vocabolario.*

Tendo em vista esse panorama, Continua-se a necessidade de avaliar as possibilidades admitidas nos significados da palavra Socialista, desta vez na língua francesa, língua mãe dos escritores do socialismo mais relevante para a presente pesquisa.

O principal destaque do termo "socialista" que é trazido pelo dicionário de Alain Rey seria a admissão de que durante a Revolução Francesa, esse termo foi utilizado para designar, (aproximadamente pelo ano de 1798) "um adversário da Revolução", e, como é descrito no verbete: "provavelmente um membro de uma sociedade aliada aos monarquistas". E, de acordo com o historiador Jean-Pierre Deschodt, em seu livro "a face oculta do socialismo francês" atesta que a palavra "socialista" poderia ser associada a palavra "monarquista" e ao termo "contra-

[197]FELICE, Emidio de - *Dizionario Etimologico italiano* Instituto di Glottologia - Firenze Universitá degli studi - 1957 - Consulente tipográfico Filippo Tedeschi.

[198]Grande dizionario enciclopedico – fondato da pietro fedele 2ª edizione interamente riveduta e accresciuta tomo xi vnione tipografico-editrice torinese. 1961

revolucionário"[199]

Neste dicionário admite-se que apenas por volta da década de 30 do século XIX é que seria utilizado um novo derivado do termo "socialista" como o nome do partidário de uma doutrina de organização social que pretende fazer prevalecer o bem geral sobre os interesses particulares; A palavra designa (1830) "uma pessoa que pertence a um partido reivindicando o socialismo"; ela se espalha com o surgimento dos chamados "partidos socialistas" e seu valor preciso depende da história política. O termo é definido como (1842) "do que é relativo a uma dessas doutrinas e à pessoa que a adota", apontando Proudhon um desses "socialistas" nesse tempo.

A palavra "socialista" com o significado moderno, ou seja, ligada aos escritos socialistas e aos debates que se sucediam por conta deles teria tido três origens diferentes em três línguas: italiano, inglês e francês. A primeira ocorrência delas se daria no italiano. Há um consenso entre os dicionários e enciclopédias franceses e italianos que essa ocorrência já se verificaria utilizada pela primeira com o significado moderno por volta do ano de 1803, na língua italiana.

A segunda língua que traz a ocorrência da palavra "socialista" com sentido ligado ao rearranjo das relações sociais e de trabalho foi a língua inglesa ao ano de 1822 informação que constantemente aparece nos livros da história do socialismo como o primeiro ano da aparição da palavra com este significado. Surge, então o significado distinto do que se refere às teorias de Rousseau e os filósofos do século XVIII. Por trás do ímpeto da Revolução francesa o termo "socialismo" assume um significado preciso como uma transformação gradual de uma sociedade, em oposição a uma reversão radical da ordem estabelecida. Isso se deu na publicação "The new moral world" publicação dos socialistas seguidores de Robert Owen no programas de cooperação entre os operários e nos propósitos de gestão comum dos meios de produção. Esta publicação admitiria o termo "órgão do socialismo" em seu título ao ano de 1836[200]. Aí apareceriam propostasreformistas e cooperativas.

E, por último seria a ocorrência do termo "socialista" na França ao ano de 1831. Em seguida o dá o crédito a Pierre Leroux, autor do jornal sansimoniano "Le Globe", a criação do termo "socialismo" sendo: "toda doutrina de organização social que pretende fazer prevalecer o interesse do bem geral sobre os interesses particulares por meio de uma organização rearranjada (em oposição ao liberalismo) qualquer organização social que vise os *mesmos objetivos, com vistas ao progresso social.*[201]*". A publicação de Pirre Leroux na "Revue* Encyclopedique" versava sobre "individualismo" e "socialismo" realizando um contraponto entre eles e colaborando para

[199] DESCHODT, Jean –Pierre – "a face oculta do socialismo francês". Editions du Cerf,
[200] PIANCIOLA, Cesarre. Verbete "Socialismo" in: BOBBIO; MATEUCCI; PASQUINO – *Dicionário de política* p. 1197
[201]LE ROBERT – *op. cit*.

efetivar o conceito "socialismo". A publicação de Louis Reybaud ao qual também foi atribuída como primeira utilização do termo na língua francesa seria a "Revue des deux mondes". Nessa revista Reybaud escreveu uma série de artigos que depois teriam sido compilados sob o nome de "Estudos sobre reformadores ou socialistas modernos", algo que se deu em Paris no ano de 1842.

Ao longo da década de 1830, Ethienne Cabet utilizava o termo "comunismo" como equivalente a "socialismo" ou "comunitarismo". Já na década de 1840 separa-se um do outro e marca-se a diferença entre "comunismo" e "socialismo" sendo estes dois termos colocados em patamares adversos, ambos contrários ao "liberalismo", mas com visões bastante opostas de suas formas de agir e de pensar a organização da sociedade.[202]

Dando continuidade aos aspectos formadores do conceito de socialista na língua francesa o dicionário de Alain Rey: encontra-se o adjetivo "societário" que teria origem por volta de 1791 significando "social", "socialista", "associacionista" (Dando o crédito deste significado a Fourier). Mas, também seria utilizado o termo "societário" para designar uma sociedade de atores, e ressalta outras sociedades, associações e parcerias.

Já para o termo "socialismo" o dicionário sintetiza alguns aspectos e não encerra uma unidade em seu significado, ampliando as possibilidades que surgem a partir de uma mesma ideia, de se criar um novo arranjo social, algo que poderia ser feito sob diversas óticas e propostas, demonstra o quão amplamente foi e ainda é utilizado o termo "socialista" e "socialismo". Da utopia à concretude o fato é que esse termo se aplicaria para transformar aspectos da terra, da habitação, do conceito de família e da relação intima entre cada pessoa.

No registro do dicionário de Alain Rey do termo "socialismo" identifica-se um derivado, a palavra "socialistico", um adjetivo depreciativo e fora de uso que, por volta do ano de 1851 significava "conectado com o socialismo". O termo "socializando", socializante adjetivo e nome formada em socialista diz (1840) de uma pessoa que é favorável às doutrinas socialistas sem adotá-la totalmente. O termo qualifica o que enfatiza as realidades sociais. O registro do contrário ao socialismo "antissocialista" teria surgido por volta do ano de 1859.

O termo "socialismo" aumenta a "miríade" de possibilidades de significados ao longo do século XIX e XX: "socialismo": democrático, liberal; autoritário. Também haveria socialismos: associacionistas, mutualista, cooperativo, corporativista, coletivista, municipal; de estado igualitário (ditadura do proletariado), agrário, reformista, revolucionário, utópico, científico (para identificar o marxismo frente aos socialismos anteriormente desenvolvidos, ou "utópicos") - O socialismo de Babeuf, Saint-Simon e de Fourier, e daí por diante.

[202] PIANCIOLA, *Idem.*

Em suma, este termo atinge uma vasta gama de significados e hoje em dia usa-se para qualquer teoria política que busca a melhoria da igualdade social ou propostas alternativas que rompam com a exploração do homem pelo homem e a ganância, como nos exemplos acima, ou até mesmo para indicar um partido trabalhista ou socialdemocrata.[203]

E dentro dessa miríade de significados há um dicionário que destaca um tipo muito específico de socialismo, que certamente foi registrado por conta das diversas formações de sociedades que tentavam construir um tipo doe socialismo: o "socialismo cristão". Em um dicionário etimológico dos Estados Unidos da América, país que como já visto neste estudo recebeu muitas propostas de colonização e realizou muitas delas com preceitos do "cristianismo".

A palavra já aparece com ênfase no sentido de abolir inteiramente ou em grande parte o esforço individual e a competição em que se situa a sociedade moderna e traz a ideia de substituição para a ação cooperativa que iniciaria uma distribuição mais igualitária e aperfeiçoada dos produtos do trabalho e tornariam a terra e o capital em instrumentos e meios de produção uma posse comunitária. Admite-se que o termo seria aplicado a uma variedade enorme de teorias sociais com as mesmas características. Nesse dicionário há a ênfase de que no que se entenderia por "socialismo" não haveria a exclusão da propriedade privada dos artigos de consumo.

Curiosamente, e diferentemente dos demais dicionários etimológicos e históricos pesquisados, neste dicionário há o verbete específico para "socialismo cristão" identificando como "uma tendência do socialismo que se espalhou na Inglaterra por volta do ano de 1850 e floresceu sob a liderança de Charles Kingsley, Frederick Maurice, Thomas Hughes entre outros e teria como bases: que a cristandade deveria ser diretamente aplicada a todos os negócios da vida e que o sistema competitivo deveria ser substituído pelo cooperativismo em associações cooperativas ambas produtivas e distributivas, onde todos devem trabalhar juntos como irmãos". Prossegue incluindo Igualmente as mudanças externas na vida do trabalhador não seriam suficientes para alterar a vida dos trabalhadores em si, mas que sua conquista se daria pela educação e elevação do caráter especialmente através do cristianismo. E conclui que a ajuda do estado não deve ser nada além de remover toda a legislação que seja hostil a essa ideia.

Admite-se que na França, uma década antes este socialismo cristão já era apregoado e que nos Estados Unidos da América ainda hoje (o autor escreve em 1906) seja muito recorrente essa forma de se pensar o socialismo.[204]

---

[203]ROBERT, Paul - *DICTIONNAIRE alphabétique et analogique de la langue française*. les mots et les associations d`idées. société du noveau littré. Paris, 1964. p. 459

[204]WHITNEY, William Dwight The century dictionary – *an encyclopedic lexicon of the English language*. The Century Co – New York -1906.

O termo "social": transformações ao longo da história.

Um ponto de relevância para a compreensão da evolução dos conceitos de "socialismo" e "socialista" estaria na observação das transformações semânticas que se operaram sobre o termo "social" ao longo dos séculos. Esse aspecto interessante do dicionário histórico francês "*Dictionaire Historique de la langue française*", de Alain Rey seria a elucidação mais apurada do termo "Social" e das transformações ao longo dos anos em que ganhou novos significados e agregou novos conceitos até poder gerar os termos "socialista" e "socialismo", algo que se observa em paralelo as transformações do termo "social" que, para este dicionário tende a evoluir ao passo que as conquistas de cidadania e de laicização do estado se operam na sociedade ocidental.

Nele, pode-se observar não apenas o fenômeno que ocorre para o termo socialismo especificamente, mas também o termo "social", puramente, algo que deve ser levado em consideração para a análise. O dicionário de Alain Rey traz os diversos momentos dessa transformação e identifica Então, o "social" se aplica (1557) ao que é relativo à sociedade, ao que lhe pertence; de onde a vida social "vida em sociedade" (1683), emprego desenvolvido no século XVIIII. O termo é então usado (1740) ao falar do que é peculiar à vida humana em seu aspecto coletivo, a partir do qual contrato, pacto e tratado social que se chama (1761) uma convenção tácita que regula organização da sociedade humana. O conceito e a expressão contrato social, difundidos por Rousseau, desempenharam um papel fundamental na evolução das ideias políticas antes e durante a Revolução Francesa. - O termo então significa "quem estuda a sociedade", por exemplo, na cunhagem do termo composto "ciência social" (1801), depois o "estudo dos seres sociais", das ciências sociais (1908), considerado do ponto de vista de grupos estruturados de indivíduos (pessoas [ciências humanas] ou também do convívio entre animais)[205].

Daí o autor evolui a análise da palavra social e demonstra como ela agrega outros significados, aglutinando-se com outras palavras e compondo outros significados sendo relativos aos paradigmas da sociedade industrial e a estratificação social que ela gera como a relação patrão empregado. Nesse sentido, Alain Rey data termos como: "fatos", ou "fenômenos" sociais que seriam utilizados por volta de 1830, referindo-se àqueles que resultam das relações entre os membros de um grupo ou em tudo que a sociedade forma. – O termo "social" ganha um significado mais específico em torno de 1830, qualificando "o que é relativo às relações entre as

[205]REY, Alain – *Dictionnaire historique de la langue française* . 1992

classes da sociedade, então oposta à política e, por outro lado, econômica". Ele usa em expressões como a questão social "relativa a relações entre trabalhadores e empregadores "(1834), movimento social (1834), nome da escola falansteriana de Fourier; revolução social, república social ou social (1848)

O termo social é usado em particular (1844) ao falar da distribuição dos indivíduos na sociedade, do ponto de vista da divisão do trabalho e seus efeitos (classe social) onde, especialmente, a propriedade trabalho social, social atestado no século XX. Desde o século XIX qualifica em particular o que é relativo às relações da sociedade ou à vida mundana. No século XX e no XXI designaria todas as questões sociais. A maior parte dos derivados da palavra "social" atualmente estaria ligado a sentidos políticos. O início do século XIX traria essa virada do termo social no bojo das práticas socialistas e dos questionamentos levantados por este tipo de pensamento.

O Termo "anti-social",teria sido criado por Voltaire (1762) sobre o Contrato Social de Rousseau, significa "contrário aos interesses da sociedade"; ele desapareceu. "Anti-social" torna-se também "contrário ao bem da Empresa ou quem tende a dissolve-la" (1760). Se aplicaria especialmente àquele que vai contra os interesses dos trabalhadores (1832). Ele descreveu que se opõe aos hábitos de boa sociedade e é didático, no sentido de significar: "transgride as regras da vida em sociedade" Somente no século XX é que o termo antissocial remete-se para denominar: "uma pessoa que não está adequado para viver em sociedade, referindo-se a um ato, um comportamento".[206]

Conclusões sobre os discursos dos léxicos

A questão mais intrigante na significação do termo socialista residiria na definição que se aproxima do termo "royalistes" ou "monarquistas", esse conceito exposto desta forma no dicionário histórico de alain Rey também admite uma associação direta entre o termo socialista e a luta dos monarquistas. Ser conta um governo liberal, e um estilo de vida influenciado pelo capitalismo, frutos do processo revolucionário operado no século XVIII em diante seria algo desejado por um grupo de pessoas, muitas vezes associadas com os partidários da monarquia. A volta ao passado medieval, com outros paradigmas sociais traz uma ideia de que o socialismo,

[206]REY, Alain (Direction) – *Dictionaire Historique de la langue française*. Paris, dictionaires Le Robert, 1992.

sendo adverso ao liberalismo, também seria um termo que remete aos contrários a revolução francesa, a alguns apoiadores da monarquia.

O quesito "contratualista" preso à raiz da palavra também pode ser pensado como um tipo de estigma que se segue ao termo dando maior amplitude no significado e na sua utilização por parte daqueles que evocam este termo.

O destaque do termo "socialismo cristão" dado pelo dicionário norte-americano demonstra a importância que essa corrente teve nos Estados unidos da América, e também sinaliza a relevância dessa especificidade de "socialismo".

3.2 O conceito de "socialismo" no "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro".

Neste ponto da pesquisa a preocupação em compreender a questão conceitual no tocante ao trato que é dado com as palavras deve ser desdobrado em dois. Um envolveria a compreensão de que tipo de socialismo o jornal divulga, referente a temáticas próprias do tema e a outra seria para compreender a razão da seleção desse termo por parte da publicação para divulgar suas outras ideias, ou seja, o conceito que se expressa mediante a proposta mais geral do jornal. Explicar os motivos da escolha do vocábulo "socialista" na composição do título do periódico analisado é um dos motivadores fundamentais da presente pesquisa. O que seria então o "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro"? Quais as nuances do socialismo que seriam abordadas nos artigos do jornal? Como esses artigos dialogariam com os demais artigos socialistas que eram publicados nesse tempo? Como Manuel Gaspar se apropria do termo para intitular sua coluna?

As intenções do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro".

Em seu manifesto inicial, o *Socialista da Província do Rio de Janeiro* apresenta a elaboração de um apanhado da empresa tipográfica e das diversas folhas que imprimiu Manuel Gaspar de Siqueira Rego com as suas publicações constantes ao longo de 11 anos quase ininterruptos tratando dos negócios do Império e de questões que seriam caras à cidade de Niterói. Aqui é frisado o foco da folha sendo a voz da Assembleia Provincial e com o intuito de se dedicar a temas especificamente fluminenses. O interessante desse manifesto inicial do jornal é que Manoel Gaspar define o porquê que ele tanto desejava preservar-se publicando estas notícias da Assembleia Provincial. Segundo ele, conhecer cada passo dos que estavam nas cadeiras da assembleia seria também conhecer em quem confiar para uma sociedade melhor, para que as pessoas se esclareçam daquilo que seria necessário para todos. O objetivo de observar os atos das autoridades seria uma das intenções desta folha, louvando os funcionários que merecem e censurando os que não respeitariam a "máquina pública", sem cuidar dos interesses daqueles que buscam um bom convívio funcionários, que colaboraram tendo conservado, e melhorado, cada um segundo sua tarefa, "o moral e o material da comunidade social; e no caso contrario censurar e

punir á aqueles, que rebeldes ao preceito divino infundido no coração de todo o ente humano, e que perjurios ao juramento civil, que prestam perante Deus"[207]. Interessava ao socialista saber o que as autoridades faziam com a boa fé depositada pela população a eles. A tarefa seria então, resgatar a tarefa do extinto jornal o "Correio Official", auxiliado para isso em maior parte pelo cofre provincial, e em á custa de sacrifícios da empresa tipográfica de Manoel Gaspar. Tendo, porém o governo da província por ato de 19 de abril de 1844, julgado desnecessária a existência deste tipo de publicação Manoel Gaspar afirma ter continuado a publica-lo com os seus recursos; e ao faltarem os recursos suficientes, suspende a publicação do *Correio* em 30 e junho de 1845. Manoel Gaspar chama suas empreitadas tipográficas de: "Potência Tipográfica" da cidade de Niterói e da Provincia do Rio de Janeiro. No geral ele queria que sua folha tivesse a mesma abrangência e influência que o "Jornal do Commercio" exercia só que com foco para a cidade de Niterói.

A primeira intenção do "Socialista da Província do Rio de Janeiro" é, portanto, ser um tipo de observador dos atos da Assembleia legislativa fluminense.

Outra intenção é descrita logo na sequência. E isso tem a ver com o vocábulo Socialista escolhido para dar título ao periódico. Nesse sentido, é dado um significado amplo ao termo socialista, algo que ultrapassaria aquilo que se consolidara nos dicionários e no entendimento dos estudiosos do socialismo. Como diz ele "o vocabulo - Socialista (...) define exuberantemente o objecto principal com que ella he publicada: a conservação e melhoramento do pouco de bom, que existe entre nós."[208] Conservar e melhorar a sociedade naquilo que ela teria de melhor, um objetivo que ainda se apresentava um tanto vago.

E prossegue definindo a principal diretriz desse clamor pela melhoria de aspectos da sociedade invocando "a extirpação de abusos e vicios provenientes da ignorância, falsa educação e imitação sem critério". A preocupação em discutir a educação é um ponto importante na defesa do uso da palavra "socialista" no título do jornal. A folha define esse como um tema central e, de fato nesta folha será largamente discutido o tema da educação não apenas no viés socialista, mas também nas ações da Sociedade Amantes da Instrução, sociedade a qual Manoel Gaspar era membro. Também se encontrará ao longo das edições do Socialista um grande número de anúncios de colégios e liceus educacionais, assim como de anúncios de professores e tutores para educar individualmente pessoas em Niterói e na Corte.

O Terceiro ponto ressaltado nas intenções do jornal foi "a introducção de novidades do progresso universal: enfim todo o aperfeiçoamento de que for susceptivel a sociedade, provincial,

[207] *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro* nº 1 p.1
[208] *Idem*, p. 1

nacional, e universal, que na parte moral, quer na material em que naturalmente está dividida a vivenda humana no mundo terreno"[209].

Nessa parte percebe-se que ao jornal também é interessado em questões científicas, mas em especial a questão que já foi tratada para o jornal "O Globo", a questão do "Progresso". A dupla perspectiva envolvendo a parte moral e material seria chave para definir que neste periódico tratar-se-iam de aspectos práticos da ciência e de debates acerca do convívio humano, debates próprios dos temas relacionados à "ciência Social". Aqui demonstra se uma preocupação bastante cara ao positivismo e ao sansimonismo como já tratado no capítulo anterior.

E para definir quais são as temáticas que colaborariam para o melhoramento moral e material Manoel Gaspar define: "agronomia practica, economia social, didactica jacotista, politica preventiva e medicina domestica, e sobre tudo de socialismo, sciencia, novamente explorada, da qual basta dizer, que seu fim he ensinar aos homens a se amarem uns aos outros"[210]. Aqui surgem os principais pontos a serem defendidos e debatidos pelo jornal. Sendo assim, para investigar o significado do jornal, e explicar a proposta socialista dele, há que se que compreender essas ramificações do conceito, os elementos que, seriam parte do todo do que quer ser abordado pelo jornal com título "socialista". O presente estudo tem como objetivo analisar os conceitos expostos nesse trecho. As práticas citadas tanto à questão agrária, a educacional, a da medicina que também seria vista como libertadora dos indivíduos, mas também que colaboraria com o acesso aos mais pobres a essa prática, sendo os mais beneficiados de um tipo de emancipação médica que se operasse aqueles que leriam o jornal acompanhando as publicações homeopáticas.

Na definição mais apurada de socialismo Manoel Gaspar define um dos mais populares ditos de Jesus Cristo, um dos principais pilares do Cristianismo o amor ao próximo, como forma de realização de um convívio perfeito, um convívio de respeito entre as pessoas, baseadas na boa vontade, em princípios que seriam caros ao Socialismo Cristão e a uma série de adeptos que nesse momento estão compartilhando e colaborando na difusão de um tipo muito específico de "socialismo", como visto no capítulo dois, o "socialismo cristão francês".

E para encerrar o opúsculo inicial, frisa que a folha ainda que tenha um tipo de intenção política e que deve fomentar o debate acerca das matérias publicadas, não defenderá nenhum credo político específico e que seja contra ou a favor de uma autoridade ou de um ente particular, qualquer crítica deveria ser feita de maneira comedida e desprovida de palavreados chulos e demais exaltações que costumeiramente apreciam em periódicos da época, sobretudo "expurgada do azedume das parcialidades politicas. A folha repeliria qualquer escrito no qual se vislumbrasse

[209]O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro 1º de agosto de 1845 p. 1-2
[210]*Idem* p. 2

algum sentido ambiguo, reticencia suspeitosa, facecias ridiculas, assignaturas pseudonymas jocosas, e outras tantas practicas, que infelizmente tem desgraçado o jornalismo brasileiro". E ainda ressalta que "a desmoralização da imprensa, que devendo ser o echo da verdade, origem de todos os bens sociaes e espirituaes, está tão degenerada entre nós, que quasi sempre echôa a mentira".

O papel da imprensa com linguagem moderada seria primordial para divulgar as "verdades" e por meio de sua leitura ser um agente de bens sociais e espirituais. A função da imprensa seria de suma importância para a tarefa maior do Socialista, as tarefas enumeradas anteriormente.

Por fim, Manoel Gaspar assina esse manifesto, lembrando que ele apenas irá responder pelos artigos em que se encontre a assinatura "R." Em geral, os títulos que Manoel Gaspar escreve no socialista iniciam-se com o título "Socialista", a coluna "socialista" conforme dito anteriormente.

No artigo em que se define e se lança a público, o jornal demonstra suas preocupações sendo essas muito similares as que se divulgavam nas primeiras publicações socialistas que vinham se lançando ao longo dos anos de 1840. A culminância de ideais socialistas compilados em uma publicação, num jornal estritamente de temáticas socialistas, que era "O Globo" vai ser corporificado em artigos esporádicos dentro do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro". Percebe-se nessas intenções do jornal temas bastante similares aos da edição número 1 de "O Globo". Os temas sociais são acrescidos de preocupações educacionais e de um tipo de esclarecimento acerca de práticas científicas que rompessem com práticas que não possuiriam respaldo no conhecimento prático, aparte as imitações sem critério, uma tentativa de divulgar a construção de novas bases sociais.

O termo "socialismo" está associado a três significados principais: "conservação", "melhoramento" e "ciência social". A "ciência socialista" estaria também preocupada com o progresso social.

Segundo a análise de Aldamir Leonidio, o progresso social, que entre os socialistas utópicos franceses esteve sempre ligado à ideia de associação, não se constituíra no principal argumento entre os divulgadores das ideias do socialismo utópico no Brasil. "As doutrinas do direito natural, sendo retiradas daquilo que lhe dariam o norte: o individualismo, estiveram ligadas ao ecletismo, que representou uma direção conciliadora das opiniões permitindo ser abandonado pelo positivismo". Ao chegarem ao Brasil, às ideias do socialismo utópico teriam sofrido as imposições deste contexto histórico, dando-se ênfase, sobretudo a noção de "ordem" e subtraindo-se a noção de "associação", no sentido original do contrato social. A ideia de associação também

apareceria no projeto de formar colônias[211].

A tarefa para desvelar os significados atribuídos ao Socialismo deveria partir de algumas frentes apontadas explicitamente no artigo inicial seriam elas: "agronomia prática", "economia social", "didática jacotista", "política preventiva", e "medicina doméstica". Estes são os principais caminhos para investigar o conceito de socialismo.

Mas, não apenas perseguir esses temas seria essencial para essa compreensão total do jornal. O primeiro artigo da coluna de "o Globo" poderia ser considerado uma continuação do que já fora apresentado, pois neste artigo, aparecem referências de obras e de autores que ampliam o significado dado no opúsculo inicial. O artigo não possui um nome.

O primeiro Artigo da coluna "O Globo" do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro".

O primeiro artigo publicado sob a rubrica de "o globo" se encontra logo na sequência do manifesto inicial do jornal. Este primeiro artigo se inicia com uma epígrafe emblemática. Uma citação de Virgílio da sua obra: "Bucólicas", parte IV, 1-7. O trecho selecionado para epígrafe foi:

> Magnus ab integro saectorum nascitur ordo
> Jam creddit, et virgo reddeunt saturnia regna;
> Jam nova progentes caela demititur alto
> .....?

A tradução deste poema seria: "O ciclo das Eras nasce novamente. Agora a justiça retorna, as regras retornam honradas*;* agora, uma nova linhagem é enviada para baixo do alto dos céus".

Esse trecho foi constantemente utilizado por pessoas que pregavam a existência futura de uma "nova Jerusalém", uma nova ordem mundial, um governo mundial único. O poema foi constantemente apropriado por "novajerusalemitas" que entendiam que uma nova humanidade seria construída vinda diretamente do reino dos céus. Estudiosos da literatura da antiguidade afirmam que alguns dos grandes poetas do período que antecedeu o nascimento de cristo eram vistos como anunciadores de profecias acerca da vinda do messias, de um salvador da humanidade. Muitos consideram que os escritos de Virgílio seria uma fonte de revelação e de luz

[211] LEONIDIO, Aldemir – "*As ideias do socialismo utópico no Brasil*" p.103

trazendo a tona uma nova era que se aproximava[212].

Aqui já está colocada uma das intenções do artigo que inicia o jornal. A ideia da "nova Jerusalem" com o foco na criação de "uma nova linhagem", uma "nova raça". Essa expectativa de uma nova humanidade, de um novo começo, uma transformação da humanidade que pudesse ser interpretada como um novo começo seria o primeiro ponto de destaque deste artigo.

A ideia de que o socialismo seria atingido por vias de uma mudança no ser humano, na sua consciência e no seu modo de viver aqui é indicada demonstrando um pouco do que seria a ideia principal que estes socialistas que empreendiam o jornal "Socialista da Provincia do rio de Janeiro".

O início do texto propriamente é dado com uma frase bastante emblemática: "longa tem sido a luta entre o forte e o fraco". Esse início remete ao que foi posto por muitos estudiosos do socialismo que as lutas sociais acontecerem em longa data ainda que para conferir a si mesmo a alcunha de socialismo, como visto no capítulo 1, um conceito semelhante ao de "luta de classes" pode ser encontrado nessa parte inicial.

Esse artigo é assinado por J. V. que supõe se que seja João Vicente Martins, mas pode se levar em consideração a possibilidade da coincidência de ser alguém com as mesmas iniciais de João Vicente Martins seja ele um brasileiro, um dos franceses que estavam aqui no Brasil desde a experiência da Colônia do Saí ou até mesmo algum redator da *Democracie Pacifique* ou outro periódico socialista qualquer. Situado na página 2 do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" dizia:

> Longa tem sido a luta entre o forte e o fraco: por séculos inteiros á luz, tão rápida e subtil, não tem podido afogentar as trevas e penetrar o medonho cahos de paixões exclusivas, que o ferro o fogo a morte disseminão, para conseguir chimeras de tão longa duração como o estampido.
>
> Mas immutaveis estão as leis da Providencia, e passado o tempo das provas, passadas as desordens no movimento, oscilar devião todos os corpos a que tinha faltado equilíbrio, concentrar-se devião todas as faculdades n`um ponto de ordem e de inteligência providencial, e por uma vez emfim reinar entre os homens divina harmonia, qual a que rege pelo universo inteiro.

O autor coloca a questão das paixões, dos vícios contrapostos com a virtude. Ignorância e perversidade seriam dois desses grandes males que não permitiriam o convívio harmônico. A busca por um "ponto de ordem" para equilibrar o "caos". Controlar e "fazer um tipo de melhor uso

[212] MEYER, Ann Raftery – "*Medieval allegory and the building of the new Jerusalem*" DS Brewer, 2003.

das paixões" seria algo necessário para chegar-se a "harmonia", conceito esse muito caro a Fourier em toda a sua obra em especial a "Teoria dos quatro movimentos", obra que dava toda a base para o resto da sua proposta de organização social. A harmonia que se deveria buscar aqui na terra também seria a harmonia divina a mesma que se operaria "nos céus".

Após analisar a questão moral e a harmonia, cita dois nomes de grande peso para a História da ocidental: Moisés, Platão aqui aparecem como pessoas que abnegaram das próprias vidas para promover o bem das outras pessoas. Ambos têm em comum o fato de terem elaborado regras para o convívio social. Moisés por exemplo teria revelado a vontade divina dos mandamentos organizadores do convívio. Platão também representa uma perspectiva de organização social quando escreve "A República", obra em que desenvolve alguns pontos cruciais para o convívio social harmônico e desejável.

Aqui é percebida a Filosofia e a Religião como os dois pilares das ideias que "o Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" defende. São duas figuras muito emblemáticas para ambas as visões de mundo, tanto da religião como da filosofia.

Depois surge Sócrates como um "mártir da sabedoria": "subversiva profana e só vingada pela cicuta essa revelação da unidade de Deos que o venturoso Sócrates preparou a palma do primeiro martyr; e cegos como Longuinhos, não virão que redemoinhos os deixavam o Homem-Deos, senão quando o coração lhes atravessavão com a lança de guerra entre irmãos"; A condenar os que não buscam a harmonia, compara-os a Dimas, o ladrão que teria entregue Jesus Cristo a morte. Aqui o teor religioso prevalece no discurso. A fala sobre Harmonia teria um grau grandemente espiritualista.

Em seguida fala sobre os incrédulos da religião cristã aqueles que se negam a aceitar as leis de Deus. Somente no "ceio do eterno" é que todos poderiam encontrar a harmonia, o equilíbrio e a felicidade inteira.

Ao citar Vicente de Paula[213] como um desses heróis, faz uma ode a caridade como uma maneira de manter-se fazendo a obra de Deus. A grande promessa seria a lei da misericórdia de Deus. Assim se atingiria a harmonia de um Deus de paz. A caridade católica permaneceu sendo um dos principais itens para a salvação. Praticá-la seria algo como manter-se ao lado de Jesus Cristo, sendo uma alma piedosa e merecedora do reino dos céus. Isso se dava em diversos aspectos da cristandade católica. Esse compromisso com a caridade seria um dos maiores expoentes da salvação, algo apropriado por alguns dos socialistas cristãos que praticavam o

[213] Vicente de Paula – Sacerdote católico francês, nascido em 1581 tendo vivido até 1680. Foi um dos protagonistas da contra-reforma durante o século XVII, tendo, atravé das suas obras, se tornado conhecido como padroeiro da caridade.

"catolicismo social", apontado no capítulo 2.

Outro item de destaque seria a questão educacional. Nesse discurso inicial apresentam dois nomes de suma importância: Pestalozzi[214], que queria a melhora dos "ignorantes" e "abatidos" foi criador de um método educacional que tinha por fundamento a questão do amor, e da pessoalidade no ato de ensinar e Jacotot, criador do método de emancipação intelectual, um dos métodos dedicados às classes pobres, dizendo: "Jacotot lhes affirmou que á força de querer e trabalhar se equilibravão se emancipavão todas as intelligencias", depois menciona dois nomes que poderiam levar ao "sanctuario do amor divino; á força de soffrimentos volluntarios como os do Redemptor" esses nomes seriam o se Swedenborg[215] (aqui foi grafado erroneamente como "Soedenbrock") e M. La Tour.

A carga espiritual é forte nesse opúsculo. Todas as personalidades evocadas são refletidas à luz de um tipo de busca pela grande harmonia divina. Swedenborg, como visto no capítulo 2[216] foi uma das grandes influências de Mure e de um grupo de socialistas conhecidos também como "novojerusalemitas" aqueles que buscavam associar suas causas socialistas a problemas religiosos, tendo na religião um tipo de "norte', um apontamento a se seguir. Daí surge Jacotot e Pestalozzi. A Jacotot atribuiu-se a emancipação intelectual e toda a compreensão e educação que pode se adquirir ao emancipar-se intelectualmente. Essa emancipação intelectual serviria para a compreensão de um dos filósofos que pode se perceber como uma dos principais bastiões do pensamento ligado a moral Swedenborg, Que segundo a publicação seria Soedenborg. No seu livro "doutrina de vida para a nova Jerusalém"[217] Como citado no capítulo anterior entre a dissidência fourierista era bem difundida a corrente swedenborguista, e a pratica de misturar as teorias de Fourier como o cristianismo, mas também era feita essa mistura com os conteúdos de outras vertentes religiosas como o espiritismo. Outra característica desse tipo de corrente de pensamento seria adicionar ao socialismo, ciências não reconhecidas pela academia. "Mure seria um exemplo típico deste intelectual socialista ávido pela descoberta de uma lei geral capaz de dar conta de uma solução para a Civilização"[218].

Ao citar Hahnemann[219] o autor é bastante pontual. Sua grande colaboração para a humanidade seria o fato de ter elaborado "os meios de prolongar a vida humana, de aumentar a

[214] Pestalozzi foi um pedagogo suíço nascido em 1746, tendo vivido até 1827. Seu trabalho foi marcado pela luta contra o preconceito social.
[215] Swedenborg foi um espiritualista sueco nascido em 1688, tendo vivido até 1772. A religião criada por ele o Swedenborguismo fala sobre uma nova-jerusalem, uma cidade perfeita.
[216] Ver p. 62
[217] SWEDENBORG – Emmanuel – *Doutrina de vida para a Nova Jerusalem*. Typographia Besnard Frères, Rio de Janeiro, 1916.
[218] GALLO, Ivone - Intelectuais e socialistas ou a ciência a serviço da arte de viver. p. 10
[219] Hahnemann foi um médico alemão fundador da homeopatia. Nasceu em 1755 e morreu em 1843.

somma da felicidade liberalizada ao homem", e "tornando o menos incommodo por menos incommodado, a apertar os laços de fraternidade entre a familia humana;[220]". A palavra "Fraternidade" a que é tão cara ao positivismo é utilizada para definir a colaboração de Hahnemann para a humanidade.

Nesta explanação é percebida a seleção de autores considerados como "gênios da humanidade" e uma busca para se encontrar um fio condutor dos elementos aproximativos entre os diferentes campos, as diferentes colaborações que cada uma das personalidades citadas trariam para esse socialismo. Levando em consideração os domínios da religião o autor escolhe a revelação de Swedenborg, com seu "sistema de analogias" e da comprovação da existência da alma. Essa influência daria um norte às ideias socialistas que seriam encampadas pelo "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro". O caráter espiritualista de Swedenborg seria um dos pontos de maior relevância para a compreensão das intenções do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro".

E dando continuidade ao espiritualismo cita uma figura de grande importância para estas ideias: Mesmer.[221] A ligação entre essas ideias apresentadas poderia estar na teoria desenvolvida por Mesmer, referente a energias invisíveis que atuariam nas vidas das pessoas, exercendo poderes nas vidas individuais e coletivas. A grande relevância de Mesmer seria a ideia de que haveria um "magnetismo" operante entre os seres humanos e forças que estariam em outro plano. O poder da mente poderia influenciar nas ações, nas curas e consequentemente na sociedade como um todo. Todas as ideias apresentadas na educação emancipadora e na proposta da medicina homeopática estariam ligadas de alguma maneira às ideias do "magnetismo" e do "mesmerismo"

Na análise de Ivone Gallo a relação do "mesmerismo[222] e o magnetismo com a inovação sobre as vontades exercidas pela forma de energias invisíveis, em seguida a homeopatia que desvendava a linguagem da natureza e a comunicabilidade com a linguagem dos homens". Sendo assim, se incluiria a "emancipação intelectual e social proposta por Jacotot, cujo método inspirou a própria produção intelectual de Mure". E tudo isso estaria catalisado nas ideias de "Fourier inventor do falanstério como aplicação na sociedade dos princípios que todos os outros haviam descoberto para domínios mais específicos".

Esta visão de aproximação do espiritismo com o socialismo também foi tratada em diversos estudos. No artigo de André Andrade Pereira, Cientista da Religião, intitulado

[220] *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro* nº 1 p. 2

[221] Mesmer (1734-1815) foi um médico pioneiro no estudo do magnetismo animal também chamado mesmerismo que deu bases para os estudos da hipnose entre outros fenômenos explicados via "magnetismo animal" considerados "paranormais".

[222] Uma compreensão mais apurada sobre o mesmerismo e o magnetismo pode ser levantada no livro de Ernest Bersot: BERSOT, Ernest – "*Mesmer e o magnetismo animal*" Rio de Janeiro, CELD 2013

"espiritismo: um socialismo-utópico-ecumênico"[223]. Há uma explanação acerca dessa ligação.

Pestalozzi, assim como Fourier, também pensava na humanidade em estágios evolutivos. Estes seriam: os estágios "natural", "social" e "moral". Livrar-se dos impulsos materiais, levariam a humanidade a liberdade e ao "reino do amor" sendo assim, "aquele que vence o egoísmo e o orgulho em suas atitudes e sentimentos, é o homem de uma outra civilização: a civilização moral". Pestalozzi foi professor de Allan Kardek. O espiritismo traria na sua base um ideal de sociedade. Tanto o socialismo como o espiritismo demonstram sua inquietude perante o processo de pauperização, frente à forma como a sociedade se organizava apresentando propostas para os indivíduos e suas posturas em sociedade. Ambos tinham uma base "evolucionista" para a sociedade e acreditavam no ideal da fraternidade.

No livro de Cleusa Beraldi Colombo, ela busca as origens do espiritismo e mostra como as questões sociais estariam nas suas raízes. "O magnetismo", precursor científico do espiritismo, que contava com o professor Kardec como adepto, chega ao século XIX através dos movimentos seguidores de Mesmer. E no fervilhar das ideias revolucionárias e ao mesmo tempo místicas, fazia-se uma correlação entre a cura magnética do indivíduo, através da renovação dos fluidos, e a transformação política da sociedade, através da renovação das ideias e dos sentimentos morais." Sendo assim, "a ideia mística que faziam da natureza combina com o estado natural de Rousseau. E a regeneração social e moral proposta por Rousseau alia-se a regeneração fluídica dos corpos, pregada por Mesmer"[224]

Há um texto escrito por Leon Denis, intitulado "Espiritismo e socialismo" em que ele identifica os laços estreitos entre um e outro. No capítulo 1 o texto que visa explanar essa relação demonstra uma grande similaridade com o que foi posto pelo jornal opúsculo do jornal "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" e do artigo inicial da coluna "O Globo". Leon Denis associa a lei de atração de Fourier, exposta no "Teoria dos Quatro movimentos" e a missão do espiritismo. Para esse autor, o socialismo nada mais seria que uma das partes do espiritismo. A razão de ser do espiritismo teria como parte a ideia de um melhoramento social, de uma harmonia social, conquistada através de um tipo de evolução das almas, operado por via da educação. A questão moral e sua necessidade de ser construída no coração de cada indivíduo é que poderia trazer a grande transformação da sociedade. Essa seria a finalidade da vida humana, renunciando ao materialismo. A questão social seria uma questão moral.[225]

Estas análises sobre espiritismo e socialismo parecem bastante satisfatórias para a

[223] PEREIRA, André Andrade – "Espiritismo: um socialismo-utópico-ecumênico" in "*Religião, política: con(vivência)? Con(fusão)?* Ano 5 – nº22-23ª novembro de 2010.
[224] COLOMBO, Cleusa Beraldi – "ideias sociais e espiritas" – 1998 p. 29 *Apud* in PEREIRA, André – *op cit*.
[225] DENIS, Léon – *Socialismo e espiritismo*. Matão, São Paulo, Editora Clarim, 1987. p. 31-32

observação deste primeiro artigo. Neste texto a associação de espiritismo e socialismo são tão claras e quem escreve o artigo está bastante alinhado com as ideias de Mesmer, Pestalozzi, Jacotot e uma série de ideias que intercambiavam em suas bases e em suas finalidades.

Concluindo o artigo, o autor seleciona o nome mais relevante, por ser aquele que transportaria a harmonia dos céus ao plano terreno: Charles Fourier, pois ele teria encontrado "a lei que transporta ao nosso globo às harmonias do céo", o amor, a paz. Seu legado, segundo o autor seria o de trazer o reino de Deus para que a humanidade se ame e possa viver no "reino de Deus" em plenitude de amor recíproco e divino.

A missão do jornal seria a de promover essa generosa colaboração para popularizar "todas as verdades úteis que sabemos ou presumimos saber. Dal-as-hemos de tão boa vontade quanta a que temos de ver e prosperar o Brasil".

Conclui-se que este socialismo proposto seria baseado no espiritismo. A ligação entre esses dois pode ser refletida nas bases do espiritismo que surge para dar conta de questões sociais também. Em sua base, o espiritismo é socialista, e o socialista da província do Rio de Janeiro não descartava o espiritismo, que nesse tempo ainda alcunhado de "mesmerismo" e "magnetismo".

A palavra "socialismo" nos jornais do Rio de Janeiro (1840)

Nesse trecho, será feito um apanhado do surgimento da palavra "socialismo" como ela aparece na década de 1840. O interesse seria o de tentar compreender similaridades em outros periódicos, no que toca a palavra especificamente e não apenas aos temas do socialismo. Pesquisando a palavra nos jornais, percebe-se que ela surge em dois momentos distintos, na década de 1840: especificamente no ano de 1841 e depois 1845, posteriormente retornando aos periódicos ao ano de 1848. No geral, há poucas incidências do termo "socialismo". A palavra socialismo só é retomada nos jornais no ano de 1845 quando anuncia-se o jornal "O Socialista da província do Rio de Janeiro" como uma das publicações que trataria do "socialismo", sendo um dos principais temas a que a folha se propunha.

No dia 1º de abril de 1841 inicia-se a publicação de uma série de artigos que tinham o intuito de esclarecer o projeto do Dr. Mure aqui no Brasil. O termo "socialismo" surge da seguinte maneira: "até que o socialismo suceda ao odioso individualismo". Percebe-se aqui

o contraponto que será retomado no item 3.5 onde será versado o tema do liberalismo contraposto ao socialismo.

> "Eia pois! Vamos realizar no novo mundo esse socialismo meditado por todos os homens esclarecidos do velho. Nossas idéas são todas praticas, todas realisaveis, todas tendentes a um só fim, a organização do trabalho e da Indústria. São estranhas a todos os systemas políticos, religiosos e philosophicos de que Paris he a grande manufactura. Devemos fazer esta reserva, porque sabemos que uma pessoa mal informada disse que se tratava de sansimonismo. Era impossível cometer erro mais grosseiro. Os discípulos de S. Simon propozerão há alguns anos hum systema bstardo, que he o mesmo que os Jesuitas pozerão em uso no Paraguay. E ainda assim, que diferença entre os imitadores e o modelo, entre a copia e o original! O padre Jesuita, falando em nome do céo, era um santo intermediário entre Deos e seus administrados; e o padre Sansimoniano, com todos os interesses terrestres, não abolia a herança senão para confiscar todos os bens em seu proveito, não presidia ao divorcio ilimitado senão para entregar a mulher ao supplicio de huma promiscuidade vergonhosa.
>
> Que há de semelhante nisto com as ideas expostas por nós? Para confundi-las, he necessário ignorar humas e outras. Commetter tão pesado engano he tomar o *Pirêo* por nome do homem; mas nós devemos em interesse do publico premuni- lo contra semelhantes asserções.
>
> Em um próximo artigo voltaremos sobre a simplicidade e facilidade de execução de nosso plano, e preparamos a este respeito huma sorpreza áquelles de nossos leitores menos difíceis a respeito de suas vantagens do que sua educação.
>
> DR. MURE

O próprio jornal "O Brasil: *Vestra res agitur*" mencionado, no capítulo 2 só vai publicar a palavra "socialismo" pela primeira vez no ano de 1848, já versando sobre os ocorridos na França em 1848, as revoltas sociais conhecidas como "primavera dos povos" mencionando paralelamente "socialismo" e "comunismo".

No "Diário do Rio de Janeiro", o termo "socialismo" aparece pela primeira vez na edição de 26 de setembro do ano de 1845 e, mesmo assim, não surge com nenhum destaque e nem como um termo posto a debate. Aparece em algumas notas de rodapé explicativas do que se passava no folhetim "O Judeo errante". Sendo assim, aparece em um espaço muito pequeno e não representativo como um artigo, mas já de uma maneira significativa: citando-se o jornal "*Democracie Pacifique*".

Na segunda ocorrência do termo "socialismo", surge uma reflexão muito interessante unindo a ideia de "socialismo" às temáticas do novo testamento, em especial o livro de "atos dos apóstolos: "A doutrina, não da partilha, mas da comunidade, não da divisão, mas da associação, está toda n`aquella passagem do testamento":

> "Todos os que se convertem a fé põe em comum todos os seus bens, trabalhos e vida, têm um só coração e uma só alma, formão todos juntos um corpo único, nenhum possue cousa alguma em particular. Mas todas são comuns entre si; e é POR ESSA RAZÃO QUE NÃO HÁ POBRES ENTRE ELLES" (Act. Dos Apostolos, n] 44 v. 32).
>
> Tiramos esta citação d`um excelente artigo de M. T. Vidal (*Da justiça distributiva. Revista independente*) que encerra a profunda analyse de diversos systemas sociaes e de vários escriptos sobre a matéria, pelos Srs. Luiz Blanc, Ville Gardelle, Pecquer, altas inteligências, generosos pensadores, com que o socialismo se honra.
>
> Citamos igualmente o "Accordo dos interesses na associação", pelo Sr. Ville-Gardelle, que encerra as mais luminosas ponderações sobre as immortaes teorias de Fourier." [226]

Para o termo socialismo, o principal destaque da década de 1840 seria a utilização feita por João Vicente Martins na Nova Minerva de dezembro de 1845 e de janeiro de 1846. Neste periódico é feita uma explanação acerca das "Sciencias naturais" e "Lições de anatomia e fisiologia humana, professadas na escola de medicina homeopática"[227]. O termo "socialismo" aparece então como um tipo de evolução humana fruto de uma tríade "sentimento/ação, pensamento/reação, socialismo/superação". A explanação demonstra que haveria energias invisíveis atuando nos três grupos de seres existentes: para os minerais, o galvanismo, para os vegetais, o dinamismo e para os animais o mesmerismo. A explanação é concluída na edição de 1846 e demonstra como se associava o termo "socialismo" a ideias que depois se tornaram "espíritas" ideias de supera-se a humanidade para que se atinja uma evolução da sociedade humana[228].

[226] Diário do Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1845. p. 2
[227] Nova Minerva, dezembro de 1845 p. 20
[228] Nova Minerva, janeiro de 1846 p. 16 e 22.

3.3 Temas fundamentais para o "socialismo" no "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro".

3.3.1 A Educação no Brasil e a "didática jacotista"

Neste item pretende-se conhecer um pouco mais do que representaria essa "didática jacotista" ou "jacotismo" para compor o conceito de "socialismo" aos redatores do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro". No primeiro momento será feita uma breve análise acerca de como se situava o perfil educacional no Brasil da década de 1840. Depois, como foi recebida a ideia de Jacotot no Brasil e como seriam as dinâmicas de aceitação e de apropriação desse método educacional.

Um panorama da educação no Brasil, na Corte e Província do Rio de Janeiro: O desenvolvimento intelectual e a diversidade social brasileira.

Desde o início do Brasil colonial, a educação não foi uma preocupação que competia às autoridades coloniais. Um dos elementos fundamentais na definição de "exclusivo colonial"[229] é o "monopólio do saber". A formação dos homens de letras era feita em Coimbra, cidade que recebia os interessados na formação de profissões que exigiam alguma especialização. Concomitantemente a isso, a proibição da aquisição de livros colaborava para que a formação acadêmica fosse dada exclusivamente na Europa. [230]

[229] O conceito de exclusivo colonial tem origem na historiografia desenvolvida por Caio Prado Junior e Fernando Novais nas décadas de 1930-1950 na USP e se refere ao monopólio político e comercial exercido pelas metrópoles em relação às colônias dos séculos XV ao XIX.
Cabe mencionar o conceito de "semeador" desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda no livro Raízes do Brasil em 1936, em que o autor sugere que a colonização portuguesa na América durante o século XVI foi marcada pelo "desleixo". A ocupação quase exclusiva do litoral e a ausência de um projeto colonizador intenso, são apontadas como características da colonização portuguesa que ao contrário dos ladrilhadores espanhóis, não se preocupavam em fixar o seu domínio imediatamente, garantindo a presença sem ocupar efetivamente todo o território.
[230]SILVA, Adriana Maria Paulo da – *Aprender com perfeição e sem coação: uma escola para meninos pretos e pardos na corte* – Brasília: editora Plano, 2000. p. 22

Até o ano de 1759 a educação era oferecida por aqui pela ação dos padres jesuítas, tanto clérigos como leigos que tinham a sua perspectiva educacional embasada nos preceitos da contra-reforma. Desde então, a educação escolar tendeu a ser desvalorizada, pois na perspectiva jesuíta o acesso ao saber seria uma forma de conduzir os homens ao pecado da soberba, sendo desviados da verdadeira sabedoria que seria a da revelação.[231]. De fato ela seria desvalorizada pelos agentes oficiais e de difícil acesso sempre passando pelos interesses da elite colonial, os únicos que podiam pagar por elas.

Nesse sentido o acesso à educação por parte de pobres e pardos era ainda mais difícil. Eram estigmatizados pela cor e foram constantemente alijados da educação mesmo tendo na carta Régia de 1686 ordenações do Rei de Portugal para que não houvesse essa exclusão destes *"só pela qualidade de pardos, porque as escolas de sciencias devem ser igualmente comuns a todo gênero de pessoas sem exceção alguma"*[232]. Conclui-se que, desde há muito o campo de saber constituía-se em um campo de disputas entre brancos e não brancos.

Havia diferenciação daquilo que deveria ser ensinado a cada um, relativamente ao ofício dos pais e do gênero como exposto sobre este tema no Livro das ordenações filipinas *diferentes condições sociais, diferentes aprendizagens"* ou seja, às mulheres eram dedicados os serviços domésticos e seu aprendizado, assim como os filhos de pessoas de mais pobres seriam entregue a pares que os ensinariam os afazeres de seus ofícios. Sendo assim, os filhos de lavradores eram entregues aos lavradores para aprenderem sus ofícios, os filhos de oficiais mecânicos igualmente e apenas os nobres, não se podia obrigar a aprender ofícios mecânicos[233].

No geral, pode-se considerar que a educação não era valorizada e nem mesmo era fácil de ser alcançada. Mas, em ambientes urbanos ela ganhava um novo rumo e representava um novo horizonte a ser almejado por aqueles que estavam nas classes mais baixas. Havia casos de pardos livres alfabetizados que trabalhavam, por exemplo, como boticários, algo que representava uma grande ascenção social para aqueles cujas perspectivas seriam de trabalhos braçais, ligados a tarefas tipicamente relegadas a escravos. Nesse caso o mundo das letras seria uma estratégia ao que visasse a superação de uma situação de subordinação e dependência[234].

No caso da cidade do Rio de Janeiro havia um percentual razoavelmente alto de alfabetizados durante o período Imperial. Esse número pode ser que represente aqueles que apenas assinavam seus nomes, considerados "analfabetos funcionais". Em uma proporção muito maior

[231]SILVA, *Idem* 2000 *Apud* (Villalta, 1998: 347)
[232]FREYRE, Gilberto - *Casa Grande & Senzala : a formação da família brasileira sob o regieme da economia patriarcal*. São Paulo: Círculo do livro S/A [s. d.] c. 1933 p. 431 *Apud* in SILVA, *Idem* 2000 p. 23
[233]LIVRO DAS ORDENAÇÕES FILIPINAS *Apud in* SILVA, *Idem*, p. 24
[234]SILVA, 2000 *Idem* p. 25

que a que se operava em outras localidades urbanas, atingiam um número de mais de 58,8% dos homens pardos e pretos livres que assinavam documentos que versavam sobre diversos assuntos como alforrias, divórcios e inventários. Já entre as mulheres de mesma condição social esse número não alcançava os 10%. do total. Mas essa condição que foi detectada no Rio de Janeiro não se operava no resto do país. Em outros ambientes urbanos como a cidade de Mariana os resultados eram bastante diferenciados[235]

Desde a expulsão dos Jesuítas, a educação que se direcionava para os brancos era oferecida por proeceptores que, desde metade do século XVIII formaram os mais expressivos educadores no Brasil. Mas, também havia os colégios militares e instituições religiosas, no entanto estes ofereciam poucas vagas e o professor particular ganhou um papel fundamental na educação urbana do Brasil durante os períodos colonial e Imperial.

A partir da chegada da família Real portuguesa e seu esforço para estruturar o Brasil e incrementar as atividades econômicas aqui realizadas, surge a necessidade da criação de cursos técnicos no Brasil. É o caso do curso de agricultura criado na Bahia[236] assim como as demais academias que também foram difusoras do ensino na cidade do Rio de Janeiro. Jardim Botânico, biblioteca pública, Museu Real, academia de medicina e academia militar. D. João VI nomeia professores públicos e suprime o subsídio literário tendo passado ao governo central os gastos com ensino público. Criou o cargo de Diretor-Geral de Estudos, entregando-o à responsabilidade do desembargador do Paço. Nesse decreto o desembargador do Paço passaria a controlar os estudos e escolas assim como a nomear professores. Em 1821 consolida-se essa centralização dos negócios da educação nas mãos dessa figura que seria o Desembargador do Paço.[237]

Outro incremento no desenvolvimento da educação no Brasil ocorreu em 1821 através de um decreto assinado pelo príncipe Regente que permitia a qualquer cidadão a abertura de escolas, independentemente da aplicação de exames.

Aos que não obtivesse vaga nas escolas religiosas, militares, ou de mestres particulares, havia ainda outros caminhos para o acesso à escolaridade: vias informais através de relações familiares, de amizade, de compadrio ou de inserção na vida paroquial, frequentando diversas atividades desenvolvidas nas igrejas como a de coroinha, corista ou aluno das aulas de catecismo. Na América portuguesa, portanto o ensino foi sendo ministrado preferencialmente no âmbito

[235]CAVALCANTI, Nireu Oliveira. *A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: as muralhas, sua gente, os construtores (1710 – 1810)* Rio de Janeiro, 1997. Tese (Doutorado em História social) UFRJ *Apud in* SILVA, *Idem*, 2000. p. 25-26
[236]SILVA, *Idem* 2000 p.38
[237]*Idem* p.39

doméstico, o que não significa que não existissem professores públicos para este nível de ensino.[238]

As escolas da corte

As primeiras escolas que aqui no Brasil se fundaram tiveram a orientação do " ensino mútuo". Segundo Manacorda (1989)[239], houve duas propostas educacionais que foram ganhando espaço na Inglaterra durante os anos que se seguiram a Revolução Francesa. Ambas eram de "ensino mútuo" e representavam uma tendência baseada na iniciativa privada para a educação popular: A do pastor anglicano Andrew Bell[240] (1753-1832) e a do Quaker Joseph Lancaster[241] (1778-1838). A primeira dela professava uma educação dentro dos cânones do Anglicanismo e a segunda, embora religiosa, era aconfessional. Seu criador, Joseph Hamel, autor de um livro intitulado: "O Ensino Mútuo" se questionava se era ou não conveniente difundir a instrução no mundo e se questionava sobre as classes inferiores da sociedade receberem os princípios de uma educação elementar e percebia que para as classes dominantes seria melhor recusar qualquer educação às classes inferiores da sociedade, do que expô-las a descobrir com dor sua situação e perturbar o status quo pra sair dele[242]. Segundo Hamel, "o ensino mutuo era o método mais sintético e econômico para dar uma instrução elementar que fosse oportuna às classes inferiores". A orientação do método era explicitamente política: tratava-se de ensinar o mínimo necessário para que se evitasse a subversão da ordem fundamentada na desigualdade natural entre os homens para maior número possível, num breve espaço de tempo e com o mínimo de gastos

A América Latina foi um espaço de difusão das ideias do ensino "Lancasteriano". Em diversos países como a Argentina e a Colômbia admitiram esse método já que estavam se alinhando com os ideais iluministas de ideologia burguesa e propondo-se a educar para essa visão

[238] *Idem*, p. 41
[239] MANACORDA, Mario Alighiero – *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. 2ª edição; São Paulo Cortes, 1989. *Apud* in SILVA p. 62
[240] Andrew Bell foi um tipógrafo escocês, co-fundador da enciclopédia britânica. Nasceu em 1726 e morreu em 1809.
[241] Joseph Lancaster – foi um importante pensador da educação, pedagogo e entusiasta da escola pública. Nasceu na Inglaterra em 1778 e morre em 1838.
[242] *HAMEL, apud MANACORDA1989 p. 258 Apud in* SILVA p. 64-65

de mundo. Considerado o mais rápido e barato dos métodos era também o ideal às classes pobres[243].

As primeiras escolas foram criadas antes da lei que as regulamentou. A regulamentação do ensino no Brasil se dá no dia 15 de outubro de 1827, quando foi promulgada a primeira lei nesse sentido. A data até os dias de hoje é a data comemorativa do dia dos professores no Brasil. Assinaram o projeto inicial o cônego Baiano José Cardoso Pereira de Melo, José Ribeiro Soares da Rocha, o cônego fluminense Januário da Cunha Barbosa, padre Diogo Feijó e o deputado baiano Antônio Ferreira França. Este projeto tramitou de julho a setembro e sofreu uma série de emendas no final. Originalmente deveriam ser criadas escolas de ensino mútuo nas capitais e cidades mais populosas.[244]Aos presidentes de província, em acordo com as câmaras municipais, também caberiam, a seleção e contratação dos professores, a criação, a remoção, a extinção, a fiscalização das escolas e estas continuariam sendo regidas pelos estatutos que já vigiam à época. Como parte disso, nas escolas de meninas, além de todo o conteúdo das escolas de meninos, deveriam ser ensinados os misteres domésticos: coser e bordar. Quem os pagaria seria a Assembleia Geral, e os valores eram de: 200 e 500 mil reis, respectivamente, dependendo dos lugares. Conforme o artigo 5º da referida legislação, apenas para as escolas de ensino mútuo, o governo forneceria os materiais necessários e os prédios que estivessem disponíveis nas capitais vilas e cidades. O acesso ao magistério público de primeiras letras era concedido aos cidadãos brasileiros que apresentassem alguns requisitos no que se refere a reputação e idoneidade. Apenas poderiam lecionar pessoas de conduta ilibada e no gozo dos direitos civis e políticos a sendo maiores de 25anos[245].

Segundo Gondra, o investimento em educação que estaria sendo incrementado desde o início do desenvolvimento capitalista fruto das revoluções burguesas, os liberais utilitaristas, desejavam instruir a massa difusa chamada povo para a felicidade do Estado, para que o Estado possa se desenvolver em seu novo paradigma. Os sentidos da educação desejada nesse período seriam dois: “avançar” e “moralizar”. Moralidade e prosperidade seriam os motes dessa educação investida nesse período[246].

Havia um debate acerca de como deveria ser empregada a educação no Brasil. Variando entre o ensino moral e o ensino técnico. O debate acerca do mais apropriado de todos, o que deveria ser levado a cabo na educação dessas classes mais pobres brasileiras. Variadas eram as perspectivas a respeito das finalidades da instrução pública e aos tipos de instrução condizentes

[243]SILVA, Idem, 200 p. 65
[244]GONDRA, op. cit p. 68
[245]GONDRA, p. 69
[246]GONDRA p.71

com o cidadão do império. Uma primeira, em defesa de uma formação prático-profissional, era sustentada pelo deputado baiano Antônio Ferreira França, um dos autores do projeto, e uma segunda posição foi defendida pelo deputado Cunha Mattos segundo a qual as escolas de primeiras letras deveriam privilegiar a educação moral, pois deveriam saber ser cristãos, católicos e bons cidadãos.

Aqui é percebido o quanto que a educação moral seria algo, de extrema importância, a educação nas escolas. Não apenas as disciplinas técnicas seriam contempladas, mas, no geral, uma das frentes do ensino de populares seria verificado no âmbito do ensino moral e religioso, que davam uma tônica da educação no Brasil, com um panorama que se estende desde o período colonial e toda a sua ênfase no ensino religioso, um dos poucos que de fato se desenvolveu no Brasil desde os tempos da colônia.

A concepção de povo aqui no Brasil sempre passou por uma dicotomia que abrangeria os direitos políticos. As diferentes propostas talvez estivessem em sintonia com a construção da ideia daquela "classe chamada povo" para as elites, operada no processo de construção das classes dirigentes e do próprio estado imperial. Em meio daquele povo estavam os indivíduos apenas dotados de direitos civis com os homens livres e pobres (nacionais multicoloridos, e estrangeiros brancos) e libertos africanos destituídos de renda mínima para a participação política e/ou da nacionalidade brasileira, sendo por isso cidadãos não ativos. E estavam também os outros indivíduos que além dos direitos civis tinham os direitos políticos por possuírem a renda mínima e a nacionalidade (obtida inclusive por via da nacionalização), dente eles poderia haver o crioulo (escravo brasileiro) o alforriado, restrito apenas às eleições municipais até o mais alto magistrado.

No geral, quanto aos conteúdos ministrados pode-se elencar: ler, escrever, as quatro operações da aritmética, prática de quebrados decimais e proporções, noções gerais de geometria prática a gramática da língua nacional os princípios da moral cristã e da doutrina da religião católica ensino de leitura a constituição do império e a história do brasil. Já aos conteúdos das meninas se excluiria os aprendizados tipicamente masculinos (geometria e aritmética que excedessem às 4 operações) e agregados os conhecimentos de prendas domésticas[247].

O "boom" educacional brasileiro se deu entre os anos de *1830 -54.* Tanto o número de escolas públicas de pequenas letras como suas variações, mais que triplicou. De 1830-39 todas as freguesias da corte tinham escolas e todas as freguesias centrais continham escolas femininas De 1840-54 esses números foram ligeiramente reduzidos.

[247]GONDRA, *Idem*, p. 73

Panorama educacional em Niterói e na província do rio de janeiro (década de 1840)

Desde sua elevação a condição de Vila, em 1819, Niterói já contava com alguns estabelecimentos de ensino. A educação oferecida por professores particulares é algo que pode ser percebida desde esse tempo.

Com a elevação da Vila a condição de Cidade Imperial e com a transformação do logradouro na capital da recém criada Província do Rio de Janeiro, Niterói ganha uma escola que foi deveras pioneira, não apenas no Brasil mas na América Latina. A criação da primeira escola de Ensino Normal da América Latina traz uma nova perspectiva para o panorama da educação na cidade, gerando uma nova movimentação de pessoas que seriam estudantes e professores deste estabelecimento. A escola que permanece atualmente é o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, referência no ensino normal na cidade de Niterói.

Mas, no geral, o momento de expansão educacional em todo o Império se daria nesse momento, ao longo da década de 1840. Isso pode ser verificado com a grande expansão do número de Liceus em todo o Brasil, e em especial na província do Rio de Janeiro. No caso de Niterói, mesmo já contando com o ensino normal e com algumas escolas particulares, apenas no ano de 1847 é que surge o primeiro Liceu, este que se mantém até os dias de hoje também, o "Liceu provincial de Niterói". Ele foi precedido pelos Liceus de Angra dos Reis, inaugurado a 13 de abril de 1839 e o de Campos, inaugurado em 11 de abril de 1847. [248]

Educação para os escravos

Há alguns aspectos que devem ser colocados ao se debruçar sobre a questão da educação de escravos no Brasil Imperial. Para eles, aprender a ler e escrever, podia significar a obtenção de ganhos melhores, permitir o acesso e a ascenção nos cargos das irmandades religiosas, e, também facilitar a identificação de companheiros fugidos nos anúncios dos jornais. Assim como favorecia a prestação de serviços literários ou contabilísticos para outros cativos ou iletrados; também poderia permitir a falsificação de alforrias e, até mesmo de passaportes.

[248]CASADEI, Thalitta de Oliveira – *op. cit*. página 103

Aprender a ler e escrever, enfim, podia permitir aos escravos africanos e crioulos passarem como libertos ou exercerem ofícios que os deixasse mais próximos da liberdade. Igualmente repreensível por parte das autoridades da época seria fomentar a possibilidade que esses escravos pudessem ter acesso às letras dos homens de cor que a partir de 1830, na Corte, "criaram jornais específicos nos quais discutiam questões sobre as identidades e mobilidade social"[249].

Em suma a possibilidade de acesso às letras, mesmo para os brancos livres, sempre foi algo bastante difícil em função das interdições criadas pelas elites dirigentes, cujos efeitos diretos se faziam sentir nas condições de existência das escolas públicas primárias, cujo razoável crescimento numérico dos anos 30 aos 50 não foi acompanhado da melhoria das suas condições físicas e nem, tampouco, da melhoria das condições do trabalho docente.

Na introdução do livro de José Gonçalves Gondra deixa claro que sua obra se propõe a romper com as visões anacrônicas de que a educação seria algo relegado apenas às classes dominantes e proprietárias tentando descortinar aquele "outro presente" e tenta colocar a instrução em uma categoria de "um problema geral, que mobilizou agentes e estratégias diversas ao longo do regime monárquico".[250] O autor trabalha com a hipótese de que "seria impossível pensar as formas da educação no Império sem analisar o processo de construção do estado brasileiro". Sendo assim o autor considera que "o jogo social mais amplo ajuda a compreender o jogo educacional, colaborando, inclusive, para se perceber e aquilatar as funções atribuídas às diversas iniciativas educativas". No texto de Gondra há o desenvolvimento da tese de que para se pensar o Brasil seria necessário uma reflexão muito extensa acerca de sua diversidade, reconhecendo as desigualdades instauradas também em termos da matéria educativa. Ora aliados, ora em campos distintos, os aparatos público, religioso e "civil" não podem ser vistos como forças isoladas, completamente separadas.

A didática Jacotista

[249]GONDRA, p. 111-2. O Jornal O Homem de Cor, publicado no Rio de Janeiro no ano de 1833 foi o primeiro periódico brasileiro a tratar dos problemas da população negra. Fundado pelo tipógrafo e escritor Francisco de Paula Brito. Também foi publicado nesse ano os jornais: o Brasileiro Pardo, O Cabrito, O crioulinho, O Lafuente Ver: PINTO, Ana Flávia Magalhães – *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra no século XIX (1833-1899)* Dissertação de mestrado Departamento de História Unb Brasília, 2006 197f.
[250]GONDRA, José Gonçalves & SCHUELER, Alessandra. - *Educação, poder e sociedade no império brasileiro*: Cortez 2008 p. 14.

Rompendo com o paradigma da educação lancasteriana e das propostas que se sucederam após as novas formas de vida da era burguesa, industrial e todo o seu individualismo Jacotot[251]: acreditava na transmissão do conhecimento como o que possibilitaria o progresso social. Sua teoria surge como parte de uma experiência que ele teve em Louvain, na Bélgica, sua visão sobre a concepção de educação e, por conseguinte, da prática do processo de ensino e aprendizagem. A partir desta experiência, Jacotot para de acreditar na ideia de que a grande tarefa do mestre é a de transmissor de conhecimentos aos estudantes para que, gradualmente, apropriem-se racionalmente do saber. Assim, conclui que seria necessário modificar-se a lógica da forma de se explicar, desenvolvendo, um método de ensino e aprendizagem, oposto ao método tradicional baseado na explicação, denominado, por ele, de Ensino Universal. Isto é, um método de ensino capaz de favorecer a emancipação de seus educandos e não o seu "embrutecimento".

Emancipação, tal qual defendido por Jacotot, seria algo que se concretiza pelo próprio desejo de aprender dos estudantes frente aos desafios propostos pelo mestre diante das conjunturas da situação.

Os métodos da época em que Jacotot escreve eram baseados em metodologias tradicionais cuja proposta era a de transmissão do conhecimento por parte dos mestres, com o intuito de ordenar a mente do aluno desenvolvendo a capacidade cognitiva dos alunos partindo do simples para o complexo, por meio de explicações "conteudistas" e enciclopedistas.

Contrapondo totalmente esse paradigma que estava instaurado na sociedade brasileira desta época, Jacotot resolve comprovar sua experiência criando um novo método para a aquisição do aprendizado da língua materna pelas crianças, de forma autônoma e natural. Ele mesmo inicia a prática de ensinar disciplinas e ofícios que ele mesmo ignorava, como pintura e piano. Sua nova visão sobre o processo de ensino-aprendizagem confirma seu entendimento de que é possível "ensinar sem explicar, inclusive ignorando aquilo que se ensina".

[251]Educador francês, nasceu em Dijon, em março de 1770 e morreu em Paris, em 30 de Julho de 1840. Ele estudou no colégio de sua cidade natal, onde, com a idade de 19, ele foi nomeado professor de literatura clássica. Mais tarde, ele preenchidas sucessivamente os presidentes dos métodos das ciências (1796), línguas antigas (1797), matemática superior (1803), Direito Romano (1806), e matemática pura (1809). Um membro da Câmara dos Deputados durante os cem dias, ele expressou sua preferência para o Império, e, no momento da Restauração Segundo, sua hostilidade, ao Bourbons, tornou-se necessário para ele deixar a França. Indo para a Bélgica, ensinou privada em Mons e Bruxelas, e em 1818 foi nomeado professor de língua francesa e literatura na Universidade de Louvain. A Revolução de 1830 lhe permitiu voltar para a França. Ele foi primeiro para Valenciennes, e em 1838 para Paris, esforçando-se para propagar o seu método de ensino, e trabalhar para "a emancipação intelectual" de seus companheiros. Suas obras sob o título comum de "Enseignement Universel" são: "Langue maternelle" (Louvain, 1822); "étrangères Langues" (Louvain, 1824); "Musique, Dessin et Peinture" (Louvain, 1824); "Mathématiques" (Louvain, 1828), "Droit et philosophie panécastique" (Paris, 1839). Ele também escreveu muitos artigos no "Journal de l'émanicipation intellectuelle", publicado por seus dois filhos (1829-1842), que também editou o seu "posthumes melanges" (Paris, 1841). (Disponível em: http://www.catholicity.com/encyclopedia/j/jacotot,joseph.html Acessado em 21/11/2012)

Outra análise que pode ser levada em consideração acerca desse tema é a interessante tese Fernando Peixoto Desteveaux que trata do tema da infância e sua educação sob a ótica de Fourier. [252]. Uma das obras cuja análise seria essencial para se desvendar as intensões e as propostas do método de Jacotot seria a obra de Jacques Ranciere – "O Mestre Ignorante". Em um capítulo intitulado "O emancipador e suas imitações" há um trecho:

> "Pode-se portanto dizer, e é preciso dizer: "Se cada família fizesse o que digo, logo a nação estaria emancipada, não da emancipação que os sábios concedem, por suas explicações à altura das inteligências do povo, mas da emancipação que conquistamos, mesmo contra os sábios, quando nos instruímos a nós próprios." [253]

O dever dos discípulos de Joseph Jacotot seria simplesmente de anunciar a todos, em toda parte a boa nova ou benefício: pode-se ensinar aquilo que ignora. Um pai de família pobre sem estudos e ignorante poderia, iniciar a instrução de seus filhos. E, para que isso se desse o "mestre ignorante" deveria partir de um princípio que seria a raiz da emancipação intelectual:: é preciso aprender qualquer coisa e a isso relacionar todo o resto, segundo esse principio. Jacotot levava em consideração que todas as Inteligências eram iguais.

Jacotot torna-se um dos maiores propagadores da ideia de igualdade partindo-se de que essa igualdade estaria no intelecto, nas inteligências de cada um. Segundo Ranciere, Ele pressentiu o momento em que "a jovem causa da emancipação, a da igualdade dos homens, estava em vias de se transformar em causa do progresso social". E o progresso social seria, antes de qualquer outra coisa, "o progresso na capacidade de a ordem social ser reconhecida como ordem racional[254]". Apenas sob a emancipação de indivíduos é que se poderia atingir a igualdade.

Jacotot promoveu uma forma de promover igualdade pela instrução, uma "igualdade representada socializada, desigualizada, própria para ser aperfeiçoada, Jacotot foi o único a pensar esse ocultamento da igualdade sob o progresso, da emancipação sob a instrucção".

Ranciere destaca um ponto muito relevante sobre Jacotot. Ele pertencia a um contexto muito específico para as ideias educacionais: "o século XIX conheceu uma profusão de oradores antiprogressistas, que denunciavam o "desgaste" do progresso." Porém, talvez seja honra excessiva: eles simplesmente odiavam a igualdade. Odiavam o progresso porque como os

---

[252] DESTEVAUX, Fernando Peixoto – *O socialismo utópico de Charles Fourier e sua utopia de infância e educação das crianças*. Tese de doutorado, UNICAMP – 2011.
[253]JACOTOT, Pierre - *Manuel de l`emancipation intellectuelle*. Paris, 1842; p.15. *Apud in:* RANCIÉRE, *op. cit*, p. 184.
[254]RANCIERE, *op. Cit*. p. 184

progressistas, confundiam-no com a igualdade. Segundo Rancière, Jacotot teria sido o único igualitário a perceber que "a representação e a institucionalização do progresso acarretava a renúncia à aventura intelectual e moral da igualdade e que a instrução pública era o trabalho do luto da emancipação".

Método emancipador e método social

Rancière ressalta que no geral não se trataria de incluir o ensino Universal nos programas dos partidos reformadores, nem a emancipação intelectual entre as bandeiras da sedição. A lógica partiria da "ideia de que Somente um homem pode emancipar um homem, por meio de sua própria razão"[255]. Um homem emancipado pode ser instrutor militar, serralheiro, advogado qualquer profissão que se queira. O foco da emancipação intelectual estaria no método em si, na forma como se encarar o mundo, todas as percepções de mundo. Esta proposta de ensino pertenceria às famílias, mas deveria ser abraçada pelos soberanos dos países na forma platônica do "Rei filósofo".

A propaganda jacotista e a fundação do "Instituto panecástico do Brasil" (1847).

Como parte desse espaço de experiência, pode ser incluída a empreitada educacional de Mure e João Vicente Martins. Talvez esse tenha sido o principal elemento experimentado pelos socialistas através de suas expectativas criadas.

Desde a fundação da colônia do Saí no ano de 1841 a ideia de se fundar um instituto homeopático no Brasil estava sempre posta como uma das principais frentes das ações de Mure no Brasil. ele fundaria em 1843 o Instituto homeopático na colônia do Saí. Essa informação é constatada pelos escritos de Mure nas suas correspondências, mas contestado por alguns

[255] *Idem*, p. 142-143

historiadores como Ivone Gallo e Raquel Santiago que especulam que a referida instituição não teria existido de fato, mas teria sido algo muito pontual de alguns ensinamentos feitos sem nenhum tipo de corpo docente ou demais protocolos que exigem-se para a formalização do ensino. A única comprovação da real criação de um Instituto para ensino de homeopatia se deu no momento em que ele foi fundado no Rio de Janeiro na casa de João Vicente Martins, que se torna não apenas o Instituto homeopático, mas também a sede de tudo que se operava em ações práticas dos socialistas.

E, certamente, mais inovador do que ensinar essa nova medicina seria a forma como ela era ensinada, nos moldes de Jacotot.

Após um tempo, o Dr. Mure e João Vicente Martins começam a realizar seu sonho de uma educação emancipadora. A proposta ultrapassou o campo das ideias e o debate exposto na imprensa. No mesmo endereço em que se localizava a escola de homeopatia e onde se celebrava os banquetes a Fourier, a casa de João Vicente Martins passou a abrigar a primeira instituição do Brasil em que se ensinava no método de Jacotot, também conhecido como panecástico.

O "instituto panecástico". Este instituto teria sido o primeiro dedicado exclusivamente a proposta de Jacotot. Desejavam promover a emancipação intelectual e a liberdade profissional. Segundo os estatutos do Instituto, "este teria por fim propagar os princípios da emancipação intelectual do imortal Jacotot, e substituir à autoridade e ao pedantismo os direitos da razão humana" [256].

Para isso, a instituição promovia conferências semanais para esclarecimento sobre a aplicação do ensino universal e levantou recursos para a criação de um colégio que reunisse salas de asilo, escolas primárias e de ensino superior. O ensino da medicina homeopática foi o primeiro ramo do nível superior, já que a doutrina de Samuel Christian Friedrich Hahnemann, expressão do princípio da homeopatia, seria um exemplo de emancipação intelectual espontânea.

O corpo do Instituto era composto por uma diretoria formada pelo presidente, primeiro secretário, orador e arquivista; por membros que se comprometessem a ajudar no desenvolvimento do método; e por cem conselheiros nomeados gradualmente, doze por ano, sendo seis escolhidos pela assembleia geral dos sócios, e os outros seis pela diretoria.

Foram eleitos para compor sua diretoria: Benoit Jules Mure (Bento Mure) para presidente, Eduardo Tiberghien Ackermann para primeiro secretário e A. Jernestedt para orador, como os três discípulos diretos de Jacotot; e P.P. Gerbeau para arquivista.

Há um artigo que pretende ser uma crítica aos paradigmas liberais e capitalistas e o que

[256]GALHARDO - *História da Homeopathia no Brasil* p.335

isso pode interferir não dia a dia das famílias.

E, não apenas havia o instituto panecástico. O colégio do Sr. Ballá Chesnay foi anunciado ao longo do ano de 1846 como uma outra escola de base "jacotista"[257] o que demonstra que o "espaço da prática" teve outra frente que não apenas a de Mure e João Vicente Martins.

Agronomia prática – Contra uma educação de bacharéis e em prol de uma educação técnica.

Outro tema, muito caro ao socialista, especialmente aquele que se propõe fourierista seria o da agricultura. O artigo inicial do jornal O Socialista já havia posto em primeiro plano, ao enumerar ao que vinha tratar o jornal O Socialista.

O tema da agronomia prática estaria em um tipo de desenvolvimento educacional que os socialista desejavam para o Brasil frente a necessidade que o país apresentava, necessidade de desenvolver-se a agronomia tanto para os mais pobres e trabalhadores das lavouras como para aqueles que se empregariam em cuidar e administrar essas mesmas lavouras. Conhecer sobre os procedimentos mais apurados para a melhora da colheita e do aspecto de transformar os produtos in natura em produtos interessantes ao mercado seriam parte disso.

Comumente os socialistas que desejavam transformar a realidade agrária no Brasil questionavam os investimentos em estudos no exterior feito em geral em cadeiras de bacharéis em direito por parte da elite brasileira. Preterir-se os ensinos agrícolas seria melhor pois essa realidade brasileira deveria ser reformulada sob uma ótica mais prática, dando preferência para esses estudos agrários.

No jornal "O socialista da Provincia do Rio de Janeiro" anuncia-se no dia 6 de agosto, na 3ª edição um adubo poderoso para a agricultura a base de Guano e uma substancia mineral que teria sido descoberta pelo Sr. Liebly na universidade de Giesen. Anuncia-se como uma "completa revolução agrícola"[258]

Outro artigo que apresenta ideias acerca de melhorias para a agricultura seria o "emprego da electricidade para a agricultura", publicado nesse mesmo dia na página2, assinado por Edmond Thiberguien.

[257] *Jornal do Commercio* 28 de janeiro de 1846 (anúncio repete-se ao longo do ano de 1846)
[258] "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" no 3, 6 agosto de 1845, p.1.

3.3.2 O projeto social da homeopatia: a medicina gratuita e ao alcance de todos.

Como parte dessas temáticas que serão a principal base do que o jornal admite que irá tratar estaria o tema da "medicina doméstica". Este item se dará para desdobrar no sentido de compreender o significado mais aprofundado dessa medicina doméstica ou ao alcance de todos.

O jornal em questão trazia a luz em seus artigos, algumas ações destes socialistas frente à realidade brasileira: um país escravista com uma formação social bastante diferenciada do local onde o socialismo foi criado. A principal experiência foi desenvolvida sob a cura homeopática como um dos meios de se trazer ao Brasil a melhor maneira de dar maior expectativa de vida para as classes baixas brasileiras. Outro ponto que não pode ficar de fora dessa experiência de divulgação homeopática na sociedade foi o seu caráter emancipador, tal qual se propagava entre os socialistas por vias do "jacotismo".

A oferta de medicamentos aos pobres não veio isolada como uma forma de caridade apenas. Ela tinha um caráter mais ligado a filantropia, a uma proposta educacional emancipadora, pois tentava dar aos populares um pouco dessa iniciativa de se auto-medicar, de promover a si próprio e aos que circundam o cotidiano deles um pouco de autonomia, uma independência de uma medicina encastelada e pouco ofertada aos que não pertenciam a classe senhorial ou à ainda diminuta classe média urbana brasileira.

A ação destes socialistas por vias da homeopatia tinha um quê de revolucionária por ser algo inédito, feito com um propósito muito nobre e atendendo ao que se construíra como prática dos socialistas cristãos, dos sansimonianos que tratavam suas práticas políticas como uma missão social, um tipo de "caridade católica" algo desenvolvido parte pelo "catolicismo social" e parte pelo "sansimonismo" que pregava um "novo cristianismo", um socialismo com teor espiritualista enorme.

Conforme visto no capítulo 1, os sansimonianos que se reuniam em diversas cidades, mas especialmente em Lyon, de onde vieram a maioria dos adeptos do socialismo que habitavam na corte imperial neste momento, tinha como parte das suas práticas a caridade. A caridade católica ligava-se ao socialismo por uma via paralela, mas ambas caminhavam num mesmo sentido. Para dar significado as suas práticas socialistas, aqueles que professavam a religião o sansimoniana e o fourierismo tinham como prática recorrente a caridade, uma forma de remediar os problemas sociais. A prática de ações voluntárias seria uma dessas frentes.

Primeiramente aqui será feita uma abordagem do contexto social em que se situavam essas

pessoas que foram alvo da ação dos socialistas e depois, um olhar mais apurado sobre a ação desses socialistas tratando diretamente com as populações mais pobres, no intuito de oferecer tanto remédios para curar doenças, mas também remédios para a condição social que envolveria desde uma ruptura com práticas viciosas, fruto de uma falta de informação e igualmente combatendo formas de agir no dia a dia que não estivessem conectadas com os princípios do que ele considerava moral.

A condição social das classes baixas: os desclassificados da sociedade fluminense.

Neste item será feito um apanhado geral de alguns estudos que contemplaram a situação da pobreza no Brasil nos séculos XVIII e XIX, para que se possa avaliar qual seria o panorama desta condição no caso fluminense, como a sociedade Imperial lidava com os desvalidos e desprovidos de inserção social na sociedade fluminense. Aqui a proposta é de compreender as nuances que essa condição social possuía na sociedade da corte Imperial e da Província fluminense.

Nesta tentativa de elucidar o perfil dessas pessoas que estavam à margem da sociedade imperial, há que se levar em consideração como as dinâmicas dessa classe se operavam na relação escravista e na relação entre os pertencentes às classes médias e as mais abastadas e poderosas. Mas não apenas isso, também há que se perceber como eram suas dinâmicas internas desses que eram vistos como excluídos ou simplesmente deslocados das classes sociais e, assim sendo não se incluindo em nenhuma classe social e por esse motivo chamados de marginais ou mais precisamente, aqueles que não poderiam ser consideradas como "classificadas". Neste sentido o estudo da historiadora Laura de Melo e Souza "os desclassificados do ouro" surge como um estudo de suma importância para esta finalidade. Esse estudo fez parte de uma geração de estudos feitos por historiadores cuja preocupação com os estudos focados na "marginalidade", se propunham a resolver questões da História que outrora estavam apagadas. Buscar esses autores será de extrema necessidade para essa parte do presente trabalho cuja proposta também vai ter que trazer a compreensão da composição dessa classe social.

No estudo de Laura de Mello e Souza ela escolhe esta nomenclatura, "desclassificados" como uma forma de nomear uma categoria sociológica, em geral utilizada para os contextos da industrialização e que Laura de Mello e Souza trouxe a tona para com o intuito de inserir a

categoria da pobreza no Brasil Colonial como parte do amplo processo de pauperização do ocidente. [259]

Neste livro há mais do que uma apreciação sobre a constituição e modos de vida dos homens pobres e livres nas Minas Gerais setecentista, mas também um estudo da *ideologia da vadiagem* que recebia o olhar raivoso das elites. A sociedade mineira estudada em desclassificados do ouro pode ser uma das sendas a serem exploradas para nortear o presente trabalho.

Laura de Melo e Souza, leva em consideração em seu trabalho outros autores que tentaram lidar com a questão da pobreza e da exclusão para o caso brasileiro. Ela remete-se aos historiadores que tentaram investigar quem seria os demais povoadores do Brasil que se colocavam aparte à dicotomia Casa Grande e Senzala. Alguns que fossem povoadores sem se incluir nesse paradigma[260]

As fontes que são trabalhadas no estudo dela são os assentos de prisões, autos de querelas utilizados para compor o panorama que o livro propõe. Um dos pontos principais do estudo se liga a tentativa de descobrir o que gera essa desclassificação. Porque essas pessoas se encontravam nessa condição?

A Sociedade fluminense recém-surgida separando-se da corte ou o Município Neutro iniciou um processo de urbanização e estruturação urbana na cidade de Niterói, local onde essa nova experiência urbana, de tendência "cosmopolita" iniciava a ganhar corpo e passara por transformações em que a condição de capital teria colaborado para o surgimento de estratos sociais que não se verificavam anteriormente. Um conjunto de transformações que tenderiam a mudar a relação social da condição "estamental", tal qual se operava no período colonial, para um novo paradigma, com diferentes estratos sociais e uma relação mais individualista e por consequência mais excludente e fomentadora de pobreza. O estabelecimento de empreendimentos industriais igualmente colaborara tanto para o crescimento da cidade como para o incremento das relações de desigualdade. Conforme citado na apreciação feita no item anterior deste trabalho, sobre a economia da época No ano de 1847 o estaleiro Mauá já abrigava 560 pessoas em condição operária trabalhando em regime industrial.

De alguma maneira, a Experiência cosmopolita de tornar-se capital do mundo lusitano trouxe ao Rio de Janeiro uma condição um tanto diferenciada da Minas Gerais ao período colonial, apresentada no estudo de Laura de Melo e Souza, mas compartilhando das formas sociais que uma cidade de grande porte, de população extensa poderia apresentar. Após a Independência e

[259]SOUZA, Laura de Mello e – *Desclassificados do ouro – A pobreza mineira no século XVIII*. 4ª edição revista e ampliada – Editora Graal – Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2004. Página 14 (página13 1982)
[260]SOUZA, 1982, página 15. (ver Emilia Viotti da costa, Os primeiros povoadores do Brasil e ver também formação do Brasil contemporâneo de Caio Prado Júnior).

o período Regencial com o seu avanço liberal já dera uma nova cara a Cidade do Rio de Janeiro, fruto de novos modelos de sociabilidade, novas classes sociais que substituiriam paulatinamente as formações antigas, do período colonial, agora a partir de uma experiência mais alinhada com o cosmopolitismo, ainda mais modernizada em seus paradigmas sociais.

De qualquer maneira não pode se afirmar que a condição "estamental" da sociedade fluminense tivesse sido transformada drasticamente. De fato, o país mesmo no início do segundo reinado ainda tinha estamentos que em quase nada se diferiria da sociedade colonial, ao menos no que se refere a classes sociais, posições sociais e "ethos" de classe. A dicotomia do país escravista ainda era majoritariamente como o colonial com o seu "status" de honra que discriminava classificados e desclassificados com poucas chances de alterações em suas condições.

Na conclusão de seu livro, Laura de Mello e Souza traz reflexões sobre o "ônus" e a "utilidade" dessas pessoas que compunham os desclassificados. "O processo de formação do capitalismo gerou, deu e de outro lado do atlântico, multidões de desclassificados sociais". No caso brasileiro os desclassificados seriam deixados sem razão de ser, "foram sistematicamente taxados de vadios e inaptos ao trabalho, avolumando-se durante os séculos e constituindo, na época da abolição, uma massa considerável de mão de obra inaproveitada".[261]Em muitos casos, esses desclassificados que vagavam pelas ruas eram considerados muito onerosos constantemente, perseguidos por uma política normatizadora que os desejava enquadrar a todo custo.

No estudo que Laura faz para a região das minas, ela conclui que havia uma utilidade na presença desses pobres e livres. Eles teriam um espaço a ocupar na mão de obra alternativa à escrava e que servisse para reprimir quilombos vigiar os índios do sertão, arar terras longínquas cobertas ainda por florestas virgens, desempenhar, enfim tarefas de que o cativo não podia se incumbir.

Mas, não seriam apenas úteis, pois nem todos conseguiam lugar nessa "utilidade". Haveria então uma população que se encontrava numa situação bem peculiar por não serem parte dos homens considerados "úteis", aqueles que trabalham para o Estado crescer. Nesse caso, úteis apenas poderiam ser considerados os escravos e os homens brancos. Os libertos também eram considerados perniciosos ao Estado. Para esses que eram considerados "ociosos" e "vadios" seriam a Ruina do Estado e necessitariam de constante vigilância por parte das autoridades[262] Nesse estudo Laura de Mello e Souza aponta a sobreposição da utilidade sobre o ônus no caso brasileiro. Esse seria o grande diferencial da colônia brasileira comparativamente com o caso da Europa Moderna.

[261]SOUZA, 1982 p. 215-6
[262]*Idem,* 216

As categorizações de utilidade e ônus seriam fluidas em momentos e localidades diferentes. Às vezes o desclassificado era visto como um inimigo em potencial, ora um auxiliar valioso. Isso teria gerado uma quebra na formação de uma consciência de grupo entre esses elementos. "A ideia de que o vadio podia ser útil era, assim, extremamente eficaz: propiciava o aproveitamento de mão de obra barata e ainda bloqueava a eventual construção de uma consciência grupal".[263]

A condição estamental deixava a sociedade rigidamente hierarquizada e as características estamentais apagavam de imediato as indefinições que eventualmente surgissem. Homens livres proprietários de bens e de escravos ajudaram a recriar e a lembrar, a cada momento, a diferença que os separava dos homens livres pobres, expropriados. Desta forma, a camada dominante buscava sua identidade e a consolidação de sua dominância, procurando sublinhar as diferenças entre si e os dominados num sentido lato, sempre "ressaltando a indolência, a inércia, a inaptidão do homem livre ao trabalho"[264]. Era esse um dos preceitos que legitimavam a escravidão: mantendo o homem livre e pobre na condição de indolente inerte e inapto ao trabalho e que *preferiam viver de expedientes e de esmolas, descurando do futuro, repudiando as formas permanentes da atividade econômica e abraçando um modo de vida itinerante e imprevidente.*[265] Estes homens livres eram integrantes de quase uma "nova natureza" fora do comum, por não se encontrarem encaixados na ambição que faz florescer os Estados e leva os homens ao trabalho e às indústrias.

Frente a essas conclusões, Laura de Mello e Souza também questiona o valor real da liberdade nessa sociedade. Ela talvez tivesse pouco valor no Brasil colonial em que aquele que é livre e pobre guarda uma série de estigmas que o transformam em um ser aparte. "Aproveitado de seu intermitente, mas regular pelo estado e pelos homens bons, a sua utilidade real e empiricamente detectável era revestida por um ônus que o deixava sem razão de ser". Sendo assim, ter essa inutilidade formulada justificava-se o sistema escravista "A formulação dessa inutilidade justificava o sistema escravista", e atribuía-se a categoria de vadiagem a toda uma camada social desclassificando-a: no meio fluido dos homens livres pobres, todos passavam a ser vadios para a ótica dominante. Sejam os Vadios úteis ou inúteis, havia uma condição de inexistência, como se o país não tivesse povo, o homem livre pobre permaneceu esquecido através de séculos.[266]

[263] *Idem* p. 217-8
[264] *Idem* p. 218
[265] *Idem* p.219
[266] *Idem* p. 222

Com uma outra abordagem, visando aspectos econômicos da sociedade, João Luís Fragoso analisa os homens livres e pobres. Em seu estudo foram abordados aspectos e agentes sociais que foram silenciados por alguns clássicos da historiografia. Detectando uma classe social que a Historiografia mais antiga não dava a devida consideração. Populações que se inseriram no mercado consumidor crescente para atender as necessidades internas do Brasil.

Em estudos de João Luís Fragoso as atividades econômicas que eram realizadas para finalidades do próprio país, atividades que geraram muita riqueza,[267] "uma significativa acumulação endógena realizada pela agricultura voltada para o abastecimento interno e, principalmente, pelo comércio ligado a essa atividade". O abastecimento foi muito representativo no todo da economia do Brasil, nos períodos colonial e imperial, que, em muitos casos, a partir do capital gerado nessas atividades que garantia o ingresso dos fazendeiros na agricultura exportadora.

Sendo assim as produções coloniais tinham uma relativa autonomia em relação ao mercado internacional. O abastecimento interno, embora utilizasse a mão de obra escrava, era realizado, principalmente, pelos lavradores livres. E essa atividade tinha capacidade de gerar riquezas tanto quanto ou, até mesmo, mais do que as produções agroexportadoras, "os lavradores livres se integravam ao "mercado colonial", como refere Fragoso. Isso mostra a importância econômica e numérica desse grupo naquele período".

A outra obra clássica que discute as classes baixas, o grupo de homens livres e pobres no período do Império é a de Maria Sylvia de Carvalho Franco "Homens livres na ordem escravocrata"[268].

Nesta obra a autora inicia problematizando os diferenciais entre as ordens escravocratas da antiguidade e da modernidade fruto de diferentes contextos. A escravidão moderna ocorre paralelamente ao processo de desenvolvimento do trabalho livre na Europa moderna fruto da intensificação da divisão do trabalho social e com a generalização da forma mercantil das relações econômicas. O sistema colonial teria então, feito parte desse contexto em que se expandiram os mercados. A monocultura que rendia proventos indicava os rumos da economia colonial, mas para mantê-las, desenvolveram-se as áreas de culturas subsidiárias, "de apresamento e criação de gado, e floresceram as charqueadas, suportando as necessidades de produção e do escoamento das

[267]FRAGOSO, João Luís. Economia brasileira no Século XIX: mais do que uma plantation escravista-exportadora. *In*: LINHARES, Maria Yedda (org.). *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: 2.ed., Ed. Campus, 1996.
[268]FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho – *Homens livres na ordem escravocrata*. 4ª edição São Paulo Fundação Editora da UNESP, 1997.

safras, bem como fornecendo boa parte do alimento do escravo"[269]. Aos poucos, e de maneira progressiva, as correntes de comércio foram atravessando o país.

No caso do Brasil a organização que se operava nas fazendas indicavam um estilo de vida peculiar e também moldavam um caráter de empresa aparece claramente marcado sobre sua estrutura material, sobre a organização do trabalho, sobre as relações de dominação. Igualmente o núcleo doméstico e a escravidão também fazem sentir seu peso em todas essas áreas, definindo adaptações de extrema ambiguidade, que aparecem, sobretudo em torno das atitudes e representações relacionados com o capital e com trabalho, as relações econômicas.

Percebia-se na sociedade que geralmente não eram critérios econômicos que regulam os processos de diferenciação social e de participação na cultura. Havia uma considerável fluidez na categorização dos homens livres e também a dispersão dos padrões culturais. Mas, mesmo com a presença desses elementos não se completou o processo de constituição de uma sociedade de classes. O poder pessoal impedia que isso acontecesse, filtrando, por seu prisma de solidão, o mundo material e o mundo humano.

Assim como o poder pessoal fechou o homem pobre na violência sem expressão social, também impediu os grupos dominantes de identificarem seus objetivos econômicos comuns e de agirem de maneira conciliável com as classes baixas, tentando formar um todo social. A classe dominante sendo quem dava os rumos do país, organizara seu universo acorde com seus interesses conformando-os aos requisitos dos mercados internacionais.

O Latifúndio e a escravidão seriam os elementos fundamentais para que se que mantivessem estagnadas a expansão e o desenvolvimento de uma sociedade de classes, "não tanto porque o escravo esteja fora das relações de mercado, mas especialmente porque excluiu delas os homens livres e pobres e deixou incompleto o processo de sua expropriação"[270]. Ficando marginalizada nas realizações essenciais à sociedade e guardando a posse dos meios de produção, a população que poderia se tornar mão de obra livre esteve a salvo das pressões econômicas que transformariam sua força de trabalho em mercadoria.

A autora destaca que nessa "civilização do café" as oportunidades de enriquecimento eram amplas e a apropriação não estava juridicamente limitada, nem mesmo convencionalmente estabelecida, como privilégio exclusivo de um determinado grupo de homens livres, para ela isso reveria o quanto que essa sociedade colonial se diferenciava das sociedades de formações estamentais.

[269] *Idem*, p.12
[270] *Idem p. 237-238*

Esse fechamento das camadas dominantes também teria colaborado para que os próprios mercados não se desenvolvessem adequadamente.

Outro estudo que pode complementar esta história da pobreza no Rio de Janeiro seria uma análise de Renato Pinto Venâncio.

A pesquisa que Renato Pinto Venâncio fez para analisar a Pobreza carioca se deu via a busca pelas instituições de caridade um dos procedimentos adotados em sua pesquisa consiste em analisar estas instituições. Tal abordagem, feita a partir de um enfoque metodológico *serial*, permitiu que se conheça, pelo menos parcialmente, a população socialmente considerada pobre. Por outro lado, a investigação das variações anuais e decenais do número de assistidos em casas de caridade elucida a respeito de conjunturas específicas, nas quais as fronteiras da pobreza abrangia maior ou menor número de indivíduos[271]. Nele se explorou fontes paroquiais referentes ao óbito de pobres no Rio de Janeiro colonial

Dentro do contexto urbano do século XVIII "Mesmo tomando-se como critério os padrões europeus, o Rio de Janeiro já se incluiria no rol das uma "grandes cidades"[272].

Embora a cidade, obviamente, estivesse longe de viver um processo semelhante ao inglês, a expansão da atividade comercial criava condições favoráveis ao crescimento populacional local. O Rio de Janeiro parece se situar no meio termo. Por outro lado, os efeitos da "ocidentalização" do espaço urbano carioca não devem ser descartados. Sede da Colônia desde de 1763, o Rio foi constantemente provido de melhoramentos urbanísticos, principalmente no governo do Marquês do Lavradio (1769-1779). O Rio de Janeiro concentrava a cada dia mais uma elite branca que trazia consigo numerosos escravos, e por consequência tornava-se um grande polo de homens livres pobres em busca da oferta de trabalho proporcionada pela abertura de ruas, aterros de pântanos e demais obras públicas.

Mas, havia especificidades nessa urbanização: o fato de ser realizada sob o escravismo. Para o autor essa peculiaridade seria geradora de consequências nefastas pois a medida que se operava o crescimento da cidade, os cativos tendiam a substituir os homens livres até mesmo em atividades que tradicionalmente esse grupo dominava, como era o caso do artesanato e do pequeno comércio. Entre os ex escravos e seus descendentes, os riscos de tronarem-se a pobres eram ainda maiores, principalmente quando lembramos o caráter excludente da sociedade colonial, voltada preferencialmente para a economia de exportação.[273]

---

[271]VENANCIO, Renato Pinto – "*Pobreza carioca: uma sondagem nos registros de óbitos de fins do século XVIII.*" Comunicação apresentada originalmente no segundo encontro de História Quantitativa e Serial, Belo Horizonte, 2001. p 1-2

[272]*Idem* p.5

[273]*Idem* p. 7

Outra categoria que Venâncio aborda seria a dos cativos domésticos idosos - cujos preços no mercado eram irrisórios e constantemente representavam uma despesa e não uma fonte de trabalho para os domicílios. As doenças e acidentes também suprimiam rendimentos advindos dos escravos de aluguel ou "de ganho". As viúvas e as separadas, por sua vez, eram lançadas na condição de pobreza e, com elas, seus escravos. *Mais importante ainda é o fato de os "óbitos de pobres"- na medida em que incluem segmentos aparentemente integrados à sociedade colonial - permitirem análises de variações conjunturais sensíveis aos processos de empobrecimento*[274].

Sobre o desvalimento em Niterói:

No estudo de José Luiz Soares de Souza há algumas pistas sobre como andava, a situação da indigência em Niterói na década de 1840, especificamente no ano de 1842. Em um dos artigos do jornal local: *Correio da província do Rio de Janeiro* há um artigo publicado por um morador anônimo que denunciava que "os mendigos, também, movimentavam-se em Niterói. Eram, no entanto, crianças. Nesse artigo alguém maldizia essas crianças chamando-os de um enxame de meninos mendigos, que divagava pelas ruas da cidade".[275]

Esta matéria pode ser melhor analisada observando-se os índices Correio Da Provincia Do Rio De Janeiro de 12 de janeiro 1842 . O "Correio da Provincia do rio de Janeiro" era um dos jornais que Manuel Gaspar Siqueira Rego Editava antes do Socialista da Provincia do Rio de Janeiro.

Os indígenas na cidade de Niterói: desclassificados sem terra.

[274] *Idem* p.14
[275] SOUZA, *op. cit* p. 343

A cidade de Niterói teve sua origem numa aldeia: a Aldeia de São Lourenço dos Índios. Esse aldeamento teve inicio com a concessão de uma sesmaria aos indígenas que combateram significativamente nas batalhas de conquista do Rio de Janeiro. Em 16 de março de 1568 foi dada a referida sesmaria por El Rei de Portugal àqueles que combateram expulsando os franceses da região da Guanabara. O cacique Araribóia, que foi renomeado Martim Afonso de Sousa no momento da doação da terra que hoje é Niterói, foi a liderança agraciada com a sesmaria à qual teve como condição iniciar o povoamento.

A aldeia que ele fundaria na sua porção de terra teria sua população complementada com outros indígenas, os que estavam sujeitos à liderança de Martim Afonso de Sousa. vindos da capitania do Espírito Santo, de onde Araribóia veio.

Com o passar do tempo, as medidas originais do aldeamento foram se alterando. Em 1659, em 1699 e em 1820 foram se verificando diminuições dos limites originais e a invasão de pessoas que se apossavam de terrenos que adentravam as terras indígenas. Houve casos, de moradores da aldeia, concederem foros a pessoas que não quitavam suas dívidas e mantinham-se ilegalmente nas terras reservadas aso indígenas.

Em todos os momentos das medições e nas constatações de que os indígenas haviam sido roubados, as autoridades se pronunciavam e combatiam as posses ilegais. Os ocupantes das terras ilegais eram constantemente intimados a desocuparem essas terras. As autoridades também agiam no sentido de proibir as vendas ilegais promovidas por alguns indígenas e não reconheciam qualquer alienação de terras que não passasse pelo crivo do Juiz. No geral, nenhuma dessas terras poderia ser vendida por ser terra indígena.

Havia uma possibilidade dessa venda de terras mediante procedimento realizado perante o Juiz dos Índios, cargo esse que foi incorporado às funções dos juízes de órfãos. Os negócios dos índios eram geridos pela Conservatória dos Índios, feita pelo Juiz de órfãos. [276]

No ano de 1835, houve o recenseamento da Aldeia. O documento foi assinado pelo Juiz de paz José Cardoso de Sousa, índio, viúvo e Capitão mor dos índios. Ele era um negociante de louças e a maioria dos índios se empregava no fabrico das mesmas. Muitos também tinham casas na Cidade de Niterói e empregavam-se em atividades na cidade que envolviam a pesca e também serviços, os mais diversos, prestados no perímetro urbano. Conviviam com os indígenas da Aldeia negros escravos e forros.[277]

[276]CASADEI, Thalitta de Oliveira – *A imperial cidade de Nictheroy*. Niterói, Serviços Gráf. Impar, 1988. p. 62.
[277]CASADEI, 1988 – *Idem*. p. 73-5

Em 1844 era patente a decadência da antiga Aldeia de Araribóia. Não apenas pela observação das habitações que foram descritas como "mesquinhas e arruinadas" mas também pela condição da população que aí vivia, desprovida de educação e saúde adequados, alguns atingindo a condição de mendicância na cidade. Tudo isso ocorreu ao longo da década de 1840, especialmente quando, encerram-se as atividades do fabrico de louças principal atividade econômica da Aldeia.

As terras foram aos poucos sendo retalhadas por aforamento e remissões, fundando-se fazendas de cana de açúcar para atender ao mercado interno e externo. A subdivisão das propriedades gerou um comércio local, crescendo a urbanização até que o aldeamento foi extinto pela lei de 26 de janeiro de 1866.[278]

História da Homeopatia no Brasil

Desde sua criação na Alemanha a Homeopatia tornou-se motivo de polêmica, admiração e repulsa. No Brasil ao longo do período de 1818 a 1839 houve algumas polêmicas acerca da Homeopatia em periódicos que tratavam de medicina. Alguns médicos alopatas escreviam atacando a prática homeopática em periódicos como "Revista de Medicina Fluminense". Até 1839 a discussão acerca da Homeopatia não ia muito além de alguns debates gerados pela publicação de artigos pró e contra a homeopatia, em jornais. O primeiro a se ocupar de maneira mais apurada da homeopatia no Brasil foi o cidadão suíço Frederico Emilio Jahn[279] que escreveu uma tese inaugural sobre a Exposição da doutrina homeopática (1836) Nesse mesmo ano o Dr. Domingos de Azeredo Coutinho de Duque-Estrada inicia o estudo da homeopatia, sendo auxiliado pelo Dr. E. Jahn.

Em 1840 esse cenário iria se alterar. Surge um novo grupo de médicos homeopatas no Brasil. O Dr. Benoit Jules Mure, foi um deles e talvez o mais influente de todos do período. Mure foi um fervoroso adepto da homeopatia, mas veio ao Brasil para outra finalidade que não o ensino da homeopatia. O de fundar uma colônia "fourierista" no sul do Brasil. Após o fim da experiência no Saí, em Santa Catarina Mure inicia uma fase de tentativa de conversão de médicos para a homeopatia. O primeiro convertido por Mure foi o cirurgião Dr. Souto Amaral; o 2º foi Dr. Thomas da Silveira, de S. Catarina em janeiro de 1841. Outros convertidos por Bento Mure foram

[278]CASADEI, 1988– *idem* p. 79
[279] Frederico Emilio Jahn

os Drs. V. J. Lisboa, José da Gama e Castro, redator do *Jornal do Comercio*. Segue um período em que a propaganda através de artigos em jornais tentam convencer novas pessoas para a outra medicina.

Em 1842 surge um novo estudioso que se destacaria na ciência da Homeopatia, o Doutor Emilio Germon. Ele havia sido incumbido de estudar a flora brasileira por José Bonifácio de Andrada e Silva e em seu tempo já era considerado um grande botânico. Surge uma querela entre Germon e Mure. Germon trata rudemente Bento Mure acusando-o de fazer obra em proveito próprio quando criou o "Instituto Homeopathico do Brasil". Germon acusava Mure de ter fundado o instituto com interesses mercantis abandonando seus companheiros da colônia do Saí. Seria só para auferir lucros[280].

Até a chegada do Dr. Bento Mure ao Rio de Janeiro em 21 de novembro de 1840, o Dr. Duque-Estrada e o Dr. Emilio Germon, francês aqui erradicado, eram os únicos médicos que praticavam a homeopatia no Brasil. Com a fundação do Instituto Homeopático do Brasil, boa parte dos homeopatas do Rio de Janeiro estava agrupada naquela entidade, que tinha como finalidade congregar pessoas que se dedicavam e se esforçavam para o conhecimento, a popularização e a prática da doutrina de Hahnemann. Os meios para a concretização dos fins propostos eram as discussões entre os membros, a sustentação de um jornal e a fundação de uma escola homeopática. Nela conviviam três tipos de sócios: os efetivos, médicos ou farmacêuticos estabelecidos no Rio de Janeiro ou em Niterói; os correspondentes residentes naquelas cidades; e por último, os honorários, alheios à medicina, porém, com significativa contribuição para a difusão da "doutrina dos semelhantes"[281]. Mure era mais dedicado a ação enquanto que João Vicente Martins se ocupou mais com a tarefa jornalística de polemizar acerca da homeopatia.

Mure, homeopatia e reforma social

Para compreendermos o que representava o Dr. Mure há que se decifrar os significados abarcados nas práticas do socialismo daquele tempo e como ele refletiu na forma de Mure ver o mundo, de expor suas ideias, de operar sua propaganda deste novo mundo anunciado pelos ideais socialistas. O Dr. Mure, como já visto, chegou mesmo a propor um plano de reforma pedagógica a

[280] *Centenário de nascimento do prof. josé emygdio galhardo (5- 8 -1876 – 24 – 01 – edição da revista homeopathica similia* p. 11
[281] FARIA, *op. cit.* p. 16

ser concretizado num instituto Panecástico, plano fundamentado na pedagogia ativa de Jacotot. Em suma: Mure era, antes de tudo, um reformador social[282].

Com uma postura bem geniosa, persistente e um caráter ao mesmo tempo radical e polivalente do jovem Dr. Mure, fez com que lhe fosse cultivado o ódio não apenas dos médicos oficiais, das categorias mais reacionárias do parlamento e na sociedade civil, assim como a inveja e o rancor dos próprios homeopatas pioneiros, que pediram sua cabeça não só aos poderes públicos (polícia, justiça, Faculdade de Medicina), mas ao próprio instituto que viria a fundar na capital do Império em 1843, ao deixar a colônia do Saí. Entre esses homeopatas destacam-se o francês já mencionado em nota, Dr. Germon e o Dr. Domingos de Azeredo Coutinho duque Estrada, Líder da primeira dissidência na Homeopatia, quatro anos após ter fundado o instituto homeopático do Brasil, no dia 10 de dezembro de 1843[283].

Mure mantinha-se muito firme nos seus posicionamentos políticos e na sua forma de questionar o mundo e se colocar diante dele. Sempre seguindo seus princípios ele era do tipo que não aceitava que um médico alopata que quisesse se dedicar a homeopatia. O Dr. Mure apenas aceitava pessoas totalmente convertidas para trabalhar na prática da homeopatia[284].

O conceito de pureza homeopática recebe, assim, para cada corrente, um conteúdo político adequado às suas posições. A pureza dos acadêmicos homeopatas teria um caráter bem mais social que doutrinária: trata-se de eliminar da prática médica homeopática "os indivíduos pertencentes às classes mais ínfimas da sociedade", de livrar-se de formas pouco acadêmicas de atuação, tais como a propaganda de agitação e a formação de leigos para a prática da homeopatia em lugares onde não cheguem os médicos; *trata-se de fazer entrar a homeopatia na razão médica.*

Era como se fosse uma guerra santa. A defesa da homeopatia feita por Mure e Martins seria algo como o sentimento religioso. A pureza dos seguidores e aliados de Mure, doutrinária, defendem uma causa sagrada, a da "verdade" médica. A narrativa da conversão de João Vicente Martins, contida no texto de Galhardo é uma demonstração do espírito que os impulsionava nas suas empreitadas.[285]

[282]LUZ, Madel Therezinha – *A arte de curar versus a ciência das doenças*. p. 69-70.
[283]GALHARDO, José Emygdio Rodrigues. "*História da homeopatia no Brasil*" *in*: Livro do 1° Congresso Brasileiro de Homeopatia. Rio de Janeiro, 1928. pp. 401-405 *Apud* LUZ, *Idem* p.70
[284]LUZ, *Idem* p. 107
[285]GALHARDO, *Idem* p. 302-3 Apud LUZ, p. 107

Homeopathia: uma missão social

Para concluir a questão da homeopatia e sua proposta maior, tem-se que observar o sentido que movia esses médicos a divulgarem suas ideias. Os aspectos social e religioso estariam unidos nas mentes daqueles que empregavam essa prática. A grande questão seria compreender os interesses sociais que acompanham a prática e a divulgação da homeopatia nesse momento.

Deve-se levar em consideração alguns pontos: o político, o social, e o corporativo.

Do ponto de vista político, o socialismo utópico não estaria de forma alguma ausentes das estratégias dos pioneiros do período de implantação da homeopatia no Brasil. Do ponto de vista social, aliavam-se aos padres de paróquias, aos fazendeiros do interior do sudeste, aos funcionários e caixeiros, deles fazendo praticantes e divulgadores da prática e doutrina homeopática. Conseguiam alcançar algo apenas reservado aos médicos, de uma elite distante pelo saber que monopolizava, para misturar-se ao povo e, do ponto de vista corporativo reivindicavam o fim da exclusividade médica sobre as questões da doença e da saúde, igualmente no que se refere a práticas terapêuticas.

Representariam, neste momento, os homeopatas, uma forma alternativa de projeto social da medicina.[286]

De qualquer maneira, a ligação da Homeopatia com o socialismo esteve mais presente para o Dr. Mure do que para a grande quantidade de seguidores que ele conseguiu arregimentar. No geral seus adeptos eram mais cristãos do que socialistas. Faziam uma medicina dos pobres muito mais por caridade do que por consciência revolucionária.

Romper com a escola oficial de medicina seria parte desse caráter transformador. Há uma série de interesses que estariam sendo contestados e postos em questionamento por parte desses homeopatas. O eventual desprestígio dos alopatas poderia representar danos na estrutura que envolvia a alopatia, sua farmacopeia, seus estabelecimentos de ensino e de prática de sua medicina. Se para os homeopatas que tanto lutavam para levar a cura a classes menos favorecidas as motivações de suas escolhas talvez não fossem fruto de uma consciência politica e ideológica, para os seus adversários "o perigo que representavam os homeopatas era bem claro e tornava-se fundamental eliminá-los da legalidade acadêmica, política e social".[287]

[286]LUZ, *Idem* p. 108
[287]*Idem*, p. 120

A querela homeopática

A Homeopatia hoje em dia não representa mais uma querela para prática alopática. Cada uma tem seu valor e seu espaço. A Homeopatia por sua vez conquistou frente ao ministério da saúde um status de medicina convencional tal qual sua concorrente, a alopatia. Este tipo de prática, que se propunha menos onerosa, não vem sendo oferecida pelo sistema de saúde de forma democrática tornando-se uma alternativa, contra o poder médico hegemônico. Infelizmente, ainda hoje ela é usufruída por pessoas ricas e não por pessoas de condições mais pobres.

Para a compreensão das razões pelas quais ainda há uma grande diferença nesses dois tipos de tratamento a questão que se apresentaria seria tentar compreender a estratégia política pelo controle dos espaços institucionais e pelo mercado de trabalho que há por de trás das escolhas da alopatia frente à homeopatia. No combate à homeopatia, que aconteceu na época em que ela acabara de surgir, por trás das acusações políticas e morais feitas aos médicos e a prática em si, jaziam os interesses de natureza econômica e corporativista daqueles que desejavam seu projeto de medicina vencedor sobre o outro.

Dois argumentos principais eram utilizados pelos defensores da medicina oficial contra os homeopatas: o caráter não científico de sua prática e a falta de certificados de conclusão de estudos nas instituições oficiais de ensino da medicina. Como essas instituições os seus currículos não contemplavam a homeopatia, criava-se o circulo vicioso: como não é científica não faz parte dos currículos e não é objeto de pesquisa oficial, não é científica.[288]

E não apenas a aplicação de remédios e terapias é que se diferem homeopatia e alopatia. Antes de qualquer coisa se difere na postura do médico para com o seu paciente. É diferente na postura com que cada um lida com as doenças, com o estado psicológico o paciente e do ambiente em que ele deveria se propor a se curar de uma doença. O que poderia ser considerado como esse diferencial na homeopatia, para além da terapêutica em si, seria a postura do médico e do paciente que, diferentemente dos alopatas, que cada vez mais, se distanciam dos doentes e cultuam a doença em si, sem levar tanto em consideração ambientes condicionantes e um aspecto mais humanizado do atendimento médico. O paciente vem se transformando em um "projeto" científico, encarecido a cada dia por conta do alto investimento com equipamentos e medicamentos, e do controle dos oligopólios e multinacionais sobre esses resultados e geração de medicamentos.

[288]FARIA, Fernando Antonio – "*Querelas brasileiras: homeopatia e politica imperial*". Rio de Janeiro. Notrya, 1994. p. 10

A propaganda homeopática

Não há como deixar de fora dos aspectos filantrópicos da propaganda homeopática no Brasil. Ela ia para além da conversão de doutores alopatas em doutores homeopatas. Ela tinha a função de levar às massas o saber da medicina, com o intuito de preservar os males que mantinham pessoas debilitadas, males esses que poderiam ser evitados para cm aqueles que soubessem como se curar de seus males, suas doenças, mas também de como prevenir essas moléstias. A medicina preventiva e ao alcance de todos seria uma das propostas que os doutores homeopatas queriam que se tornassem "vulgarizadas", tornar-se conhecimento geral e uma forma de transformar a sociedade através de cada indivíduo.

Em uma via de mão dupla, a caridade e a propaganda homeopática caminharam lado a lado com um mesmo objetivo. A oferta de consultas, tratamento e medicamentos gratuitos a pacientes pobres que estavam à margem da medicina clássica, hipocrática e alopática. Vigorante no Brasil e no mundo como uma verdade única, e também "encastelada" nas universidades de medicina, sendo ministrada por doutores, pessoas distantes do povo e que de alguma maneira tinham que ser remunerados, e com bons e avultados salários encarecendo seus serviços: o serviço de curar pessoas.

A querela que se faria entre as duas medicinas seria a querela entre essas duas realidades ao qual elas se propunham. A medicina não era acessível aos pobres por questões financeiras, mas não apenas isso, também é era uma disciplina afastada do senso comum, do saber popular e que mantinha-se como uma prática quase que dadivosa daqueles que possuem o conhecimento, visto como verdadeiro, válido.

A demanda da saúde e da oferta de tratamento aos pobres e desvalidos colaborou nesse sentido

No contexto da popularização da Homeopatia pela Europa, é possível identificar dois modelos gerais de difusão da homeopatia no século XIX. Um deles é baseado na participação de médicos, que observavam os sucessos que iam sendo conquistados com a homeopatia e passaram a estuda-la e consequentemente passar adiante os ensinamentos, a praticá-la. Assim surge um primeiro movimento de divulgação entre pares. O segundo modelo, embora similar ao já citado, refere-se ao que os pacientes (não médicos), que tornam-se interessados pela terapêutica

hahnemanniana, divulgando-a em seus países de origem e, em muitos casos, também clinicando.[289]

João Vicente Martins, a frente dos homeopatas divulga nos jornais, em especial o *Jornal do Commercio*, os nomes dos remédios homeopáticos empregados contra as epidemias de febre amarela, cólera morbus, como resposta às táticas dos alopatas. Começa a tomar vulto a partir de então um esquema de propaganda dos discípulos de Hahnemann: divulgar nos jornais as estatísticas dos doentes salvos pela homeopatia de diversas epidemias que já assolavam a capital do império[290]. A propaganda da homeopatia foi constante.

Os consultórios gratuitos de homeopatia

A proposta de criação de consultórios gratuitos B. Mure e J. V. Martins foi um grande sucesso. O primeiro consultório gratuito foi instalado no mesmo imóvel onde funcionava a escola de Homeopatia e a farmácia: na Rua de S. José 59. Mas, não apenas este logradouro situou um consultório gratuito. Também são fundados consultórios gratuitos em Botafogo, Ilha do Governador, Jacarepaguá, Niterói, Magé, Iguaçu, Porto da Estrela, Paty do alferes, Maricá, Angra dos Reis, Boa esperança, Lorena ao todo chegou a 26 consultórios. Foi algo que se torna popular de maneira impressionante.

Havia os consultórios Homeopáticos onde se davam gratuitamente aos pobres consultas e remédios. No ano de 1845 eles se situavam na Corte, na Rua São José n. 59, todas as tardes, em Niterói na câmara municipal às terças e sextas feiras a tarde em Lorena, todos os dias úteis de manhã, em Magé, na Câmara Municipal aos domingos e quintas-feiras de manhã. [291] A propriedade da casa do número 59 da Rua São José era de João Vicente Martins. Essa informação consta em seu inventário post-mortem que mais adiante será analisado para compreender através de suas propriedades evidências sobre os investimentos que ele fazia na sua empreitada socialista, e da divulgação da medicina.

O Instituto homeopático do Brasil celebrou quatro grandes reuniões, todas assinaladas por fatos importantes. Na primeira, em 10 de março de 1844, sob os auspícios da divina providencia e

[289]TARCITANO FILHO, Conrado Mariano; WAISSE, Silvia – "Novas evidências documentais para a História da Homeopatia na América Latina: um estudo de caso sobre os vínculos entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos,* Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, jul.-set. 2016, p. 779-798.
[290]LUZ, *Idem* p. 120
[291]Folhinha homeopathica para o ano de 1846 p. 8

debaixo das leis do Império instalou-se no Rio de Janeiro e abriu-se o primeiro consultório homeopático gratuito para os pobres. Na 2ª reunião no dia 4 de julho de 1844 decidiu-se a fundação de uma escola de medicina homeopática e esta foi aberta em 12 de janeiro de 1845 aproveitando a disposição do artigo 33 da lei de 3 de outubro de 1832, foi aberta por João Vicente Martins.

Na reunião de 4 de julho de 1845 se erigiu um monumento para glorificar Hahnemann o fundador da "verdadeira ciência de curar", criando-se uma companhia de seguros de vidas de escravos tratados homeopaticamente.

A oferta de cuidados médicos e cura de doenças oferecidas gratuitamente aos pobres ficou muito bem sintetizada no livro escrito por: O Dr. Mure e João Vicente Martins, dois dos médicos homeopatas que mais se destacaram e que mais se dedicaram a propaganda homeopática no Brasil. O livro "o médico dos pobres" de autoria dos dois mantém-se hoje em dia como um excelente registro daquilo que eles pensavam sobre a medicina, de orientação homeopática assim como para conseguir se compreender como agiam esses médicos dedicados aos pobres.

O primeiro consultório de medicina homeopática, totalmente gratuito e destinado para os pobres foi fundado pelo instituto homeopático do Brasil, e situava-se na Rua São José, no 59 no centro do Rio de Janeiro. Este consultório estava aberto todos os dias da semana às 2 horas da tarde. Lá, os doentes pobres eram tratados "com todo o desvelo, e recebiam gratuitamente e sem demora os medicamentos." Nessa empreitada não eram admitidos escravos e isso era bem ressaltado pela introdução do livro de Martins e Mure. Existiam mais 25 consultórios gratuitos em diversos pontos da província do Rio de Janeiro, nas Câmaras municipais como a de Niterói nos consultórios das Matrizes e em locais fornecidos por particulares caridosos, pessoas piedosas. [292]

Após apresentar a proposta resumida no frontispício e na introdução do "médico dos pobres" obra, havia na sequência, no prefácio à segunda edição uma explanação profunda acerca da forma como eram preparados os medicamentos e sobre a forma como deveria se ministrar a posologia. a "teoria das doses". Vegetais frescos conseguidos aqui no Brasil seriam parte dessa combinação de sucesso.

Mure e Martins apresentam que no Brasil conseguiram aperfeiçoar o maquinário para realizar os medicamentos, produzidos pelo Dr. Mure. Algumas máquinas deveriam proporcionar o vácuo para precisão nas formulas. Esse livro de Mure e Martins funciona como uma espécie de

[292]MURE, B. e MARTINS, J. V. – *Pratica elementar da Homeopathia precedidade um discurso contendo a Historia da Homeopathia e as principaes regras para a sua aplicação. Segunda edição (augmentada de 33 medicamentos novos experimentados na Europa, e de 50 substancias do Brazil experimentados pelos professores e alunos da escola Homeopathica*. Rio de Janeiro, Typographia e livraria franceza, Rua São José 64. 1847.

propaganda de quão bem sucedida a homeopatia estava sendo e do quanto ela se desenvolvera após ser praticada no solo brasileiro. A "teoria das doses" seria responsável por esse grande avanço, como Mure expõe aqui e por isso os Homeopatas da Europa *"*não obtiveram os rapidos e brilhantes resultados que posso ostentar com orgulho. Seja o Brasil theatro dessa gloriosa, desta inevitável revolução, e colha elle a palma devida ao primeiro paiz que adoptará a nobre filha do genio de Hahnnemann". Um dos objetivos seria de tornarem conhecidas suas descobertas acerca da homeopatia.

Seguindo a propaganda de como estavam avançadas as práticas dos tratamentos homeopáticos ele afirmava que ela era praticada "por centenas de pessoas inteligentes, nas familias, nas fazendas, e nos sertões do Brasil; cumpre que cada vez ellas aperfeiçoem a practica da arte, para o allivio da humanidade e a confusão dos nossos inimigos".

Afirma com pesar a necessidade de se utilizar dos termos e nomenclaturas alopáticos, que segundo Mure eram imperfeitos e nomes genéricos, mas que eram necessários para serem compreendidos pelos populares.

Incluía-se nesta obra um índice alfabético contendo as definições, dos termos empregados com o fim de compilar um pequeno Dicionário de medicina para o uso de principiantes.[293]

> 1º Adoptou primeiro, por base de toda therapeutica razoavel, que os medicamentos devem ser experimentados sôbre o homem são.
>
> 2º Reconheceo que todo medicamento produz duas series de effeitos oppostos entre si, e que os effeitos secundarios são os unicos applicaveis á cura das molestias; descoberta que constitue a lei dos semelhantes.
>
> 3º apercebeo-se de que os medicamentos obram pela lei dos semelhantes nas dóse mais pequenas possiveis.
>
> 4º Convenceo-se de que o medico, que quise ter cabal conhecimento do que faz, não póde administrar meis de um medicamento de cada vez.
>
> Vamos analysar successivamente estas quatro proposições, bases da medicina regenerada, estabelecendo primeiro, a priori a demonstração de cada um, e deslisando em segundo logar as objecções, com que se costuma combate-las.
>
> A fundação do instituto Homeopathico do Brasil, e a creação da escola homeopathica, são dois factos que asseguram a regeneração scientifica e physica da Terra de Santa Cruz. O ensino da doutrina pura de Hahnnemann, que não se tem podido realizar na Europa, ha de assegurar ao Brasil, a preeminencia medica sôbre o resto do mundo. Milheiros de homeopathas, que não sabem onde achar meios de educação para seos filhos, hão de manda-los no paiz que tomará a dianteira no ensino puro da verdadeira medicina. Brevemente missionaios zelosos irão levar em nome do Brasil, a salvação e a sciencia ao resto do mundo. Os medicos Brasileiros serão recebidos com preferencia em toda parte por ser o Brazil o unico paiz onde a homeopathia he ensinada em toda a sua pureza e em toda a sua extensão. [294]

[293] I*dem* discurso preliminar de João Vicente Martins (página V)
[294] *Idem* p. VI

Para Mure o Brasil se tornaria pioneiro e colheria muitas glórias e do bem estar adotando a homeopatia como método para o emprego da medicina deverá o Brasil a sua existência mesma a homeopatia, "visto que ella só he capaz de conservar e de multiplicar a povoação negra, que a alopathia acabara de destruir em poucos annos, e a qual não se pode mais renovada pelo trafico. E a mortalidade de fato era muito grande na casa dos 20%."

No fim do preambulo frisava que a despeito dos contrários, dos alopatas, os interesses geraes, a sciencia, a humanidade, hão de prevalecer. "A homeopathia ha de illustrar, ha de salvar o Brasil.[295]"

O tratamento homeopático gratuito aparece constantemente nas colunas do socialista da província do Rio de Janeiro O socialista da Provincia do Rio de Janeiro. Sexta-feira, 22 de agosto de 1845. nº 9 p. 1 lista dos doentes tratados homeopaticamente na ilha do governador. Aqui são citados 88 nomes de pessoas atendidas pelo tratamento homeopático e dentre eles mencionam-se[296]

Sobre a companhia de seguros de escravos "prosperidade"[297]

A Companhia de seguros prosperidade foi um empreendimento que não teve precedentes aqui no Brasil. Pode-se dizer que ainda que por um meio não tão convencional, essa associação propunha-se a cuidar da população talvez não fosse a mais desassistida, pois essa era a categoria dos miseráveis e "desclassificados" mas, curiosamente, ainda que os escravos figurassem como uma propriedade de seus senhores, estes socialista davam um jeito de assisti-los também, realizando um caminho pouco convencional a esse despossuídos de seus direitos básicos de sua condição de liberdade.

> Tendo de celebra-se uma reunião dos accionistas desta companhia no dia 1 de setembro proximo, não vem fora de proposito a transcripção do seguinte artigo: tanto mais quando os obitos publicados provão que são verdadeiras as asserções que nelle vem.

[295]MURE, *Idem* (páginas XLIII e XLIV).
[296] *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro*. sexta feira, 22 de agosto de 1845. nº 9
[297] PAYAR, Andre Javier Ferreira – *Escravidão entre os seguros: as seguradoras de escravos na provincia do Rio de Janeiro (1831 – 1888)*.
PORTO, Angela de Araujo – "A assistência médica aos escravos no Rio de Janeiro: o tratamento homeopático". In *Revista de Homeopatia*. V. 54 – n. 3 – jul. ago. set. 1989.

> [considerações sobre o número de mortos por allopathia e por Homeopathia] [artigo que defende a allopathia]
>
> [...]
>
> Mas deixemos estas considerações mercantis e não nos esqueçamos que não he com o dinheiro que se deve comparar a vida dos homens e que um sem numero de pessoas deve a vida ao systema de Hahnemann.
>
> A diminuição da mortalidade que acompanhou os progressos da homoeopathia, sobe annualmente a *tres mil pessoas*, o que importa um numero duplo dos colonos que com tanta despeza mandou a provincia do Rio de Janeiro contactar na Europa.
>
> Julgue-se só por este facto dos beneficios que a homoeopathia póde prestar á prosperidade e á grandeza deste imperio.
>
> Com tudo, para alcançar tão importantes resultados, para modificar tão profundamente a saude publica, forão necessarios esforços de proselytismo e despezas de propagação e por parte dos discipulos de Hahnemann que merecem toda a admiração dos homens de bem. A introducção de consultorios gratuitos que tantos beneficios procura á saude e moralidade publica, poupando ao pobre pai de familia a morada no hospital tão nociva e funesta aos seus interesses, he em si mesma uma novidade da maior importancia, nove consultorios mantidos desta sorte em diversos pontos da provincia, a distribuição de preservativos, emfim todo o movimento de propagação mostrão tanto desinteresse quanta elevação de espirito dos homoeopathas e não merecem injurias
>
> *Philomenus*
>
> *(communicado do Brasil)*[298]

O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, de 29 de agosto de 1845, na página 4 era publicado o anúncio que também era exposto *ipsi literis* no jornal do Comercio e demais jornais em que se divulgava: "O Socialista da Provincia do rio de Janeiro" e a "Folhinha Homeopatica" um livreto que foi publicado.

Esse livreto tornou-se uma espécie de manifesto daquela sociedade. Tratando de Homeopatia, também trazia temáticas que diziam respeito a sociabilidade dos socialistas no Rio de Janeiro.

Os elementos da folhinha homeopática podem ser os principais para se compreender a sociabilidade deste grupo e poder sondar como se desenvolviam as experiências realizadas por práticas que poderiam ser consideradas socialistas.

Na questão da escravidão havia uma postura um tanto ambígua. O repúdio e a conivência conseguiam conviver em suas personalidades, em suas práticas políticas. Essa conivência se dava em que não houvesse uma campanha abolicionista ou uma demarcação de território nesse sentido. Não se ocupavam com a questão da escravidão.

Mas isso pode também ser explicado por conta da situação frágil em que se encontravam esses socialistas aqui no Rio de Janeiro. A Homeopatia propagada paralelamente aos ideais socialistas também vivia uma situação frágil nesses dias. A luta pela sua implementação no rol das práticas médicas aceitáveis, praticáveis e ensináveis mantinha esses socialistas um tanto distante

[298] *O socialista da Provincia do Rio de Janeiro*. sexta feira, 29 de agosto de 1845. nº 12 página 1

de se expor em uma campanha abolicionista que não. E igualmente deve-se levar em conta a máxima do jornal que seria a de não fazer-se porta-voz político de nenhum ideário que pudesse ser visto como partidário de uma das vertentes políticas (progressistas e regressistas) e sem encampar campanhas politicas que pudessem romper com o status quo do Brasil Monárquico e que levassem a um debate que torna-se uma tônica antipática aos leitores. Havia uma certeza de que a escravidão teria seu fim em breve. Isso é percebido pelo artigo que descarta que o futuro será diferente. Esse artigo mantinha uma certeza do fim da escravidão e pode ser um caminho para se pensar por que que para esses socialistas valia mais a pena propagar suas ideias mesmo sem tocar na escravidão, que seria resolvida em pouco tempo do que comprar uma briga que poderia custar-lhes a antipatia das autoridades e dos políticos que viviam o momento regressista sob a égide do consenso de liberais e conservadores de que o regresso seria o melhor caminho para o Brasil nesse momento. Estavam mais preocupados com a divulgação das suas ideias sem compromisso para que quando chegasse ao leitor pudesse chegar sem o ranço de se propor diretamente aos progressistas ou aos republicanos, aqueles que tinham em mente uma sociedade acorde com o liberalismo, que prima pelo trabalho livre.

De qualquer maneira, o que praticava a companhia prosperidade também era uma forma e dar amparo àqueles que não possuíam assistência. De fato, nesse período sequer podemos atribuir ao escravo a condição de humanidade já que eram tão comuns nesse tempo as teorias racistas e racialistas que impunham ao cativo uma condição de inferioridade tamanha a serem comparados com bestas ou simplesmente como inferiores dentro da humanidade que eventualmente lhes eram conferidas.

E também deve-se levar em consideração que os Socialistas que estão no Rio de Janeiro estão em busca de apoio do Imperador para desenvolver seus anseios falansterianos. Eles não querem se expor a debates que não mudariam a condição do Brasil de imediato. Estes socialistas percebiam a iminência do fim da escravidão e se organizava quanto a isso. O próprio fato de haver um incentivo propor parte do governo de D. Pedro II da imigração de Franceses para o Brasil, para que eles possam colaborar com o desenvolvimento de nosso país no que tange ao aspecto industrial.

O ensino de homeopatia no Brasil: as primeiras escolas de homeopatia.

Surge a primeira escola homeopática, a escola Suplementar de Medicina e do Instituto Homeopático do Saí. Esse advento foi referendado num artigo de Bento Mure publicado no *Jornal do Commercio* de 25 de janeiro de 1843. Pouco se sabe sobre esta escola que teve pouca duração. No mesmo ano foi criado o Instituto Homeopático do Brasil, também fundado por Bento Mure e V. G. Lisboa aos 10 de dezembro de 1843. Esse instituto teria sido fundado com de indivíduos sem responsabilidades sociais. Há uma ata de fundação deste instituto e todos os artigos de seus estatutos na obra de Emygdio Galhardo, a melhor referência para compreensão da História da Homeopatia no Brasil[299].

Mesmo com as duas escolas fundadas no ano de 1843 a atividade educacional que foi mais perene no ensino da Homeopatia foi a "Escola Homeopática do Brasil" inaugurada a 12 de janeiro de 1845. Esta escola teve sua 1ª aula ministrada por João Vicente Martins com uma aula sobre anatomia e fisiologia. Na obra de Galhardo há uma descrição minuciosa de cada lente. Na mesma casa situou-se a primeira farmácia homeopática, inaugurada na casa da rua S. José, 59 e o primeiro farmacêutico foi José Vitorino Ventura Pinheiro.

[299]GALHARDO, José Emygdio Rodrigues. "História da homeopatia no Brasil" *in*: *Livro do 1° Congresso Brasileiro de Homeopatia*. Rio de Janeiro, 1928.

3.3.3 O Conceito de "economia social" no "Socialista da Província do Rio de Janeiro" e nos demais jornais da década de 1840.

Para introduzir esse tema, uma breve exposição de como se dava a economia brasileira nesse tempo como se daria a relação entre sua formação agrícola e sua formação industrial? Aqui será proposta um breve panorama de como se dava a economia não de forma ampla tentando dar conta de todo o país, mas especificamente da província do rio de janeiro, onde o jornal era divulgado.

Aspectos econômicos do Município Neutro e Província Fluminense (1840-1845).

A situação econômica brasileira, logo no início do Segundo reinado, não era das melhores. A balança comercial não estava se operando de maneira favorável e o Brasil necessitava buscar novos rumos para suas atividades econômicas, reorganizar aspectos tanto agrários quanto manufatureiros. Havia que se superar a crise econômica e algumas medidas deveriam ser tomadas pelo Estado brasileiro para solucionar os *défcits* constantes.

O panorama da economia agrária voltada para a exportação que se apresentava nesse tempo na província do Rio de Janeiro seria: uma indústria açucareira operante, mas cada vez mais posta em segundo plano frente ao crescimento e consolidação da economia cafeeira. No perímetro urbano o que se operaria de modo inovador entre as atividades econômicas seria o incentivo à atividade manufatureira. Neste momento, ambas, a corte como a província fluminense, estavam se consolidando como pioneiras tanto no ramo do café, que se tornará o carro chefe da economia nacional ao longo do reinado de D. Pedro II e da primeira república, quanto na atividade industrial que ganhará seu primeiro incentivo oficial ao longo da década de 1840 e se estendendo pelas demais décadas do segundo reinado[300].

Havia um outro viés econômico que se operava nos mercados agrícolas fluminenses de maneira ascendente desde 1808: o mercado interno e a cabotagem.

[300]FROTA, Guilherme de Andréa – *Uma visão panorâmica da História do Brasil.* Rio de Janeiro, Gráfica Cervantes Editora, 1983. p. 263

Como uma atividade paralela a da exportação havia uma série de atividades que se diferiam da exportadora. Entre elas também não havia uma homogeneidade totalizante, pois cada uma possuía padrões específicos de acumulação e concentração de riquezas. Eram atividades diversas que movimentavam a economia interna no Brasil Imperial. Havia a agricultura camponesa, a agropecuária escravista cada qual com uma especificidade[301].

Entre as províncias a de Minas seria a mais expressiva nesse mercado interno, através da produção agropecuária. Por ser a província mais habitada naquele tempo contava com um mercado consumidor muito grande

No caso da província do Rio de Janeiro havia o município de Capivari, por exemplo, que fornecia mandioca e café para o mercado interno.

A vinda da corte portuguesa para o Brasil, se instalando no Rio de Janeiro incentivou essa economia voltada para o mercado interno realizada nos municípios próximos ao Rio de Janeiro e a construção de novas estradas para ligação com Minas Gerais, local onde havia um bom desenvolvimento dessas atividades que complementavam tanto as regiões mineradoras como a própria capital do país. As alterações nas regras do comércio internacional favorecendo os ingleses, ampliara a atuação de portugueses na cabotagem, favorecendo o desenvolvimento dessa dinâmica no centro-sul do país[302].

No cenário político brasileiro o momento era de Regresso. Desde 1837, com a eleição de Araújo Lima para regente, o Estado Brasileiro se reorganizava no sentido "regressista" praticando uma política bastante conservadora. Colocando em prática um novo paradigma, adverso a "experiência liberal" que se operou ao longo do período das Regências, a nova fase regressista tendia a fortalecer o poder central e diminuir a autonomia das províncias. Essas decisões ganharam corpo na "Lei interpretativa do Ato adicional de 1834" que anulava os efeitos liberalizantes e federalistas do próprio Ato adicional. A postura regressista tendia a ser bastante nacionalista e combatia elementos considerados nocivos do liberalismo. Esse rumo da política atendia aos interesses da classe rural, em especial a cafeeira [303].

Neste item analisar-se-á a questão cafeeira e a industrial interligando-as. Primeiramente um panorama da cultura do café, seguindo-se de uma breve história da indústria brasileira. Em ambos o foco nos casos da Corte e da província fluminense.

[301]FRAGOSO, João Luiz – O Império escravista e a república dos plantadores Economia brasileira no século XIX: mais do que uma plantation escravista. *in*: LINHARES, Maria Yeda (org.) *op. cit.* 2000. p. 155
[302]LENHARO, Alcir – *As tropas da moderação*. São Paulo, Símbolo, 1979. p. 25
[303]CARVALHO, José Murilo de Carvalho – *Teatro de Sombras: a política Imperial*. Rio de Janeiro; IUPERJ, 1988. p. 17

A questão da escravidão seria de enorme relevância pois essa instituição colonial sofreu muitas alterações durante o segundo reinado. O Império de D. Pedro II teve a função de preparar essa transformação do trabalho servil para o assalariado[304].

E há que se destacar nessa nova ordem de trabalho, a assalariada, a influência e interferência do trabalho dos imigrantes europeus que, desde esse período começam a vir em massa para o Brasil para atender ao chamado de vários empregadores nas fazendas e também nas cidades colaborando para a nova realidade do mundo do trabalho que se operará aqui no Brasil.

No contexto geral do Brasil, o período imperial inicia-se com uma Indústria que "não passava de um miserável artesanato sem expressão alguma; a exploração da terra se fazia pro processos rudimentares e devastadores"[305]; algo que no caso fluminense se fazia diferente sendo na região da Guanabara o núcleo mais expressivo de manufaturas e atividades geradoras de insumos para a nascente e de fato pouco expressiva indústria brasileira. A mineração do ouro e dos diamantes cuja expressividade era grande também não funcionava com um potencial de qualidade, as estradas e demais estruturas que demandavam obras públicas também iniciaram o período do 2º reinado com pouquíssima estrutura.

O Café desempenha o fomentador dos primeiros capitalistas que irão investir nessa estrutura necessária para o Brasil poder deixar de fato a condição colonial e de caráter quase que exclusivo agroexportador.

Aspectos agrários: o "rush" do café.

O café foi introduzido no Brasil durante o século XVIII mas, a princípio, sem um grande valor comercial, utilizado apenas para o consumo local. A demanda internacional por esse produto se dá a partir do início do século XIX. Países europeus e os Estados Unidos foram os maiores consumidores desse produto e a eles se destinava a maior parte da produção que começou a ser fomentada no Brasil especialmente a partir da década de 1830.

Com um cenário internacional favorável e a disponibilidade interna de recursos para expandir a produção, o Brasil tornou-se em pouco tempo o principal produtor mundial de café, condição que no Império, se manteve de 1830 até o final do século XIX. Os lucros gerados pelo

[304]PRADO JUNIOR, Caio – *Evolução política do Brasil: e outros estudos.* São Paulo: Companha das letras, 2012. p. 210
[305]*Idem* p. 212

café possibilitariam a recuperação econômica do Brasil, que tinha suas finanças abaladas desde o início da Independência devido à queda das exportações agrícolas e à divida externa gerada nesse mesmo período.

Também deve atribuir-se ao sucesso do café na província fluminense a condição climática e do solo. No vale do Paraíba e em outras localidades da província o favorecimento de condições geográficas e meteorológicas foram um dos trunfos para esse sucesso. Na província do Rio de Janeiro assim como em muitas áreas do sudeste brasileiro que favoreciam o desenvolvimento da economia cafeeira, houve um deslocamento parcial da mão de obra escrava para a cafeicultura, a fim de atender a demanda externa.

Sobre essa expansão ao longo da década de 1830, é possível destacar os dados levantados por Sérgio Buarque de Holanda a esse respeito:

> *Nesse mesmo período de 1835-1836, a exportação do café fluminense ascendera a 2.669.961 arrobas e 15 libras. E no período anterior, de 1834/35 a 967.139 arrobas.*
>
> *Em 1837, a exportação da província somava 2.321.710 arrobas de café das quais 2.043.410 de café de primeira qualidade.*
>
> *Em 1937/38, a produção cafeeira da província baixara para 1.797.732 arrobas, mas já no período seguinte, 1838/39, subia para 2.948.378. No de 1839/40 atingia a 4.547.312 arrobas e no de 1840/41, descia para 3.908.787. Entre 1839 e 1840 haviam saído pelo porto do Rio 5.616.000 arrobas e entre 1841 e 1842, 5.557.088. Entraram, aí, é certo, cafés de procedência paulista e de procedência mineira. O maior contingente, todavia era representado pela produção fluminense.*[306]

A demonstração acima apresenta em números a expansão da produção de café os dados comprovam que em um período de 8 anos, desde o ano de 1834 até o ano de 1842, houve um acréscimo de mais cinco vezes a quantidade arrobas exportadas. O acréscimo foi de 574% nas exportações de café provenientes da província fluminense.

Mas o que se alarga paralelamente ao número de arrobas é a extensão das propriedades cafeeiras. O minifúndio deveria dar lugar ao latifúndio. Isso deveria ocorrer para que a empresa cafeeira fosse bem sucedida e poder ser elevada ao rol dos investimentos seguros e com uma qualidade garantida para o comprador do café. Alargam-se as propriedades de café gerando-se vários latifúndios. O café, com futuro promissor foi empreendido de maneira extensiva para atingir a qualidade devida. Deveria se desenvolver em latifúndios não haveria outro meio.[307]

---

[306]CASTRO, Paulo Pereira de. *in*: HOLANDA, Sergio Buarque de – *História geral da civilização brasileira*. Livro quarto – Dispersão e Unidade. Capitulo 1: a província do Rio de Janeiro e o município neutro. Difusão europeia do livro. São Paulo 1972. p. 350

[307]*Idem* p. 349

Os braços que trabalhariam nessa lavoura também foram motivo de grande movimentação nos panoramas econômicos tanto do Rio de Janeiro como de outras regiões do Brasil. Com a constante repressão ao tráfico de africanos desde 1831 muitos cativos que participariam dessas empreitadas viriam de outras regiões do Brasil como o Nordeste.

Para a economia fluminense o que pode ser considerado como o *rush* do café colaborou para um sensível aumento da população, e de uma população que comporia uma "sociedade refinada" que exigia uma sociabilidade de mesmo nível sócio econômico. O enriquecimento dos barões do café transformou a província fluminense em um local onde se espelhavam valores europeizados e hábitos requintados cuja contrapartida seria a necessidade de importação de determinados bens manufaturados que cada vez mais se tornavam indispensáveis àquela sociedade.

Nos anos 1840, a manufatura fluminense foi dilatando a sua expressividade entre as atividades econômicas como fruto de novas oportunidades geradas pela atividade do Café. Conforme se especializava a atividade cafeeira, as oportunidades de diversificação de trabalho manufatureiro se ampliavam. Novos ofícios tornavam-se necessários para complementar essa atividade que vivenciava seu *boom* inicial.

Entre essas novidades que surgiam e se reproduziam nessa economia em transformação podemos incluir: atividades comerciais, bancárias, de transportes e de serviços urbanos.

As atividades industriais: impulsionando um novo setor.

Neste item, pretende-se analisar qual seria o panorama das atividades industriais e capitalistas que se desenvolveram na região da Corte e da província do Rio de Janeiro durante a primeira metade da década de 1840.

A revogação do alvará proibitivo da criação das manufaturas (1795), feito por D. João VI em 1809, pode ser considerado o marco inicial do Brasil entre os países que possuem indústrias. Ainda que não tenha sido o início de uma indústria pesada, as manufaturas começam de maneira bastante incipiente. O exclusivo colonial não permitia que o Brasil as desenvolvesse para manter o equilíbrio mercantilista que colocava o Brasil em uma posição de comprador de manufaturas. Sendo legalizada e tornando-se mais uma atividade a se investir, gradativamente a atividade manufatureira vai ganhando corpo e ocupando os braços e mentes dos brasileiros.

Essa movimentação do capital mercantil rumando para o comercial se operou em uma proporção consideravelmente maior no Rio de Janeiro do que em outras partes do país. Na região das cidades circunvizinhas do Rio de Janeiro elas vão emergindo de acordo com o desenvolvimento social e o acréscimo populacional. A proximidade com a corte não poder ser descartada como favorecedor desse surto se operar também nos municípios da província fluminense. Sendo capital do Império o Rio de Janeiro já favorecia a reunião de atividades econômicas diversas ao seu redor.

No caso da indústria, uma demanda vasta para uma produção que se opera de maneira exponencial certamente colaboraram para que essa área se tornasse uma das pioneiras na atividade que se propunha servir a massas e não mais a uma população reduzida e situada em fazendas e ambientes rurais. A atividade industrial para se desenvolver deve ser parelha a atividade de crescimento urbano e populacional.

Ainda assim, a tradição da atividade rural brasileira permanece ao longo das eras. Com altos e baixos, com diferentes economias despontando em diferentes momentos da História do Brasil, a agricultura extensiva e exportadora pode ser considerada uma espécie de vocação brasileira desde sua formação colonial[308]. Com a vinda da família Real portuguesa em 1808 e o fim do exclusivo colonial e das leis proibitivas do estabelecimento de manufaturas, deu-se margem para a exploração de uma nova atividade econômica no Brasil, nem sempre tão diretamente ligada ao campo e a vida rural. Essa agora, se operaria em ambientes urbanos e arregimentando trabalhadores com outros tipos de especializações e talentos. Depois da independência consolidada em 1822 as atividades manufatureiras prosseguiram crescendo, ganhando espaço e provendo mercados internos brasileiros.

Por consequência, também seria gerada uma nova sociabilidade, ainda que de maneira muito sucinta com novas classes sociais e novos paradigmas sociais que transformariam de vez a forma de agir e de pensar do brasileiro. Aproximando-se do estilo de vida das grandes metrópoles europeias, o Brasil encontra-se em uma fase de transição para outra vocação que ainda se desenvolveria ao longo dos anos que se seguiriam no século XIX e mais marcadamente durante o século XX.

O Estado Imperial que se consolida ao longo do governo de D. Pedro II, logo no início criou mecanismos para possibilitar o surto de atividades manufatureiras. Falando especificamente da década de 1840, o ano de 1844 teria sido o "marco inicial" de uma nova perspectiva para a atividade industrial. Pela primeira vez desde o fim do período colonial, houve incentivo ao

[308]PRADO JUNIOR, Caio - *Formação do Brasil Contemporâneo*, São Paulo, Brasiliense, 1994, 23ª edição p. 32.

desenvolvimento da indústria nacional e não apenas a permissão e a concessão de espaço para que ela se desenvolvesse. Se a indústria nacional atendera, ao longo dos anos de 1808-1844, à produção de determinadas categorias de produtos manufaturados, que aqui eram produzidos por ser de maior comodidade serem produzidos aqui que importados, agora, pela primeira vez, havia uma movimentação de fomento e incentivo a existência delas (as indústrias) assim como o desenvolvimento de uma competição favorecedora ao produto brasileiro frente a alguns produtos manufaturados provenientes do exterior.

Novas possibilidades de enriquecimento e de empreendimentos de negócios tornavam-se, além de possíveis, incentivadas. Essa reconfiguração da política industrial brasileira da seus passos iniciais e determinantes na incorporação de novas tarifas alfandegárias, o que ficou marcado na historiografia como a Tarifa Alves Branco (1844). Sua adesão tinha uma finalidade dupla: o aumento da receita pública e o impulso à criação de indústrias no país exatamente por proteger e não proibir[309].

Mas não apenas como uma redentora das necessidades cada vez mais crescentes que o Brasil vinha adquirindo com o paradigma da sociedade industrial é que se instaurou a Tarifa Alves Branco. A política econômica que foi implementada pelas elites do Segundo Reinado foi baseada em procedimentos articulados para superar os déficits, organizar o mercado e criar uma infra-estrutura adequada para o país. A partir de 1844 essa atitude nacionalista serviu nesse contexto de reorganização do Império para colaborar com a inserção do Império brasileiro "nos mares do capitalismo mundial"[310].

De fato, aparte os incentivos a indústria e a proletarização que vai se expandindo, esse novo paradigma social proveniente da realidade industrial não se fez tão expressivo na economia nacional nesse momento. Tampouco se transformara a forma de agir dos investidores que, mantinham-se com uma mentalidade bastante ligada ao que raiz ibérica brasileira que vocacionou os negócios brasileiros. Nada se alterou de maneira significativa nesse momento. Haveria ainda muito a se progredir no sentido do capitalismo. Nas suas origens o Brasil pensava a economia de maneira diferenciada dos países onde o capitalismo se desenvolveu. Empresários comerciantes negociavam com formas de agir diferentes dos cânones da economia que se desenvolviam na Inglaterra e França[311]. Mesmo no século XIX, ainda se praticava o comércio com base na economia pré-capitalista, a lógica do mercantilismo, herança desde o nascimento da colônia.

---

[309]SODRÉ, Nelson Werneck – *Panorama do Segundo Império* (2ª edição). Rio de Janeiro, Graphia, 1998. p. 200.

[310]BENTIVOGLIO, Julio - *Os negócios do Império: a política econômica brasileira no início do Segundo Reinado (1840-1860).* UFG Campus Catalão, Goiás, 2007. Página 72

[311]Me refiro aqui às escolas econômicas de Adam Smith, Davi Ricardo entre outros economistas do período.

Questionando-se acerca dessa realidade comercial brasileira ser um "atraso" ou um projeto com objetivos de reiterar a estrutura arcaica da economia, O estudo de João Luiz Fragoso descreve a "nobreza parasitária" que não se movimenta. O Fidalgo-mercador ibérico guardaria os valores pré-capitalistas e a ascensão social seria assim bastante ligada à via do título de nobreza. A acumulação mercantil cristalizou as estruturas não capitalistas, reforçando a estrutura agrária tradicional, "ao atuar como empresário e inibir a atividade privada e não realizando investimentos produtivos, o Estado surge como variável fundamental para a própria reprodução da sociedade pré-capitalista"[312].

Mesmo com o impulso urbano da atividade industrial, essa atividade atendia de maneira primordial à atividade agrícola. Um dos focos principais seria fabricar instrumentos para a atividade agrícola e colaborar no processamento dos produtos a se exportar. Esses estabelecimentos industriais "encontravam-se nos limites da atividade agrícola seja pela produção, seja pela mão de obra deslocada para a lavoura, quando necessário. Por outro lado, à medida que adentramos na década de quarenta, verificamos a origem comercial dos capitais aplicados à indústria".[313] A década de 1840 foi estimuladora das indústrias. É a década em que se acertam os primeiros regulamentos para a indústria e se naturalizam as praticas capitalistas no paradigma industrial.

Porém, reorganizar a agricultura também seria uma tarefa a se cumprir pela indústria. Desde 1828 surgiu a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN). Nas páginas do periódico intitulado "Auxiliador da indústria nacional" que surge em 1833, no seu prospecto inicial publicava artigos que projetavam a finalidade da Indústria a serviço das atividades agrícolas e em segundo lugar a serviço do comércio. Divulgavam no periódico acerca de máquinas e técnicas que envolvessem produtos industrializados aplicados a agricultura. Funcionava como um centro de estudos e fóruns sobre uso da tecnologia nas atividades primárias. Não era uma instituição para promover reformas políticas[314]. Este mesmo jornal apresentava preocupações com a exportação de café, bem como os modos pelos quais a indústria poderia colaborar com o sucesso dessa atividade. A preocupação com a qualidade era justificada para a manutenção da qualidade nos padrões internacionais.

A indústria naval que no caso do Rio de Janeiro tornara-se um dos carros chefe para a iniciação numa indústria mais "pesada" para atender ao maquinário e as necessidades dos

[312]FRAGOSO, José Luiz – *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830.* Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1992.Página 81.
[313]MOMESSO, *op.cit* página 54.
[314]CARVALHO, José Murilo de. – *A construção da ordem: elite política imperial. Teatro de sombras; a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Página 52.

empreendimentos urbanísticos que a sociedade carioca e fluminense queria por em prática. A indústria das fundições de metais.

Para o estudo da atividade industrial, no caso fluminense, podemos levar em consideração uma quantificação e respectiva descrição dos produtos que eram gerados por essas indústrias fluminenses. No estudo realizado por Luís Carlos Soares que demonstra as atividades a que se dedicavam essas manufaturas que se instalaram na região fluminense desde o ano de 1808 até o ano da posse de D. Pedro II (1840). As atividades dominantes eram: Fiação e tecidos de algodão e de lã (8) Sabão e velas de sebo (13), Fundição de ferros e metais (5) Chapéus (7) Pentes de tartaruga e chifres (4). Havia outras atividades que, desde 1808 até o ano de 1840 estabeleceram até 3 indústrias diferentes na Região fluminense: eram elas: Vidros, cordas, tapetes, móveis, couros e peles, produtos químicos, açúcar, aguardente (4) Rapé, Carruagens, moinho a vapor, telhas tijolos e louças, estamparia e papel (5).[315]

Nessas atividades eram empregados trabalhadores escravos e livres, sendo que a maioria dos que trabalhavam nas indústrias eram cativos. Daí percebe-se que mesmo nesse momento em que as atividades produtivas se alteravam, o mundo do trabalho não acompanhou de maneira totalmente paralela às transformações de cunho capitalista. A servidão acompanhou a indústria durante muito tempo, e não se dava de maneira diferente nos momentos iniciais da década de 40 do século XIX.

Mas, de alguma maneira essas empresas não apenas se utilizavam das formas de organização da economia escravista estavam se organizando numa base capitalista, sob novos cânones e novos paradigmas. Ainda que de maneira incipiente, havia uma nova realidade sendo construída no mundo do trabalho fluminense[316].

Em Niterói a capital fluminense, o desenvolvimento de um estaleiro foi um dos propulsores do desenvolvimento industrial na cidade. Até meados da década de 1840 os estaleiros e pequenas fundições dedicadas a construção naval estavam concentradas nos arredores do arsenal da Marinha e na Ponta da Areia, em Niterói. Em meados de 1844, o britânico Carlos Colmann inaugura uma pequena fundição na Ponta da Areia em Niterói. A fundição vai de mal a pior e, em

[315]SOARES, Luiz Carlos – A Indústria na sociedade escravista: As origens do crescimento manufatureiro na região fluminense em meados do século XIX (1840-1860) in: SZMRECSÁNYI, Tamás & LAPA, José Roberto do Amaral (organizadores) – *História Econômica da Independência e do Império*. Coletânea de textos apresentados no I Congresso Brasileiro de História Econômica. (Campus USP, setembro de 1993). Editora Hucitec FAPESP, São Paulo 1996. P.282

[316]SOARES, Luís Carlos - *Op. Cit.* p. 305.

11 de agosto de 1846 Colmann vende essa pequena empresa para Irineu Evangelista de Sousa que a rebatiza Estabelecimento de Fundição e Estaleiros da Ponta d'Areia[317].

Já no ano de 1849 Irineu Evangelista de Sousa informou ao presidente que o seu estabelecimento da Ponta da Areia continuava aumentando progressivamente, não só no material, como no pessoal por isso que os operários nele empregados se elevava a 487. Produziam artilharia de bronze para o governo, havia oficina de caldeireiro de vapor e várias outras máquinas de vapor, engenhos de açúcar e de serrar, guindastes guinchos, molinetes etc. Até uma barca de escavação, que foi utilizada na abertura do canal em Magé foi produzida lá. A oficina de galvanização também é citada como uma das principais competências do Estaleiro. [318].

Para termos de conclusão, podemos considerar o empreendimento cafeeiro e industrial totalmente complementares. Uma vez que o crescimento populacional do *rush* do café impulsiona a indústria e a manufatura urbanas, essas também repassam seus engenhosos meios industriais ao cultivo do café que por sua vez, cada vez mais torna-se um produto extensivo de qualidade internacional. As sociabilidades do "progresso" econômico demandam a indústria, a produção de café demanda a indústria e a retroalimenta em algo que pode ser considerado um complemento de uma a outra e vice-versa.

3.3.3 A "Economia Social": conceituação geral

Ao se pesquisar a expressão "economia social" nas publicações da década de 1840, percebe-se que o conceito constantemente aparecia em publicações socialistas. Há registro de vários artigos publicados em diversos países sobre esse novo conceito que agrega outros dois tão importantes para se compreender as dinâmicas políticas que pretendiam cuidar dos temas mais caros a preocupações sociais e as dinâmicas que movimentam a humanidade em conjunto, em sociedade. Assim como a "economia social", a organização do trabalho e dos mercados e indústria seriam essenciais para se repensar a sociedade como um todo.

Para se traçar uma breve evolução histórica da utilização deste conceito, pode-se levar em consideração o estudo de Joaquim Manuel Croca Caeiro, que traz grande

[317]MOMESSO, Beatriz Piva - *Indústria e trabalho no século XIX*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense (UFF) 2007 p.220
[318]CASADEI, Thalitta de Oliveira – *op. cit*. p.120

colaboração para a história desta expressão.[319] Segundo o autor, o conceito de "economia social" surge cerca de 1830, quando Charles Dunoyer[320] publica em Paris um "tratado de economia social". Nessa mesma década haveria surgido na Universidade de Louvain, na Bélgica, um curso com a designação de "economia social".

Surge um conjunto de escolas teóricas para dar conta desse novo problema. As perspectivas diversas desse conceito vão se ampliar nas décadas que se seguem. Mas, os precursores do debate acerca da economia social seriam os discípulos dos chamados "socialistas utópicos".

Dois desses grandes expoentes seriam os estudos de "economia social", realizados por Marcel Mauss[321], defensor de uma economia de socialização voluntária e Benoit Malon[322], cujo tratado de economia social (1883) tinha na sua base idêntica perspectiva; a escola social–cristã reformista, que, pela mão de Fréderic Le Play[323], inaugurou uma sociedade para tratar de economia social e uma revista com o este nome.

Há uma série de outras perspectivas acerca da "economia social". Le Play aprova o desenvolvimento das cooperativas, mas sem transformação radical da sociedade; a escola liberal, de Charles Dunoyer e posteriormente por Frédéric Passy[324]coloca a sua perspectiva teórica na liberdade da economia e no afastamento da intervenção do Estado com recurso ao princípio da "auto–ajuda".

Nessa mesma escola pode-se incluir Leon Walras[325], pela importância que atribui às associações populares, e John Stuart Mill[326] (1806–1873) que na Inglaterra defendia a

---

[319] CAEIRO, Joaquim Manuel Croca - Economia social: conceitos, fundamentos e tipologia. *In*: *Rev. Katál. Florianópolis v. 11 n. 1 p. 61-72 jan./jun. 2008*

[320]Barthélemy-Charles-Pierre-Joseph Dunoyer de Segonzac (1786 - 1862), mais conhecido como Charles Dunoyer economista francês da Escola Liberal Francesa. deu uma das primeiras teorias do ciclo econômico, baseando-se na teoria das crises periódicas de Jean Charles Léonard de Sismondi e introduzindo a noção de economia que alterna periodicamente entre duas fases.

[321] Marcel Mauss (1872 -1950) foi um sociólogo e antropólogo francês, nascido catorze anos mais tarde e na mesma cidade que Émile Durkheim, de quem foi sobrinho. É considerado como o "pai" da antropologia francesa. O grupo de Durkheim, matriz da chamada Escola Sociológica Francesa, visava constituir uma ciência propriamente social.

[322] Benoît Malon (1841-1893) foi um militante socialista, dirigente da Comuna de Paris, jornalista e escritor.

[323] Pierre-Guillaume-Frédéric Le Play (1806 -1882) foi um fisico francês que teve uma grande influência no desenvolvimento da sociologia aplicada devido às metodologias que propôs para estudar determinados fenômenos sociais, considerava a família e o orçamento familiar, fundamentais para estudar as condições sociais. Le Play considerando que estes também teriam obrigações de caráter social para a melhoria das condições de vida, chamou a atenção das entidades empregadoras para que o seu contributo para o bem estar social não terminasse no pagamento do salário aos seus empregados.

[324]Frédéric Passy (1822-1912) foi um político francês. Recebeu o Nobel da Paz de 1901. Fundou, juntamente com William Randal Cremer, a União Interparlamentar. Foi fundador e presidente da Sociedade Francesa para a Paz.

[325] Marie-Ésprit-Léon Walras (1834-1910) foi um economista e matemático francês, conhecido como o criador da Teoria do Equilíbrio Geral. Também descreveu o processo de *tâtonnement* ("tateio", do verbo "tatear", em português), segundo o qual determinado mercado pode atingir o equilíbrio, tendo em conta que o

superação da condição do proletariado através de associações de trabalhadores; a escola solidária, a qual notabilizou-se Charles Gide[327]. Um dos nomes mais marcantes da economia social francesa, que torna concreto o espírito do solidarismo pelo qual seria possível abolir o capitalismo e a condição proletária sem sacrificar a propriedade privada nem as liberdades proporcionadas pela Revolução francesa.

O conceito evolui a partir da ideia de que "A ajuda mútua e a educação econômica através da cooperação podem por si só promover a transformação do homem". Nesse sentido "o mérito principal destas escolas seria o de demonstrar o pluralismo político e cultural que caracteriza os primórdios do desenvolvimento da economia social e que até hoje se mantém".[328].

Com o intuito de se esboçar uma história desse conceito, Gutler indica cinco momentos diferentes: A primeira fase, o que ele chamou de a "gênese da economia social" (1791–1848) Período que seria marcado pela Revolução Francesa e inspirado nas ideias da liberdade, da fraternidade e da igualdade, tendo como resultado o início do movimento associativo ligado ao proletariado e às organizações obreiras. As cooperativas começam também a dar os seus primeiros passos, no sentido de potenciar o emprego e reduzir as desigualdades sociais características do período em questão. O fim deste período teria como marco a pela tomada de Paris (Comuna de Paris) e na tentativa de criação de um governo com base na autogestão exercida pelo proletariado e as ideias de alguns idealistas como Louis Blanc, idealizam no sentido da promoção das associações proletárias e das cooperativas.

Sendo assim, o termo economia associado diretamente como 'social' situa–se numa perspectiva metodológica diferente da economia ortodoxa face à definição do problema econômico, em que "desaparece a dicotomia homem econômico–homem social e em conjunto com os problemas de afetação de recursos se analisam também os relativos à distribuição, condições de produção, desemprego, pobreza e qualidade de vida"[329] Em resumo a economia social: "situa–se na área da liberdade e da função social do ter e do ser ao serviço da comunidade humana e do desenvolvimento harmonioso da sociedade numa

---

equilíbrio geral, conforme delimitado pela matemática, pode não ser possível.

[326] John Stuart Mill (1806-1873) foi um filósofo e economista britânico trabalhos nos campos da filosofia política, ética, economia política e lógica, Defendeu o utilitarismo, a teoria ética proposta por Jeremy Bentham. Foi um dos mais proeminentes e reconhecidos defensores do liberalismo político, sendo seus livros fontes de discussão e inspiração sobre as liberdades individuais ainda nos tempos atuais.

[327] Charles Gide (1847-1932) foi um economista e historiador do pensamento econômico francês.

[328] CAEIRO, *Idem*

[329] BAREA, J.; MONZÓN, J. L. (Dir.). *Libro branco de la economia social en Espanha*. Ministério de Trabajo y Seguridad Social, Madrid, 1992 p. 12. *Apud in*: CAEIRO *op. Cit*.

perspectiva de promoção, simultaneamente, individual e coletiva".

Há um livro de um sansimoniano francês, Constantine Pecquer, que fora citado nos capítulos anteriores intitulado *Notions de la Economie sociale*[330]. Publicado em 1839 demonstra-se alguns pontos acerca desse termo que devem ser observados nesta análise. Na introdução do livro de Pecquer aparece o seguinte:

> A economia social e política, como a contemplamos, é a ciência cujo objeto é a melhor organização não apenas de uma sociedade, mas de toda a humanidade; faz parte da associação universal e da solidariedade. Ela abraçam certos aspectos, ambas as crenças religiosas, os indivíduos e as relações de gênero, hábitos, educação e artes plásticas, a indústria, agricultura e comércio; as leis de produção, distribuição e consumo de riqueza moral, espiritual ou imaterial , bem como as leis de produção, tributação e consumo de riqueza material.
> Mas, de um ponto de vista mais especial, pode-se dizer que a primeira série de leis, a conservação e a perfeição espiritual das sociedades, constituem a economia social, enquanto a economia política é mais particularmente dedicada à conservação material.
> Para nós, porém, a economia abrangerá tudo o que for espiritual e material que possa garantir o objetivo de solidariedade , fraternidade, igualdade e liberdade que a raça humana persegue; em outras palavras, qualquer coisa que possa manter ou aumentar a felicidade de indivíduos e nações . Assim, não só o que é chamado vulgar economia política, mas religião, moralidade, justiça, lei; a constituição do poder, família e propriedade; a lei de herança ou a lei de transmissão de funções e instrumentos de trabalho, em uma palavra, todos os elementos constitutivos das sociedades serão parte integrante da economia social e política, que a partir de então é sinônimo de ciência social.

Aqui fica claro que os conceitos de "Economia Social" e "Ciência Social" seriam sinônimos para Pecquer. Organizar a sociedade economicamente deveria ser com base científica. A proposta de organização seria uma espécie de ciência econômica com foco na resolução dos problemas da pobreza e não apenas em dar continuidade aos projetos burgueses, como costumeiramente surgia em textos burgueses, como será visto mais adiante.

[330] PECQUER, Constantine – *Notions de la Economie Sociale*, Paris, 1839

3.4 Temas complementares ao conceito de socialismo: os artigos com temáticas do "socialismo" no "Socialista da província do Rio de Janeiro".

Neste item serão analisados alguns artigos que possuíam temáticas bastante caras ao socialismo, mas que não haviam sido expressas no manifesto inicial do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro". Algumas visões sobre o "trabalho", sobre a relação dos países no cenário mundial (em especial a América latina) são temas tratados pelo socialista, em artigos diversos, mas que demonstram o tanto que se amplificavam esse conceito, seja seguindo os passos de alguns socialistas notórios ou até mesmo ideias não tão popularizadas pelos socialistas. Alguns desses artigos seriam o: "organização do trabalho" e "politica social" dois destes exemplos de temas que complementam a forma como pensavam os redatores do jornal, a forma como eles trariam questões caras ao socialismo e que dialogassem com a sociedade da época, com os problemas vivenciados no Brasil e na Europa.

3.4.1 A questão do trabalho: organização e o direito. Os novos significados para o conceito de "trabalho" sob a ótica socialista.

No dia 4 de agosto, a segunda edição de "O socialista da Provincia do Rio de Janeiro" há um artigo sobre as colônias agrícolas. Neste artigo sobre as colônias agrícolas há sugestões de "organização do trabalho" para ser empregada no Brasil. A questão da falta de braços para a lavoura, tema que iria impulsionar a imigração para o Brasil e que foi um dos definidores da decisão do governo brasileiro de investir nos colonizadores que participaram da colônia do Saí. Era um tema que estava em debate constante na imprensa dedicada a discutir soluções para o Brasil.

Já no artigo "golpe de vista sobre os partidos em França" publicado na coluna "O Globo" do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" do dia 5 de setembro de 1845, "a organização do trabalho" era vista como um tema que se tornou conhecido a partir do movimento fourierista, mas tendo sido elaborada pelos primeiramente pelos sansimonianos. Nessa explanação há um tipo de valorização da corrente fourierista destacando-se o sistema de Fourier, a divisão que ele faz do "Capital", "Trabalho" e "Talento" no artigo é citado como "o pensamento que fermenta todas as

almas generosas.[331]" A base para essa organização estaria na ideia de Fourier.

Sobre o tema da "organização do trabalho" e o do "direito do trabalho", há uma análise de grande relevância realizada por Luc Marco, que tenta apresentar algumas nuances deste tema ao longo da história e de grande serventia para compreender como este conceito aparece nos artigos do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro". No artigo é demonstrada a disputa sobre o significado da expressão "organização do trabalho" que teria sido sintetizado por Ramon de La Sagra em 1848[332]. O autor revelou a polissemia deste termo e mostra com isso, como o significado varia de acordo com as diferentes escolas científicas.

Na análise de Luc Marco, há duas formas de se perceber as origens da expressão "organização do trabalho". Uma ligada a economistas liberais, que dão significado a essa expressão ligando-a ao uso da expressão "organização social", que divide a organização de sociedade em dois: instruções e riqueza. Já os socialistas consideram essa expressão como um tipo de "ordem", dada aos trabalhadores, que gostariam de receber de seu empregador as melhores condições. De acordo com La Sagra, a nova organização do trabalho poderia ser implementada, quando os economistas compreenderem o fenômeno cientificamente, por completo, calculá-lo e sujeitá-lo à sua vontade[333]. Até que isso aconteça, as mesmas palavras e expressões significam coisas totalmente diferentes.

A relação proposta por Luc marco na verdade diferencia seis campos diferentes, onde essa expressão é usada. O primeiro campo está relacionado à literatura administrativa. A expressão teria aparecido nesta literatura pela primeira vez em cerca de 1791, seis anos após o aparecimento da palavra "comunismo". O segundo campo é o pensamento liberal. O ano possível aqui é 1817, mas muito provavelmente este aconteceu sob a influência das obras de Jean-Baptiste Say[334] e Jean-Charles Léonard Sismondi[335] em 1803. Inicialmente Sismondi era um liberal.

---

[331] O socialista da provincial do Rio de Janeiro nº 15, 5 de setembro de 1845.

[332] Ramón de la Sagra (Corunha 1798 – Paris, 1871) foi um naturalista, economista, sociólogo, intelectual e Político espanhol. Em 1844, ele fundou a *Revista de interesses materialess y morales* . Em 1845, *El Porvenir* , o primeiro jornal anarquista , publicado com Antolín Faraldo.

[333] MARCO, Luc – "*A semantic innovation: the expression organization of labour economic dispute in France between 1791 and 1848* p. 94-95.

[334] Jean Baptiste Say (1767-1832) foi um economista francês, formulador da chamada a Lei de Say. Nasceu em uma família de mercadores de tecidos, fortemente influenciada pelas ideias iluministas. A Lei de Say também conhecida como Lei de mercados de Say ou Lei da preservação do poder de compra [1] decorre do modelo que mantém oferta e demanda em identidade. Foi popularizada pelo economista francês Jean-Baptiste Say com sua explicação sobre o funcionamento dos mercados.

[335]Jean Charles Léonard Simonde de Sismondi, (1773-1842), foi um historiador, ensaísta político e economista suíço. A sua adesão ao liberalismo económico de Ricardo e Smith termina em 1819 com a publicação dos *Novos Princípios de Economia Política* . Pela primeira vez, um economista alude à necessidade de redistribuição das riquezas. Segundo ele, longe de assegurar o bem-estar de todos, o liberalismo económico aumenta a miséria dos trabalhadores porque:a concorrência exerce uma pressão no sentido da redução dos custos de produção e portanto sobre os salários;o ritmo elevado do progresso técnico faz com que os antigos resistam na base da redução de preço e, portanto, dos salários.

O terceiro campo seria a da doutrina de Fourier, que foi desenvolvido depois de 1808. O quarto campo é a diversidade de Saint-Simon, que levou interesse neste fenômeno dez anos depois. Segundo este autor o quinto campo seria referente à chamada "organização progressista", que começou seu desenvolvimento em 1834 foi mais longe. E finalmente, o sexto campo é a posição de Louis Blanc, que de fato não foi sintetizado até 1839, mas que usou o efeito moderno da expressão que expandiu completamente depois de 1832-33[336].

A importância da organização do trabalho na obra de Louis Blanc[337], mencionado no capítulo 1 desta dissertação foi enorme. Com o objetivo de que se criasse um governo forte com o objetivo de proteger os pobres contra os ricos. O governo deveria fazer um papel de regulador supremo do trabalho para garantir seu trabalho de até oito horas. Igualmente os "ateliers sociaux" seriam um dos principais pontos[338]

Segundo Françoise Furet essa divisão da evolução do termo "organização do trabalho" em seis teria a ver diretamente com os posicionamentos políticos que se desenvolvem depois da revolução francesa sendo eles: A direita dividida em liberais e conservadores, o centro foi apresentado por centristas da direita, e centristas da esquerda, e, a esquerda dividida em socialistas e comunistas.

Em um dos textos do "Socialista da Província do Rio de janeiro", é demonstrada a preocupação com a organização do trabalho e por sua vez com o "direito do trabalho", algo que segundo o texto poderia ser o único meio de segurar ao mundo uma era de paz, prosperidade e ventura. Divide-se o direito do trabalho em duas espécies: o dos adultos, que seria a labuta e o da "mocidade" que seria a educação.

O artigo em questão divide em dois os tipos de colônias que deveriam se empregar para que esse direito fosse assegurado aos excluídos, aos que não poderiam se inserir no mundo como se organizava naquele momento.

Cada uma dessas colônias teria uma finalidade: de prevenir que se ocorram os males provenientes da desigualdade e o outro, corrigir os males que já eram observados pelos que

No artigo "A organização da agricultura": um tema auxiliar a ideia de economia social, também surge a ideia de organizar o trabalho agrícola:

---

[336] GARNIER, 1843 p. 31 *Apud* in Marco, Luc - *Idem*

[337] Louis Jean Joseph Charles Blanc (1811-1882) foi um socialista francês. Em 1839, publicou "A Organização do Trabalho", obra que critica a economia liberal e a concorrência exacerbada que levaria à miséria aqueles que nada possuíam. Opõe-se aos patrões e convoca os operários a se associar para defender seus direitos. Defendia uma economia guiada pela fraternidade

[338] LEFRANC, Georges – *Histoire des doctrines sociales dans l`Europe contemporaine*. Aubier, Paris, 1960. p.237.

> A obra da organisação agricola pertence, pois essencialmente á nossa época, e sobre nós pesa a sua responsabilidade.
>
> Numerosos symptomas indicando que o tempo he vindo de preparar esta grande obra protestão contra a actualidade das reformas; as outras industrias tem ganho um desenvolvimento extraordinario; os trabalhos manufactureiros e commercio se affastão cada vez mais da agrigultura, e não se combinando com ella, atrahem inconsideravelmente ao interior das cidades legiões de obreiros, sem dar-lhes garantia alguma, em quanto a agricultura carece de braços, de capitaes e de sciencia.[339]

E termina o artigo tentando dar impulso ao apelo das grandes conquistas do maquinário e da técnica para serem empregados no trabalho agrícola, em especial ao que concerne os "caminhos de ferro" as ferrovias que colaborariam demasiadamente para o transporte e a agilidade da produção agrícola:

> Para chegar a dotar a agricultura com instituições favoraveis a seu desenvolvimento, se sacrificios são necesarios ninguem póde mostrar-se ciumento: augmentando os productos da terra se cria por ventura nova fonte de prosperidade para o commercio e para as manufacturas? Os caminhos de ferro, essas empresas gigantescas que absorvem os capitaes de uma maneira tão exclusiva, e elevão no seio da sociedade as controversias mais oppostas, ligão-se absoluctamente com a organisação lata e intelligente da agricultura; he pois uma revolução bem pacifica e proveitosa a todas as classes que a industria quer effectuar; ella tem sede de conquistas mas de conquistas que se obtem combatendo com as armas da sciencia e do trabalho.[340]

A relação desses socialistas com a questão trabalhista fica clara no que eles publicam em seu anúncio das comemorações fourieristas ocorridas aqui no Rio de Janeiro ao longo dos anos de 1844 e 1845. No texto do jornal em que eles convocam as pessoas para o "banquete societário" dizia que seriam os "amigos da organisação do trabalho". As pessoas simpáticas à causa da associação que sem repartir todas as esperanças da escola societária.[341] Essa era uma denominação dos socialistas fourieristas, os "amigos da organização do trabalho".

Mas, há uma outra preocupação com a "organização do trabalho" por parte dos redatores do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" No dia 1º de outubro de 1845 publicaram um debate da Assembleia francesa em que se discutia a forma de se realizar a emancipação dos escravos nas

[339] *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro,* nº8 20 de agosto de 1845, p.1artigo: "organização da agricultura"
[340] *Idem*
[341] *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro*, nº8 22 de setembro de 1845, p.1 artigo "o sete de abril"

colônias francesas. O destaque seria para as falas do deputado M. de Makkau[342] que dizia:

> M. DE MACKAU (ministro da marinha): - Não exito em dizer que o primeiro sentimento que nos moveo foi da humanidade, porque he impossivel que um homem de bom coração recuse soccorrer aos desgraçados negros de nossas colonias, porêm julgamos tambem que a emancipação dos pretos não deve ser uma espoliação para ninguem nem tambem ser separada de uma justa e franca indemnidade (movimento) Uma segunda disposição não será menos dispensavel, he a que consiste na organização do trabalho livre, o governo mostrou que o comprehendia, porque submetteo á camara um projecto consistindo em dar começo ás experiencias
>
> (...)
>
> M. DE MACKAU: - Logo que impozermos ao escravo que se libertasse a obrigação de trabalhar temos em vistas uma medida util para elle mesmo, porque o trabalho livre he um meio de civilização e de moralisação para os senhores tambem, porque não desorganisa o trabalho. Com tudo se um senhor quer descarregar seu escravo tem mil maneiras de o fazer.[343]

Na sequência desse artigo que demonstra como que a organização do trabalho deve se operar, algo discutido com foco também no fim da escravidão, em tentar criar meios para reorganizar o que haveria de acontecer com os ex-escravos. Essa representação feita na assembleia francesa, referindo-se às colônias francesas que ainda mantinham a escravidão. Esta representação sendo transcrita num periódico do Rio de Janeiro demonstra o quão caro era para os redatores das matérias do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" demonstrar que estavam pensando soluções para o trabalho escravo, como organizar a população escravizada em um novo regime de trabalho.

Mas não apenas na frente do abolicionismo se discutia a "organização do trabalho". O jornal também versava sobre as condições dos operários na França e na sequência dessa transcrição de falas dos deputados franceses, há um artigo na coluna "Variedades" que nada mais é que uma resenha do livro de Mathieu Briancourt[344] intitulado: "organização do trabalho". Nesta resenha diz que esta organização deveria ser feita por meio da "ciência social", combatendo-se o

[342] Ange René Armand, Barão de Mackau (1788 - 1855) foi um oficial e político da Marinha francesa. A lei de Mackau que ele instigou como ministro da Marinha e das Colônias abriu o caminho para a abolição da escravidão .

[343] *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro*, 1º de outubro de 1845, p. 2

[344] Mathieu Briancourt (1793 1882) Trabalhador e propagandista fourierista, autor de artigos e livros. Em 1845, ele publicou *A Organização do Trabalho e a Associação* onde tenta provar que a ideia de organização do trabalho é fourierista e afirma que, além da escola social, não existe nenhuma organização de trabalho que seja viável. Seu texto, apresentado em forma de diálogo e estruturado em três partes ("o trabalho anárquico", "o trabalho organizado", "o homem é criado para a associação").

liberalismo:

> Debaixo do titulo *a organisação do trabalho e a associação* o Sr. Mathieu Briancourt deo á luz em Paris um livro que offerece o resumo mais claro e mais completo ao mesmo tempo de todos os princípios da Sciencia Social, e apresenta da maneira mais saliente a critica da sociedade actual e a indignação organica da sociedade futura.
>
> Na primeira parte desta obra o autor passa em rapida revista todas as miserias da nossa época social. Póde-se mesmo dizer que, sem duvida com medo de ser taxado de exageração, não carregou bastante as tintas deste lamentavel painel. Limitando-se a uma vista geral, esboçou os effeitos da concurrencia illimitada e da funesta doutrina dos economistas: - *Laissez faire, Laissez passer* - Nota elle as contrariedades, os embaraços, os logros que encontrão os que querem seguir a carreira dos empregos publicos; depois as desordens que resultão da relaxação dos laços de familia, dos casamentos inconsiderados, dos processos, dos furiosos ataques de partidos no campo da politica &c. &c., todavia não insiste, como era de esperar nos soffrimentos peculiares á classe trabalhadora.

O autor do artigo critica o fato de "nenhuma palavra disse elle da actual organisação da nossa sociedade, aonde quasi sempre os serviços parecem ser retribuidos na razão inversa da sua importancia e da sua utilidade". Para ele, deveria ser necessário expor mais as injustiças vividas pelos trabalhadores para que a nova organização pudesse tomar corpo.

A segunda parte do livro traria a solução para o trabalho excluindo-se qualquer tipo de empecilho que se possa considerar. Para Briancourt: "A base desta organisação he a associação voluntaria e livre; para estabelecel-a, nem se precisa de mudança de governo, nem de reformas politicas ou religiosas".

> Na segunda parte, o Sr. Briancouri, entrando em materia, faz a exposição da organisação do trabalho como elle a concebe. O mechanismo he muito simples, e o autor explicou com uma clareza que nada deixa a desejar.
>
> Elle mostra como esta organisação se fosse effeituada, havia de substituir as vantagens de suas qualidades aos receios e contracensos da nossa actual sociedade, como a producção, crescendo n`uma tão considerável proporção, o salario do trabalho poderia augmentar, e no mesmo tempo augmentaria os lucros do fabricante, e os rendimentos do proletario. A base desta organisação he a associação voluntaria e livre; para estabelecel-a, nem se precisa de mudança de governo, nem de reformas politicas ou religiosas.
>
> Esta organisação póde ser applicada á todas as formas de socieade, tanto na Turquia como na França, tanto nos dominios do autocrata absoluto da Russia como nas Republicas federativas.

Nesta terceira parte menciona-se a qualidade de vida do trabalhador que deve ser preservada. Mas, não apenas como fruto de uma condição que poderia aumentar o rendimento do trabalhador e a sua felicidade no trabalho, também seria reverenciada a ideia de manter-se sob os preceitos cristãos de compreensão e empatia frente a realidade dos outros. Invocava-se a caridade dos cristãos para a nova organização do trabalho que deveria respeitar a qualidade de vida

> Na terceira parte o autor trata de provar que a organisação do trabalho productivo acha-se conforme á natureza do homem; que ella, não sómente deverá contribuir a manter a saude do trabalhador, e a tornar as povoações mais robustas, mas tambem que ella tende a desenvolver poderosamente os sentimentos affectuosos que Deos tem infundido no coração do homem e que a opposição dos interesses, na organização actual, faz calar ou abortar. O melhoramento moral há de seguir o melhoramento physico; a ordem succederá á anarchia, a benevolencia reciproca tomará o lugar da luta odiosa e apaixonada.
>
> Toda esta parte da obra leva o sello de um profundo sentimento religioso; não he a exposição de um espirito systematico que estabelece friamente as suas concepções; he a obra de um homem doptado de uma viva sensibilidade, que soffre dos soffrimentos do trabalhador, e que procura achar-lhes um remedio, com a fé, a caridade de um verdadeiro Christão. Seria util que se lesse no Brasil o livro do Sr. Briancourt a todos os homens de boa vontade amigos do progresso.
>
> Y.

Os “amigos da boa vontade” seria uma forma de demonstrar toda a conformidade que ele tem com o positivismo.

3.4.2 O artigo "Política social" e o socialismo internacional: A união dos povos do continente americano e a soberania do continente frente à Europa.

Outro tema de grande relevância para o pensamento socialista teria sido exposto no artigo "Política Social". Neste artigo surgiria a exposição de um tema de aplicação internacional: a relação que deveria ser proposta entre os países do mundo para um convívio harmônico. Este artigo foi publicado em três etapas diferentes, iniciando-se no dia no dia 12 de setembro de 1845, no número 17; no dia 15 de setembro de 1845, no número 18 e depois o terceiro e derradeiro artigo é publicado no dia 3 de outubro de 1845 no número 26.

O artigo inicia-se criticando ferozmente a forma como a Inglaterra agia com os países da América, incluindo especialmente o Brasil, impondo "leis aos povos americanos", "para intervirem nos conflitos civis no novo mundo" utilizando-se da força militar para "encobrir debaixo da capa de *humanidade* [grifado pelo autor], interesses particulares.[345]" A crítica aqui seria quanto ao "atrevimento" por parte da Inglaterra de usurpar os direitos individuais de cada país. Aqui, refere-se a um "bill" inglês que permitiria que os tribunais ingleses julgassem os brasileiros. O comentário aqui menciona o fato se tornar mais espantoso ainda por se tratar do século XIX, século em que a expansão das liberdades de cada nação se operava, grande parte capitaneadas pela mesma Inglaterra e a França, principais potências do período.

Depois menciona uma das questões que ficaram conhecidas como "questões do Prata" . Nesse caso, é mencionada a guerra civil uruguaia. A crítica estaria na intervenção das nações europeias nessas questões. Esse tipo de intervenção realizada por parte de Inglaterra e França foi identificada como algo que poderia "aniquilar o livre arbítrio dos estados da America" demonstram o repúdio e a inadmissibilidade da intervenção de uma nação em outra.

Após essa exposição, viria a O grande destaque deste artigo seria a sugestão de uma "marinha neutra" que transformasse todas as relações internacionais em prol de uma fraternidade coletiva. O autor diz que essa proposta seria algo já bastante divulgado pelo jornal "Democracie Pacifique", um importante órgão do socialismo, como já visto nos capítulos anteriores.

Ela seria a capaz de acabar de vez com o "desumano tráfico da escravatura."[346]

Como exemplo, cita a função desempenhada pela "ordem de Malta"[347] que no período das

[345] O socialista da Provincia do rio de Janeiro, 12 de setembro de 1845 p. 1
[346] *Idem*

cruzadas, uma luta conjunta dos povos cristãos contra os infiéis. De qualquer maneira, a tarefa seria a de existir um tipo de "polícia internacional" também chamada de "polícia dos mares" para que os conflitos internacionais fossem resolvidos sem que se operasse uma divergência entre interesses de nações mais fortes ou mais fracas no cenário internacional, mas a proteção garantida de que todos poderiam gozar de uma paz somente presente sob a neutralidade de uma força armada neutra e vigilante contrária aos abusos daqueles que se impõem como mais fortes e mais influentes que as outras nações.

A sugestão de que todas as nações contribuam com contingentes para essa finalidade é exposta no artigo como uma chamada a esse fim, de "merecer uma consideração que as potências europeias querem-lhe denegar".

Na edição de 15 de setembro de 1845, dando continuidade ao artigo "política social", frisa a "questão do rio da prata" e o abuso dos ingleses e franceses nessa questão. A guerra ali promovida já estaria atrapalhando o desenvolvimento desses países deixando os sem "braços para às cultivar," algo que geraria um grande déficit no desenvolvimento das indústrias, dos melhoramentos na produção.

E esse seria uma das principais preocupações que expõem os autores deste artigo. A abertura dos rios Paraguai, Uruguai e Paraná, traziam sérios problemas à soberania dos países da América do sul. O interior do Brasil também estaria ameaçado pela livre navegação de embarcações europeias que, sem nenhum tipo de policiamento poderiam ficar a mercê de algum tipo de ameaça tanto à soberania como à paz no continente.

Como resposta a isso, o artigo da uma resposta "à luz da ciência social". Utilizando com exemplo a "Santa aliança" e seus feitos para manter a paz na Europa, citando-se exemplos como Portugal, Grécia, os reinos de Piemonte e Nápoles, todos pacificados sob a ótica da união dos estados fazendo da paz um dos fatores mais relevantes para a manutenção da paz, a condição mínima para a tomada do "progresso".

O autor ressalta o progresso do que ele chama de "verdadeiro socialismo" que desde 1830 vem pregando a paz universal. Cita essa paz como o "sonho" do Abade de Pierre e das tentativas similares feitas pelo rei Luiz Felipe.

A essa união dos países como o caso da Santa Aliança ele chama de "laço social"

A política social estaria associada a uma irmandade entre os países, o conceito de

[347]A Ordem de Malta ou Cavaleiros Hospitalários (oficialmente Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta) Organização internacional católica que começou como uma ordem beneditina fundada no século XI na Palestina, durante as Cruzadas, mas que rapidamente se tornaria numa ordem militar cristã, numa congregação de regra própria, encarregada de assistir e proteger os peregrinos àquela terra e de exercer a caridade.

"socialismo" se estenderia nesse sentido. Citando a "Santa Aliança"[348] e seus feitos demonstrando como essa aliança teria promovido a paz, ao interesse da prosperidade entre os povos. Os estados conclamados a liderarem no norte centro e sul da América seriam, respectivamente: Estados unidos, México e Brasil.[349].

A questão da abertura do canal do panamá também foi muito cara a essa proposta pois com esse feito poderia ampliar a comunicação, a melhora na circulação de mercadorias e a otimização do transporte, temas muito caros aos sansimonianos que desejavam tanto o canal do Panamá como o de Suez, que nesse mesmo período também era comumente posto em pauta por parte daqueles que buscavam transformações que deveriam ser operadas para a concretização desses feitos.

Mas sua realização por meio dos governos britânico e francês é repudiada e a América jamais deveria admitir que um desses países externos a América deveriam tomar essa frente. A canalização do istmo do Panamá também deveria ser feita por meio de um princípio neutro sendo usufruído por toda a América.

Na sequência o texto, publicado no dia 17 de setembro de 1845, dá um novo significado ao termo "socialismo":

> Já temos dito, já temos demonstrado que o socialismo deixou de ser uma mera illusoria utopia. Principio verdadeiro e eterno, foi ele que conduzio o homem aos laços da familia; as familias aggregarão-se e formarão tribus, cidades, nações; hoje o socialismo tende a associar os povos. He isto um facto innegavel de que a Europa que já he quasi socialisada; a Europa onde ve-se as cinco grandes potencias de accordo para substituirem a paz e a tranquilidade, á guerra e seus males, á commoções politicas que abalem a prosperidade dos povos, os interesses geraes da humanidade[350].

Socialismo aqui seria identificado como paz entre as nações, o socialismo seria o que conduz as pessoas a se reunirem sejam em famílias, tribos, cidades, nações e para aquele tempo, socialismo seria uma forma de "associar os povos". Um tipo de associação que colaboraria com a paz e a harmonia entre os povos, assim como a mútua colaboração em questões de conflito internacional em contextos locais e globais.

O objetivo da criação dessa liga americana não seria de se contrapor a liga europeia, não se trataria de competir com a Europa, mas sim apregoar a associação dos povos e apenas isso.

---

[348] A Santa Aliança foram duas coligações criadas pelas potências monárquicas da Europa: Império Russo, Império Austríaco e Reino da Prússia. A sua criação foi uma consequência da derrota final de Napoleão Bonaparte pelo Czar Alexandre I e selada em Paris, no dia 26 de Setembro de 1815

[349] *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro*, 15 de setembro de 1845, p. 2

[350] *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro*, 17 de setembro de1845nº 19 p. 1

O texto menciona que na Europa dizia-se que não havia uma política antiamericana. No artigo segue-se uma sequência de abusos cometidos por europeus nas Américas, em especial ingleses que: tomaram as Malvinas da Argentina, tomaram um território na américa central, (atual Belize, antigas Honduras inglesa), os apresamentos de navios negreiros, e a tentativa inglesa de se assenhoriar da Califórnia. Da questão da França no Brasil, cita o caso da Guiana francesa que seria uma forma de se apossar de parte da Amazônia.

A grande preocupação seria com o Imperialismo promovido por esses dois países: França e Inglaterra seriam os maiores agentes de conquistas na Ásia e na África, algo que estava em franco desenvolvimento nesse período e não seria diminuído ao longo do século XIX. Importante tema do artigo seria demonstrar o quão falaciosa seria essa tentativa de manter um tipo de interesse das Américas

E demonstrando como as ações são demasiadamente anti-americanas, toca num ponto de extrema importância: a escravidão.

> Não he uma politica anti-americana que levou a Inglaterra a tomar de accordo com a França novas medidas para a repressão do trafico da escravatura que altamente reprovamos em principio, mas que he ainda necessario para muitos estados americanos até que uma emigração europea em harmonia com as necessidades da agricultura venha dar, d`aqui a 59 annos novas gerações que possão aguentar o clima americano e o trabalho entre os tropicos não ha europeo que possa resistir. Por maiores que sejão os embaraços da importação dos africanos escravos, não o poderão obstar de todo, e o único resultado será torna-los mais perigoso. Porque, seguindo outro systema, não concordão as nações da importação de africanos livres como colonos?

Aqui o artigo menciona a crescente repressão ao tráfico de escravos por parte dos países europeus ressaltando o caráter de interesse próprio, como fruto não de uma humanização destes países, mas de um tipo de nova necessidade que surge com os paradigmas da sociedade capitalista.

Quanto aos escravizados o autor do texto deixa explícito que a existência destes seria fruto de um regime de trabalho abominável. Segundo o autor, algo que ele "repudia veementemente", e sugere que os latifundiários contratem africanos para trabalhar nas Américas sob o regime da liberdade, possuindo o mesmo status que os colonos brancos. Outra sugestão seria a de convocar europeus para colonizar a América, algo que já estava no debate político, inclusive sendo um dos motivadores da experiência do Saí que teve como principal motivador do apoio do Imperador exatamente nesta questão que era tão cara e tão discutida nesse momento que seria a colonização do Brasil através da criação de colônias agrícolas com mão de obra livre para dar conta da enorme

demanda do território brasileiro.

Em resumo essa liga americana deveria apenas conduzir à harmonia entre as nações, motivadora dos socialistas:

> Queremos uma liga Americana que possa oppôr-se as exigencias às vezes exorbitantes das potencias europeas; que possa estabelecer uma justa reciprocidade, concedendo na America as vantagens que á America retribuir á Europa n`uma palavra, que a associação dos estados americanos, formando um concerto harmonioso possão tratar com a associação dos Estados da Europa de potencia a potencia; só então haverá um accordo perfeito; e os interesses materiaes discutidos de boa fé, sem prejuizo de uma ou outra parte, serão regulados de tal maneira que para todos haverão vantagens reaes, para todos prosperidade e augmento de riquezas. Tal he o sentido da nossa idéa de liga americana muito differente do que nos emprestarão[351]

[351] *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro*, 17 de setembro de 1845, p.2

3.5 O Socialismo e seus contrários: conceitos e contraconceitos.

Neste tópico será feita uma análise dos "contraconceitos" do socialismo, ou seja, uma análise dos termos que seriam os diretamente inversos ao "socialismo", que seriam os avessos dessa ideia, ou conceitos que se confundem com este por possuir alguma afinidade ideológica, se situando como "paralelos" mas que podem confundir uma busca apurada pelos significados. Segundo Koselleck: "os antônimos de cada termo devem ser também investigados para evidenciar os antagonismos políticos". Esta tarefa teria uma grande importância para se definir os conceitos, "para definir o conceito deve-se incluir conceitos paralelos ou contrários, reportando-se a outra noção geral ou particular, registrar a interseção entre as duas expressões.". Sendo assim, a História dos conceitos propõe "alterar as questões semasiológicas e onomasiológicas, a história material."[352]

Neste item será feita a análise de dois contraconceitos: "liberalismo", o diretamente inverso ao "socialismo" e o conceito de "comunismo" um termo tido como paralelo ao "socialismo" por ser fruto de utopias sociais que se desenvolvem juntamente com a sociedade industrial e burguesa.

3.5.1 – O "socialismo" contra o "liberalismo"

Neste subitem será feito uma apreciação de um termo que seria o antagonista do termo "socialismo" o termo liberalismo. Aqui será feita uma análise de como que esse termo surge primeiramente nos dicionários, como um desdobramento do termo "liberal". Depois, sua aparição na imprensa fluminense e no "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro".

Nessa tarefa de análise do conceito de "liberalismo" nos jornais será dividida na tentativa de percepção do termo sendo defendido por escritores liberais, mas principalmente da crítica que seria feita ao conceito não apenas pelos "socialistas", mas por outros setores políticos que não se identifiquem e nem sejam representantes do "socialismo", mas de algumas alas conservadoras,

[352] KOSELLECK, Reinhart – *Futuro Passado*, 2008 p. 113.

monarquistas e demais políticos que professassem repúdio ao liberalismo, numa tarefa de tentar estabelecer pontos de contato entre esses dois modos de se repudiar o liberalismo.

O principal ponto seria tentar descobrir como que se daria o embate entre os que pregam o "socialismo" e o "liberalismo".

O Liberalismo e a política brasileira

Há um item de extrema relevância para o item de contextualização política neste trabalho deve ser pontuar como se operava o liberalismo no Brasil ao tempo do jornal em questão. Sendo o ideal de Socialismo um antagonista direto dos ideais do Liberalismo, aqui deve-se pontuar qual o liberalismo que foi abraçado pela classe política brasileira e qual foi o resultado das práticas que eles empregavam nas suas atuações nas câmaras e assembleias do país.

A tarefa também abarcará a necessidade de perceber-se que a forma como o partido progressista, cuja política também era direcionada para a ideologia liberal empregava seus meios. Qual seria a atuação política desse partido? Como eles desejavam que se conduzisse a política e a economia do país? Quais seriam os projetos que aspiravam aqueles que construíram a versão brasileira do liberalismo? A tarefa seria de elucidar como os progressistas desejavam que o país avançasse nas veredas dessa política econômica.

Para compreender-se melhor o pensamento liberal aqui no Brasil, há que se perceber quais seriam as nuances e os desdobramentos da recepção desses ideais pelos intelectuais brasileiros desse período. A composição ideológica escolhida, a inspiração desses intelectuais deve ser esmiuçada assim como a percepção do contexto em que se poderia ambientar o liberalismo no Brasil, como se deu a implementação de uma ordem liberal num país onde vigoravam a ordem senhorial e escravista.

A visão de que os estudos ibero-americanos seriam parte de um "outro ocidente", pode ser utilizada para compreender a forma que o liberalismo assume no Brasil.

Oswaldo Munteal Filho[353] observou a especificidade do estado português através de uma profunda análise desde a formação do Estado, em suas características fundamentais, englobando o momento em que Portugal empreende suas colônias ultramarinas. Nessa análise é demonstrada a absorção dessa mentalidade por parte dos administradores da colônia, moldando os governantes

[353]GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal (org); PRADO, Maria Emilia (org) – *O Liberalismo no Brasil Imperial: origens, conceitos e prática.* Revan UERJ, Rio de Janeiro, 2001. p. 43

desde a época dos descobrimentos em diante, dando contornos diferenciados à forma como o liberalismo vai se desenvolver na colônia brasileira recém-independente.

Na análise de Maria Emília Prado[354], essa ordem senhorial enraizada no Brasil bloquearia o acesso à terra e capitais por parte de homens livres assim como a escravidão tolhia as liberdades de uma grande parte da população brasileira. Comparativamente, no caso norte-americano os debates sobre a liberdade humana, tolhida pela condição escrava, não eram apenas de ordem religiosa, mas também as ideias do direito natural e do pensamento Iluminista.

No Brasil Independente, as análises sobre como a escravidão colaboraria de maneira degenerativa à lavoura e ao incentivo da industrialização surgiram e foram ganhando corpo iniciando um denso debate nesse sentido. José Bonifácio de Andrada na sua famosa representação à Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil[355] já tentava expor essa necessidade de abolir-se a escravidão para o melhoramento do país, assim como para o desenvolvimento de uma nova realidade econômica brasileira.

Durante todo o Império, a tarefa de negociar essa contradição da escravidão com o liberalismo e a noção de civilização construída pelo mundo das luzes foi empregada de maneira a ser um mote constante até o momento da abolição dividindo as assembleias. Essas assembleias, por sua vez eram compostas por membros que chegavam a elas ou fruto de um voto censitário que continha um caráter excludente ou por meio de fraudes que no geral caracterizava um poder que era formado "de cima para baixo".

Na análise de Raimundo Faoro, a independência não teria suprimido a tradição formadora do Brasil que fazia permanecer os estamentos que vingavam na Colônia, mas também ressalta como as ideias importadas da Inglaterra e França, seriam: "assimiladas de atropelo" pelos políticos brasileiros[356]. O bacharelismo exacerbado divergia da educação agrária de um país que não valorizava o trabalho agrícola.

O império Brasileiro possuía uma contradição fundamental: a aspiração de integração à civilização, convivendo cotidianamente com a presença da escravidão. O Estado que surge após a independência, que foi levada a cabo por conta da crença em ideais de liberdade que contagiava a atmosfera ocidental, manteve inalterada a escravidão. Essa instituição impedia a ação individual, um dos pressupostos mais básicos para o liberalismo e colaborava para o decréscimo da

[354]PRADO, Maria Emilia – "ordem liberal, escravidão e patriarcalismo: as ambiguidades do Império do Brasil" *in* GUIMARÃES e PRADO (orgs.) *op. cit.* p. 164

BONIFACIO, José, - [355]*Representação à assembleia geral constituinte do Brasil sobre a escravidão 1823. Esse escrito de José Bonifácio pode ser considerado um grande manifesto de um projeto liberal para o Brasil.*

[356]FAORO, Raymundo – *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 5a edição São Paulo, Globo 2012. p. 445

lucratividade da lavoura que seria mal explorada por esse sistema que ensejava muitos prejuízos por conta do mal aproveitamento dos serviços prestados pelos escravos.

O sentido da liberdade, numa sociedade patada pela permanência da escravidão, é o que importa resgatar. Sem dúvida que o binômio senhor/escravo representava, não apenas os extremos da sociedade, e aquilo que dava o tom das relações sociais, o que não implicava numa inexistência de uma camada intermediária. Mas, em um mundo onde as relações de produção estavam estabelecidas pela escravidão, existia pouco espaço para os homens livres que não fossem grandes senhores de escravos. Isto resultava que a eles estaria reservado um papel secundário, intermediado pelos grandes proprietários de terras e de escravos. Esta situação contribuiria de modo decisivo para desqualificar o trabalho aos olhos do homem livre que, por outro lado, vivenciava nessa sociedade um processo de desclassificação.[357]

Afinal, era extremamente difícil a penetração do ideário liberal nessa sociedade cujo corpo político e social estava impregnado de uma concepção profundamente hierarquizada.

Para a realidade dos engenhos de açúcar do Nordeste, a vida para os homens pobres se apresentava menos irregular, uma vez que constituíam o complexo canavieiro com funções mais definidas. Isto porque devido à natureza do empreendimento, fazia-se necessário que o grande senhor de engenho dividisse com lavradores independentes os custeios e as eventuais perdas que se dessem na produção canavieira. Dessa forma, homens livres tinham acesso à propriedade (de terras e escravos) e, mais que isso, tinham lugar, possuíam função e ocupação definidas.[358]

Quem vivenciaria uma realidade bem diferente dessa seria homens livres que desbravavam e se aventuravam no território adentro, fora dos centros dinâmicos da economia: Rio de Janeiro, Nordeste e Minas Gerais, pois livres da presença do grande proprietário e de todos os parâmetros e regras que caracterizava a sociedade então constituída: hierarquia, autoridade, tradição, família, sangue e pretensões aristocráticas. Estes lograram constituir um modo de vida onde as relações sociais eram estabelecidas de forma menos hierarquizadas, sendo mais independentes e por sua vez, mais igualitárias.

[357]PRADO, *Idem*, p. 174
[358]*Idem*, 175

O "liberalismo" nos dicionários: uma breve história de um conceito.

A compreensão do termo "liberalismo" também deve ser feita em uma perspectiva histórica desde seu surgimento para que possa ser feito esse embate, um sendo tomado como um contraponto do outro.

O termo "liberal", adjetivo e nome foi tomado (por volta de 1175) da palavra latina "*liberalis*" que derivaria de "*liber*" (livre) que, como "*Ingenuus*" (nascidos livres) e "*generosus*" (generoso) passou a significar literalmente "a respeito de um homem livre" figurativamente psicológica " digno de um homem livre ", isto é," benéfico, generoso ".

"Liberal" apareceu com o sentido etimológico, "de um livre homem digno" saiu de uso, mas permaneceu realizada nas frases de "artes liberais" (v.1210; artes tradução liberal) (1190), educação Liberal (1755) e especialmente a profissão liberal (1845).

Como termo político, "liberal" foi atestado pela primeira vez em 1750 (d'Argenson[359]); no entanto, o conceito realmente recebe seu certificado de nascimento com a Revolução Francesa e a palavra se espalha sendo bastante usada por volta de 1800. Ela se aplicava às liberdades políticas defensores e desempenha um grande papel nas representações políticas do século XIX em diante. Os partidos de orientação "liberal" se opunham aos ideais defendidos por conservadores e monarquistas e logo depois também aos socialistas (1848).

Por extensão, o termo liberal também qualificaria um amplo estado mental, tolerante em questões sociais e políticas. Nesse sentido, a palavra ganha forma como conceito econômico nascido como reação de uma das restrições de Colbert[360] desenvolvidas pelos fisiocratas (Quesnay[361] 1758) e modelados pela reflexão de Adam Smith (1776). No século XX, seu valor é modulado de acordo com os valores políticos e econômicos assumidos pelo liberalismo (abaixo).

O termo: "liberais" como advérbio tem seu surgimento por volta do século XIII e rapidamente foi empregado livremente no sentido de "de livre vontade", então "generosamente"

[359] René Louis de Voyer de Paulmy, 2º marquês d'Argenson (Paris, 1694 — castelo de Segrez, 1757) foi um estadista e escritor francês. Foi Secretário de Estado para Assuntos Externos de Luís XV de 1744 a 1747, mas é especialmente conhecido por suas obras literárias e históricas, especialmente suas *Mémoires* e seu *Journal*.

[360] Jean-Baptiste Colbert (Reims 1619 — Paris, 1683) foi um político francês que ficou conhecido como ministro de Estado e da economia do rei Luís XIV. Instalou o Colbertismo na França, onde teve uma grande importância no desenvolvimento do mercantilismo ou da teoria mercantilista, bem como das práticas de intervenção estatal na economia, que o mercantilismo adotava.

[361] François Quesnay — (1694 - 1774) foi um médico e economista francês que se destacou como principal figura da escola dos fisiocratas..

(v. 1370) significa mais raramente, "de acordo com a liberdade" (1800), em particular na política (1835)

Os outros derivados do termo liberal se relacionam com o significado político-econômico da palavra. O primeiro que apareceu foi “liberalize” (1785), provavelmente influenciado pelo inglês "*liberalize*" (1774), que torna-se difundido no século XX. Deste termo surge a “liberalização” (1950), já proposto por Richard de Randonvillers em 1842, pode ser da palavra inglesa correspondente (1835).

Segundo o dicionário histórico de Alain Rey o termo “liberalismo” teria surgido em 1818 no “Maine de Biran”, onde primeiro definiu a doutrina dos liberais franceses antes de tomar seu significado moderno em política e economia que seria o de fazer oposição ao “estatismo” e ao “socialismo”.

Por extensão, designa um estado de esperança liberal, então às vezes sofrendo a influência da liberalidade.

O desenvolvimento da oposição ao “liberalismo” levou à criação de “antiliberal” (1815) e “antiliberalismo” (1842), assim como a palavra “libertária” que surge de maneira pejorativa (1866) como "pessoa que idolatra a liberdade". Esse termo era aplicado aos partidários e membros do terceiro partido de Emile Oliver.

Seguindo esta evolução, o termo “liberalidade” (1213), representante da derivada latina *liberalitas* "generosidade, dom", corresponde à noção psicológica de generosidade e refere-se concretamente (1500) a uma qualidade generosa. No século XIX ele passou a ser liberal, com a ideia de uma atitude tolerante, uma abertura da mente (1802).

O Liberalismo em jornais da década de 1840

Aqui neste item será feito um apanhado de algumas formas como se utilizavam o conceito de “liberalismo” nos diversos jornais do Rio de Janeiro. O momento político vivido na década de 1840 influenciou a imprensa e as ideias que se desenvolviam. Jornais Regressistas, contrários aos ideais liberais ganharam muita força e a política Regressista estava em um momento de estabilidade e ascenção, como já visto no capítulo 1 desta dissertação.

No periódico “O maiorista”, jornal publicado aos anos de 1841 e 42, anos

sequencias ao "golpe da maioridade" o termo "liberalismo" vem associado de uma carga enorme de repulsa por tudo que o Brasil viveu desde os anos de 1831 até a retomada do governo pelo monarca Pedro II. O artigo "architectos das ruinas" descreve a atuação dos liberais e os termos associados ao liberalismo seriam: "anarquia" e "liberdade impossível"[362]

No "ostensor Brasileiro" no ano de 1845, a ênfase seria a de colocar o liberalismo como um tipo de solução contra os extremismos políticos. O termo aparece como "um justo meio entre os extremos do poder despótico e furor popular"[363] em artigo que defende a monarquia constitucional. O liberalismo seria visto como algo necessário para se equilibrar os extremos, para que a política mantivesse algum equilibrio mesmo sem se negar o princípio monárquico. Neste caso o "liberalismo" associava-se a ideia de moderação de uma postura afinada com o liberalismo, com as ideias que se consubstanciaram no "absolutismo esclarecido".

No jornal "Correio official da Provincia do Rio de Janeiro"[364] do ano de 1843 surge a palvara liberalismo com um tom de desprezo, algo que se repetia ao se analisar as falas da assembleia. Neste artigo intitulado "a distribuição das terras" o liberalismo é criticado assim como a filantropia, ambos sendo temas proferidos pela assembléia como um tipo de solução para o problema da "distribuição de terras". Aponta-se neste artigo a questão da concentração de rendas e da quantidade de lavradores sem terra no Brazil. Este artigo foi publicado originalmente no Monitor Campista, o órgão de maior relevância da cidade de campos. Esta cópia foi feita no jornal de Manoel Garpar de Siqueira Rego, jornal que antecedera o "socialista da provincia do Rio de Janeiro". É um artigo de muita ferocidade contra a desigualdade social brasileira, apresentando sua indignação frente à desiguldade de distribuição de terras, sendo ela fruto do liberalismo.

Aparte as ideias políticas, também surgia a palavra liberalismo també surge constantemente associada a "imoralidades" a questões contrárias ao pudor cristão o termo foi utilizado numa poesia publicada no "Diário do Rio de Janeiro" da seguinte maneira: "dos modernos cupidinhos; ninguém, ninguém tenha dó; não tem pinga de juiso, é liberalismo só."[365] Liberalismo também seria associada à imoralidades dos "modernos", algo relacionado a forma como os namoros ganhavam espaço nos ambientes públicos. Seia algo ligado a pessoas não conservadoras em seus hábitos, pessoas que viam o mundo de

[362] O Maiorista n. 9, 17 de junho de 1841 p. 2
[363] Ostensor Brasileiro jornal litterario e pictoreal nº 1 1845
[364] Correio official da província do Rio de Janeiro, 24 de março de 1843. P. 4
[365] Diario do Rio de Janeiro, 22 de maio de 1841.

uma maneira diferenrte das bases estabelecidas de todo o preconceito referindo-se a relações amorosas consideradas mais "escandalosas" para os conservadores.

A tarefa de analisar o conceito de "liberalismo" em jornais da década de 1840 deve ter como preocupação as divergências políticas operantes no período em questão. Um olhar apurado sobre os principais significados conferidos ao termo "liberalismo" deve ser dado para sondar entre contrários e favoráveis a ideia de "liberalismo" percepções acerca do conceito e as principais seleções de temas que envolveriam este conceito. Perceber se o conceito tinha uma maior ocorrência criticando-o ou apoiando-o e o quanto que este termo poderia estar adaptado a realidade brasileira e o quanto que este termo era visto comparativamente a ótica socialista, tentar encontrar os artigos socialistas que criticavam o liberalismo.

Em alguns jornais que tinham uma preocupação de comentar sobre a melhor forma de se organizar a sociedade, surge a crítica a Fourier. Nestes são criticados alguns pontos do "Novo mundo industrial e Societário" em que Fourier promete quadruplicar-se os rendimentos de um país que se colocasse sob seu sistema.

Fourier coloca como contraponto o "Mundo às avessas" e o "Mundo a direito" que trataria dessas questões de reorganização da sociedade.[366]Ele escreve sobre oque ele chama de um século de "economismo" e traz para sua tese alguns aspectos que outros que se ocuparam da economia não haviam enxergado como essenciais a um bom convívio, a um tipo de solução econômica para a sociedade.[367] Segundo Fourier, a reflexão sobre esse tipo de assunto só se daria no período em que foi iniciado o industrialismo porque a escravidão seria um obstáculo à invenção do mecanismo societário"

Entre as críticas que Fourier faz aos economistas diz: "os modernos, já não afetados pelo costume da escravatura, poderiam ter especulado com a associação agrícola e doméstica; mas os economistas foram impedidos por um preconceito que decide ser a fragmentação ou cultura dividida por famílias, a natureza do homem um destino imutável". Todas as suas teorias assentam nesse erro primordial, fortemente ligado à moral que só encontra sabedoria nas relações familiares, na multiplicidade dos casebres.

Segundo ele, os economistas sancionaram, portanto como necessários os dois vícios radicais que encontraram já enraizados: a fragmentação da agricultura e a falsidade do comércio entregue à concorrência individual, que é totalmente mentirosa e complicativa porque eleva em vinte vezes mais o número de agentes que seriam utilizados no regime verídico."

[366] FOURIER Charles – Novo mundo industrial e societário e outros textos. Antologia. Porto, 1973 p.11-12.
[367] *Idem* p. 19

Algumas publicações em alguns periódicos anteriores ao "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" já traziam críticas ao modelo econômico capitalista liberal promovido por Adam Smith e outros fisiocratas. Em um artigo assinado por Torres Homem, ele identifica nos economistas do século XVIII uma economia política:

> As sciencias administrativas começam a soltar-se da rotina até aqui seguida, do empyrismo de Price, e dos physocratas francezes do seculo passado. As grandes verdades que a economia politica proclamára, nãoficaram estereis, e tem produzido huma revolução salutar nas idéas dos povos, e na marcha dos governos. Foi por terra a theoria da balança do commercio; e com ella parte dos obstaculos postos nas fronteiras, e no interior dos Estados á circulação dos productos, que se busca hoje favorecer. A completa emancipação da industria, e do commercio, será sem duvida huma das conquistas do nosso tempo. Sans doutrinas sobre a natureza dos valores, e sobre os principios, que regulam a producção, vieram occupar o logar dos velhos erros e preconceitos. Mas oxalá, que quanto á distribuição da riqueza, a economia poitica e industrial houvessem trazido as classes labriosas as mesmas vantagens, e beneficios! Filha domovimento civilisador do seculo XVIII, essa sciencia ingleza, dimanava de hum principio material, e ressentia-se da data de seo nascimento: tal qual Smith e seos discipulos a constituiram, só se occupava de abreviarotrabalho, e de multiplicar os productos. Ella oconseguio; e eu repito que foi huma bella e grande conquista; mas isso ão bastava. He preciso lhar para oos lados de huma mesma phase historica, a victoria, e as victimas; a aurora do triumpho, e a noite depois d`elle, noite cheia e lugrubes funeraes, que truxe apoz de si. Prcurou-se em toda a parte s meios de produzir muito e de concentrar os capitaes, e nenhuns de manter a vida do obreiro. Para atalhar os perigos, a incoherencia, as crueldades d`essa conquista, *São Simão, Roberto Owen e Carlos Fourier* fundaram tres escholas todas correspondentes á civilização mechanica, e industrial, rocurando a glorificação docorpo, a satisfação dos appetites, o bem terrestre, a realisação de hum ideal perfeito sobre a terra, com exclusão de Deos e da alma. Estas tres eschlas, que subordinam a idéa ao facto, o pensamento á materia, não proposeram ao homem, emultimo resultado senão huma melhor distribuição do trabalho e da riqueza, huma melhor exploração dos elements organisadores da industria: os seos chefes seguiram trez caminhos differentes. *Owen* pregou a communidade; *Fourier* a asociação; *São Simão* a hyerarchia. D`estes systemas, o mais democratico fi o primeiro; o mais grandioso, o de S. Simão; omais poetico o de Fourier. Sem entrar na analyse de cada um d`eles, não he evidente, que as tres doutrinas *socialistas* occupavão-se dohomem material antes de cuidar do homem moral, e que promettião a felicidade unicamente n`esta vida? Que a poesia do interesse fazia as vezes, em seos codigos da poesia da dedicação? Que os gozos grosseiros, e iguaes para todos offerecidos por *Owen*, os prazeres graduados e variados, de que *Fourier* mostrava magnifico attractivo; e as imensas ambições dispertadas pelo S.Simonismo, se dirigiam á hum fim terrestre, a hum fim actual, no reino do corpo? Em huma palavra, não he igualmete evidente, que o indusrialismo o mais engenhoso não exirpará nunca as miserias de sua natureza moral; e que em vez de entregal-o ao incentivo sensual, cumpria pelo contrario comprimil-o, para dar vigor aos sentimentos da espiritualidade, do amor da caridade e do sacrificio? Á philosophia do christianismo e á mais ninguem, estava reservada a reforma da obra semalma e sementranhas dos economistas do seculo XVIII; só el podia animar essa estatua, que elles tiham construido, semverifical-a com hum só raio de luz do Ceo. Debaixo d`esta alta inspiração foi fundada n`estes utimos anos a-*econmia politica christam* -Desterrando a cobiça, o vicio do egoismohumano, que perverte as relações dotrabalho e docapital; o catholicismo faz dominar sobre a industria, a formação, eo movimento da riquesa o espirito de sacrificio, que elle ensinara aos homens, e que hum dia terminará por huma paz fecunda a scisão, que entre o rico e o

> pobre, entre oos que trabalham, eos que possuem, entre os que soffrem e os que gosam, prdusiram os influxos da sciencia materialista.[368]

O tema do liberalismo é tratado com uma repulsa similar a observada pelos redatoes do jornal "O Globo" no seu opúsculo inicial. Com a emblemática frase: "a sciencia social é católica" e identificando os economistas do século XVIII como pessoas sem alma, Torres Homem identifica a cobiça, o vício e o egoísmo humano como premissas do economicismo que gerou a grande desigualdade e desumanidade dos meios como se organiza a economia. A diferença entre os que trabalham e os que possuem seria um dos paradigmas a serem rompidos para o desenvolvimento ideal da sociedade. O catolicismo poderia gerar essa "paz fecunda" sendo ele associado a ideia anterior ao capitalismo, fruto do protestantismo.

No artigo intitulado "Sciencias sociaes" publicado no jornal "A borboleta" comentado no capítulo 3 encontra-se:

> Lançai um golpe de vista sobre as communs de hoje; contemplai estas cem familias divididas, occupando casas improprias, cultivando campos retalhados, separados por limites, espinhares, vallados, fossos, cercas, barriras, deffendidas por cães, ou espingardas. Examinai esta lucta encarniçada, onde a porfia uns prejudicam os outros, observai esta guerra infame de concurrencia, que vive de mentira, da velhacada, do falimentoe bancarota. Que de trabalho para produsir pouco, ou nada: tudo é inveja, odio e discordia, nada existe conciliado, combinado e harmonisado; tudo está em contradição com o sistema unitario da naturesa, nada é digno do homem, nada é digno de Deos.
>
> Mas esta commum modelo, esta commum organisada segundo a lei da opposição, verias reinar abundancia, a paz, o amor, o enthusiasmo e harmonia[369].

A crítica direta ao modelo capitalista com sua grande "luta pela concorrência" seria um dos alicerces das desgraças que experimentam a sociedade com base no livre comércio e na concorrência que sempre espera.

Assim, a comum modelo poderia solucionar tudo isso. Um dos exemplos desse tipo de solução estaria na ideia de que alguns casebres poderiam se tornar um único palácio em que o coletivo se uniria para manter-se a qualidade de vida, a salubridade dos espaços e toda a organização favorável ao melhor convívio humano.

[368] Minerva Brasiliense: jornal de sciencias, letras e artes, edição no 1 1º de novembro de 1843.p.1
[369] A Borboleta, 15 de setembro de 1844. p. 2

Críticas ao liberalismo no "Socialista da província do Rio de Janeiro".

Há um artigo do "Socialista da Província do Rio de Janeiro" que traz um uma comparação entre as noções de "individualismo" comparados com a "cooperação", criticando ferrenhamente o individualismo tentando demonstrar meios dele ser suprimido.

No texto que menciona uma colônia de trabalhadores franceses, especificamente a colônia de Santo Antônio na em que alguns jovens empregados trabalhavam neste texto alegórico demonstra-se uma das questões principais que servem de contraponto entre socialistas e liberais: a questão da competição.

O combate a competição como motivadora dos trabalhos é um dos pontos do texto que admite que a cooperação deveria ser posta no lugar da competição .

Outra crítica que aparece no jornal "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" seria no tocante a uma experiência entre trabalhadores que conviviam em uma das colônias a colônia de Petit-bourgh:

> Vernier do seu lado quiz minerar o seu triumpho dizendo que era por acaso, ou por indulgencia da parte de Vivet que tinha acabado mais depressa do que elle, e que pensava que o seu trabalho era muito inferior aquelle do seu companheiro: rogava então que o premio não fôsse por óra a ninguem adjudicado, e que o primeiro lugar pósse n o entanto conservado a Vivet que o occupava com todos os direitos desde muito tempo. aquelle combate de generosidade foi novamente coberto de freneticos applausos que durarão mesmo depois que se tinhão dado dous premios em lugar de um, recebidos pelo vencedor e o vencido, que vierão a mesa de mãos dadas e se retirarão abraçando-se.[370]

A generosidade e a cooperação contrapostos com a competição seriam um tipo de simbolismo que com muita profundidade conseguiam se tornar os preceitos de um novo mundo em que a felicidade fosse mais importante do que a recompensa.

O artigo Sinal dos tempos

Na segunda edição do "O socialista da Provincia do Rio de Janeiro" há um outro tipo de repúdio ao liberalismo que seria expresso em um artigo chamado "o sinal dos tempos".

[370] O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro no2, 4 de agosto de 1845. P. 1 "Colonias agrícolas e estabelecimentos de educação"

Com uma forma bastante ligada ao "fim dos tempos" ao apocalipse que foi registrado na Bíblia, os males gerados pelo sistema capitalista seria criticado sob essa alegoria do "sinal dos tempos" que demandariam mudanças enérgicas e estruturais na sociedade que já daria sinais de estar em uma condição extrema.

Neste artigo encontra-se uma crítica feroz às "doutrinas da sensação" de Condillac e Helvetius. Aqui é apresentado o "ecletismo" e o espiritualismo como contraponto a isso.

Outro ponto que aqui é bastante criticado é o liberalismo:

> O liberalismo vê sua famosa theoria da concurrencia illimitada, e sua famosa formula de *deixai fazer*, *deixai passar* singularmente compromettida pelas trapaças do commercio; e sobre suas ruinas crescer a formula, pelo contrario fecunda, e não menos celebre da associação do capital, do trabalho, e do talento perdida por emprestimo, tambem ella, ao mesmo sublime sonhador pelos economistas da sorbona, e do Collegio de França. Colhidos na mesma origem já se elevão em vivo sentimento e vivo alarme de organisação do feudalismo financeiro, de que ha quinze annos nem um só homem politico suppunha os perigos nem tão pouco a vinda. O jornalismo tambem despoja o homem antigo pouco a pouco, e se consente ainda em manchar-se pelo mercancialismo, fructo do depreciamento geral de caracter que assignala todas as épocas de transição, vemo-lo também já, cedendo ao presentimento da proxima idade adoptar a linguagem e as idéas da escola que prepara os caminhos scientificos para a regeneração. Poir todos estes meios transporta a imprensa para a cabeça ha pouco desacatada de Carlos Fourier a corôa que hontem ornava a fronte de Adam Smith.

Ao mencionar a associação do capital, trabalho e talento, menciona diretamente Fourier que no seu "Novo mundo industrial e societário", pensou nessas categorias como uma nova forma de divisão dos capitais, dos lucros gerados por um empreendimento, rompendo com a relação capitalista "possuidores dos meios de produção" e dos que trabalham sem possuir esse meios, os "operários"

3.5.2 - O "Socialismo" contra o "Comunismo": a divergência conceitual na imprensa do Rio de Janeiro (1840-47)

O presente item visa discutir as diferenças entre os conceitos de Socialismo e de Comunismo através dos "atos de fala" presentes nos artigos publicados na Imprensa periódica fluminense ao longo dos anos de 1841 e 1847. O momento é crucial, pois é neste período que há o surgimento desses dois termos no debate político operado no Brasil. Através da análise de artigos publicados em jornais, tanto de autores brasileiros como de autores estrangeiros, aqui se pretende perceber divergência que havia entre aqueles que tinham concepções diferenciadas e antagônicas para levar a cabo projetos sociais para transformar a sociedade ocidental e brasileira.

As palavras "Socialismo" e "Comunismo" têm seus conceitos constantemente atrelados aos significados marxiano e marxista que são preponderantes sobre qualquer outro significado intrínseco às origens do termo e consolidados nos primeiros momentos de cunhagem dessas representações políticas. Nesse caso há um anacronismo recorrente por parte de leitores que se remetem aos significados consolidados após Marx quando ao se deparar com estes termos, em textos mais antigos causando estranhamento e desconexão com os sentidos que realmente teriam essas palavras em seu tempo e aqueles esperados.

A proposta desse tópico seria de demonstrar como esses termos: "Socialismo" e "Comunismo" apareceram no debate político operado em jornais, na província fluminense, na década de 1840 e tentar compreender não apenas em quê que eles diferiam, mas também sondar quais seriam as disparidades que haveria entre estes que estavam se ocupando com as novidades das teorias sociais.

Neste item, pretende-se analisar o discurso de dois dos mais importantes intelectuais socialistas presentes no Rio de Janeiro na década de 1840: Benoit Jules Mure e João Vicente Martins.

O conceito de "Communismo" no Brasil (1842-47).

No caso do termo comunismo, após algumas pesquisas em jornais fluminenses diversos, ao menos para o período inicial da década de 1840, não havia nenhum. Não surgiram aqui no Brasil artigos que se assumissem "Comunistas". Essa informação ainda pode ser revisada mas a principio só foram identificados textos Comunistas após 1848, quando essa ideia ganha mais corpo e adeptos especialmente ligados aos eventos de 1848 Europa e em Pernambuco com a Praieira[371]. Mas isso seria tarefa para um outro estudo.

Constantemente as ideias "socialistas" divulgadas no Rio de Janeiro eram confundidas evocadas sob a alcunha com o termo "Communismo". E, em geral era para desmerecer e depreciar as ideias socialistas. O Comunismo seria um tipo de xingamento recorrente utilizado por autores que criticavam o socialismo, assim como o termo "anarquia", que constantemente era associado a desordem e servia para atacar adversários políticos de qualquer ideologia. Essa utilização do termo anarquia é algo perceptível nos debates desde a década de 1820, 30.

Traçando um breve Histórico no dicionário histórico de Alain Rey[372] O termo "Communiste" passa por transformações desde o ano mais remoto de sua cunhagem que seria o ano de 1706, quando significava apenas membro de uma comunidade. O termo só ganha valor ideológico a partir da Revolução Francesa e torna-se, sob inspiração de Babeuf e da "conspiração dos iguais" "partidário da comunidade dos bens". Em 1835 começa a ser utilizado para definir políticos radicais e encontra-se comunista republicano (1839).

Somente no ano de 1840 com o "Banquete comunista" evento que ficou popular na França como a primeira grande reunião de pessoas que buscavam se associar com mesmas finalidades é que se difunde a palavra; ligada a uma espécie de partido e Etienne Cabet torna-se uma referência à essa ideia e a palavra, como adjetivo e substantivo, torna-se então costumeira entre os teóricos sociais, como Proudhon. A evolução semântica subsequente seria a do comunismo; palavra que permanece incomum antes de 1840

Neste dicionário Histórico há a indicação da palavra ANTICOMMUNISTE, apareceu em 1842, evolui paralelamente e dá indícios de que bem pouco tempo depois da

[371]QUINTAS, Amaro – *O Espírito Quarent Huitard e a Revolução Praieira*. O sentido social da Revolução Praieira. UFPE, Recife, 1961.
[372]Verbete Communisme *in*: REY, Alain (Direction), *dictionaire historique de la langue française.* Paris: Dictionaires Lê Robert, 1992.

consolidações do termo comunismo também se cunha o anticomunismo. Essa percepção do surgimento de um anticomunismo pode indicar um fato importante pois em geral todos os termos políticos com pretensões de experiência políticas concretas surgem mas não existem ênfases em demonstrar os "anti-algo" Esse antagonismo direto em geral é feito mediante outro conceito como é o que acontece com a dicotomia socialismo versus liberalismo. O termo Comunismo surge com uma grande carga de contrários aos seus preceitos.

A grande questão então seria O que seria o comunismo nesse período?

O Comunismo tem sua origem em alguns aspectos das lutas sociais anteriores a era industrial e em "utopias" acerca de sociedades ideais. Platão escreve no livro "A República" um modelo de cidade em que haveria a supressão da propriedade privada, a supressão da Família e de tudo mais que conflitasse com a ideia de que tudo deveria ser público e todos devotados ao Estado[373]. Atribui-se algumas práticas do cristianismo primitivo a essa proposta comunitária, igualmente atribui-se à prática dos Cátaros (hereges medievais) a reivindicações tanto de insurreições camponesas como as Jacqueries e outras insurreições sociais como os anabatistas, a um tipo de movimento de causas sociais e de transformação total da sociedade especialmente no quesito propriedade.

Outro aspecto preponderante em algumas ideias que seriam precursoras do comunismo seria o apreço pelo estado natural ou a sociedade primitiva outro ideal que alimentavam, os primeiros críticos sociais[374]. Surgem na idade moderna uma série de "utopias" de Morus e a de Campanella (um tipo de protesto contra as instituições cívicas e jurídicas edificadas na base da propriedade privada). As condições de vida da época moderna, engendradas pelo desenvolvimento das cidades, do comércio e das condições de vida seriam considerados antinaturais, "porque ser afastam da simplicidade primitiva, criando um tipo de vida artificial, o luxo, as ocupações múltiplas e variadas, num labirinto de leis e regulamentações exteriores de toda a sorte".[375]

Um outro momento que deve ser levado em consideração para a formação do pensamento comunista seria a dos os críticos burgueses: Rousseau, Linguet, Necker E Brissot e os socialistas e críticos sociais: Pecqueur, Proudhon, Cabet, Leroux, Luís Blanc.[376] Esses seriam os primeiros comunistas que participaram das assembleias, participaram de

[373]BEDESCHI, Giuseppi – verbete Comunismo *in*: BOBBIO; MATEUCCI; PASQUINO – *Dicionário de Política*. Brasilia, UnB 12ª edição, 2004.
[374]BEER, Max – *História do Socialismo e das lutas sociais* – tradução Horácio de Melo 1ª edição, São Paulo, Expressão Popular, 2006. p. 18-9
[375]BEER, Max – *Op. cit.* p. 15-16
[376]*Idem* p. 465

revoltas contra o Estado Francês e tornaram-se, principalmente a partir de 1848 os mais revolucionários de seu tempo.

Embora o proletariado revolucionário procurasse realizar seus planos de transformação econômica e social através da conquista do poder, as teorias socialistas da época (1830-1848) são todas de caráter pacífico, evolucionista. Nessas teorias, a classe operária não desempenha nenhum papel ativo. O socialismo francês dessa época é puramente ético-religioso ou utopista. O proletariado e o socialismo não parecem ter nada em comum. De um lado, vemos os Buonarroti e os Blanqui à frente dos comunistas-proletários, de outro lado, estão os socialistas éticos que eram chamados por esses, mais ativos de *utopistas.*[377]

No Rio de Janeiro no ano de 1841 em diante começa a surgir a palavra comunismo na Imprensa Carioca. Em jornais diários como o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Jornal do Commercio*, dois dos grandes diários que circulavam na cidade do Rio de Janeiro. Publicou-se no *Diário do Rio de Janeiro* uma apreciação feita por Louis Blanc, no ano de 1840 acerca das sociedades secretas e ele elencou a "Sociedade dos Communistas - Dos operarios da igualdade." como uma sociedade atuante em Paris.

A imprensa diária publicou um dos primeiros artigos com a palavra "Communismo" no ano de 1842. No Diário do Rio de Janeiro de 1º de feveriro de 1842, um artigo correspondência francesa escrito em 11 de novembro de 1841 na França.

> Esta semana presenciamos o processo encetado pelo promotor publico contra uma seita de communistas, que se intitulão humanitarios, e erão accusados do delicto de associação illicita. Esta seita se compunha de uma duzia de obreiros, com bons antecedentes, todos homens de probidade, bons pais, bons maridos, mas muito ignorantes, e imbuidos de theorias absurdas e risiveis. O seu programa consistia na abolição da propriedade individual, do matrimonio, das sciencias, e das artes (!!), na demolição das capitaes, e outras ideas d`este jaez. O tribunal, attendendo aos bons costumes accusados, usou de indulgencia para com elles, e os condemnou a penas assaz leves[378].

Aí percebe-se que aparecem como uma ameaça. E no *Diário do Rio de Janeiro*, 26 de março de 1842 publica-se um artigo intitulado "As doutrinas communistas ameação seriamente a sociedade franceza".

Inicia-se uma série de artigos sobre movimentos de outros países identificados como

[377] I*dem* p. 470
[378] *Diário do Rio de Janeiro* de 1º de feveriro de 1842 p. 1

comunismo: os "anti-renters" nos Estados unidos, uma nova seita alemã, os niveladores na Inglaterra e até mesmo os fourieristas e todas as formas de ciência ou reivindicação social passam a ser entituladas comunista em artigos que vão de 1842-47.

Com a divulgação de um artigo no *Jornal do Commercio* em 1846, depreciando Mure e os Fourieristas, surgem dois discursos, de Mure e de João Vicente Martins com o intuito de depurar esse conceito e mostrar que o socialismo estava contra o comunismo.

O Socialismo contra o Comunismo: elementos de repúdio entre as teorias sociais.

Então podemos chegar ao principal ponto do artigo: Já que os socialistas eram chamados de comunistas, como o socialismo se referia ao comunismo? Quais seriam os pontos de divergência entre eles.

Os dois artigos selecionados para essa análise assim o foram por que são de dois intelectuais socialistas do período e porque atendem a demanda de responder que eles não eram comunistas. Os trechos demonstram as respostas feitas por Dr. Mure e João Vicente Martins frente a acusação de comunistas. aqui eles demonstram a diferença e a divergência entre esses dois termos.

No artigo intitulado: O DR. MURE AO PÚBLICO ele responde a confusão conceitual que se operava entre Socialismo (nesse caso o Fourierismo) e comunismo. Um grande número de artigos que se propunham a criticar o Socialismo chamava-o de Comunismo. Há um tanto de provocação nessa afirmação e um tanto de desconhecimento das causas que os intelectuais socialistas propunham encampar.

> (...)
> Também não somos anarchistas. Os nossos escritos e a nossa vida inteira provão nosso afinco ao principio monarchico. A prova disso é termos escolhido o Brazil como o solo mais apropriado para receber os melhoramentos sociais e científicos a que temos consagrado a nossa vida. Muitos apontarão os Estados-unidos como dotados de uma organização política mais favorável ao progresso humanitário; não os quisemos acreditar, e com efeito temos encontrado debaixo das leis protectoras da monarchia brazileira meios de propagação que talvez nos houvesse recusado a democracia americana, Temos de resto evitado cuidadosamente entremetter -nos na política quotidiana, e contentes com o resultado da política geral, temos achado em todos os ministérios um sincero apoio para os melhoramentos positivos.
> Temos manifestado. é verdade, nossa simpatia para as classes pobres; mas seja-nos lícito usar deste direito, que temos comprado bem caro, sem ser tachados de comunismo e de nivelamento. Nascidos n`uma posição que nos consentia

> pertencer às classes ociosas, temos em proveito das classes pobres gastado as nossas riquezas. A metade da nossa fortuna foi consagrada propagação da medicina, que tinha salvado a nossa vida , e a outra metade á realização do problema social, ou organização do trabalho (…) a colônia do Sahy é o monumento de segunda tentativa feita por mim em proveito das classes trabalhadoras. Eu posso ter me enganado, mas os meus sacrifícios são reaes, e as minhas intenções forão puras"
> (…)
> Para a questão se identifica estamos sempre dispostos; para injurias e calunias temos o mais despertador silencio[379].

Em outro artigo publicado apenas 13 dias depois João Vicente Martins continua a defesa de suas ideias e tenta depura-las das acusações comunistas demonstrando todo o repúdio desse tipo de ideia que deveria ser combatido devidamente pelos fourieristas.

> HOMEOPATHIA E FOURIERISMO
> (…)
> "O phalansterianismo não admite nem a igualdade nem o comunismo. Asevera-lo é uma calunia atroz e a mais solene mentira. As fortunas, os alojamentos, são perfeitamente distinctos no phalansterio. Reina a maior diversidade entre occupações, a posição, os títulos dos indivíduos. Não é verdade que os fourieristas farão perseguidos pelo governo. E tão falso como perseguições contra a homeopatia. Existem ellas somente na cabeça de seus inventores. E talvez nem mesmo assim.
> O fourierismo é ao contrario um corretivo ás idéas communistas que o governo francez considera com verdadeira satisfação. O Jornal phalansteriano de Paris, la Democracie Pacifique, goza de um credito immenso na imprensa actual em todas as questões, e nunca foi perseguido nem atormentado; o duque de Orleans era seu leitor assíduo, e honrava com toda a sua protecção das authoridades , e algumas com intervenção delas, como os estabelecimentos de Oswald, Estrasburgo, Chettray, Pettit-Burg, etc. etc. O grande mosteiro de Citeaux é, desde cinco anos, consagrado a uma tentativa phalansteriana, o governo occupa-se em fundar phâlànsterios na Argelia, e o marechal Bugeaud, governador desta colónia, é um partidarista zeloso dos princípios de Fourier, Lêde , lêde informai-vos melhor depois fallai.
> Enfim o phalansterio tem atrahido as sympathias de todos os philosophos, de todos os homens pacificos. A doutrina de Fourier não se occupa em mudar as formas da sociedade. Todas as suas experiencias devem ter lugar n`um espaço de uma legua quadrada. Por isso mesmo ella é e sempre será isenta de qualquer perigo. Se as experiências fossem bem sucedidas, seria uma felicidade immensa para toda a humanidade. Emquanto são mal succedidas, ellas não tem influencia nenhuma geral, e os povos continuão a subsistir, a commerciar, a produzir commo d`antes.
> É por isso que as ideas de Fourier são protegidas em França pelos homens do governo e atacadas pelos anarchistas; applicadas pelos Nacional e outros jornaes revolucionarios que veem nellas a ruina de todas as theorias subversivas. Vós que nos accusais, não vêdes de que lado vos tendes collocado?
> Esta é toda a verdade; o fourierismo não póde senão ganhar pela publicidade. Faltava-nos o tempo para elucidar as opiniões falsas espalhadas a seu respeito no Brazil. Agradecemos aos que nos obrigárão a emittir idéas que talvez não serão de todo perdidas, e que contribuem com todas as suas forças a espalhar idéas que olhão como perigosas; mas que verião com prazer subverter-se o

[379] *Jornal do Commercio* 13 de abril de 1846 p. 2

universo se desta ruina pudessem tirar o minimo proveito.[380]
(…)
Rio, 25 de abril de 1846 J. V. Martins

Aqui demonstra claramente o repúdio que tinham por mudanças drásticas da sociedade. Eles seriam o corretivo a opção que deveria ser feita por estes que também tinha ideias de transformar a sociedade. A Propriedade seria a principal defesa que João Vicente Martins faz nesse artigo. A admitir que não haveria igualdade no regime que eles pregavam foi um dos principais pontos, seguindo-se da propaganda positiva que ele aproveitou para incluir nessa resposta ao interpelador inicial. Demonstrar que o *Democracie Pacifique*, jornal que foi a principal influência, sendo presente na maioria dos artigos selecionados para ser publicados na coluna que representava a Ciência Social, o momento de discutir socialismo no jornal O Socialista.

Há alguns artigos que tratam do comunismo no jornal "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro". No artigo intitulado SIGNAES DOS TEMPOS, e no GOLPE DE VISTA SOBRE OS PARTIDOS EM FRANÇA em que surge a palavra Comunismo também, ambos publicados em 1845 chegava a colocar o Socialismo como uma "cura" para o Comunismo:

O GLOBO

SOCIALISMO
GOLPE DE VISTA SOBRE OS PARTIDOS EM FRANÇA

Reproduzimos o artigo seguinte, extrahido do *Herold de Leipzig,* que contêm a opinião que existe na Allemanha a respeito do movimento intellectual e politico da França. (...)

Seja ou não pelo sansimonismo que tenha o primeiro levantado esta bandeira ORGANISAÇÃO DO TRABALHO, forão os fourieristas que a fizerão conhecer e a tornarão popular. A associação do cabedal, do trabalho e do talento deixou de ser uma mera palavra; he hoje o pensamento que fermenta em todas as almas generosas, he hoje o porvir da França. Cedo ou tarde os sansimonistas e os fourieristas, que já tem entre si tantos pontos de contacto, reunir-se-hão. Quem sabe? talvez que o fourierismo seja o unico preservativo que os governos achem contra o communismo. Já existem bastantes communistas mui distinctos que serião dispostos a se reunir á escola fourierista, se podessem vencer seu orgulho e seu amor proprio[381].

O prospecto do Fourierismo que era apresentado no *Socialista da Provincia do Rio de Janeiro* tinha como grande preocupação alguns itens: a Religião e a Propriedade. Esses

[380] *Jornal do Comercio* 26 de abril de 1846 p. 3
[381] *O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro* sexta feira, 5 de setembro de 1845. nº 15 p. 1

eram os maiores males temidos por aqueles que tinham contato com as ideias comunistas. No Rio de Janeiro se comemorava as datas de nascimento e morte de Charles Fourier. A celebração se dava por meio de um banquete que era promovido pelos socialistas, o "Banquete Societário" que se reunião na casa e João Vicente Martins, mesmo lugar onde funcionava o "Instituto Homeopathico do Brasil" e onde fundar-se-ia a o Instituto de Ensino Panecástico, de inspiração do pedagogo Pierre Jacotot ambos já mencionados neste trabalho.

A celebração propunha a reunir os simpatizantes de todas as causas socialistas:

Eis-aqui dois brindes que ali foram feitos.

> *A propriedade!*
>
> A theoria societaria a deposita nas mãos daqueles que possuem, destruindo todas as probabilidades de ruina e da dissolução, a faz accessível á todos criando novas origens de riquezas pela associação do capital, do trabalho e do talento.
>
> *Ao sentimento religioso!*
>
> Aos homens sinceros de todas as convicções, áquelles que não conhecem a descoberta de Fourier, aquelles mesmos que estão a calumnial-a!
>
> Em toda a parte nossos amigos se felicitarão do desenvolvimento que toma a propagação da causa social. Em toda a parte elles tem manifestado uma ardente dedicação é idéa que deve regenerar a sociedade, dando a cada um seu lugar e seu direito[382].
>
> (...)

Os meios pacíficos seriam elemento essencial para se atingir os fins da ciência social. Cada indivíduo colabora com sua parte de maneira voluntária, nunca por meio de qualquer tipo de coerção. A violência seria um dos aspectos da opressão. O desaparecimento da violência seria um ponto para a formalização dessa sociedade proposta de maneira bastante "romântica".

Como consideração final pode-se destacar que mais antigo que o comunismo no Brasil seria o Anticomunismo. O termo comunismo era execrado mesmo antes de surgirem núcleos de adeptos ao comunismo aqui no Brasil. Até mesmo os socialistas, os Fourieristas do Socialismo Católico já eram anticomunistas por ser contra os ataques a propriedade, dos princípios de Deus e da família, defendiam-se daqueles que queriam denunciar suas propostas sociais chamando-os de comunistas como se aplicava, por parte de adversários políticos de seu tempo, a todos que pensavam em mudanças sociais sejam elas drásticas ou não.

[382] *O socialista da Provincia do Rio de Janeiro* Segunda feira, 22 de setembro de 1845 p. 1

O “Fantasma do comunismo” aqui recairia sobre três pilares Deus, Família e Propriedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto do Brasil Imperial, recém independente, o surgimento desse jornal e o conceito que ele carrega, trazem a teoria do "outro ocidente", tanto debatida e exposta nos textos que compõem análises políticas sobre o Brasil e que parecem muito relevantes ao concluir-se essa pesquisa. No geral, tanto o liberalismo, como o socialismo foram relidos no Brasil sob uma ótica aproximada, fruto de uma mentalidade que não poderia ser igualada em significância ou em práticas aos termos realmente operantes nos textos europeus, nas falas de políticos que expunham ideias socialistas, pensamentos que vinham dialogar com a realidade brasileira e se transformavam por vias das situações vividas no país à época.

O Socialismo é uma ideia que prevê um tipo de sociedade que corrige as suas injustiças, e que altera a sua estrutura partindo de uma nova base, tendo como objetivo a reconstrução dos hábitos e a ressignificação do que é certo e errado. A vida, a partir dessa teoria deve acontecer de maneira esclarecida, e "sincera", ou "verídica", como visto entre os sansimonianos. O ser humano deveria ser aperfeiçoado desde a sua formação, os anseios das famílias devem ser repensando, bem como tudo o que funda a moral humana para além da religiosidade, mas sem excluí-la.

O Cristianismo, a caridade, e a "economia social" fazem parte dessa prática, pois são um misto de ajuda imediata àqueles que necessitavam de apoio por estarem excluídos da sociedade, marginais à ela. Deve-se combinar a isso, a ação social, ainda que imediata, com o objetivo de conseguir se manter alinhados aos preceitos religiosos, mantendo-se no caminho da salvação da alma. Nesse sentido, a prática do sagrado permanece sendo parte do conteúdo e da índole do discurso socialista proferido pelo jornal, um tipo de salvação a partir da caridade. Política e religião estão interligadas na prática do socialismo que combate o liberalismo naquilo que ele é mais oposto que é a exploração excessiva do homem pelo homem em relações de trabalho. Essa exploração tem como consequência a desigualdade e não pode ser observada de outra maneira senão pelo lugar social que alguns desvalidos ocupam nas sociedades ibéricas. O modo como era posta a caridade confunde-se com o próprio socialismo, sendo essa uma ciência social com finalidade de mudança profunda no tecido social. Ela também aparece como o remendo, o conserto desse mesmo tecido, rasgado e desgastado com as injustiças que assolam aqueles que não conseguem incluir-se nesse sistema. A sociedade brasileira oferece poucas chances concretas de

mudanças sociais. Esse era o sistema que os socialistas tentavam reformular, às vezes através de práticas de caridade, outras vezes por meio da "ciência social".

O Catolicismo Social, o Fourierismo e a geração que se inspirou em Victor Considérant, discípulo direto de Fourier, eram as bases ideológicas, ligadas ao pensamento social, ao pensamento socialista que mais se enquadra com os ideais do jornal "O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro". O socialismo à carioca seguia um formato que tinha uma inspiração nos intelectuais franceses, em parte em razão do fator latino-católico, linhagem de ideias que não se dissipou do socialismo pregado no Rio de Janeiro na década de 1840. Esse que se diz socialista carrega consigo muito dessas matizes, seja cristão, ou filantrópico-higienista, ou cientista social, pregador de políticas sociais, economias sociais, e demais derivados do radical "social", palavra que conduz a problemática da sociedade no que tange à desigualdade.

A aproximação com o ideal do espiritismo, que nesse momento ainda estava em fase inicial de desenvolvimento e divulgação também deve ser colocada como uma das bases das ideias proferidas por esses socialistas. A transformação social que empreendiam tinha por base o indivíduo após uma grande transformação moral, acorde com os ideais que fundam o espiritismo naquilo que ele mais se empenha para transformar a sociedade, naquilo que ele tem como parte integrante de sua ideologia, de sua postura frente ao mundo. A inspiração em Swedenborg seria o ponto de contato entre Socialismo, Cristianismo e Espiritismo. No movimento "novojerusalemita" swedenborguista e o espiritualismo desenvolvido por Mesmer não podem ficar de fora das considerações para esta compreensão. As origens dessas ideias divulgadas no Brasil ao longo desse período permaneceriam com origens diversificadas das que se relacionam estritamente com os socialistas utópicos. A teoria do magnetismo animal, de Mesmer poderia conduzir a uma grande transformação tendo em vista que cada individuo colaborando com sua porção no grande fluido energético, teria os seus problemas e divergências encerrados e todos estariam conectados em uma grande Harmonia.

A educação moral que teria base religiosa e filosófica se transforma na "ciência social", pois a virtude sobreposta ao vício é a própria forma de se gerar um convívio justo entre os cidadãos, um convívio harmônico. A construção da Harmonia se daria conforme hábitos virtuosos frutos da educação emancipadora transformadora de paradigmas individuais e coletivos.

Outro aspecto interessante no que toca ao conceito de "Ciência" e "Economia" Social seria a forma como estes se mesclaram, quase que se confundindo um com o outro. O trato social e as mudanças que alguns intelectuais já percebiam nesse tempo poderiam ser operadas para sanar o problema da escravidão e sua eminente extinção. As preocupações do "Socialista da Provincia do Rio de Janeiro" são parte de um todo que envolveria desde a organização do trabalho, até a forma

de se criar novas sociedades em colônias de modelo falansteriano. A disputa pelo conceito de economia social, como forma de gerir a economia de um país frente ao paradigma liberal é percebida na sua diversidade de significados. A disputa pelo termo "economia social" foi colocada no jornal tendo como uma das suas principais frentes, a preocupação econômica de reorganização da sociedade com outro tipo de preocupação que não a da competição, mas a da associação e cooperação.

O Romantismo, e seus ideais, que cresciam e se espalhavam tanto nas artes como nos escritos políticos presentes nos periódicos, devem ser levados em consideração para a compreensão do espaço que essa publicação ocupava. A geração que antecedeu *"Quarent-huitard"*, também seria porta voz desse espírito romântico, influencia direta nesse socialismo. Foi essa voz que ecoou nas ruas do Rio de Janeiro e da província fluminense, na sociabilidade fourierista que se instalou na cidade na década de 1840, especificamente nos anos de 1844-47. O momento de "regresso político", vivido no Brasil permitiu associações com o espírito romântico no sentido de prezar por valores antiliberais. O espírito do catolicismo, contraposto com o espirito do protestantismo também colaboraram para as reflexões sobre o papel desse ideário socialista no Brasil. E, para combater o liberalismo e as doutrinas sensualistas liberais antagonista do liberalismo, foram evocados o ecletismo e o espiritualismo.

A homeopatia, outra frente essencial para a compreensão do "socialismo" que era encampado pelo jornal estudado, foi vista como uma providência divina e algo que serviria a melhorar a qualidade de vida da humanidade, por meio da ciência. A vulgarização das ciências era uma das principais propagandas que esse jornal fazia e a homeopatia estava a frente da disputa científica na época. Esses socialistas que empreenderam o jornal, por via de seu discurso, tentavam divulgar informações que levariam a emancipação dos indivíduos, possibilitando a emancipação geral da sociedade. Para esses autores a questão da saúde era essencial e a homeopatia estava em consonância com essas ideias.

Emancipação seria uma das palavras conclusivas para este trabalho. Emancipar-se das desigualdades sociais parte diretamente da emancipação intelectual do indivíduo, compondo cada um uma pequena célula, partes únicas que compõem um todo harmônico.

No campo lexical da palavra "Socialista", pode-se levar em conta que qualquer contratualista poderia ser chamado de socialista. A Raiz do termo evocado por "contratualistas" como Puffendorff e Hugo Grotius, são fundamentais para a compreensão do socialismo, que aqui tenta encampar por via da propaganda nos jornais. O termo é mais antigo do que se admite na maioria das obras, por isso, a preocupação com o equilíbrio social por si só já permite a sua utilização do termo com esse sentido. Manoel Gaspar chamou a atenção do público para participar

das discussões que eram operadas na assembleia do Rio de Janeiro, sendo interessado, antes de mais nada, em que as pessoas interagissem com as decisões. Sua intenção era chamar a participação na sociedade, ainda que como espectador, mas sendo capaz de compreender, melhorar e censurar sua própria sociedade.

Os léxicos admitem o cristianismo, o catolicismo social e o socialismo cristão. Essa proximidade do socialismo moderno com a questão monárquica por vias da oposição, os contrapunha ao paradigma liberal. Algumas nuances que os dicionários revelaram foram levadas em consideração para conclusão da análise, pois levam ao estudo da amplitude do termo. outros pesquisadores, bastante imbuídos de anacronismo e da falta de completude das possibilidades do termo "socialismo" fizeram especulações menos precisas sobre o assunto. O uso do termo "soacialismo" em outras épocas, em especial no momento anterior a influência gerada pelos escritos de Karl Marx, tidos nos dias de hoje como as fontes principais para se compreender o socialismo e o comunismo, não são as únicas expressões desses ideais.

Se a primeira questão que moveria todo o presente trabalho seria um desconforto com a utilização do termo no Brasil imperial, ao fim da análise pode-se concluir que o Brasil seria de fato o lugar para o desenvolvimento desse socialismo. O "não lugar" poderia existir nos locais mais desligados da "civilização ocidental" do vasto império brasileiro. A Nova sociedade a se construir deveria estar totalmente desprovida dos valores imorais do presente, deveria abarcar toda uma nova experiência desde a sua base primordial. O país agrário e monarquista pareceria mais ideal que qualquer outro em que o desenvolvimento do capitalismo e da sociedade burguesa já houvesse se desenvolvido, já estivesse operante em larga escala e de maneira generalizada. Para a formação de pequenas comunidades que existiriam como células de um novo corpo, ainda utópico, certamente teria como preferência as terras do Brasil imperial. "O socialista da provincia do Rio de Janeiro", com sua pregação dessa nova forma de se viver em sociedade, dessa nova forma científica de se organizar, foi uma grande expressividade na história do socialismo no Brasil. Uma história do socialismo no Brasil que não pode ser enxergada com o anacronismo redutor que constantemente tenta alijar esse periódico de seu lugar na história das ideias socialistas.

FONTES:

A Borboleta, 25 de agosto; 5 e 25 de setembro de 1844 p.1
A Nova Minerva, dezembro de 1845 p. 20
A Nova Minerva, janeiro de 1846 p. 16 e 22
Anuário Político Histórico estatístico do Brazil para o ano de 1846
Correio official da província do Rio de Janeiro, 24 de março de 1843. p. 4
Correio Official – In Medio posita virtus, 8 de maio de 1835 p. 4
Correio da Provincia Do Rio De Janeiro de 12 de janeiro 1842 p.2
Diário do Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1842 p.1
Diário do Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1842 p. 1
Diário do Rio de Janeiro, 26 de março de 1842 p. 1
Diário do Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1845 p. 1
Folhinha homeopathica para o ano de 1846 p. 8
Gazeta dos tribunaes – dos juízos e factos judiciaes do foro e da jurisprudência. 3 de junho de 1845, p.1
Jornal do Commercio, 22 de novembro de 1840. p.1
Jornal do commercio, 2 e 3 de dezembro de 1840. p.3
Jornal do Commercio 19 de dezembro de 1840; p.4
*Jornal do Commercio*17 de dezembro de 1840 p. 2
Jornal do Commercio, 13 de o0utubro de 1844, p.4
Jornal do Commercio, 9 de agosto de 1845, Edição 214, p. 4
Jornal do Commercio 13 de abril de 1846 p. 2
Jornal do Commercio 26 de abril de 1846 p. 3
Jornal do Commercio 28 de janeiro de 1846 p.4
Museo Universal: Jornal das familias brazileiras, 20 de agosto de 1842 p.1
O Brazil vestra res agitur 22 de agosto de 1840 p.2
O Brasil vestra res agitur de 5 de dezembro de 1840 p. 1
O Brasil vestra res agitur" de 14 de dezembro de 1843. P. 1
O Brazil, 22 de janeiro de 1842 p.1
O Globo, 13 de outubro de 1844. p. 1-2
O Grátis, 26 de novembro de 1844 p. 4
O Maiorista n. 9, 17 de junho de 1841 p. 2
O Maiorista de 24 de fevereiro de 1842
O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1845 p. 1-2
O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1845 p. 1-2
O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1845 p. 1
O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1845 p. 1
O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1845 p. 1
O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1845 p. 1
O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1845 p. 1
O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1845 p. 1
O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1845 p. 1
O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1845. p. 1
O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1845 p. 1
Ostensor Brasileiro jornal litterario e pictoreal nº 1 1845

BIBLIOGRAFIA:

ABRAMSON, Pierre-Luc. *Las utopias sociales en América Latina en el siglo XIX.* México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

BAHIA, Juarez - *Jornal: História e Técnica, a História da Imprensa Brasileira.* São Paulo: Ática, 1990.

BAREA, J.; MONZÓN, J. L. (Dir.). *Libro branco de la economia social en Espanha*. Ministério de Trabajo y Seguridad Social, Madrid, 1992 p. 12. *Apud in*: CAEIRO *op. Cit.*

BASILE, Marcello Otávio N. de C. - *Anarquistas, Rusguentos e Demagogos: os liberais exaltados e a formação da esfera pública na Corte Imperial (1829 – 1834).* Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: Programa de pós-graduação em História Social – UFRJ, 2000.

BASILE, _____ – "O Império brasileiro: panorama político" in LINHARES, Maria Yedda (org.) – *História Geral do Brasil* 9ª edição – Rio de Janeiro: Elesevier 11ª impressão. 2000.

BEDESCHI, Giuseppi – verbete Comunismo *in*: BOBBIO; MATEUCCI; PASQUINO – *Dicionário de Política*. Brasilia, UnB 12ª edição, 2004.

BEER, Max – *História do Socialismo e das lutas sociais* – tradução Horácio de Melo 1ª edição, São Paulo, Expressão Popular, 2006.

BEER, _____ – *História do Socialismo e das lutas sociais. (2o volume*) Editorial Calvino, Rio de Janeiro, 1944.

BENTIVOGLIO, Julio- *Os negócios do Império: a política econômica brasileira no início do Segundo Reinado (1840-1860).* UFG Campus Catalão, Goiás, 2007.

BERNSTEIN, "Os partidos". *in*: RÉMOND – *op. cit.*1996.

BERSOT, Ernest – "*Mesmer e o magnetismo animal*" Rio de Janeiro, CELD 2013

BLAKE, Augusto Alves Victorino Sacramento, *Diccionário Bibliográphico brasileiro.* Rio de Janeiro: Conselho federal de Cultura, 1970 (Edição Fac- similar da original de 1883-1902).

CABET, E. – *Voyages et aventures de lord W. Carisdall em Icarie (1842); Voyage em Icarie, Paris, J. Mallet & Cie;* vers, cast. (1929)*, Viaje por Icaria*, Barcelona, Ed. Lux, v.I.

CAEIRO, Joaquim Manuel Croca - Economia social: conceitos, fundamentos e tipologia. *In*: *Rev. Katál. Florianópolis v. 11 n. 1 p. 61-72 jan./jun. 2008*

CAMPOS, Maristela Chicharo de - *O Governo da Cidade: elites locais e urbanização em Niterói (1835-1890)* / Maristela Chicharo de Campos . Niterói, RJ : Tese de Doutoramento apresentada ao programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2004.

CARVALHO, José Murilo de – "A composição social dos partidos políticos imperiais." - *Cadernos DCP (Departamento de Ciência Política*). Belo Horizonte, 1974.

CARVALHO, José Murilo de. – *A construção da ordem: elite política imperial. Teatro de sombras; a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. "História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura", *in*: Topoi: revista de História, #1. Rio de Janeiro, Setembro de 2000.

CASADEI, Thalitta de Oliveira – *A imperial cidade de Nictheroy.* Niterói, Serviços Gráf. Impar, 1988.

CASTRO, Paulo Pereira de. *in*: HOLANDA, Sergio Buarque de – *História geral da civilização* brasileira. Livro quarto – "Dispersão e Unidade". Capitulo 1: a província do Rio de Janeiro e o município neutro. Difusão europeia do livro. São Paulo 1972.

CAVALCANTI, Nireu Oliveira - *A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: as muralhas, sua gente, os construtores (1710 – 1810)* Rio de Janeiro, 1997. Tese (Doutorado em História social) UFRJ *Apud in* SILVA, Idem, 2000.

CHACON, Vamireh – *História das Idéias Socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

COLE, G. D. H. – *História del pensamiento socialista*. ("Los precursores" 1789-1850) F. C. E. México, 1953.

CRUZ, Crislaine Santana. - *O espólio socialista de benoît mure para o brasil (1840-1848).*

DESCHODT, Jean –Pierre – "La face cachée du socialisme français". Editions du Cerf, Paris, 2019

DICCIONARIO CRITICO ETIMOLOGICO DE LA LENGUA CASTELLANA por J. Corominas (professor de la universidad de chicago miembro del institut d`Estudis Catalans Volumen IV RI-Z - Editorial Gredos - Madrid 1954

DESROCHE, Henri, - *La société festive Du fouriérisme écrit au fouriérisme pratique*, Le Seuil, 1975

DESTEVAUX, Fernando Peixoto – *O socialismo utópico de Charles Fourier e sua utopia de infância e educação das crianças*. Tese de doutorado, UNICAMP – 2011

DICIONARIO ETIMOLÓGICO DA LINGUA PORTUGUESA por Antenor Nascentes (professor emérito do colégio Pedro II Rio de Janeiro, 1955 Livraria São José segunda tiragem da primeira edição.

DENIS, Léon – *Socialismo e espiritismo*. Matão, São Paulo, Editora Clarim, 1987

DINIZ, Mário Flávio Pezenatto. *Benoît-Jules Mure no Brasil: 1840-1848*. 2008. Tese de Doutorado. Instituto de Cultura e Escola de Homeopatia. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgibin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=HomeoIndex&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=11122&indexSearch=ID>. Acesso em: 15. Jun. 2016.

DIZIONARIO ETIMOLOGICO ITALIANO Instituto di Glottologia - Firenze Universitá degli studi - 1957 - Redattore Emidio de Felice - Consulente tipografico Filippo Tedeschi.

ENGEL, Magali Gouveia Verbete "Revoltas Liberais" in VAIFAS, Ronaldo (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial* – Rio de Janeiro: objetiva, 2008.

FALCON, Francisco – "História das ideias" in: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FAORO, Raymundo – *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 5a edição São Paulo, Globo 2012.

FARIA, Fernando Antonio – *Querelas brasileiras: homeopatia e politica imperial*. Rio de Janeiro. Notrya, 1994.

FERREIRA, John Kennnedy – "O Socialismo utópico brasileiro" in *Revista espaço acadêmico* 2016.

FONSECA, Godim da - *Biografia do Jornalismo Carioca*. Rio de Janeiro: Quaresma,1941.

FRAGOSO, João Luís. "Economia brasileira no Século XIX: mais do que uma plantation escravista-exportadora". *In*: LINHARES, Maria Yedda (org.). *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: 2.ed., Ed. Campus, 1996.

FRAGOSO, _____ – *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830.* Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1992.

FRAGOSO, _____ – "O Império escravista e a república dos plantadores Economia brasileira no século XIX: mais do que uma plantation escravista". *in*: LINHARES, Maria Yeda (org.). *História Geral do Brasil* 9ª edição – Rio de Janeiro: Elesevier 11ª impressão 2000.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho – *Homens livres na ordem escravocrata* 4ª edição São Paulo Fundação Editora da UNESP, 1997.

FREYRE, Gilberto - *Casa Grande & Senzala : a formação da família brasileira sob o regiem da economia patriarcal*. São Paulo: Círculo do livro S/A [s. d.] c. 1933 p. 431 *Apud* in SILVA, *Idem* 2000

FREYRE, Gilberto – *Um engenheiro francês no Brasil*. São Paulo, José Olympio editora; 1940

FRIDMAN , Fania – "*Socialismo Romantico e a cidade do Rio de Janeiro*".

FRIEDBERG – *Influence de Charles Fourier sur le mouvement social contemporain en France*, Paris: Marcel Giard, 1926, p. 42

FROTA, Guilherme de Andréa – *Uma visão panorâmica da História do Brasil*. Rio de Janeiro, Gráfica Cervantes Editora, 1983.

GALHARDO, José Emygdio Rodrigues. *História da homeopatia no Brasil*. In: Livro do 1° Congresso Brasileiro de Homeopatia. Rio de Janeiro, 1928. p. 271-1016.

GALLO, Ivone Cecília – *A aurora do Socialismo: fourierismo e o falanstério do Saí (1839-1850)* Tese de Doutorado Unicamp Campinas 2002.

GALLO, _____. *Intelectuales y socialistas o la ciencia al servicio del arte de vivir*. 17-sep- 2013. Revista Historia y Espacio. Disponível em: <http://bibliotecadigital.univalle.edu.co/bitstream/10893/5423/1/Intelectuales%20y%20socialistas%20o%20la%20ciencia%20al%20servicio%20del%20arte%20de%20vivir.pdf> Acesso em: 07. jul. 2016.

GALLO, _____. *O socialista da província do Rio de Janeiro: um olhar sobre o socialismo do século XIX*. In: Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ivone%20Gallo.pdf> Acesso em: 15. Jul. 2017.

GONDRA, José Gonçalves & SCHUELER, Alessandra. - *Educação, poder e sociedade no império brasileiro:* Cortez 2008.

GONDRA, op. cit. p.108 *Apud in*: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMANN, Vera Teresa e ALMEIDA, Jane Soares de – *O legado educacional do século XIX.* Araraquara, Unesp, Faculdade de Ciências e letras, 1998.

GOUVÊA, Maria de Fátima – *O Império das províncias: Rio de Janeiro, 1822-1889.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GRAMSCI, A – *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002, v.1

GRANDE DIZIONARIO ENCICLOPEDICO – fondato da pietro fedele 2ª edizione interamente riveduta e accresciuta tomo xi vnione tipografico-editrice torinese. 1961

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal (org); PRADO, Maria Emilia (org) – *O Liberalismo no Brasil Imperial: orígens, conceitos e prática*. Revan UERJ, Rio de Janeiro, 2001.

HABERMAS, Jürgen - *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

IPANEMA- Marcello de - "A Imprensa do 2º reinado'. *In* RIHGB vol. 31;. 1977 p. 226

IPANEMA, Marcello de & Cybelle de – *Catálogo de periódicos de Niterói* Rio de Janeiro, Instituto de comunicação Ipanema, 1988.

JACOTOT, Pierre - *Manuel de l`emancipation intellectuelle*, Paris, 1841, p.15 Apud in RANCIÉRE, Jacques – "*O mestre ignorante*".

KONDER. Leandro – Fourier - *O Socialismo do Prazer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

KOSELLECK, Reinhart – *Futuro passado: uma semântica histórica dos conceitos*. Rio de Janeiro, 2008.

KOSELLECK, Reinhart – "Sobre a prática da História dos conceitos". *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5 n.10, 1992.

KURY, Lorelai. *Ciência e nação: romantismo e história natural na obra de E. J. da Silva Maia. Manguinhos, Rio de Janeiro, Fiocruz, v.2, p. 267-291 jul.-out., 1998.*

LARA, Tiago Adão - *As raízes cristãs do pensamento de Antônio Pedro de Figueiredo*. Londrina, Ed. UEL 2001.

LEFRANC, Georges – *Histoire des doctrines sociales dans l`Europe contemporaine.* Aubier, Paris, 1960.

LENHARO, Alcir – *As tropas da moderação*. São Paulo, Símbolo, 1979.

LEONIDIO, Adalmir - *História do socialismo utópico no Brasil*. Revista Eletrônica Cadernos de História, vol. VIII, ano 4, n.º 2, dezembro de 2009.

LIMA, José Ignacio de Abreu e. – *O Socialismo*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

LOPES, Helio - *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)*. São Paulo: conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

LUSTOSA, Isabel - *Insultos Impressos: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823)*. SãoPaulo: Cia das Letras, 2000.

LUZ, Madel Therezinha – *A arte de curar versus a ciência das doenças: História social da homeopatia no Brasil*. Editora Rede unida, Porto Alegre, 2014.

MACKENZIE, Norman – *Breve História do Socialismo*. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1967.

MANACORDA, Mario Alighiero – *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. 2ª edição; São Paulo Cortes, 1989. *Apud* in SILVA

MARCO, Luc – "*A semantic innovation: the expression organization of labour economic dispute in France between 1791 and 1848*

MARX, Karl & ENGELS, Frederich – Manifesto do partido comunista. Martin Claret, São Paulo, 2001.

MATTOS, Ilmar Rohloff de – *História do Brasil*. Rio de Janeiro, Campus, 1970

MATTOS, Ilmar Rohloff de; GONÇALVES, Maria Almeida – *O Império da Boa Sociedade: a consolidação do estado imperial brasileiro*. São Paulo, Atual, 1991.

MERQUIOR, José Guilherme, "O outro ocidente" in: Presença, nº 15, 1990.

MEYER, Ann Raftery – "*Medieval allegory and the building of the new Jerusalem*" DS Brewer, 2003.

MOMESSO, Beatriz Piva - *Indústria e trabalho no século XIX*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense (UFF) 2007.

MONTEOLIVA, Mercedes Vico – "El Socialismo critico-utopico" in: CASTRO, Federico Gomes R. de –*Socialismo y Sistemas educativos*, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid 1991.

MOREIRA de AZEVEDO, Manuel Duarte – "origem e desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro." *RIHGB* t. XXVIII v. 31 pt. 2

MURE, B. e MARTINS, J. V. – *Pratica elementar da Homeopathia precedida de um discurso contendo a Historia da Homeopathia e as principaes regras para a sua aplicação. Segunda edição (augmentada de 33 medicamentos novos experimentados na Europa, e de 50 substancias do Brazil experimentados pelos professores e alunos da escola Homeopathica*. Rio de Janeiro, Typographia e livraria franceza, Rua São José 64. 1847.

MURINELLY, Luiz José de – "*algumas considerações que acerca de um folheto impresso, assignado e distribuído pelo Sr. Dr. D. de A. C. Duque estrada com o titulo "prologo para a verdadeira história da Imperial Sociedade Amante da Instrucção"offerece ao conselho da mesma sociedade o socio fundador Luiz José de Murinelly*" - Typographia Perseverança - Rua do Hospicio n. 91 - 1868

NASCENTES, Antenor – *Dicionario etimológico da lingua portuguesa por Antenor Nascentes (professor emérito do colégio Pedro II Rio de Janeiro)*, 1955 Livraria São José, segunda tiragem da primeira edição.

NASCIMENTO, Luiz do – *História da Imprensa de Pernambuco: 1821-1954* (2 vols.). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

NAXARA, Márcia Regina Capelari - *Cientificismo e sensibilidade romântica* Brasília: UNB, 2004.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. "A Imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX". *Cadernos de Pesquisa, FGV, n.104, p.144-161, jul.,1998*

PAYAR, Andre Javier Ferreira – *Escravidão entre os seguros: as seguradoras de escravos na provincia do Rio de Janeiro (1831 – 1888)*.

PENNA, Lincoln de Abreu - I*mprensa e política no Brasil: a militância política do proletariado*. Rio de Janeiro, e-papers, 2007.

PECQUER, Constantine – *Notions de la Economie Sociale*, Paris, 1839

PEREIRA, André Andrade – "Espiritismo: um socialismo-utópico-ecumênico" in *"Religião, política: con(vivência)? Con(fusão)?* Ano 5 – nº22-23ª novembro de 2010.

PETITFILS, J. C. – *Os socialismos utópicos*. São Paulo, Círculo do Livro, 1977. p.119-120

PIANCIOLA, Cesare – Verbete "Socialismo" *in*: BOBBIO; MATEUCCI; PASQUINO – *Dicionário de Política*. Brasilia, UnB 12ª edição, 2004.

PINTO, Ana Flávia Magalhães – *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra no século XIX (1833-1899)* Dissertação de mestrado Departamento de História Unb Brasília, 2006.

tradução Fabio Fernandez – São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

PORTO, Angela de Araujo – "A assistência médica aos escravos no Rio de Janeiro: o tratamento homeopático". In *Revista de Homeopatia*. V. 54 – n. 3 – jul. ago. set. 1989.

PRADO JUNIOR, Caio – *Evolução política do Brasil: e outros estudos.* São Paulo: Companha das letras, 2012.

PRADO JUNIOR, _____ - Formação do Brasil Contemporâneo, São Paulo, Brasiliense, 1994, 23ª edição.

PRADO, Maria Emilia – "ordem liberal, escravidão e patriarcalismo: as ambiguidades do Império do Brasil" *in* GUIMARÃES e PRADO (orgs.) *op. cit.*

QUEIROZ, Maurício Vinhas de – "Fourier e o Brasil". *Revista de História*, n. 122, p. 5-15, 1990. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18618/20681>. Acesso em: 15.jul. 2017.

QUINTAS, Amaro – *O Espírito Quarent Huitard e a Revolução Praieira. O sentido social da Revolução Praieira*. UFPE, Recife, 1961.

RAMA, Carlos M - *Utopismo socialista (1830-1893)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.66 Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 48-66, jan./jun. 2010

RANGEL, Genaro – *Semeadura e colheita: memória história da imperial sociedade amante da instrucção*. Belo Horizonte, Lutador, 1979.

RAYNAUD, Philippe et RIALS, Stéphane – *Dictionnaire de philosophie politique* – troisième edition complete Quadrige, PUF, Paris, 1996

RÉMOND, R. Do político. *In* Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

REY, Alain (Direction), *dictionaire historique dela langue française.* Paris: Dictionaires Lê Robert, 1992.

RICHTER, Melvin. *Reconstruindo a história das linguagens políticas: Pocock, Skinner e o "Geschichtliche"*. Rio de Janeiro, Eduerj, 1996.

ROBERT, Paul - *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. les mots et les associations d`idées. société du noveau littré. Paris, 1964.

RODRIGUES, Edgar – Socialismo e Sindicalismo no Brasil. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

ROSANVALLON, P. – "Por uma história conceitual do político". *Revista Brasileira de História*, v. 15, n.30, 1995.

SALIBA, Elias Thomé – *As utopias Romanticas*. – São Paulo, Estação liberdade; 1991

S. THIAGO, Raquel – *Fourier: Utopia e esperança na Península do Saí.* Florianópolis: Edufsc, 1995.

SAFFO, Testoni Binetti – Verbete "Progresso" in: BOBBIO, MATEUCCI PASQUINO, *Dicionário de Política*. 12ª ed. Unb, Brasília, 2004.

SAHD, Luiz felipe Neto – "O contrato social em Pufendorf". - Revista. Filosófica, Aurora, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 143-163, jan./jun. 2009.

SILVA, Adriana Maria Paulo da – *Aprender com perfeição e sem coação: uma escola para meninos pretos e pardos na corte* – Brasília: editora Plano, 2000.

SILVA, Eduardo, e REIS, João José Reis, Negociação e Conflito – *A Resistência Negra no Brasil Escravista.* São Paulo: Companhia das letras, 1999.

SILVA, Gisele Maria da. Falanstério do Saí: Uma experiência utópica em Santa Catarina. *Revista Santa Catarina em História*, v. 1, n. 1, p. 70-85, 2008. Disponível em: <http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/41/47> Acesso em: 15. Jun. 2016.

SILVA, Inocêncio Francisco *dicionário bio-bibliográfico* Volume 4

SOARES, Luiz Carlos – *A Indústria na sociedade escravista: As origens do crescimento manufatureiro na região fluminense em meados do século XIX (1840-1860)* in: SZMRECSÁNYI, Tamás & LAPA, José Roberto do Amaral (organizadores) – *História Econômica da Independência e do Império. Coletânea de textos apresentados no I Congresso Brasileiro de História Econômica.* (Campus USP, setembro de 1993). Editora Hucitec FAPESP, São Paulo 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck – *História da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Martins Fontes, 1983. (3ª ed.) p.183

SODRÉ, Nelson Werneck – *Panorama do Segundo Império* (2ª edição). Rio de Janeiro, Graphia, 1998.

SOUSA, J. P. Galvão de - *Capitalismo, socialismo e comunismo*. Instituto Cultural do Trabalho, São Paulo, 1965.

SOUZA, Laura de Mello e – *Desclassificados do ouro – A pobreza mineira no século XVIII*. 4ª edição revista e ampliada – Editora Graal – Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2004.

SWEDENBORG – Emmanuel – *Doutrina de vida para a Nova Jerusalem*. Typographia Besnard Frères, Rio de Janeiro, 1916

TARCITANO FILHO, Conrado Mariano; WAISSE, Silvia – "Novas evidências documentais para a História da Homeopatia na América Latina: um estudo de caso sobre os vínculos entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires". *História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, jul.-set. 2016,

TINOCO, Godofredo - *Imprensa Fluminense*. Rio de Janeiro: liv. São José, 1965

TONIOLO, Giusepe - *Capitalismo e socialismo*. Edizione del Comitato Opera di G. Toniolo, Roma, 1947.

TRISTAN, Flora (1996) Peregrinações de uma Parea *in* RAMA, Carlos M. *Utopismo socialista (1830-1893).* Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.66 Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 48-66, jan./jun. 2010.

VAUTHIER – *Diário íntimo do Engenheiro Vauthier* (1840-1846). Ministério da Educação e Saúde, 1940

VENANCIO, Renato Pinto – "Pobreza carioca: uma sondagem nos registros de óbitos de fins do século XVIII." Comunicação apresentada originalmente no segundo encontro de História Quantitativa e Serial, Belo Horizonte, 2001.

VIANA, Helio – "Um século e meio de imprensa carioca" *RIHGB*, vol 271 p.275-290, 1966.

VIANNA, Helio, *Contribuição para a história da Imprensa brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

WALKER, john - *a critical pronouncing dictionary and expositor of the English language: to which are prefixed principles [...]* London: William Tegg and co., 85, queen street, cheapside, 1856.

WEBSTER, Noah - *an american dictionary of the English language*; origin ortography, pronounciations, and definitions of words. fifteenth edition: New York, 1836.

WHITNEY, William Dwight - *the century dictionary – an encyclopedic Lexicon of the english language*. The Century Co – New York -1906

ZARUR, Dahas – "*Histórico dos cemitérios da Santa Casa de Misericórdia*" – Rio de Janeiro, 1978.

ZENI, Márcio & ABREU, Martha – Verbete "Filantropia" *in*: Vainfas, Ronaldo (org) - *Dicionário do Brasil Imperial* – Rio de Janeiro: objetiva, 2008.